



Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG
Mestrado em Educação Tecnológica.

**INSERÇÃO PROFISSIONAL EM TEMPOS DE CAPITALISMO GLOBALIZADO:
como jovens estudantes percebem o mundo do trabalho.**

Valéria Bolognini Ferreira Machado

**Belo Horizonte
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Valéria Bolognini Ferreira Machado

**INSERÇÃO PROFISSIONAL EM TEMPOS DE CAPITALISMO GLOBALIZADO:
como jovens estudantes percebem o mundo do trabalho.**

Linha de Pesquisa II
Processos Formativos em Educação Tecnológica.

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado do Centro Federal de
Educação Tecnológica de Minas Gerais,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Educação
Tecnológica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida da Silva

**Belo Horizonte
2009**

Agradeço a Deus que, ao me resgatar do mundo, tornou possível a conclusão deste trabalho.

... por conseguinte, a verdade objetiva sobre a sociedade é antes concebida como uma paisagem pintada por um artista e não como uma imagem de espelho independente do sujeito; e que, finalmente, tanto mais verdadeira será a paisagem, quanto mais elevado o observatório ou belvedere onde estará situado o pintor, permitindo-lhe uma vista mais ampla e de maior alcance do panorama irregular e acidentado da realidade social.

(Michel LÖWY, As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen, 1998 p.3)

RESUMO

Dentro da linha de pesquisa Processos Formativos em Educação Tecnológica, do Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG, esta pesquisa inscreve-se no debate sobre juventude, educação e trabalho, considerados em um contexto de reestruturação produtiva e de novas formas de inserção no mercado de trabalho. Por meio da ampliação dos temas que dizem respeito á juventude e a partir de questões da sociologia, que dialogam com os campos da educação e do trabalho, buscou apontar qual a percepção de jovens estudantes de nível médio técnico, de uma escola privada de Belo Horizonte, sobre o mundo do trabalho e sua inserção profissional no contexto das transformações sócio-econômicas políticas e culturais ocorridas nas últimas décadas. Esta análise levou em conta o universo cultural desses sujeitos, suas territorialidades, seus rituais, suas linguagens e códigos, mas principalmente sua relação, mediada ou não pela família, com o *mundo do trabalho*, na constituição de sua consciência social, seu modo de *ser* e viver em sociedade. Considerado o vínculo ontológico-histórico da relação trabalho/educação e o papel desempenhado pela educação de nível médio na preparação para o trabalho – intensificado pelo desenvolvimento das forças produtivas – refletiu-se a respeito da relação entre juventudes/escola e entre conhecimento escolar/ demandas individuais de escolarização/inserção social.

Palavras-chave: *juventude; trabalho; educação.*

RÉSUMÉ

À l'intérieur du réseau de recherche des Processus de Formation de l'Enseignement Technique, du master de l'Enseignement Technologique CEFET-MG, cette recherche s'inscrit dans le cadre du débat sur la jeunesse, l'éducation et le travail, étant donné un contexte de restructuration productive et de nouvelles formes d'insertion dans le marché de travailler. En élargissant les sujets qui concernent la jeunesse et des questions de la sociologie, qui interagissent avec les domaines de l'éducation et du travail, on a cherché la perception des élèves de lycée technique, dans une école privée à Belo Horizonte, à propos du monde du travail et leurs insertions dans le contexte des changements socio-économiques, politiques et culturel pendant les dernières décennies. Cette analyse a tenu compte le contexte culturel de ces jeunes, de leurs territoires, de leurs rituels, de leurs langues et de leurs codes, mais surtout de leurs relations – qui sont médiatisés ou non par la famille – avec le monde du travail, dans la constitution de la conscience sociale, de leurs façons d'être et de vivre dans la société. Étant donné la relation ontologique et historique du travail/l'éducation et le rôle de l'enseignement secondaire dans la préparation pour le travail – qui est intensifier par le développement des forces productives – on a réfléchi sur la relation entre la jeunesse/l'école et entre les connaissances scolaires et des besoins individuels de scolarisation/inclusion.

Mots-clés: *jeunesse, travail, l'éducation.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	16
1.1 JUVENTUDE E TRABALHO	16
1.1.1 A(s) juventude(s) enquanto categoria sociológica	16
1.1.2 A dimensão ontocriativa do trabalho humano	22
1.2 PORQUE ESTUDAR A JUVENTUDE EM SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO?	25
1.2.1 As juventudes desempregadas	29
1.2.2 A busca da empregabilidade	32
1.3 PERGUNTA DE PESQUISA	35
1.4 OBJETIVO GERAL	35
1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	36
1.6 METODOLOGIA	36
1.6.1 Pesquisa qualitativa e algumas observações sobre o uso de grupos de discussões com jovens	38
1.6.2 Vivendo e aprendendo: o uso de entrevistas centradas	42
1.6.3 O lugar da subjetividade humana na obra de Karl Marx	47
1.6.4 Materialismo histórico dialético e a pesquisa qualitativa: articulando métodos distintos na análise dos dados coletados	55
CAPÍTULO II	60
2.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA NA LITERATURA ACADÊMICA	60
CAPÍTULO III	68
3.1 O cenário contemporâneo do capitalismo globalizado: da reorganização capitalista à educação dos jovens trabalhadores	68
3.1.1. As transformações na produção da vida e a reorganização capitalista	68
3.1.2 A educação dos jovens-trabalhadores e a formação de um trabalhador flexível adequado ao capital	71
4.1 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	75
4.1.1 O universo da pesquisa: jovens estudantes da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio	75
4.2 Os personagens dessa história: quem são os jovens entrevistados	82
4.2.1 Heitor, o economista	82
4.2.2 Getúlio, o idealista	84
4.2.3 Ana, a afetiva	88
4.2.4 Ronaldo, o tranquilo	93
4.2.5 Patrícia, a criativa	96
4.3 Modos de <i>ser</i> e <i>estar</i> no mundo	101
4.3.1 Expectativas e aspirações profissionais	101

4.3.2 O valor e o sentido do trabalho	124
4.3.3 Possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal.....	140
CONCLUSÃO	165
BIBLIOGRAFIA.....	170
ANEXOS	182
Anexo 1 - Permissão da escola	182
Anexo 2 - Permissão dos alunos e responsáveis.....	184
Anexo 3 - Ficha sócio-econômica-cultural de autopreenchimento.....	186
Anexo 4 – Roteiro da entrevista aplicada individualmente aos alunos voluntários.....	192

INTRODUÇÃO

Esta investigação social teve como principal objetivo apreender a percepção de jovens estudantes de nível médio técnico sobre o mundo em que vivem, o mundo do trabalho e sua inserção profissional no contexto das transformações sócio-econômicas, políticas, culturais e de reestruturação produtiva, ocorridas nas últimas décadas. Ao considerar o lugar dessa juventude na sociedade capitalista atual, em um contexto de reorganização da produção e de novas formas de inserção no mercado de trabalho, os tomamos com sujeitos de suas ações e escolhas, portanto, produtos e produtores de si mesmos.

Os jovens, enquanto sujeitos sociais, constituídos histórica e culturalmente a partir da diversidade de condições sociais experienciadas, constroem representações e significados que dão sentido ao mundo que vivem. Essas representações são permeadas por valores sociais e morais adquiridos por meio das relações sociais vivenciadas desde a mais tenra infância.

Estudar a juventude em sua relação com o trabalho, considerado em sua dimensão ontocriativa, foi uma escolha marcada pela concepção materialista histórica de homem, história e sociedade na qual a pesquisadora estrutura seu pensamento social. Na tentativa de apreender o imaginário das juventudes em relação ao mundo profissional e as recentes transformações ocorridas nos processos e organização produtiva, buscamos retomar o debate acerca da centralidade do trabalho na constituição dos sujeitos sociais da atualidade. Consideramos para isso, diversas pesquisas empreendidas no Brasil (CORROCHANO, 2002; CORROCHANO *et al*, 2008; POCHMANN, 2000; GARCIA, 2002; GUIMARÃES, 2005; FRANCO e NOVAES, 2001, ENTRE OUTROS), para as quais o trabalho se impõe como experiência obrigatória nessa fase da vida. Seja como expectativa de ingresso ao mercado de trabalho após conclusão do curso técnico, seja enquanto aspiração por um curso superior e uma profissão, seja enquanto busca de realização profissional e ascensão social, seja pela necessidade material imediata de sobrevivência, seja pela busca de um emprego ou primeiro emprego, seja pela vivência do desemprego, próprio ou de familiares próximos, o trabalho é um elemento presente na vida desses jovens estudantes desde muito cedo. Assim, verificamos que a relação com o mundo do trabalho é heterogênea, e nesse vai e

vem do constituir-se jovem e adulto nos dias atuais é que os mesmos se auto-definem e escolhem, ou não, suas trajetórias de vida.

Essas trajetórias juvenis que combinam, simultaneamente, o mundo do trabalho e o mundo da educação, a partir de uma pluralidade de vivências, nos modos de *ser* e *estar* no mundo, conferem ao trabalho diferentes sentidos e representações. Por isso buscamos, por meio dessa pesquisa qualitativa, compreender os valores e sentidos que estes jovens imprimem a sua formação escolar e seu futuro profissional, na conformação da condição juvenil, objetiva e subjetivamente.

Destacamos aqui, como uma breve introdução ao tema proposto, às questões pertinentes ao desemprego juvenil, sabendo que a vulnerabilidade deste segmento populacional é comprovada pelas altas taxas de jovens desempregados e em busca de emprego (DIEESE, 2006; TELES, FREGUGLIA e CARVALHO, 2003; POCHMANN, 2000). Mas é importante ter certo que nessa heterogeneidade de vivências e de relações objetivas com o mundo do trabalho, há muita desigualdade quando distinguimos os jovens por sua condição social e de renda, ou seja, entre jovens ricos e jovens pobres. Pochmann (2000) constata em seu estudo “A batalha pelo primeiro emprego”, que o desemprego dos jovens de renda elevada é, estatisticamente, muito menor que o desemprego dos jovens de baixa renda, dado confirmado em textos posteriores do mesmo autor (POCHMANN, 2004).

Diante do crescente desemprego desse segmento da população, e considerando a importância dos jovens para a reprodução social e a continuação da sociedade, nos moldes como ela se organiza no capitalismo, cresce a preocupação das instituições sociais – incluindo o Estado e as grandes corporações que controlam a economia mundial – com a formação e conformação desse sujeito as atuais condições de produção e reprodução da vida humana em sociedade. No contexto macro econômico-social do capitalismo globalizado, não são poucos indivíduos desse segmento populacional que, excluídos do sistema, passam a se configurar como uma ameaça ao mesmo. Seja enquanto cidadão improdutivo e, portanto, dependente do Estado para sua reprodução social e sobrevivência, seja enquanto indivíduo que se organiza às margens da organização social capitalista, criando novas formas de sociabilidade e uma nova ordem social e moral, que os coloca em choque com a ordem social vigente na sociedade capitalista, é o caso da criminalidade e da marginalização.

Nos casos citados, fica claro que a preocupação com as juventudes ainda está presa aos vieses da sociologia funcionalista que os toma como objetos de preocupação social, e não propriamente objeto sociológico, por considerá-los fonte de anomia, de transgressão e delinqüência. Nessa perspectiva atua as políticas públicas para a juventude, na tentativa de conter uma possível desagregação social promovida pelas condições objetivas de vida sob a égide do capitalismo globalizado.

Surge dessa preocupação, a noção de *empregabilidade* e a busca – destas mesmas instituições sociais que se sentem ameaçadas – por imprimir esse novo contexto às políticas educacionais. A *empregabilidade*, considerada como uma capacitação contínua para a manutenção ou obtenção de um emprego, vai muito além disso, busca desenvolver competências que levem o jovem a em se adequar ao novo (OLIVEIRA, 1999), adaptar-se à insegurança do mercado de trabalho globalizado, ao trabalho flexível e polivalente e, principalmente, à quebra do contrato social instaurado no regime fordista de produção (FRIGOTTO, 2007).

Estas questões que permeiam o tema central dessa investigação serão debatidas mais detalhadamente em capítulos posteriores, cabe aqui somente explicitar e justificar o caminho que levou a pesquisadora a partir do trabalho, ou do *mundo do trabalho* – considerando aqui as relações sociais de produção nas quais os indivíduos sociais são formados e através das quais se reproduzem como espécie – como recorte prioritário para compreender o universo juvenil na contemporaneidade.

Aproveitamos para apontar as lacunas de conhecimento sobre o qual se erigiu esta pesquisa. No levantamento bibliográfico foi possível perceber que as pesquisas sobre juventude abrangem somente as juventudes vulnerabilizadas socialmente, as juventudes trabalhadoras, e mesmo quando relatam as experiências de sucesso, tem como foco as juventudes das classes populares. Quem estuda os jovens das classes altas? Quando procuramos resposta para esta questão nos deparamos com estudos como o de Gomes e Caramaschi (2007), ambos da psicologia da UNESP de Bauru, intitulado “Valorização de beleza e inteligência por adolescentes de diferentes classes sociais”, que compara as representações de jovens de 15 a 17 anos de diferentes classes sócio-econômicas a respeito dos valores de beleza e de inteligência valorizados para si mesmos e para possíveis parceiros.

Ou ainda uma pesquisa sobre o uso da internet por jovens de classe média-alta e classe baixa, realizada pela agência de publicidade Binder/FC+M e pelo Instituto Informa e a qual não tivemos acesso na íntegra¹. Nesta pesquisa, que articula questões diversas, de estilo de vida, de origem familiar, de perspectiva do futuro, hábitos de consumo e cultura, visão de política e de religião desses jovens, ao uso da internet, os pesquisadores apontam algumas similaridades nos lugares virtuais mais freqüentados pelos jovens de ambas as classes sociais (*Orkut*, *Google* e *YouTube*) e quanto à forma de comunicação mais utilizada na internet (*MSN* e *Orkut*).

“Tanto na classe C quanto na A, 76% usam o MSN. O Orkut (20% da classe A e 15% da classe C) e o email (3% da classe A e 4% da C) são as outras formas de comunicação com os amigos.”²

Esse uso limitado do *email*, como forma de comunicação virtual, por parte das juventudes brasileiras, também foi constatado na investigação realizada sobre juventudes e *mundo do trabalho*, aqui relatada. Foram diversas as tentativas de comunicação da entrevistadora utilizando dessa ferramenta virtual, sendo pequeno o retorno alcançado através dela. “Para eles, *email* é coisa velha, do tempo dos pais”³, informa Cordeiro, diretor de planejamento do Instituto Informa.

Outra pesquisa, essa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), nos informa que “Usuário de droga é jovem, branco e rico”⁴, enquanto o estudo “O Adolescente na Criminalidade Urbana de São Paulo”, realizado pelo Núcleo de Estudos da Violência e divulgado pela Universidade de São Paulo afirma que os jovens de classe média ficaram mais violentos⁵.

Caminhando numa direção distinta daquelas pesquisas que enfocam a criminalidade e/ou a violência, podemos citar a pesquisa publicada como artigo na Revista *Illuminuras*, de autoria de Elena Salvatori, que busca conhecer o estilo de vida de segmentos juvenis médios da cidade de Porto Alegre e a representação que constroem acerca da apropriação/construção do espaço urbano. Para a autora

¹ Fonte: <http://www.oglobodigital.com.br/> - edição 30/08/09

² <http://www.oglobodigital.com.br/> - edição 30/08/09.

³ <http://www.oglobodigital.com.br/> - edição 30/08/09.

⁴ <http://www3.fgv.br/ibrecps/EDJ/>

⁵ “O adolescente na criminalidade urbana de São Paulo”. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2005.

há uma complexa superposição temporal na apropriação feita por esses jovens da “*pracinha*”, como um ideal que não se realiza de modo pleno, caracterizando o movimento típico da pós-modernidade nas possibilidades de consumo-lazer desta juventude (SALVATORI, 2001).

Na mesma direção está a pesquisa “Comportamento de consumo dos jovens evangélicos no segmento da música”, realizada por Julio César Silva Macedo, Denys Coelho e Ivailton Soares, do Mestrado Profissional em Gestão e Estratégia em Negócios, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que demonstra a importância do grupo de referência sobre o comportamento de consumo dos jovens. Como estes jovens evangélicos pertencem a um grupo social com regras de comportamento específico e que tem o grupo de referência como uma “família” existe comunhão nos gostos, nos interesses, nos estilos de vida, incluindo os planos para o futuro, que envolvem, geralmente, a constituição de uma família. Dessa forma, o grupo de referência evangélico mostrou-se bastante influente em questões pertinentes ao estilo de vida dos jovens pesquisados. Inseridos neste grupo e submetidos a uma nova *subcultura*, ocorre uma mudança não só na preferência musical da maioria dos jovens entrevistados. Para os autores, este fato pode estar relacionado à classe social dos entrevistados, pois,

“os consumidores de classe média procuram imitar as pessoas de classe alta”, [sendo que] “os consumidores de classe alta, por sua vez, valorizam alta qualidade, prestígio, gastos com bom gosto, tendendo a ser mais abstratos e mais orientados para o futuro em seu modo de pensar.” (MACEDO, COELHO e SOARES, 2009, p.7).

Não temos por objetivo nesta introdução apresentar as inúmeras pesquisas sobre juventude que não tem o trabalho e as escolhas profissionais como elemento central. Pelo contrário, nos interessa mostrar aqui que a dimensão produtiva da condição juvenil na atualidade, principalmente entre jovens das classes altas, se encontra desvalorizada pelos pesquisadores sociais e pela sociedade como um todo. O trabalho e o jovem de classes sociais médias e altas aparentemente não se encontram, como se somente o jovem pobre estivesse atrelado a dimensão produtiva da vida humana. Mas, podemos constatar a importância do trabalho e da profissão para os jovens das classes médias e altas no estudo coordenado pela psicóloga Terezinha Féres-Carneiro, do Departamento de Psicologia da Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), intitulado “Conjugalidade dos pais e projetos de vida dos filhos frente ao laço conjugal”, que visava apreender a influência do casamento dos pais nos projetos de casamento dos filhos. Nesta pesquisa feita com jovens de 19 a 30 anos, os resultados

“sugere[m] que os projetos profissionais estão mais presentes nos planos e preocupações dos jovens do que a vida conjugal (considerando tanto os casamentos formais quanto informais)” (Boletim da FAPERJ⁶).

Dessa forma, mesmo sem ter a dimensão produtiva como foco da investigação, os pesquisadores concluíram que, para os jovens de classe média, os planos profissionais vêm antes dos conjugais. Essa pesquisa também aponta para o fato de que, entre os homens, a conjugalidade aparece como uma etapa posterior à conquista de estabilidade financeira e do aprimoramento profissional. Também entre as mulheres, a vida profissional foi apontada como prioridade (JANEIRO, 2008). Essa pesquisa aponta para a necessidade de se interrogar os jovens, de classes médias-altas e altas, acerca do valor e do sentido que o trabalho assume para as suas aspirações e expectativas em relação ao futuro e, portanto, na sua constituição enquanto sujeito social.

Com esta observação passamos a explicitar a estrutura do presente relatório de pesquisa de mestrado. O Capítulo I tem por objetivo delimitar o tema da investigação, relacionando de forma mais abrangente do que fizemos até aqui, a relação estabelecida entre juventude e trabalho. Dessa forma, neste primeiro capítulo apresentamos as justificativas teóricas, a pergunta de partida, os objetivos e o percurso metodológico da investigação proposta. O Capítulo II apresenta o levantamento feito junto às instituições universitárias de pesquisa sobre o tema juventude e trabalho. É importante ressaltar que este capítulo não tem por objetivo esgotar o tema, mas sim, indicar, a partir das referências acadêmicas, o lugar e as abordagens mais comuns dadas ao objeto desta pesquisa, a juventude. Em todos os capítulos desse relatório, a bibliografia pesquisada, e que se relaciona ao tema e ao contexto da contemporaneidade, é tomada como indicação de caminhos teóricos percorridos. O Capítulo III faz uma breve explanação a respeito do cenário que constitui o que chamamos aqui de capitalismo globalizado. Passando das

⁶ http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=3256

transformações que afetaram a vida cotidiana e a sociabilidade humana para aquelas, mais específicas, que reorganizaram a estrutura produtiva da sociedade capitalista. Buscamos, também neste capítulo, apresentar o debate acerca do lugar da educação para esse movimento intrínseco ao sistema capital. Por fim, o Capítulo IV apresenta o universo de sujeitos a que esta pesquisa se refere, qual seja, o de jovens estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado, matriculados em uma escola da rede privada de ensino de Minas Gerais. Infelizmente não há dados de desagregação por renda familiar que possibilitem verificar qual a porcentagem desses jovens pertence às classes médias-altas e altas⁷.

Também no Capítulo IV, no item 2, estão os dados empíricos da pesquisa, e a resposta que encontramos, no grupo seletivo dos jovens entrevistados, para os objetivos específicos que constituem a temática proposta, quais sejam: Quais as expectativas e aspirações profissionais de jovens da classe média-alta, estudantes de uma escola técnica de nível médio de Belo Horizonte? Qual o valor e o sentido que estes atribuem ao trabalho? Como estes jovens avaliam suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal? Os resultados apontam para a importância do trabalho, em suas diversas dimensões objetivas e subjetivas, entre os jovens entrevistados que constituem um segmento populacional específico de nosso país, a juventude bem nascida e bem preparada para assumir postos no mercado de trabalho.

⁷ De acordo com o IBGE, as faixas de renda são calculadas pela renda média por domicílio. Assim, **classe A** teria uma renda média por domicílio entre R\$ 6,6 mil e R\$ 11 mil; a **classe B**, entre R\$ 2,2 mil e 3,8 mil; a **classe C**, R\$ 1,1 mil; a **classe D**, teria renda média por domicílio de R\$ 570 e a **classe E**, R\$ 300. Já para o IPEA o cálculo para definição das classes sociais define que para se enquadrar na faixa dos ricos uma família precisa ter renda *per capita* igual ou superior a R\$ 4,4 mil. Esses são apenas dados que balizam os recortes por renda, mas para esta pesquisa preferimos a definição dada por João Bernardo (1989) que reconhece a existência de somente duas classes, a dos trabalhadores e a dos capitalistas, tendo esta última uma divisão interna, entre a classe dos proprietários e a classe dos gestores, de acordo com os distintos papéis assumidos.

CAPÍTULO I

1.1 JUVENTUDE E TRABALHO

O tema desta investigação é a juventude nos dias atuais. Buscou-se compreender a condição juvenil na sociedade contemporânea a partir das percepções de jovens da classe média-alta, estudantes do ensino médio na modalidade técnico, sobre sua formação social e profissional, o mundo em que vivem e pra o qual são escolarizados. Entre estas percepções, destacamos nesta investigação aquelas que se referem ao mundo do trabalho e aos processos produtivos, por consideramos o trabalho núcleo central da sociabilidade humana, como exposto a seguir. É importante destacar que estas percepções sobre o mundo do trabalho estão entrelaçadas ao universo individual de expectativas, aspirações, sonhos e desilusões, constituídas em relação dinâmica com a condição material de existência e os valores e representações herdadas socialmente por estes jovens.

*
* *
*

1.1.1 A(s) juventude(s) enquanto categoria sociológica.

A juventude, enquanto categoria sociológica entra definitivamente em cena neste início de século e desafia a todos aqueles que se propõem pensar em processos educacionais – ideais e possíveis – para a formação dos homens e mulheres do século XXI, em direção à construção de um mundo justo e sustentável. Considerada estratégica por estruturas sindicais (CUT, 2007) e com amplo destaque na agenda política brasileira (vide a criação da Secretaria Nacional da Juventude⁸ em junho de 2005, pelo Governo Lula), o termo juventude encerra em si muitas representações e idealizações. De acordo com Dayrell, a “juventude é, ao mesmo tempo uma condição social e um tipo de representação” (DAYRELL,

⁸ A Secretaria Nacional de Juventude foi criada no âmbito de uma Política Nacional de Juventude e tem como funções articular programas e projetos federais destinados aos jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos. Tem por objetivo garantir o “acesso à educação, à qualificação profissional e à cidadania; o acesso ao mercado de trabalho, ao crédito, à renda, aos esportes, ao lazer, à cultura e à terra; e a oferta de serviços que garantam a satisfação das necessidades básicas dos jovens e as condições necessárias para aproveitar as oportunidades disponíveis.” Disponível em http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/Juventude/.

2003:41). Conjugado as mudanças físicas, de maturação biológica, que marcam os ciclos da vida, as mudanças afetivas, de referenciais relacionais, sociais e culturais devem ser consideradas para a compreensão desse momento de vida do sujeito em sociedade. Momento este que apresenta, ao futuro adulto, de forma intensa e um tanto caótica, as necessidades de adaptação às transformações do mundo, interior e exterior, que ele terá ao longo de sua vida.

Helena Abramo (1997), em artigo para a Revista Brasileira de Educação, tece algumas considerações pertinentes á relevância da temática da juventude nas últimas décadas e sobre

“a tematização da juventude pelo ‘senso comum’, apoiada em representações construídas pelo pensamento acadêmico, retrabalhadas e difundidas pelos meios de comunicação, por atores políticos, agentes culturais e trabalhadores sociais.” (ABRAMO, 1997 p. 29).

Para a autora, há dois focos de abordagem da juventude que são recorrentes: o da cultura e comportamento, no qual o foco está no consumo (de música, roupas, lazer e estilos de vida) e o dos noticiários televisivos e jornalísticos, com foco na violência e nos problemas sociais (criminalidade, exploração sexual, drogadição, etc). Estes dois modos de ver a juventude refletem muito mais o modo como os adultos e as instituições sociais compreendem o tema, do que propriamente as maneiras como os jovens se constituem enquanto sujeitos diante do mundo em que vivem. Como a própria autora aponta em seu artigo, a expressão “a adolescência é mesmo uma fase difícil” aponta para a abordagem funcionalista dada até hoje para a temática em questão (ABRAMO, 1997 p. 27).

Para a sociologia funcionalista, a juventude só se constitui como objeto de análise pela sua predisposição para a transgressão e a delinqüência, definida assim pela sua condição etária. Dessa forma os jovens merecem atenção quando representam uma ameaça de ruptura á ordem social (ABRAMO, 1997). Essa fase da vida, que encerra em si certa instabilidade, esteve associada, ao longo dos anos e da história dos estudos sociológicos, a determinados problemas sociais. Enquanto nos anos 60 a juventude era protagonista de uma crise de valores e críticas comportamentais, de escopo ético e cultural nos movimentos de contracultura; nos anos 70 os jovens encarnavam o cerne do problema do esgotamento do desenvolvimento industrial, com foco nos problemas de inserção profissional e na

crise do emprego. Já a década de 80, traz a tona questões diversas, mas que são decorrentes das situações sociais vivenciadas pelas gerações anteriores, assim, o foco das pesquisas sociais deste período volta-se para a escalada da violência juvenil e o problema das gangues (SPOSITO, 1997). Esse enfoque na anomia considera a juventude uma categoria propícia para sinalizar os problemas da contemporaneidade, e se coloca no papel de prescrever medidas educativas e de controle (ABRAMO, 1997).

É o caso das políticas públicas para juventude, nas quais se verifica que o foco – que está no atendimento aos jovens em situação de risco social, em programas de ressocialização e outros – trata o jovem, e o período da juventude, como um problema ao qual a sociedade deve dar uma resposta, atendendo a pressupostos da sociologia funcionalista, como já apresentado anteriormente. Para Abramo (1997), por agirem de forma “imediatista e desarticulada”, tais políticas possuem pouca capacidade de gerar uma compreensão mais ampla e aprofundada, por parte desses agentes sociais, a respeito do público alvo, de suas características, suas questões e modos de experimentar e interpretar essas situações ‘problemáticas’ (ABRAMO, 1997 p. 27).

Esse caráter de ordenamento já havia sido apontado pelo sociólogo Michel Foucault como um dispositivo intrínseco à racionalidade moderna, que busca, por meio de dispositivos científicos e de saber, produzir ordenamentos dos costumes e comportamentos sociais. Esse ordenamento propõe uma cristalização social das idades da vida como elemento da consciência moderna e de um aparelho de poder renovado, fixado no Estado. De acordo com Philippe Áries, essa cristalização das idades da vida emerge do processo de escolarização, com a redefinição do lugar da criança na sociedade e na família. Assim, a definição das fases da vida atende mais a critérios administrativos do que culturais, já que é no final do século XIX que o Estado se constitui para as famílias das classes populares “enquanto mediador dos dispositivos que lhe asseguram a reprodução social” (PERALVA, 1997 p. 17).

As transformações no papel do Estado e do sistema escolar, sobretudo nas sociedades urbanizadas, com o alongamento do período compreendido como de escolarização e preparação para a vida adulta, retardando o acesso do sujeito em formação ao mercado de trabalho, exigiram uma nova organização e compreensão das idades da vida. Estas se multiplicam e se desconectam, criando condições

diferenciadas de entrada na vida adulta e de exercício de atividades e situações vinculadas ao mundo adulto (SPOSITO, 1997). Assim, enquanto essas fases da vida se definem autônomas umas às outras, se constituem de forma interdependente e hierarquizada. Hanna Arendt defende que essa relação entre passado e futuro presente na lógica da passagem das fases da vida é um dos fundamentos normativos da modernidade, para o qual o passado assume uma primazia na definição de um futuro possível (PERALVA, 1997). Seria essa primazia do passado o elemento que daria ao labor educativo, por meio de uma orientação para o futuro, o sentido de desenvolvimento e modernidade que o Estado buscava imprimir á estes novos tempos.

“O velho se impõe sobre o novo, o passado informa o futuro e essa definição cultural da ordem moderna define também as relações entre adultos e jovens, definindo o lugar no mundo de cada idade da vida.”
(PERALVA, 1997, p.18)

A partir dessa linha de pensamento, que tem a educação como elemento normatizador e conservador da ordem social, surge a Sociologia da Juventude. Essa nova área de estudos sociais se constituiu no âmbito de uma sociologia do desvio, a partir da noção durkheimiana de educação enquanto mecanismo de socialização e ordenamento social e moral, definidos *a priori*, propondo uma oposição estrutural intergeracional. Essa oposição entre norma e desvio institui o jovem como categoria central dos estudos de representações sociais, encarnando, nessa fase da vida humana, as situações que colocam em xeque o esgotamento da ordem industrial e em risco a continuidade do mundo social como o conhecemos (PERALVA, 1997).

Outra abordagem recorrente, diz respeito ao caráter de transitoriedade da condição de jovem, como apontado por Karl Mannheim, em seus estudos sobre juventude no final da década de 60. Rompendo com a sociologia do desvio, Mannheim imprime um movimento de valorização do novo aos seus estudos sociais sobre juventude, fundados na idéia de geração e num distanciamento entre as gerações, marcados pela atuação política, inovadora e transformadora, dos jovens da década de 60 (SPOSITO, 1997).

É nessa mesma linha teórica que Marialice Foracchi desenvolve seus estudos sobre a juventude brasileira das décadas de 1960 e 1970. Esse papel de sujeito

transformador da sociedade que o jovem estudante assume nesse período histórico distinto está originalmente ligado à idéia de preservação e ruptura da ordem social, como proposto pela sociologia funcionalista das décadas anteriores. A novidade proposta por essa linha teórica é desenvolvida a partir do pressuposto de que há uma crescente consciência das identidades geracionais vinculadas ao movimento dinâmico e acelerado da modernidade. Essa consciência criaria uma tensão geracional que alteraria as relações entre as gerações, como compreendidas até então (PERALVA, 1997).

Essa tensão geracional agiria de modo contraditório sobre a consciência da identidade geracional, sendo que as mesmas transformações sociais aceleradas que criaram o fosso geracional que possibilitou a emergência dessa consciência, também impossibilita a cristalização dessas identidades.

“Assim, a cristalização geracional se dissolve pela dissolução da oposição entre o passado e o futuro. O futuro se torna presente e absorve o passado. O tempo linear aparentemente se esgota, cedendo lugar a um tempo funcionalmente diferenciado...” (PERALVA, 1997, p. 21).

Essa transitoriedade das fases da vida ocorreria devido à dissolução das mesmas nas aceleradas mudanças sociais e culturais, como ocorre em nosso tempo. As alterações nas relações de trabalho e de escolarização, assim como a alteração dos percursos de atividade produtiva e na expectativa de vida, que antes agiram na cristalização das idades da vida, agora agiriam na diversificação e banalização de uma cronologia do percurso etário (PERALVA, 1997).

Entretanto, estudar os jovens somente a partir desse caráter de transitoriedade é uma atitude questionada pelo psicólogo e educador Juarez Dayrell (2003), que vê na proposta de transitoriedade dessa fase de vida uma negação do presente vivido pelo jovem como espaço-tempo de formação, nos quais ele vivencia questões existenciais mais amplas que somente a da passagem para a vida adulta. Assim, este autor defende o período da “juventude enquanto parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos” (DAYRELL, 2003:42).

É importante pontuar que esse “modelo ideal de juventude” caracterizado pela rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia é uma idealização construída por aqueles que se figuraram como jovens nas décadas de 1960 e 1970 e que marca uma afirmação dos elementos históricos que definiram a atuação dessas gerações

em antagonismo com as características da juventude dos anos 1980, com traços de individualismo, consumismo e conservadorismo. Estes jovens da década de 1980 foram considerados, por muitos pesquisadores sociais, jovens indiferentes à política e apáticos aos problemas sociais (ABRAMO, 1997). Opondo-se a essa modelização do comportamento juvenil, Dayrell (2003) afirma que a juventude é uma categoria definida histórica e socialmente, portanto não possui caráter universal, homogêneo ou estável, assim, mesmo que considerado o recorte etário como delimitação inicial do que definimos como juventude brasileira, essa delimitação não pode ser considerada somente a partir de sua dimensão biológica, pois são diversos os fatores sociais que definem a entrada na vida adulta.

De acordo com Sposito (1997 p. 40), pode-se considerar como etapas que marcam a entrada do jovem na vida adulta: a separação da família de origem, o início da vida profissional e a formação de um casal. Seguindo somente estes critérios, por certo, teríamos no Brasil, dois segmentos de jovens bastante distintos, o das classes populares, caracterizado pelo reino da necessidade e pelas condições precárias de sobrevivência familiar, que o impulsiona precocemente para o trabalho e a vida sexual/matrimonial; e o das classes médias e altas, caracterizado pela moratória social que retarda seu ingresso no mundo adulto, principalmente no mundo profissional.

Dessa forma, podemos afirmar que, a história da juventude é um evento recente na história, e está intrinsecamente ligada a *cultura pop* e ao capitalismo de massa, compreendidos em suas dimensões econômicas, produtivas e de consumo (PAIS, 2001). Alicerçadas sobre uma pretensa previsibilidade do tempo e do percurso de vida, as fases da vida estariam sofrendo um processo de des-cronologização e des-estandardização, no qual as referências cronológicas estariam sendo substituídas por referências funcionais fundadas no desempenho e nas capacidades do indivíduo, principalmente no que diz respeito ao exercício de uma atividade produtiva-profissional (PERALVA, 1997). Assim, a adolescência e a juventude assumem significados simbólicos distintos diante de uma crescente complexidade do tradicional ciclo de vida. (POCHMANN, 2004). A adolescência e a juventude assumem significados simbólicos distintos, mais que uma fase de vida, a juventude passa a ser compreendida como um modelo cultural a ser seguido e desejado por outros grupos etários. “O envelhecimento postergado transforma o

jovem, de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente.” (PERALVA, 1997, p. 23)

Essa valorização da juventude, associada a valores e estilos de vida e não propriamente à um grupo etário específico, não vem acompanhada de uma atitude de tolerância e respeito às idades, principalmente no que diz respeito ao envelhecimento. Essa valorização vincula-se a um modelo de integração social e de consumo, amplamente difundido pelos veículos de comunicação de massa (PERALVA, 1997), para os quais a imagem de um jovem resistente e profundamente rebelde a qualquer compromisso, mergulhado nas águas da pós-modernidade niilista, onde a verdade, a justiça, o bem e o outro seriam meros signos sociais relativos representariam o modelo de juventude dos anos 2000 e o desencanto social generalizado deste início de século (ABRAMO, 1997). Mais que uma nova sociedade alicerçada em novos valores, temos aqui uma velha sociedade que se agarra aos valores do novo para decompor as relações e as experiências de classe em ‘cenas’ desconexas e individualizadas, afirmando o modo de produção capitalista como único instrumento de unificação social, ou seja, por meio da imagem se cria a realidade e essa realidade construída realiza a unidade da vida, por meio do controle massificado das mentes e a mercantilização de toda a vida social (DEBORD, 1997).

1.1.2 A dimensão ontocriativa do trabalho humano.

O trabalho, considerado como ontológico da vida social humana, é tomado nesta pesquisa como recorte metodológico para apreensão da realidade dessa juventude que nos propomos a pesquisar. Essa escolha está fundada na concepção materialista histórica de homem e sociedade na qual a pesquisadora estrutura seu pensamento social.

O ser humano e seu surgimento enquanto ser social, obriga-o, para existir, de produzir sua própria vida. De modo diferente dos outros animais, que se adaptam a natureza, os homens tem que adaptar a natureza às suas necessidades, agindo sobre ela e a transformando. Assim, o ser humano se diferencia dos outros animais pelo ato de trabalhar, modificando o próprio ambiente (ou natureza, em Marx) e criando um nexos entre atividade humana e desenvolvimento econômico objetivo.

“Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”. (MARX, O Capital)⁹.

Essa é a essência do ser social do homem, o de produzir sua própria existência efetiva. Sendo o trabalho uma atividade humana por excelência, que se coloca como esfera de mediações entre o homem e a satisfação de suas necessidades, podemos afirmar que “o homem não nasce homem, ele se forma homem”. (SAVIANI, 2006 p.4) Isso ocorre, pois o ser social do homem lhe põe exigências para que possa existir e se reproduzir, essas exigências são mediadas pelas circunstâncias objetivas de sua existência, ou seja, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas de cada tempo histórico. O que são coincide, portanto, com a sua produção, tanto com *o que* produzem, como com *o modo* como produzem.

“... é a reprodução do ser do homem que lhe põe exigências às quais ele, com seu trabalho e com a preparação deste, agora bastante complexa, fortemente mediada, dá respostas adequadas (que tornam possível a sua reprodução)”. (LUKÁCS, 1996, p.4)

Sendo o trabalho – ou atividade produtiva em Marx – o elemento fundador do ser social, possibilitou ao ser humano o salto ontológico das formas pré-humanas e pré-sociais para o ser social, ou seja, a vida humana em sociedade. “O trabalho, portanto, pode ser visto como um fenômeno originário, como modelo, protoforma do ser social.” (LUKÁCS, 1996). Elemento mediador introduzido entre a esfera da necessidade e a realização desta, é essencial ao processo de auto-realização humana. Como responsável pela produção e reprodução da vida, via atendimento das necessidades humanas e sociais, é também produtor de valores de uso.

“o homem deve a sua existência ao trabalho. O trabalho é pressuposto ontológico fundante de toda a sociabilidade, isto é, o fundamento das várias formas pelas quais nós organizamos a produção e a distribuição social da riqueza.” (SOUZA JÚNIOR, 2008, p.169)

Entre as características centrais do trabalho encontramos o fato de ser o trabalho uma atividade humana complexa, que envolve elementos fundantes do ser social com consequências para o plano metodológico de análise da realidade. Entre

⁹ Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap07.htm>

essas características as principais são: a ideação do fim (teleológica), o reconhecimento das causalidades objetivas (as condições pré-existentes), a escolha dos meios mais adequados para a efetivação da finalidade esperada, a operação sobre o objeto/sujeito que recebe a ação/transformação efetuada pela atividade trabalho, e realização da finalidade com a materialização do trabalho anteriormente idealizado (GUIMARÃES, 1999, p.134).

Assim, por meio da atividade industriosa do homem, é possível demonstrar as conexões entre teleologia e causalidade na atividade do ser social. A teleologia está presente na própria colocação de finalidades, enquanto a causalidade é dada pela materialidade fundante. Ao pensar, idealizar mentalmente, o trabalho, o homem define inicialmente a *posição fim* – o que quer realizar ou onde quer chegar – e em seguida concebe os meios que utilizará para objetivar e concretizar sua atividade produtiva (LUKÁCS, 1996). Essa dimensão ontocriativa permeia todo o ser do homem e constitui a sua especificidade. Por isso mesmo não se reduz à atividade laborativa ou ao emprego (FRIGOTTO, 2008).

Tendo o trabalho predominância nas mediações ontológicas do ser social, a sociabilidade e a linguagem surgem como mediações secundárias desse complexo fundante do ser social, estando, entretanto, intimamente ligadas a ele (LUKÁCS, 1996). Para Thompson, o *fazer-se* da classe operária envolve tanto dimensões econômicas e políticas quanto culturais, mediadas pelas experiências, tradições, sistemas de valores e vivências concretas, reafirmando o pensamento de Marx, para quem

“não é a consciência, a teoria e a linguagem que criam a realidade, mas as mesmas se produzem dentro e a partir de uma realidade histórica sendo e tornando-se, porém, elas mesmas parte desta realidade”.
(FRIGOTTO, 2008, p. 2)

Assim, entendemos o trabalho enquanto meio que reafirma a supremacia do homem perante a natureza e atividade capaz de suscitar no homem novas capacidades e necessidades. Tendo precedência estrutural sob a formação social baseada no capital, pode-se defini-lo, considerando-o na forma histórica que assume no sistema capitalista, como um conjunto de relações entre proprietários e não-proprietários dos meios de produção que, no sistema econômico baseado na expropriação de mais-valia, é compreendido na forma de trabalho assalariado.

Mas, é importante ressaltar que, para esta pesquisa, a esfera do trabalho não se restringe a esfera do trabalho assalariado, ou emprego.

Não desconhecendo a polêmica em torno de tal pressuposto ontológico, esta investigação assume, *a priori*, o materialismo histórico-dialético como patrimônio teórico-conceitual e ponto de partida para a compreensão do lugar do homem na sociedade contemporânea. Tomado o referencial teórico marxista como fio condutor da investigação, reconhecemos que o mesmo não se esgotou como método de apreensão da realidade e, portanto, merece ser reexaminado a luz dos novos tempos e das novas formas econômicas assumidas historicamente pelo capitalismo enquanto sistema mundial de organização da vida social. Todavia, reconhece-se, este tema é atravessado por diversas questões que dizem respeito à totalidade de experiências que constituem o viver humano, de forma que, algumas delas, apareceram como ‘pano-de-fundo’ para a reflexão realizada sobre este momento da vida humana que se instituiu chamar de juventude.

1.2 PORQUE ESTUDAR A JUVENTUDE EM SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO?

A população jovem vem crescendo ao mesmo tempo em que a expectativa de vida dos brasileiros aumenta, e a fase da vida humana compreendida entre os 16 e os 24 anos – chamada aqui de Juventude – assume diferentes significados e papéis sociais, de acordo com a diversidade de classe social, gênero, raça, origem familiar e região, em relação direta com a cultura de seu tempo. Considerado o atual contexto, pós-reestruturação produtiva, no qual emergem novas formas de inserção no mercado de trabalho, mas também novas formas de viver e de se relacionar com o mundo, faz-se necessário apreender os valores e representações que permeiam o imaginário das juventudes, principalmente àquelas em relação ao mundo profissional e as recentes transformações ocorridas nos processos e organização do trabalho.

Mais que demonstrar a importância da temática da juventude no Brasil de hoje, esta explanação busca perquirir sobre o lugar dessa juventude no modelo de sociedade proposto pela classe dirigente brasileira e objetivado por meio de

relações sociais pré-existentes e políticas públicas de educação, tanto em âmbito nacional como local. A nosso ver, compreender que lugar é este possibilitará propor reformas que retomem para a educação o papel revolucionário e determinante para a transformação da vida humana.

Ao refletir sobre a centralidade do trabalho na constituição identitária desses jovens, buscou-se apreender a constituição dos sujeitos sociais da atualidade, diante das mudanças promovidas pela tecnologia – principalmente as novas tecnologias de comunicação e da microeletrônica – na base material e imaterial da produção da vida. Fez-se necessário para isso, compreender o jovem enquanto sujeito social, constituído histórica e culturalmente a partir da diversidade de condições sociais, culturais, étnicas, de gênero e também geográficas que vivencia em seu cotidiano, justificando, assim, a noção de *juventudes*, consideradas em sua pluralidade, devido aos diversos modos de *ser* e *estar* no mundo. Tal processo de constituição de alteridade e identidade ocorre de forma subjetiva e cotidiana, englobando um conjunto de representações e valores que são fruto das relações sociais e das experiências vividas por este sujeito (DAYRELL, 2003).

Tomando o recorte etário proposto pela cristalização social das idades da vida, que tornou a criança e o jovem objetos de um projeto educativo diferenciado do modelo de aprendizagem de ofícios que ocorria em séculos passados (PERALVA, 1997), havemos de pensá-los como produtos e produtores de si mesmos, para os quais os sentidos, percepções e representações das transformações ocorridas no mundo material e imaterial adquirem significados identitários de acordo com as diferentes experiências vividas. Seja no ingresso ao mercado de trabalho como expectativa a ser concretizada após a conclusão dos estudos, seja no ingresso ao mercado de trabalho por imposição das necessidades, seja na ausência do trabalho, na forma de desemprego, o trabalho se impõe como experiência desde a infância, restringindo as possibilidades de desenvolvimento desse indivíduo na sociedade capitalista (CORROCHANO, 2006).

Quando o foco é a relação das juventudes com o mundo do trabalho devemos ressaltar as diversas trajetórias juvenis que constituem o jovem enquanto sujeito social em formação, trajetórias estas que combinam, simultaneamente, o trabalho e a educação. Isso se dá porque “o trabalho como atividade produtora de riqueza” se aprende e se ensina, “para reproduzir o que já existe e para criar o novo”

(SOCHACZEWSKI, 2007, p. 127). Dessa forma, estes jovens vivenciam em sua trajetória familiar e escolar, diferentes maneiras de *experimentar* o mundo, assim como diferentes sentidos e representações sobre o trabalho, mesmo quando compartilham uma mesma época histórica e um mesmo espaço de formação escolar. “A consciência, nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo real de vida.” (MARX, A Ideologia Alemã)¹⁰.

Dessa maneira, considerando essas juventudes diferenciadas pelas experiências vividas e enquanto sujeitos sociais portadores de subjetividades que se relacionam diretamente com a cultura de seu tempo, os tomamos nessa investigação como sujeitos de suas ações e escolhas, mesmo reconhecendo a crescente heteronomia do mundo contemporâneo. Por isso, na busca de apreender a realidade que perpassa esse sujeito social em formação, compreender o seu tempo social e cultural, questiona-se inicialmente sobre estas experiências vividas, principalmente aquelas que têm o trabalho – seja em seu sentido ontológico, seja em sua forma histórica – como lócus central da formação e diferenciação do humano, na transformação da realidade em que vive. Compreendendo os sentidos que o trabalho pode adquirir para o sujeito em questão, buscou-se conhecer o tempo histórico e a cultural do capitalismo, como se configura neste início de século, um capitalismo globalizado e flexível. Pois a cultura de um tempo não segue um padrão neutro,

“ela compreende experiências, relações e conjuntos de tipos sistemáticos de relações que determinam não apenas ‘escolhas’ específicas e ‘decisões’ em períodos específicos, mas também estruturam, real e experimentalmente, a forma como essas ‘escolhas’ surgem e são definidas...” (WILLIS, 1991, p.12)

Partindo de questões que aparecem como centrais nas políticas públicas de emprego para a juventude – qual sejam, se devemos retardar a entrada dos jovens no mercado de trabalho priorizando a elevação da escolaridade e a formação, promovendo uma reserva dos empregos para os adultos, ou se devemos contribuir na inserção dos jovens no mercado de trabalho, na forma de aprendiz ou de trabalho decente, com condições de gerar renda necessária às suas famílias e identidade para este sujeito em formação – esta pesquisa busca, em um universo

¹⁰ Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/cap1.htm#i1>

juvenil específico, compreender os valores e sentidos que estes jovens imprimem a sua formação escolar e seu futuro profissional. O lugar que a família, a escola e o trabalho assumem, enquanto experiência real de transformação da realidade vivida na conformação do seu modo de *ser e estar* no mundo, constituindo sua consciência social. Dessa forma, esta investigação assume a importância do trabalho para as juventudes brasileiras como apontado pela pesquisa da Fundação Perseu Abramo, “Retratos da Juventude Brasileira”, de 2004, seja enquanto experiência vivida no presente seja enquanto espaço teleológico da formação escolar visando o tempo futuro, seja em sua dimensão de necessidade humana, seja na sua importância enquanto direito social ou ainda considerado seus aspectos de auto-realização (GUIMARÃES, 2005).

Tanto para Guimarães (2005) quanto para Corrochano (2006) o trabalho tem destaque na conformação da condição juvenil, tanto do ponto de vista objetivo, como subjetivo, indo além das questões de renda. O trabalho, considerado em sua dimensão educativa/formativa, promove o desenvolvimento de habilidades, autoconhecimento, construção da autonomia, acesso á outras formas de sociabilidade e realização pessoal, sendo apontado como um dos problemas que mais preocupam os jovens e lócus de significados e de produção simbólica sobre o mundo em que vivem. Na pesquisa realizada por Guimarães (2005), o trabalho orienta as atitudes, percepções e comportamentos individuais e coletivos dos jovens entrevistados, muito embora a inserção profissional assuma um caráter caótico, na qual cabe ao trabalhador assumir toda a responsabilidade e risco sobre sua trajetória profissional, considerada não previsível (GUIMARÃES, 2005, p.8).

Na pesquisa realizada por Corrochano (2006) o trabalho entre os jovens, além da busca de uma atividade produtiva que combine renda e a possibilidade de realização pessoal, surge como possibilidade de transformação, seja de seu meio individual, seja de seu grupo comunitário. Entretanto a autora aponta que “parte considerável dos jovens contrapõem-se de forma contundente à realidade de diferentes espaços de trabalho”, nos quais figuram o autoritarismo, o ritmo intenso e repetitivo, as longas jornadas e os baixos salários, reforçando pontos de estrangulamento social e desigualdade vivenciados por estes sujeitos em formação (CORROCHANO, 2006, p.3) Podemos afirmar, portanto, que a relação com o

mundo do trabalho também é heterogênea (CORROCHANO, 2006) e é esta que buscamos apreender por meio dessa investigação.

Consideramos que estes jovens, ao constituírem-se como sujeitos sociais, que se afirmam na relação com outros sujeitos num processo contínuo de alteridade, a partir de uma relação dialética entre os contextos concretos vividos e os valores, representações e sentidos atribuídos, seja na busca pelo primeiro emprego, ou seja, na relação deste com uma demanda individual de realização profissional e material, assumem seu lugar no mundo e teleologicamente definem os *caminhos* a seguir.

1.2.1 As juventudes desempregadas

Como colocado, consideramos que, entre as experiências vivenciadas pelos jovens estaria o trabalho, ou ainda, a ausência deste. De acordo com o DIEESE (2006), Belo Horizonte – assim como São Paulo e o Distrito Federal – tem taxas de participação¹¹ desse segmento populacional (jovens de 16 a 24 anos) superiores ao segmento da população acima de 25 anos. Em Belo Horizonte a taxa de participação dos jovens de 16 a 24 anos, em 2005, era de 70,6%, enquanto para a população de 25 anos ou mais a taxa de participação estava em 65,4% (DIEESE, 2006, Tabela 3). Isso indica que os jovens buscam uma oportunidade de trabalho, sendo, entretanto, mais afetados pela desigualdade de oportunidades no mercado de trabalho.

O relatório “Trabalho decente e juventude na América Latina”, com o perfil do jovem latino-americano em relação ao desemprego, à informalidade e à inatividade, divulgado em outubro de 2007 pela OIT, aponta que 16% da força de trabalho entre 16 e 24 anos da América Latina está desempregada, sendo que no Brasil, constatou-se que 4,5 milhões de jovens entre 15 e 29 anos não trabalham, não estudam e não possuem o ensino fundamental completo. De acordo com o relatório, estes dados justificam os programas sociais voltados à manutenção e ampliação do tempo escolar e, por conseguinte, à escolarização desses jovens que se encontram à margem da sociedade (OIT, 2007). Outro estudo, o “Informe do

¹¹ A taxa de participação expressa a relação entre a População Economicamente Ativa e a População em Idade Ativa (PEA/PIA), indicando a proporção de pessoas incorporadas ao mercado de trabalho, seja como ocupada ou como desempregada (DIEESE, 2006).

Desenvolvimento Juvenil” elaborado pelo psicólogo Jorge Werthein, da Rede de Informação Tecnológica Latino-americana (RITLA), aponta para um total de sete milhões de brasileiros fora do sistema escolar e sem emprego. Para Frayssinet (2008), a causa dessa situação estaria na estrutura histórica de desigualdade e pobreza, que se reflete na inserção ao mercado de trabalho, mas também no acesso ao sistema de saúde e à educação, na violência e mortalidade juvenil, na criminalidade e na falta de perspectiva de futuro (FRAYSSINET, 2008).

A vulnerabilidade deste segmento populacional é comprovada pelo alto desemprego dos jovens, sendo que, em 2005, a taxa de desemprego dos trabalhadores de 16 a 24 anos era de 30,5% em Belo Horizonte, e de 11,2 % para a população acima de 25 anos (DIEESE, 2006, Tabela 3). Estes dados estatísticos foram retirados do estudo “A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos”, realizado pelo DIEESE em 2006, e demonstram que a inserção profissional desse segmento da população tem características distintas dos outros segmentos populacionais e estas características, variam de acordo com a condição socioeconômica da família do jovem. É importante destacar que o desemprego de jovens de baixa renda é bem maior (26,2%) que o desemprego dos jovens de renda elevada (11,6%), isso revela a forte desigualdade entre jovens ricos e pobres existentes no Brasil (POCHMANN, 2004).

Dados sobre a informalidade no mercado de trabalho brasileiro apontam para um crescimento considerável dos ocupados em atividades consideradas informais, que, enquanto agregado estatístico, reúne distintas condições de inserção profissional, como os autônomos, os empregados sem carteira assinada, os ocupados sem remuneração, às formas econômicas cooperativadas e de trabalho doméstico, entre outras (POCHAMNN, 2007). O importante a destacar é que a informalidade contrapõe-se às relações de assalariamento que caracterizavam o mercado de trabalho dos tempos de pleno emprego e a própria organização urbano-industrial do trabalho taylorista/fordista. Essa nova forma de relação trabalhista, da informalidade e precariedade das relações de trabalho, repercute negativamente no cotidiano dos trabalhadores, fazendo-os vivenciar situações de insegurança e instabilidade (SENNETT, 2002). Esse quadro é agravado pela baixa remuneração que este segmento populacional recebe pelo seu trabalho, característica dos postos de trabalho do setor terciário, principalmente nas

atividades administrativas, como no caso da função de auxiliar de escritório, ou no comércio, na função de vendedor. Ambas as funções caracterizam-se por serem tradicionais portas de entrada para o jovem ao mercado de trabalho.

Segundo Martins (1997), e de acordo com os estudos feitos por José Machado Pais e Yves Clot entre jovens europeus, as dificuldades de acesso dos jovens ao trabalho e emprego, com a precarização dos postos de trabalhos ocupados por este segmento populacional, os leva a uma “marginalização objetiva”, caracterizada pelo afastamento ou recusa do trabalho. Segundo estes autores, é a experiência do trabalho operário de seus pais conjuntamente às condições insatisfatórias de trabalho que lhes são ofertadas que produz, principalmente nos jovens das classes populares, uma elaboração negativa quanto ao valor do trabalho. Para Martins (1997), essa avaliação negativa estaria atrelada a “uma avaliação realística de suas chances no mercado de trabalho” (MARTINS,1997, p.101).

Já os resultados das pesquisas realizadas por Bajoit e Franssen (1997), pesquisadores da Universidade Católica de Louvain, na França, apontam para a “emergência de novas orientações com relação ao trabalho” (BAJOIT e FRANSSEN, 1997, p.76), que levam os jovens franceses a utilizar diferentes estratégias para a gestão de sua insatisfação profissional. A principal destas estratégias seria o “*trabalho desinvestido*”, que reduz a dimensão de auto-realização deste, mas não sua importância e centralidade na vida cotidiana dos jovens. Na contramão das pesquisas que defendem a decrescente importância do trabalho para a constituição identitária do jovem está o estudo, já citado, realizado por Nadya Araújo Guimarães, entre 3.500 jovens brasileiros com idades entre 15 e 24 anos, para a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 2003. Os dados desta pesquisa demonstram que, quando interpelados sobre suas preocupações e interesses, 17% dos jovens entrevistados destacam o trabalho em primeiro lugar, a frente inclusive da preocupação e interesse quanto à educação. Para Guimarães (2004), o trabalho continua um assunto de interesse para os jovens, tanto para aqueles que trabalham quanto para os que buscam trabalho, mas principalmente, para os jovens do sexo masculino, de maior idade e entre aqueles que se declararam negros. O trabalho também foi destacado como o maior problema que estes jovens vivenciam (26% dos entrevistados) e o desemprego, ou a falta de empregos, foi destacado por 28% dos

entrevistados, como o assunto que mais os preocupa. Dessa forma, para esta pesquisadora, a centralidade do trabalho está na necessidade dele, seja enquanto direito ou ainda enquanto condição de vida (GUIMARÃES, 2004, p.11).

1.2.2 A busca da empregabilidade

O aumento de jovens inativos faz crescer a preocupação de desagregação social, que é combatida por meio de programas públicos para inserção e formação profissional (DIEESE, 2006), como o Programa Primeiro Emprego¹² do Governo Federal, que tem por objetivo contribuir para a geração de oportunidades de *trabalho decente* para a juventude brasileira. De acordo com o documento, busca mobilizar o governo e a sociedade para a construção conjunta de uma Política Nacional de Trabalho Decente para a Juventude, para o combate à pobreza e à exclusão social, integrando as políticas públicas de emprego e renda à uma política de investimentos públicos e privados, geradoras de mais e melhores empregos. No caso do Estado de Minas Gerais, temos o Programa Jovens Protagonistas, um dos cinco Eixos considerados estratégicos pelo Estado Mineiro¹³. Segundos os documentos oficiais, este Eixo tem por objetivo organizar várias ações dirigidas à juventude, aumentar o percentual de jovens que concluem o ensino médio e ampliar suas oportunidades de inclusão no mercado de trabalho. Essas ações buscam, ainda de acordo com os textos oficiais, ampliar a oferta de emprego, o empreendedorismo e a inclusão social dessa parcela da população.

Dentro do contexto macro econômico-social do capitalismo globalizado, a formação de um trabalhador polivalente, participativo, com elevada capacidade de abstração e decisão, características básicas do que veio a ser denominado *empregabilidade*, decorre das novas necessidades do capital diante do alto desenvolvimento das forças produtivas que o mantém (FRIGOTTO, 2000). Na busca de se apropriar das qualidades subjetivas dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que os mantêm subordinados à estrutura e racionalidade capitalista, novos conceitos são incorporados aos de produtividade e qualidade. Uma nova linguagem é instituída, rearticulando os interesses burgueses em torno da escolarização ampliada da classe trabalhadora. Surge assim, a noção de *empregabilidade*, considerada como

¹² Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (www.mte.gov.br).

¹³ Eixos Estratégicos do Governo de Minas Gerais (www.mg.gov.br).

uma preparação, uma capacitação contínua para a manutenção ou obtenção de um emprego (OLIVEIRA, 1999). A *empregabilidade* nesse contexto, diz respeito às competências de um indivíduo em se adequar ao novo, dispondo de suas habilidades e conhecimentos para o desenvolvimento da produção. Cada vez mais o trabalhador deve se mostrar disposto a aprender, a adaptar-se à dinâmica produtiva das empresas e das sociedades capitalistas, numa relação de subordinação à lógica do capital. Este trabalhador não deve contrapor-se “o modelo de organização econômica e gerencial existente” (OLIVEIRA, 1999 p.58) e deve adaptar-se a desestabilização do trabalho flexível e polivalente e ao “fascismo social” representado pela quebra do contrato social e pela insegurança do mercado de trabalho globalizado (FRIGOTTO, 2007). Principalmente, cabe dizer, a noção de *empregabilidade* incute nos trabalhadores “a responsabilização dos indivíduos pela sua inserção no mercado de trabalho, mediante a aquisição de um conjunto de competências” (OLIVEIRA, 1999, p. 59).

Enquanto grande parte da população brasileira não teve acesso a uma escolarização ampliada, os jovens nascidos a partir do final da década de 1980, mas principalmente àqueles nascidos na década de 1990, foram alvos de uma política educacional de massa, que buscava, de forma compulsória, ampliar o tempo escolar das novas gerações de cidadãos-trabalhadores. Mesmo assim, de acordo com Poli (1999), entre aqueles jovens concluintes do ensino médio, “a grande maioria não dará continuidade à sua formação acadêmica em busca de um curso universitário.” (POLI, 1999, p.45). Assim, a mediação realizada pela educação pública para a formação de uma mão-de-obra adequada ao desenvolvimento econômico da nação, mas principalmente a conformação dos trabalhadores livres às indulgências do capital foi marcante neste período, mas não foi suficiente para tapar as lacunas e o fosso da desigualdade social existente em nosso país.

Frigotto (2000) aponta para o fato que “os atributos mais valorizados nos trabalhadores relacionam-se a conteúdos desenvolvidos pela educação geral” (FRIGOTTO, 2000, p.142), pois o regime de acumulação flexível agiu como um potencializador da acumulação capitalista, inserindo a exploração dos componentes intelectuais do trabalhador no âmbito da produção, mediado por uma nova gestão da força de trabalho. O empresariado se deu conta de que, diante de

um sistema produtivo que incorpora dinamicamente a nova base tecnológica, a baixa escolarização da população tornava-se um obstáculo à retomada da acumulação e valorização do capital.

Segundo argumenta Kuenzer (2007), a dualidade estrutural da educação brasileira, que no fordismo se expressava formalmente por meio da oferta de escolas diferenciadas segundo a classe social, na acumulação flexível aparentemente se diluiu. O novo discurso para a educação dá ênfase à formação de profissionais flexíveis, que, principalmente, acompanhem as rápidas mudanças tecnológicas em curso. Essa mudança de foco se verifica pela substituição da formação especializada dos cursos profissionalizantes pela formação adquirida por intermédio da escolarização ampliada, passando para a educação básica o papel de assegurar os conhecimentos que fundamentam as práticas sociais e desenvolver competências que possibilitem “aprender ao longo da vida”, proposta de caráter central na pedagogia da acumulação flexível. Dessa forma, enquanto para os trabalhadores do núcleo duro – pequeno núcleo de trabalhadores estáveis – oferece-se a educação de caráter propedêutico, com a formação científico-tecnológica e sócio-histórica avançada, em cursos de especialização e pós-graduação, num modelo de escolaridade ampliada. Para os demais trabalhadores – grupos periféricos composto por trabalhadores com competências facilmente encontradas no mercado, trabalhadores temporários e sub-contratados, com baixa qualificação e alta rotatividade, incluídos/excluídos em ocupações precárias e intensificadas – oferece-se uma educação de caráter geral, básica, completada posteriormente, e conforme a demanda, com cursos técnicos e treinamentos aligeirados (KUENZER, 2007).

Assim, Oliveira (1999) afirma que, a generalização da noção de empregabilidade foi uma reação do capital à incapacidade de reafirmar a relação entre trabalho e educação na perspectiva da Teoria do Capital Humano, como vinha acontecendo até então. Essa noção surgiu, principalmente, como um mecanismo de velamento das contradições inerentes ao sistema capitalista, em busca de adequar as classes sociais às novas formas de trabalho e gestão produtiva impostas como solução à crise de acumulação vivida pelo capital após a década de 70. Conjuntamente com a noção de empreendedorismo, a empregabilidade assume uma dimensão ideológica ao individualizar e subjetivizar os controles e a domesticação da

produção material e da organização da vida social. Encaminha os jovens em formação para uma nova cultura do trabalho, que os adapte ao desemprego, à insegurança e aos riscos, à volatilidade e à flexibilidade na gestão da força de trabalho, que caracterizam o mercado de trabalho do capitalismo globalizado (MACHADO DA SILVA, 2002).

*
* *

Posto essas colocações que delimitam a questão proposta nesta pesquisa, proponho com este projeto refletir acerca das *experiências* que formam e/ou conformam os jovens à sociedade na qual vivem, interrogando-os sobre suas percepções a respeito do mundo do trabalho e suas percepções sobre os desejos e as possibilidades de inserção profissional que vislumbram no seu futuro próximo. Este é o caminho escolhido nesta investigação para compreender o aqui e agora das juventudes brasileiras, compreendendo-as como sujeitos sociais em formação e sujeitos históricos de suas escolhas, portadores, que são, de possibilidades de transformação do mundo.

1.3 PERGUNTA DE PESQUISA

Qual é a percepção de jovens estudantes de nível médio técnico, de uma escola particular de Belo Horizonte, sobre o mundo em que vivem, o mundo do trabalho e sua inserção profissional no contexto das transformações sócio-econômicas, políticas e culturais ocorridas nas últimas décadas?

1.4 OBJETIVO GERAL

Apreender a percepção de jovens estudantes dentro da faixa escolar do ensino médio sobre o mundo em que vivem, o mundo do trabalho e sua inserção profissional no contexto das transformações sócio-econômicas, políticas e culturais ocorridas nas últimas décadas.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar, a partir de entrevistas, as expectativas e aspirações profissionais de jovens estudantes de uma escola técnica privada de nível médio em Belo Horizonte;
- Apreender o valor e o sentido que estes atribuem ao trabalho;
- Verificar como estes jovens avaliam suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal.

1.6 METODOLOGIA

Este é um momento delicado da pesquisa social, pois um bom pesquisador reconhece que são muitos os obstáculos e a construção epistemológica nem sempre atende aos prazos propostos e definidos no percurso metodológico. Questões de fundo epistemológicas e metodológicas acompanharam, desde o surgimento das ciências sociais no século XIX, pesquisadores e pensadores hoje conceituados no mundo acadêmico. A busca por uma sistematização do real, a partir de critérios de cientificidade, objetividade, ética e ação faz parte da investigação empreendida em diversos tempos históricos e por diversas correntes do pensamento social. É possível o conhecimento do real? Como pode um investigador captar a objetividade da realidade social? Deve-se buscar a validade empírica dos conhecimentos e saberes filosóficos? Como tratar de conceitos e categorias a partir do uso feito pelo senso comum, que os transforma em meras expressões ou palavras? Qual o instrumento mais adequado para captar a realidade? É possível descobrir a verdade?

É nesse mar de dúvidas que se inicia o caminhar de um pesquisador social em direção ao seu campo e objeto de investigação. Na busca de um conhecimento sistematizado do real, o pesquisador, muitas vezes, institui o primado da teoria, doente e contaminado que se encontra pelas descobertas teóricas do qual sua pesquisa é resultado.

Outro ponto que merece destaque na delimitação do percurso inicial da pesquisa proposta é a cobrança, da instituição acadêmica a qual o pesquisador se vincula,

pela produção de “um conhecimento novo”, pela realização de uma “descoberta” em seu campo de atuação. Pois bem, “como devem ser vistas, então, as descobertas das ciências sociais?” (PIRES, 2008, p. 50). Quivy e Campenhoudt (1998) indicam, em seu Manual de Investigação em Ciências Sociais, que

“é muito difícil, mesmo para um investigador profissional e com experiência, produzir conhecimento verdadeiramente novo que faça progredir sua disciplina.” (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1998, p.18).

Então como devemos proceder? São os próprios pesquisadores franceses que anunciam o princípio que devemos ter em mente quando iniciamos um projeto desse tipo: o que se aprende de fato é a compreender melhor os significados de um acontecimento ou conduta, a captar as lógicas de funcionamento de uma organização e a refletir sobre as implicações de uma ação ou decisão política. Se aprende, também, como determinadas pessoas apreendem um problema e como articulam suas representações com o universo individual e social que a constitui (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1998).

Pires (2008) também nos dá algumas dicas de descobertas das ciências sociais ocorridas após a década de 1960 e que ajudam os pesquisadores de hoje a refletir sobre o objetivo final de sua investigação. Tanto a descoberta dos vieses sexistas, com a posterior invenção dos conceitos de patriarcado e sociedade andrógena; como a criação de novos objetos de pesquisa qualitativa, com destaque para os mecanismos e práticas sociais e jurídicas de discriminação que tem como elementos centrais os grupos minoritários e o caráter etnocêntrico das pesquisas realizadas até então; como também a retomada da linguagem comum, com o desenvolvimento e progresso conceitual e metodológico das pesquisas qualitativas. Com estes exemplos, Pires (2008) tenta mostrar ao pesquisador iniciante que muitas vezes é necessário descobrir aquilo que “se tornou invisível por excesso de visibilidade”, como no caso do conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe (PIRES, 2008, p. 51). Assim, o autor anuncia como deve se portar um investigador em início de carreira, para que perceba indícios evidentes que escapam à uma visão que busca somente o que está encoberto, para que perceba aquilo que, aparentemente está encoberto pela sua excessiva evidência (PIRES, 2008).

1.6.1 Pesquisa qualitativa e algumas observações sobre o uso de grupos de discussões com jovens.

Posto estas considerações, indica-se aqui o ponto de partida de qualquer investigação qualitativa: o senso comum. Pois o "senso comum é a primeira forma de conhecimento do sociólogo" e é por meio deste que o mesmo deve iniciar sua investigação acerca da realidade que busca conhecer (PIRES, 2008, p. 68).

Foi assim que iniciamos o delineamento da investigação aqui proposta, por questões que pareciam evidentes e apropriadas pelo senso comum.

A opção feita pela pesquisa qualitativa sobreveio da intenção da pesquisadora de aprofundar o conhecimento sobre a realidade de um fenômeno complexo, a saber: a formação do ser social na sociedade contemporânea. Buscava assim, explorar processos sociais e organizacionais, informais e não-estruturados institucionalmente, que se articulavam em determinados momentos da formação social na atualidade, para conformar tipos sociais previamente idealizados (DESLAURIERS e KÉRISIT, 2008). Haguette (2000) sugere que a metodologia qualitativa pode ser utilizada em três situações de pesquisa distintas: (1) situações nas quais a evidência qualitativa é utilizada para levantar dados relacionados á épocas passadas; (2) situações nas quais se busca captar dados psicológicos reprimidos ou articulados á atitudes, motivação e construção de quadros referenciais; (3) situações nas quais se pretende desvendar o funcionamento de estruturas complexas, difíceis de serem submetidas a exames quantitativos e observação direta (HAGUETTE, 2000, p. 64). No caso desta pesquisa, a inscrição se daria no segundo e terceiro caso sugerido pela autora, pois a investigação buscava apreender dados individuais articulados á questões culturais e sociais, em estruturas e processo de alta complexidade. O tema proposto envolvia elementos da subjetividade e da objetividade da vida social moderna, que estavam excessivamente evidentes, mas que se configuravam como conhecimentos indesejáveis, impopulares e, portanto, negados, pelos grupos sociais envolvidos no processo. Assim, surgiu a proposta do uso dos grupos de discussão, porque, através deles, é possível

"conhecer não apenas as experiências e opiniões dos entrevistados, mas as vivências coletivas de um determinado grupo ou as posições comuns de uma determinada classe social" (WELLER, 2006, p. 245).

Essas posições assumidas por indivíduos apontam para as orientações coletivas e visões de mundo do grupo social ao qual o entrevistado pertence. Dessa forma, a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. Por documentar as experiências coletivas e as características sociais do grupo investigado, revelam, ao pesquisador, as representações, valores e significados atribuídos pelos entrevistados, enquanto grupo social homogêneo, da diversidade de experiências e existência social que os sujeitos desse grupo específico vivenciam. Nesse sentido, os grupos de discussão, como método de pesquisa, constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos (WELLER, 2006, p. 246). O uso do grupo de discussão como técnica de pesquisa qualitativa exige domínio metodológico do tema e também um conhecimento ampliado sobre o meio social dos entrevistados.

Após a construção do objeto, partindo do mergulho na literatura clássica e na bibliografia acadêmica de referência, passamos à etapa de definição dos métodos e instrumentos de coleta. Para isso, foi escolhida, inicialmente, uma escola pública de Ensino Médio Técnico na região metropolitana de Belo Horizonte (chamada aqui de 'Escola A'). A partir de uma breve apresentação da pesquisa e dos objetivos da investigação para os estudantes, em sala de aula, os jovens foram convidados a participar, de forma voluntária, como informantes para a pesquisa. A proposta inicial era de organizar um grupo de discussão para debater as temáticas relativas ao mundo do trabalho e a inserção profissional de jovens que cursam o ensino médio técnico. Entre os estudantes voluntários havia jovens de três turmas distintas: uma turma do 1º ano do ensino médio técnico em Química Industrial, uma do 1º ano do ensino médio técnico em Patologia Clínica e uma turma do 2º ano do ensino médio regular.

Não foi difícil encontrar estudantes-voluntários para participar deste grupo de discussão, entretanto foi uma tarefa árdua conseguir reuni-los a fim de debater as questões propostas. Esses estudantes-voluntários eram jovens da classe trabalhadora, matriculados no nível médio de uma escola pública, e se encontravam na faixa escolar de 15 a 19 anos. Foram mais de 40 inscritos, mas somente 14 jovens participaram, esporadicamente, dos encontros. O objetivo destes encontros era debater as questões relativas ao tema proposto para esta

pesquisa, a saber: o mundo do trabalho e a inserção profissional de jovens. As reuniões ocorriam em “janelas” na grade curricular, por isso era bastante trabalhoso e difícil articular os encontros escolhendo dias e horários nos quais coincidissem as janelas das diferentes turmas que haviam se candidatado a participar das discussões. Buscamos formar um grupo de discussão que reunisse, a cada encontro, pelo menos oito estudantes. Embora aparentemente seja um grupo pequeno, demorávamos de 15 a 25 minutos, a cada reunião, para juntar o grupo, que se encontrava espalhado pela escola, no pátio, na quadra, na cantina ou na biblioteca, o que aponta para uma das características desse grupo juvenil: o descompromisso, com a conseqüente quebra de acordos firmados anteriormente, que deixam de fazer sentido no tempo presente, no momento vivido, daquele jovem.

A participação ideal dos jovens deveria ocorrer tanto no que diz respeito à definição dos dias e da agenda de encontros, quanto na definição do tempo de cada reunião. O objetivo era construir um conhecimento a partir dos sujeitos da pesquisa, no caso os jovens, trazendo à tona os aspectos subjetivos que os métodos quantitativos não teriam capacidade de captar.

Assim como as pesquisas sobre condições de vida, consumo, poupança ou endividamento, o objetivo desse estudo tinha como centro da investigação dois campos de ação humana: o do comportamento e o da atitude. Ambos os aspectos subjetivos da individualidade humana que, embora construído a partir de experiências individuais, se articulam às percepções, aspirações, necessidades, desejos e sentimentos promovidos pela vida em sociedade. Assim, a escolha por uma metodologia qualitativa para esta investigação parecia óbvia, pois a mesma tinha em seu cerne “reconstruir a dinâmica de inter-relações que se estabelecem entre os fatores considerados.” (TREMBLAY, 2008, p.25).

Outra referência metodológica que se somou à proposta do grupo de discussão foi àquela enunciada nos pressupostos da Ergologia francesa, principalmente àqueles que se referem ao desenvolvimento metodológico no percurso e a proposta de trocas de saberes. No seio de dispositivos qualitativos, a Ergologia busca, no fluxo contínuo das atividades de pesquisa, trazer à tona as inúmeras questões que emergem da experiência de trabalho e de vida, e que se estabelecem no cotidiano do trabalhador (em nosso caso do estudante-trabalhador) e que escapam à nossa

percepção. Com origem e desenvolvimento a partir de metodologias de formação de adultos que levam em conta a experiência de vida e trabalho, a Ergologia propõe ao pesquisador, em campo, o estabelecimento de relações mais horizontais entre os saberes e entre o pesquisador e seu objeto/sujeito de pesquisa. Esse enunciado nos faz lembrar Paulo Freire, quando o mesmo se interroga sobre quem forma e quem é formado em situações de ensino-aprendizagem estruturadas de modo democrático e participativo. Essas reflexões epistemológicas levam os investigadores sociais a uma interrogação sobre a cultura acadêmica, ancorada em valores provenientes de campos disciplinares distintos, que pela falta de diálogo obscurecem as divergências conceituais e teórico-metodológicas que possam surgir no percurso da investigação. Para a Ergologia importa, antes de tudo, saber porque e com que objetivos pesquisar (CUNHA, et all, 2007).

Baseado na proposta de uma metodologia em aberto, o objetivo apresentado ao grupo de discussão que se formou na 'Escola A' foi o de construir um compromisso entre os saberes, entre a teoria e a prática, para realizar um trabalho que deveria ser coletivo. A partir disso, buscamos a participação dos jovens na forma de uma colaboração permanente no desenrolar dos temas e problemas a serem debatidos e, também, na proposição de novas questões. De acordo com esta proposta de trabalho, somente as duas primeiras reuniões apresentariam um roteiro semi-estruturado proposto pela pesquisadora, sendo que as demais deveriam ser direcionadas por questões colocadas pelos próprios estudantes-voluntários. Esperávamos com isso, que outros temas relacionados ao mundo do trabalho e também outras dimensões da vida social, fossem incorporadas ao debate a partir das colocações destes jovens estudantes.

O resultado não foi o esperado, e, após 6 meses de encontros, totalizando 5 reuniões no total, em pouco – ou quase nada – havia caminhado a investigação proposta. As principais dificuldades encontradas dizem respeito a falta de objetividade e concentração do grupo, que utilizava da hora do encontro pra fazer outras tarefas escolares, conversar entre amigos, tocar violão, combinar apresentações artísticas e *brincar* (sim, eles brincam). Também o descompromisso com a pesquisa, como indicado anteriormente, foi um ponto crítico no desenvolvimento da mesma, posto que, para estes jovens, a investigação não tinha sentido e não contribuía, de forma imediata e prática, na sua vida e cotidiano

escolar. Outro ponto de estrangulamento do processo de coleta desenvolvido até então, se deu porque não houve, por parte da pesquisadora, uma reflexão da praticidade do uso das tecnologias na captação e armazenamento das informações coletadas em campo. As reuniões foram filmadas, entretanto tal procedimento não foi o mais adequado, posto que os arquivos da filmagem não estavam em um formato para visualização em programas básicos de vídeo, como os encontrados em computadores caseiros, tendo como agravante o fato de que estes arquivos ficaram muito grandes e pesados, dificultando para a pesquisadora a visualização e transcrição dos mesmos.

1.6.2 Vivendo e aprendendo: o uso de entrevistas centradas.

“Não há bom trabalho que não seja uma busca sincera pela verdade.”
(QUIVY e CAMPENHOUDT, 1998 p.22)

Com o desenrolar dos fatos nessa direção foi possível aprender, a partir da experiência prática de pesquisa, que “a liberdade criadora quanto às regras do método não se obtém por via anárquica: ela se domestica na própria prática de pesquisa.” (PIRES, 2008, p. 44). A partir disso, foi necessário á pesquisadora, definir um novo instrumento de pesquisa e redefinir alguns pressupostos, buscando, entretanto, não abaloar o núcleo teórico central que a fez direcionar a coleta dos dados, inicialmente, para uma metodologia em aberto e o uso de grupo de discussão. Ao reconhecer os erros que levaram a pesquisa a um impasse, mas reconhecendo, também, nessa incursão alguns pontos positivos que possibilitaram o desenvolvimento de um quadro teórico de referência e um roteiro de entrevista que levasse a busca de resposta para o que, realmente, queríamos saber, foi possível re-definir o trabalho de campo e a coleta de dados.

Esse núcleo teórico central, do qual a pesquisadora não tinha interesse de abrir mão, era aquele que instituía o jovem como sujeito de suas ações e escolhas. Este núcleo teórico central se diluiu na fixação de uma proposta de entrevistas individuais e dirigidas, permanecendo, entretanto, como elemento articulador de toda a investigação proposta e da análise realizada.

Novamente foi necessário retornar a ‘Escola A’, e refazer o contato com os estudantes, que agora tratavam a pesquisadora de forma mais familiar e amiga.

Esse retorno à 'Escola A' buscava refazer o *contrato* estabelecido anteriormente entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa, e, embora estes tenham demonstrado interesse em participar da investigação em questão, mesmo que com novo formato, não foi o que ocorreu. Após outras quatro idas à 'Escola A', percebemos que a familiaridade dos jovens com a pesquisadora, que antes era ausente e se apresentava como um bloqueio à participação dos jovens no grupo de discussão, pela timidez dos mesmos; dessa vez se apresentava excessiva e levava-os a adiar por diversas vezes a concessão da entrevista. Dessa forma, novamente não houve comprometimento destes com o projeto de pesquisa, mesmo porque o sentido que o mesmo tinha para a investigadora, não tinha para os jovens estudantes em questão, que estão mais dedicados ao seu tempo presente, no receio de 'perder' algo que estava acontecendo no 'aqui e agora'. Enquanto isso o tempo ia passando e o campo da pesquisa não trazia respostas à pergunta proposta para a investigação.

Foi nesse momento que a pesquisadora tomou uma nova direção: recomeçar o trabalho de campo em outra escola. Agora a escola escolhida era uma escola particular de Ensino Médio Técnico na cidade de Belo Horizonte (que chamaremos de 'Escola B'). Ciente dos erros cometidos e dos impasses possíveis, o campo se desenrolou de forma satisfatória, embora não tenha alcançado o número de entrevistas inicialmente propostas (seis entrevistas), consideramos que houve um avanço positivo na direção de respostas às questões elencadas nos objetivos de pesquisa. Imbuída de um caráter realista e de uma proposta de coleta de dados que previa a exequibilidade da pesquisa, considerando aspectos materiais e de tempo máximo, a entrevistadora realizou cinco entrevistas centradas e de profundidade¹⁴, que compõe os dados empíricos que serão apresentados no capítulo 4. Também foi aplicado, assim como na 'Escola A' uma "Ficha sócio-econômica-cultural de autopreenchimento"¹⁵, que buscava caracterizar o grupo de estudantes-voluntários. O número de jovens que preencheram esta ficha foi sempre maior que o número de jovens que se prontificaram a participar, efetivamente, da pesquisa. Enquanto na 'Escola A' um total de 33 fichas foram preenchidas, nas três turmas convidadas à participar da pesquisa; na 'Escola B' o

¹⁴ Roteiro entrevista semi-estruturada aplicada individualmente aos alunos voluntários (ver anexo 4).

¹⁵ Ficha sócio-econômica-cultural de auto-preenchimento (ver anexo 3).

total de fichas preenchidas foram somente 8, pois apenas uma turma foi visitada pela pesquisadora, devido o pequeno prazo que havia então para a conclusão da coleta de dados. Essas fichas sócio-econômica-culturais serviram de aproximação, mas também configuraram o perfil do grupo selecionado para participar desta pesquisa.

É importante ressaltar que as escolas se diferenciam muito, tanto no que diz respeito ao direcionamento dos cursos de formação profissional tecnológica, quanto, e principalmente, no que diz respeito ao público atendido. Entretanto, ambas se configuram como Escolas de Ensino Médio, na modalidade Técnico Integrado, conceituadas e respeitadas em suas áreas de atuação. Enquanto a 'Escola A', pública de nível municipal, atende jovens oriundos das classes populares e de trabalhadores, e está volta a formação de técnicos industriais e de serviços; a 'Escola B', particular, atende a jovens das classes altas, que podemos caracterizar como jovens oriundos da classe dos capitalistas, como definido por João Bernardo Soares¹⁶, e está voltada a formação de técnicos da área administrativa. Mais a frente, em capítulo próprio, se apresentará os dados sócios-econômicos-culturais coletados na 'Escola B' e se fará uma breve explanação sobre o perfil dos cinco jovens estudantes entrevistados.

Vale agora trazer à tona a reflexão realizada acerca do uso de entrevista qualitativa enquanto instrumento de coleta de dados. A opção por este instrumento se deve ao fato de que o mesmo foca no que é essencial salientar, na seleção de informações a recolher, facilitando, sobremaneira, a classificação dessas informações. Ao destacar os processos sociais e culturais, do ponto de vista da individualidade humana, permite ao pesquisador compreender o fenômeno da formação do sujeito na contemporaneidade (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1998). Para Michel Thiollent há cinco tipos de entrevistas comumente usados nas investigações sociais, quais sejam: (1) a entrevista dirigida ou padronizada, com aplicação de um questionário com perguntas fechadas; (2) a entrevista semi-estruturada, com poucas perguntas de caráter aberto; (3) a entrevista centrada, que parte de hipóteses e temas

¹⁶ Por classe dos capitalistas compreendemos aqueles que controlam a organização do processo de trabalho, e por isso, se apropriam do produto produzido. Para este autor, (SOUZA, 1989) é possível afirmar que não existem somente trabalhadores no sistema capitalista de produção. Ainda de acordo com ele, duas classes ocupam o lugar do capitalista: a classe dos gestores e a classe da burguesia, sendo os jovens entrevistados pertencentes às duas classes mencionadas.

determinados, deixando o entrevistado livre para falar de sua experiência; (4) a entrevista não-diretiva ou entrevista aprofundada, na qual a entrevista é iniciada a partir de um tema geral sem estruturação do problema pelo entrevistador; e (5) a entrevista clínica, que busca uma interpretação sócio-psicológica do sujeito informante (HAGUETTE, 2000). Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999) afirmam que o que distingue os tipos de entrevistas qualitativas é o grau de controle exercido pelo investigador durante a realização da mesma.

Dessa forma, no caso da investigação realizada e aqui descrita, a pesquisadora partiu do acúmulo de informações teóricas obtidas no desenvolver da investigação, e das informações coletadas, mesmo que informalmente, tanto nos encontros realizados, quanto nas conversas de corredor, com os jovens da 'Escola A'. A partir dessas informações, a pesquisadora elaborou o roteiro de entrevista, na tipologia de entrevista centrada, como definido por Thiollent, com perguntas abertas que buscavam compreender a totalidade do sujeito social entrevistado. Buscamos, com isso, apreender o universo sócio-cultural desses sujeitos, suas territorialidades, sua cultura e sociabilidades enquanto elementos determinantes da relação destes com o mundo do trabalho.

Definida como um processo de interação verbal entre duas pessoas distintas, na qual uma tem por objetivo obter informações que a outra possui, a entrevista parte de um roteiro, estruturado ou semi-estruturado, que visa captar os dados necessários à resolução de uma problemática central (HAGUETTE, 2000). Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999) apontam para a utilidade da entrevista, enquanto instrumento de pesquisa, para tratar de temas complexos, isso ocorreria devido a natureza interativa da mesma que possibilita ao pesquisador examinar as diversas dimensões do tema e explorar em profundidade a relação do entrevistado com o problema proposto. Isso ocorre por meio de uma lista, ou pontos de destaque, definidos *a priori* pelo levantamento bibliográfico realizado.

Partindo dessa lista/roteiro, o pesquisador busca apreender as nuances possíveis do real vivido pelo entrevistado. Para isso deve buscar objetividade e evitar contaminações externas, seja pela opinião do próprio pesquisador, seja por fatores que concorram no sentido de desviar ou impor ao entrevistado um determinado ponto de vista. Para atingir a interatividade proposta, as entrevistas qualitativas costumam ser pouco estruturadas e sem uma ordem rígida estabelecida, para que

a mesma se desenrole como uma conversa informal que não constranja o entrevistado á esta ou aquela posição em relação às questões formuladas (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999).

O roteiro da entrevista realizada nesta investigação seguiu a demanda das perguntas formuladas como objetivos específicos, mas também é resultado, como dito anteriormente, de interações diretas com os sujeitos da pesquisa, por meio de conversas com os estudantes voluntários da 'Escola A'. Assim, o roteiro está dividido em 10 partes, sendo elas: (1) cotidiano; (2) percepção do mundo; (3) expectativas e aspirações profissionais; (4) o valor e o sentido que atribuem ao trabalho; (5) possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal; (6) princípios que orientam suas escolhas escolares e de vida; (7) valores, normas, atitudes e comportamentos valorizados pelo mercado de trabalho; (8) demanda por conhecimentos curriculares; (9) demandas de qualificação profissional e como adquiri-las; e (10) estratégias e táticas de inserção no mercado de trabalho¹⁷. Nem todos os itens que compõe o roteiro foram tratados de forma analítica nesta pesquisa, entretanto alguns desses blocos temáticos remetiam os entrevistados de volta às temáticas relevantes e selecionadas como objetivos específicos de nossa pesquisa.

Somamos á entrevista centrada, uma entrevista introdutória de história de vida, que buscou, na vivencia direta desses jovens estudantes, a relação, mediada ou não pela família e pela escola, com o *mundo do trabalho* e as escolhas profissionais que fizeram. Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), o uso da entrevista na história de vida tem por objetivo conhecer a trajetória de vida dos sujeitos entrevistados, relacionando determinados fatos com situações do presente vivido pelos mesmos, a fim de compreender aspectos específicos da relação destes com o tema da investigação, que em nosso caso é o trabalho, seja em sua dimensão ontocriativa, seja na forma histórica assumida pelo mesmo no sistema capitalista, o emprego.

Também foi necessário considerar que o entrevistado apresenta ao entrevistador informações de caráter bastante subjetivo, seja por motivos ulteriores, ao pensar que determinadas respostas sejam mais “adequadas” que outras, idealizando a

¹⁷ Ver anexo 4.

imagem construída que busca passar ou afirmar para o pesquisador; seja por questões de falta de espontaneidade, timidez ou do desejo de agradar (HAGUETTE, 2000). O próprio ato de contar sua vida possibilita ao sujeito social reconstruir o que foi vivido, re-significa-lo e mudar a relação que tem com sua própria história, potencializando fatos e omitindo outros, a partir de seu momento presente.

“Temos de reconhecer que estamos recebendo meramente o retrato que o informante tem de seu mundo, cabendo a nós, pesquisadores, avaliar o grau de correspondência de suas afirmações com a ‘realidade objetiva’, ou factual”. (HAGUETTE, 2000, p. 88).

Essa construção na qual o sujeito se afirma e reafirma sua identidade social, impondo a si e aos outros uma auto-identidade e assumindo uma posição no mundo, articula o mundo exterior, as experiências vividas, as condições materiais de existência às aspirações, sonhos e projetos de vida que este sujeito constrói para si. Portador de desejos, movido por necessidades materiais e imateriais, este sujeito se produz e é produzido nas relações sociais em que se insere. Enquanto ser singular, interpreta o mundo e lhe confere sentido, enquanto (re)afirma a posição que ocupa neste mesmo mundo. Nas relações sociais cotidianas, o jovem reflete e faz escolhas a partir de uma imagem idealizada que tem de si mesmo. Esse ser singular, que se relaciona por alteridade com outros seres singulares, se constrói e é construído de forma dinâmica e social, a partir das especificidades objetivas e subjetivas da vida em sociedade. Assim, a afirmação feita por Dayrell (2003, p. 43) de que “o ser humano não é um dado, mas uma construção” deve estar sempre em primeiro plano quando buscamos apreender o ser social do homem, principalmente quando o mesmo se configura como informante de sua realidade.

1.6.3 O lugar da subjetividade humana na obra de Karl Marx.

Todas estas questões que permeiam as pesquisas que tem como informante principal os próprios sujeitos/objetos da investigação, levaram a pesquisadora a refletir sobre o lugar da subjetividade humana na concepção de homem, mundo e sociedade que embasou a definição do tema e o recorte desta pesquisa. Após diversas conversas com a orientação e outros pesquisadores da área, que questionavam a possibilidade de articular elementos da subjetividade humana á

perspectiva do materialismo histórico dialético, como proposto por Marx, foi através de um achado bibliográfico que a pesquisadora fortaleceu seus pressupostos teóricos de partida, e entrou definitivamente no debate acerca do lugar do homem no materialismo marxista. As respostas para os questionamentos realizados, estavam na pesquisa de mestrado em Educação, intitulada “Elementos para uma teoria da subjetividade em Marx”, defendida em 1994, na Universidade Federal Fluminense, por Aristóteles de Paula Berino, e orientada por Gaudêncio Frigotto.

Em sua pesquisa, Berino (2005) aponta para a existência, na obra de Marx, de elementos que indicam uma visão de homem e de subjetividade humana articulada às determinações econômicas e do mundo material, na formação da consciência humana. Entretanto, para este autor, a questão da subjetividade em Marx não se restringe aos conceitos de base e superestrutura, muito menos ao conceito de ideologia. Marx desenvolveu este tema através de conceitos associados, como é o caso dos conceitos de atividade consciente, trabalho alienado, cooperação, modo de produção e divisão do trabalho (CORRÊA e TEIXEIRA, 2000). Vale ressaltar que Marx também trata da subjetividade pela ótica da ‘inversão’, quando aborda em suas análises os conceitos de alienação, ideologia e fetiche da mercadoria. Nesse processo de ‘inversão’ da realidade, a subjetividade humana se constituiria por meio de uma dinâmica que articula passividade e atividade simultaneamente. O homem é ativo na relação social que estabelece, sendo sujeito de sua história; e sua “consciência é forjada nas relações sociais que os homens tecem entre si.” (BERINO *apud* CORRÊA e TEIXEIRA, 2000, p.3).

Esses processos e mecanismos de subjetivação tanto podem conformar o sujeito às condições existentes, quanto criar possibilidades de resistência e de autonomia do ser social em relação ao mundo que vivencia. Dessa forma compreendido, o processo de formação da subjetividade do ser social responderia á maneira como este indivíduo se insere no mundo sensível, que lhe é externo, conferindo à subjetividade humana o caráter de construção social, definida historicamente e pelas condições materiais, mas também, incorporando e interiorizando aos processos de subjetivação, as “rupturas, resistências e fissuras que perpassam a existência humana” (CORRÊA e TEIXEIRA, 2000, p.6).

Outro autor que nos ajuda a refletir sobre essa relação entre subjetividade humana e o materialismo histórico como definido por Marx, é Mauro Iasi (2007), em seu

livro “Ensaio sobre consciência e emancipação”, no qual aborda a teoria sociológica do processo de formação da consciência humana. Assim, o processo de apreensão da realidade seria um processo de captação do concreto aparente, limitado em uma parte do todo, generalizado e interiorizado pelo sujeito como verdade. Essa representação mental do todo por partes é constituída na espacialidade imediata na qual o indivíduo vive e se insere socialmente. Mas o que “fica interiorizado não são as relações em si, mas seus valores, normas, padrões de conduta e concepções.” (IASI, 2007, p. 18).

Tomamos nesta reflexão os elementos-chaves para compreender o funcionamento e articulação entre a realidade material e a subjetividade humana na constituição da sociedade capitalista contemporânea. A ideologia, conforme proposta pelo pensamento marxiano, é um dos aspectos da consciência, e elemento determinante nas sociedades de classes, por isso merece uma reflexão aprofundada. Iasi (2007) alerta para o fato de que Marx não utiliza o termo ideologia (*ideologie*), e sim consciência (*bewusstsein*) social, isso porque ele tem uma concepção de ideologia negativa, ou seja, da ideologia como um instrumento de classe que atende á interesses de dominação por meio de relações sociais convertidas em idéias, que se apresentam como gerais ou universais a toda sociedade, mas que invertem, naturalizam e velam as relações sociais reais, legitimando e reproduzindo a ordem social capitalista estabelecida (IASI, 2007, p.94).

“As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante, portanto, as idéias de sua dominação.” (MARX, A Ideologia Alemã¹⁸)

Berino (2005) faz outras ressalvas àqueles que buscam compreender a realidade a partir dessa categoria do pensamento de Marx. Após explicitar as principais críticas á obra marxiana, subdividindo-as em três grupos principais¹⁹, aponta para a

¹⁸ Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe>

¹⁹ Três principais grupos críticos ao tratamento dado por Marx á subjetividade: (1) as críticas marxistas que vêm na obra deste pensador uma determinação mecanicista entre base e superestrutura, e as concepções de consciência e ideologia derivadas dessa relação mecanicista e de determinismo econômico, realizadas por autores que seguem a linha proposta por Leandro Konder, Mauricie Godelier e Jorge Larrain; (2) as “críticas vulgares do marxismo vulgar”, realizadas por autores que seguem a linha proposta por Bárbara Freitag, para a qual o marxismo sofreria de

necessidade de se compreender o pensamento deste autor em sua totalidade, não em fragmentos pontuais, que seriam os textos quando considerados individualmente. Marx utiliza algumas metáforas para construir a idéia que tem sobre determinadas relações dos homens com a materialidade do mundo real. No “Prefácio para a Crítica da Economia Política”, a metáfora arquitetônica que define as idéias, as formas jurídicas, políticas e a consciência como uma superestrutura que é construída a partir de uma base real, a estrutura econômica da sociedade, Marx busca advertir seus leitores sobre as situações da história humana nas quais o processo de subjetivação e de consciência é delimitado pela experiência social.

“É a partir da consciência adquirida sobre as circunstâncias em que a vida é produzida que os homens tomam para si seu destino como liberdade e ação transformadora.” (BERINO, 2005, p. 45)

Entretanto, é no texto sobre “O 18 Brumário de Louis Bonaparte” que o tema da subjetividade humana toma corpo e assume sua maior complexidade, pois Marx elabora os conceitos de base e superestrutura, imprimindo a expressão superestrutura um sentido de “visão de mundo” (BERINO, 2005). A imagem de superestrutura proposta neste texto, por Marx, não pode ser compreendida como um modelo esquemático, pois, é a partir de representações do complexo do real vivido que os indivíduos expressam a consciência que tem da vida, do mundo e de sua existência.

“A Ideologia Alemã” é o texto de Marx que mais traz elementos ao debate acerca do lugar da subjetividade humana para o pensamento desse autor. Escrita entre os anos de 1845 e 1846, só foi trazida a público integralmente em 1932, configurando-se como a melhor fonte do pensamento marxiano a respeito do lugar da subjetividade humana na produção e reprodução social. Anterior aos textos já citados²⁰ (textos estes muito criticados pelos opositores da obra marxiana), “A Ideologia Alemã”, desenvolve um diálogo das idéias materialistas defendidas por

uma crise enunciada pelo próprio Marx ao instituir a tese monocausal da determinação do econômico sobre as outras dimensões da vida humana; e (3) as críticas realizadas por autores que seguem a linha de pensadores como Michel Foucault, Felix Guatari e os autores da História das Mentalidades e da Escola dos Annales, que vêem na obra marxiana uma imprecisão no uso dos conceitos, principalmente os de ideologia, de determinação do econômico em última instância e de infra e superestrutura.

²⁰ O 18 Brumário de Louis Bonaparte, manuscrito de 1852. O Prefácio para a Crítica da Economia Política, manuscrito de 1859.

Marx em oposição ao idealismo hegeliano. O importante aqui é perceber que Marx já havia desenvolvido, de forma elaborada e complexa, os conceitos de Ideologia, consciência, inversão e reificação, quando os utilizou, de forma superficial e de maneira didática, em textos posteriores à “Ideologia”. Muito embora ele tivesse em seu pensamento – tomado como um todo – os conceitos desenvolvidos em “A Ideologia Alemã”, Marx não os explicita nos textos seguintes, principalmente naqueles em que busca um diálogo em oposição à concepção de Economia Política vigente em sua época (BERINO, 2005).

Inicialmente Marx afirma que não é possível uma autonomização da consciência das condições reais de existência desses mesmos homens, posto que a premissa da história humana esteja na própria existência material dos indivíduos. Assim, a consciência que os homens têm de si e do mundo são constituídas a partir de sua experiência física e das condições de produção da vida material (BERINO, 2005).

“Os homens são os produtores das suas representações, idéias, etc., mas os homens reais, os homens que realizam tal como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do intercâmbio a estas corresponde até às suas formações mais avançadas. A consciência, nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o *ser* dos homens é o seu processo real de vida.” (MARX, A Ideologia Alemã)²¹

Colocado dessa forma, podemos perceber que para Marx o homem não *é*, ele *se torna*, a partir da trama de relações sociais e de produção que vivencia. Mas, se a consciência é produzida, processualmente, a partir das relações concretas desses seres sociais, entre eles e com a natureza, interiorizando relações sociais e construindo uma representação delas, como poderia o homem pensar e representar o mundo de forma distinta das condições reais de vida que ele possui? A questão se torna complexa, mas podemos encontrar facilmente a resposta na obra de Marx. Essa inversão da realidade encontra na primeira forma de consciência – desenvolvida durante a infância, sem reflexões críticas, por meio da interiorização de um conjunto de valores tomados, desde sempre, como verdadeiros e naturais – uma base fértil para seu desenvolvimento. Isso é fácil de verificar por meio dos valores e noções ideologizadas que já estão presentes na concepção de mundo de uma criança. São modelos sociais interiorizados,

²¹ Versão eletrônica disponível em http://ateus.net/ebooks/geral/marx_a_ideologia_alema.pdf

construídos por meio de suas relações imediatas e mediadas pela família, que preparam esta criança para aceitar visões de mundo diferenciadas de sua vida real. A partir de sua inserção no mercado de trabalho, ou nas relações escolares de mediação do homem com a atividade produtiva, o ser social em formação se auto-aliena, num processo dialético de humanização e desumanização por meio do trabalho.

“Vivendo relações em que ele próprio se *coisifica*, onde o produto de seu trabalho lhe é algo estranho e que não lhe pertence, a natureza se distancia e se fetichiza.” (IASI, 2007, p. 21).

A partir de relações nas quais as experiências são mediatizadas pelos valores e juízos interiorizados e assumidos pelo indivíduo como seus, a percepção de sua vivência particular e da realidade é apreendida de maneira deformada. Diferente do fenômeno descrito como ideologia, que tem caráter objetivo e se processa de fora pra dentro, a alienação tem caráter subjetivo, e se manifesta de dentro pra fora do indivíduo social. A alienação ocorre não porque o homem “se desvincula da realidade, mas pelo fato de naturalizá-la.” (IASI, 2007, p. 25).

Este homem cresce alienado, da natureza, de si mesmo, de seu trabalho e da sua espécie. Assim, o fenômeno de alienação se caracteriza por idéias falsas que o homem desenvolve sobre si mesmo, enquanto o fenômeno ideológico reflete a ação, deliberada, de agentes sociais, na (de)formação de determinadas representações mentais dos indivíduos sobre o mundo, o homem, a história e a sociedade. Como afirma Otávio Ianni, é por meio das relações de produção, determinadas pela organização do processo de trabalho em sua forma histórica, que os homens produzem determinadas consciências sobre o mundo real, entretanto, “a consciência pode imaginar que é algo diferente da consciência da *práxis* existente” (IANNI, 1984²²), fenômeno descrito por Karl Marx como ‘alienação’ ou reificação, e que vamos abordar a partir.

Já na Introdução de sua obra clássica, “A Ideologia Alemã”, Marx anuncia,

“Até agora, os homens formaram sempre idéias falsas sobre si mesmo, sobre aquilo que são ou deveriam ser. Estes produtos do seu cérebro acabaram por os dominar; apesar de criadores, inclinaram-se perante as

²² Marx e a Cultura. Artigo publicado no “Caderno Folhetim” da Folha de São Paulo, de 21 de outubro de 1984.

suas próprias criações” (MARX, A Ideologia Alemã – Introdução)²³.

Com isso, Marx busca denunciar o fato de que em toda a ideologia os homens e suas relações surgem invertidos. Dessa forma, a consciência dos indivíduos acerca de suas reais condições de vida é imaginária, interiorizadas para estes homens como uma realidade invertida, “uma consequência do seu modo de atividade material limitado e das relações sociais deficientes que dele resultam”²⁴. Esse seria o processo de auto-alienação a qual o homem estaria submetido desde o início da história das sociedades de classe. Por meio dessa inversão, que vela as condições reais de existência através de idéias que justificam as relações de dominação e exploração das sociedades capitalistas, é que se forma o senso comum, os valores e as visões de mundo dos sujeitos sociais. Essa confusão criada entre ser social, condições materiais de existência e consciência, na qual esta última toma para si a capacidade de se emancipar do concreto vivido, seria resultado acentuado do estágio de desenvolvimento das forças produtivas caracterizado pela divisão do trabalho. Nesse caso “a consciência pode supor-se algo mais do que a consciência da prática existente, que representa de fato qualquer coisa sem representar algo de real.”(MARX, A Ideologia Alemã)²⁵.

Muito embora, “o termo ideologia é compreendido aqui como um conjunto sistemático de idéias sobre a organização sócio-política e econômica da sociedade” (CASIMIRO, 2006, p.3), configurando uma superestrutura que reproduz as formas de dominação e subordinação de uma classe a outra (IASI, 2007). A mesma ideologia não pode ser compreendida somente como um conjunto de idéias introduzidas na mente dos indivíduos, por produzir um reducionismo da ação e poder da classe dominante na sociedade capitalista de classes. Mais que um conjunto de idéias, o que se universaliza é uma visão de mundo específica da classe exploradora e as “justificativas ideológicas a respeito das relações sociais de produção que garantem sua dominação econômica.” (IASI, 2007, p. 20) Essa mesma categoria é retomada pelo pensamento social de Antonio Gramsci, na forma de oposição entre uma ideologia capitalista e uma consciência proletária,

²³ Karl MARX, A Ideologia Alemã. Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/>

²⁴ Versão eletrônica disponível em http://ateus.net/ebooks/geral/marx_a_ideologia_alema.pdf

²⁵ Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/>

sendo que ambas estariam vinculadas às estruturas de dominação e poder presentes na sociedade capitalista (IASI, 2007, p. 82).

O mais importante é compreender que as categorias marxistas não podem ser tratadas separadamente, mas só conjuntamente à concepção de sociedade e homem proposto pela filosofia marxiana. Dessa forma, podemos afirmar

“que o conceito de ideologia em Marx é inseparável dos seguintes elementos: relação de dominação, inversão e velamento da realidade e apresentação de idéias particulares como sendo universais.” (IASI, 2007, p. 81).

Com esta breve explanação sobre os conceitos de consciência e ideologia em Marx, buscamos esclarecer o caminho trilhado pela pesquisadora na construção do recorte metodológico e do embasamento epistemológico desta pesquisa. Compreendemos que, qualquer crítica a Marx não pode – e não deve – partir de uma leitura equivocada da obra marxiana²⁶, na qual o primado do econômico definiria *a priori* toda a vida social humana.

“O pensamento epistemológico de Marx não considerou a subjetividade um componente derivado dos processos de constituição humana, mas parte inseparável desta realização.” (BERINO, 2005, p. 104)

O sujeito viveria, assim, uma contradição permanente, entre sua consciência inicial, formada pela interiorização dos valores e representações estabelecidas pelas relações que vivenciou em sua infância, principalmente nas relações familiares, e nas relações de produção, vivenciadas em sua vida adulta, com sua condição real de existência que não corresponde aos valores interiorizados pela consciência social e juízos que tem sobre o mundo. Esse conflito subjetivo levaria o ser social a duas ocorrências: a alienação ou a revolta. No segundo caso, no estado de revolta subjetiva, o ser social poderia caminhar na direção do desenvolvimento de uma outra forma de consciência: a consciência para si. Entretanto, o processo de consciência não é linear, ou seja, não necessariamente a consciência de si evolui para uma forma de consciência em si. O mesmo pode se dizer do movimento de autonomia do ser humano na direção da formação de uma consciência

²⁶ Como a que foi feita, durante muito tempo, com intuito de justificação política de regimes totalitários ou com objetivos de críticas “vulgares” que buscavam o desmerecimento da obra de Marx e das críticas sociais por ele produzidas.

revolucionária, ou consciência para si. Assim, muitos indivíduos negam, na forma de alienação, a realidade social que vivenciam (IASI, 2007). Diante deste exposto, afirmamos que, o conceito de subjetividade e os processos de subjetivação, na obra de Marx, são de grande importância para a compreensão do todo dialético. Pois, parte da discussão acerca do conceito de consciência, a forma como o ser humano percebe, interpreta e interioriza a realidade em que vive, distanciando-se da definição de subjetividade como uma expressão da natureza humana (CORRÊA e TEIXEIRA, 2000).

1.6.4 Materialismo histórico dialético e a pesquisa qualitativa: articulando métodos distintos na análise dos dados coletados.

A análise levou em conta o universo cultural desses sujeitos, suas territorialidades, seus rituais, suas linguagens e códigos, mas principalmente sua relação, mediada ou não pela família, com o *mundo do trabalho*, na constituição de sua consciência social, seu modo de *ser* e viver em sociedade. Muito embora seja a subjetividade humana o objeto de observação sobre o qual esta pesquisa se debruça, o materialismo histórico dialético esteve presente durante todo o percurso como expressão filosófica, política e epistemológica na qual a pesquisadora constrói sua visão de homem e de sociedade. Assim, o tratamento dado aos dados coletados seguiu os pressupostos do materialismo histórico, enquanto método, e utilizou os instrumentos da lógica dialética, como as categorias de *contradição*, *totalidade*, *mediação*, *reprodução*, *hegemonia*, como sugerido por Cury (1989).

Para compreender o caminho metodológico assumido pela pesquisadora, é preciso explicitar os conceitos principais de tal método. Chamado de materialista porque “parte da realidade material do objeto”, e histórico porque considera “o movimento histórico onde o objeto está inserido sincrônica e diacronicamente”, é também denominado dialético, por fazer referência ao “pressuposto de que nem a natureza nem a sociedade são fixas ou paradas” e estão em movimento contraditório entre “o todo e a parte, o particular e o universal, a aparência e a essência, o passado e o presente” (CASIMIRO, 2006, p. 2). Este método expressa a forma como Marx compreende a organização da sociedade e a formação social como um todo, considerando o homem em sua ação criadora, seja na construção de si mesmo, seja na transformação do mundo material e objetivo em que vive. Assim, a

concepção dialético-materialista não deve ser considerada apenas como método, mas também como concepção de homem, de mundo e das formas como se dão as relações entre eles (OLIVEIRA, 1993).

Partindo do concreto real para compreender o modo como a sociedade se constitui, a dialética materialista considera a esfera material ou realidade histórica, mas também a esfera do pensamento ou conhecimento humano, exteriorizado no sistema das leis que rege as relações sociais e é subjetivada na realidade interiorizada, refletida em idéias. É a partir do conhecimento a respeito da base material da sociedade articulada às formas de consciência que dela emergem que se pretende explicar os fenômenos estudados, como explicitados por Marx, no Prefácio Para a Crítica da Economia Política (CASIMIRO, 2006). Para isso, é importante retomar os conceitos básicos e as categorias dialéticas utilizadas pelo método materialista-histórico, enquanto teoria geral de base, para a análise da realidade. Assim, Oliveira (1993) afirma que, "a compreensão dialética do real se faz através de categorias", idéias gerais criadas pelo pensamento que refletem propriedades e aspectos universais da realidade e

"enquanto representações do mundo objetivo, transformam-se umas nas outras, tendo sempre por fonte e finalidade o real e a prática humana que lhes dão sentido e conteúdo" (OLIVEIRA, 1993, p. 52).

Dessa forma, a perspectiva ontológica, expressa no método dialético, tem nas categorias da totalidade e contradição uma proposta de superação dos métodos indutivo e dedutivo, pois pressupõe a existência do objeto e das relações, independentes dos processos de abstração e imaginação dos quais originam o saber e o conhecimento científico. O trabalho – enquanto categoria central do método dialético – é compreendido como uma atividade consciente e teleológica, assumindo caráter central na formação do ser social e, portanto, na produção e reprodução da sociedade e da vida humana (GUIMARÃES, 1999). Segundo Cury (1989), essas

"categorias são conceitos básicos, que pretendem refletir os aspectos gerais e essenciais do real, suas conexões e relações. Elas surgem da análise da multiplicidade dos fenômenos e pretendem um alto grau de generalidade." (CURY, 1989, p.21)

As categorias só podem se consubstanciar por meio do real – considerado como determinado em tempo e lugar – e surgem mescladas pelo movimento e dinamicidade que caracterizam essa realidade. Assim, pretendemos constituir tais categorias de análise a partir dos dados coletados na pesquisa empírica, como proposto pela metodologia da *filosofia da práxis*. O objeto da dialética é a *coisa em si*, ou seja, a essência e não a aparência do objeto observado. A existência da *coisa em si* é percebida na *práxis* cotidiana através de representações mentais (abstrações da realidade) e muitas vezes, essa “percepção do imediato está desvinculada do processo real que determina sua produção” (CURY, 1989, p. 24). Essa percepção, subjetivada na forma de consciência social dá significação ao ser do homem, distanciando-o dos outros animais. Essa realidade (re)significada pelo ser social é parte de sua consciência e esta mesma realidade é incorporada ao ser do homem social por meio das representações mentais que este tem do mundo em que vive (BARRA, 2007). Dessa forma, a representação, que resulta do pensamento operado no real e apreendido pelo sujeito histórico, possui uma perspectiva de ordenamento que dá sentido ao real e significado á atuação humana. Pois, “a consciência humana faz parte da etapa mais desenvolvida do homem e ela é que permite compreender, explicar e inventar a história.” (BARRA, 2007, p.3).

Sabemos, portanto, que a utilização desse método de análise social parte da compreensão dos pressupostos básicos sobre o qual ele se ergue. Entre as premissas epistemológicas-filosóficas desse método, a principal delas diz respeito ao fato de que o homem se humaniza pelo trabalho, atendendo a suas necessidades básicas e dando origem á novas necessidades, estas sócio-culturais. Entre estas necessidades sócio-culturais destacam-se aquelas relativas às fantasias e desejos, que estão condicionados ao tempo histórico e as individualidades presentes nos sujeitos, e que chamamos de necessidades derivadas.

Esse processo de humanização se dá por meio da vida em sociedade e das relações sociais, que na sociedade capitalista assumem a forma de relações de classe. Estas classes sociais se constituem em grupos antagônicos, sendo que, a classe dominante/exploradora é aquela classe que domina o dinheiro, as riquezas ou o capital. Essa classe exploradora domina também o Estado, a política, a

justiça, os meios de comunicação e a educação. Sendo assim, a educação é feita pela classe exploradora, e, portanto, atende as necessidades e demandas desta classe, mesmo quando destinada à classe dominada. Os donos do poder, ou seja, as burguesias, veiculam ideologias a fim de garantir e perpetuar os privilégios que os mantém como classe burguesa/dominante (CASIMIRO, 2006). São idéias que difundidas como normais, justificam as relações de dominação e desigualdade presentes no sistema capitalista. Essas ideologias funcionam no modelo de ‘inversão’ ou reificação, como apresentado anteriormente e, de acordo com o pensamento de Marx, “... é-nos necessário analisar em pormenor a história dos homens, pois, com efeito, quase toda ideologia se reduz a uma falsa concepção dessa história, puro e simples abstrair dela.” (MARX, A Ideologia Alemã)²⁷

Posto estas considerações, o método dialético tem em sua concreção a compreensão do objeto/sujeito em um momento específico do processo histórico. Para Guimarães (1999), apreender o objeto concreto é apreender o conjunto de relações que o determina, suas contradições essenciais e suas tendências de desenvolvimento, afinal, “é na tensão entre elementos contraditórios que o ser social se reproduz e se transforma” (GUIMARÃES, 1999, p. 136).

Partindo do todo caótico que está oculto no movimento da realidade, os dados da experiência imediata, consubstanciados em representações mentais, são cristalizados na forma de valores e visões de mundo. Assim, foram estas representações mentais o dado da realidade que se buscou coletar com a entrevista realizada com os jovens estudantes. O passo seguinte diz respeito a organização desses dados da realidade e a abstração e consolidação dos mesmo em forma de conhecimento sistematizado, na busca de determinações e tendências do concreto.

Quando se questiona a relação entre consciência e realidade, o mundo das representações e do pensamento não surge como algo imediato, mas sim como algo mediado, como formas reificadas do mundo objetivo, fenômenos derivados e produtos da práxis social do homem em sociedade, assim como afirma Marx em uma celebre passagem de sua obra O Capital:

²⁷ Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/>

“O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” (MARX, O Capital)²⁸

As formas ou produtos da consciência podem servir de ponto de partida, mas o que interessa ao investigador social é desvelar o fenômeno externo pelo qual tais representações mentais são formadas. Assim, a proposta do método materialista dialético é confrontar fatos com fatos, sendo as idéias somente meios, através dos quais o investigador busca perquirir seu objeto/sujeito a respeito da realidade concreta que ele vivencia e as formas como essa realidade é apreendida e conforma o ser social. Nesse caso, sabemos que as idéias são o concreto pensado, mas não a realidade em si.

Por meio da crítica ontológica, cabe ao investigador social, partindo do objeto/sujeito ou da realidade observável (a aparência) em direção de uma compreensão de seus elementos determinantes e fundantes (a essência) do ser social do homem contemporâneo. Essas abstrações devem revelar determinantes comuns, que funcionariam, na sociedade capitalista, como base material sobre a qual se desenvolvem as representações mentais e os modos de ser e estar no mundo. São estas abstrações o “resultado da investigação e a matéria-prima da exposição” a ser realizada no relatório final consubstanciado (GUIMARÃES, 1999, p. 139). Dessa forma, este trabalho de exposição da investigação realizada apresenta-se como uma trama complexa de “determinações comuns, alteridades e diferenças que constituem o concreto pensado” (GUIMARÃES, 1999, p. 140) com a finalidade de captar a lógica por trás do objeto investigado.

²⁸ Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital>

CAPÍTULO II

2.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA NA LITERATURA ACADÊMICA.

Constituída a pergunta-problema, passamos a etapa de levantamento das pesquisas diretamente relacionadas com o tema em questão, a saber: juventude, educação e trabalho. Essas teses e dissertações se constituíam num universo muito amplo, posto que os termos utilizados na busca²⁹ diziam respeito às diversas temáticas relacionadas à relação homem/trabalho/educação. Posteriormente reorganizados por assunto, produzimos uma nova seleção pela qual se descartou àquelas pesquisas que diziam respeito às questões de formação de educadores; da adolescência considerada em seu aspecto psicológico; com egressos do ensino médio; com estudantes de ensino superior; sobre sexualidade e consumo; de avaliação de políticas públicas; sobre trabalhadores de outros segmentos populacionais; questões didáticas e pedagógicas consideradas em seu sentido metodológico, entre outras. Mantivemos no bojo desta investigação somente àquelas pesquisas que estavam diretamente implicadas com as questões propostas por esta investigação, qual seja: do trabalho/inserção, da educação/formação profissional das *juventudes*. Por tal critério, selecionamos 74 pesquisas sendo que, 43 delas tiveram como objeto de estudo central os jovens e sua interpretação do mundo. Destas, destacamos 31 estudos, de diversas universidades brasileiras e uma universidade de Portugal³⁰, que tratam especificamente de nosso objeto: a relação entre os jovens e o mundo do trabalho. Essa seleção de resumos é a base da revisão bibliográfica feita que deu corpo a investigação que desenvolvemos posteriormente. Estes estudos selecionados foram realizados entre os anos de 1999 e 2007, abarcando diversas áreas do

²⁹ Termos utilizados na pesquisa inicial de teses e dissertações produzidas sobre o tema em questão: jovens e juventudes; trabalhadores; educação e formação profissional; qualificação e competência; políticas educacionais; representações, valores, sentidos e significados; formas de ser e percursos identitários; trajetórias de vida, trajetórias escolares e profissionais; mercado de trabalho e reestruturação produtiva; relações de trabalho, de gênero e geração.

³⁰ UTFPR, UNICAMP, USP, UNIRIO, UFMG, UFRGS, UFRJ, UFBA, UFCE, UERJ, UECE, UNB, PUC-MG, PUC-SP, PUCCamp, UCG, Universidade Metodista de São Paulo e Universidade Lusófona.

conhecimento, com predominância dos estudos na área de Educação (20 resumos) e Sociologia & Ciências Sociais (6 resumos).

Todas estas pesquisas têm o jovem como objeto/sujeito principal da investigação sendo que oito delas dizem respeito especificamente à relação entre juventudes e mercado de trabalho³¹; três à articulação entre trabalho e educação³², duas dizem respeito aos projetos de vida³³, e outras duas às expectativas³⁴ dessas juventudes que buscávamos conhecer. Encontramos também duas pesquisas sobre jovens trabalhadores³⁵ e outras duas sobre processos identitários³⁶. As outras pesquisas selecionadas possuem temas ainda mais variados, sendo que o papel da educação profissional e da escolarização, a política de qualificação e o significado do trabalho são temas que merecem destaque. Também tem relevância neste arrazoado das

³¹ Dirce Spedo RODRIGUES. **O ensino médio como fator de empregabilidade entre jovens das camadas populares, por meio de depoimentos pessoais**. Mestrado em Educação, USP, 2001; Eliane Nascimento de AGUIAR. **A inserção dos jovens no mercado de trabalho** (enfoque sobre os valores e princípios morais que regem essa inserção pesquisando os valores dos alunos do ensino médio do Colégio Pedro II - unidade de São Cristóvão III - RJ). Mestrado em Educação, UERJ, 2002; Giordanni Rodolfo Gomes de SOUZA. **A inserção profissional de jovens aprendizes do SENAI/Santa Luzia/MG**. Mestrado em Educação, UFMG, 2003; Sonia Maria PIRES. **O jovem, o Ensino Médio e as expectativas com relação ao mercado de trabalho: um estudo de caso**. Mestrado em Educação, Univ. Metodista de São Paulo, 2005; ; Luciana Campos de OLIVEIRA. **Estratégias de sobrevivência de jovens-estudantes vinculados ao programa agente jovem**. Mestrado em Educação, Univ. Católica de Goiás, 2005; Roberto FERRAZ. **Ensino Médio e Preparação da Juventude para o Mercado de Trabalho: Contradições**. Mestrado em Educação, PUC-SP, 2006; Luciana Matias CAVALCANTE. **Economia dos setores populares: juventude e educação para o trabalho**. Doutorado em Educação, UFCE, 2006; Maria Meirelene Lopes LEMOS. **Juventude, pobreza e trabalho: desafios para o mundo contemporâneo**, Mestrado em Políticas Públicas, UECE, 2006.

³² Deise de Souza DIAS. **Jovem aluno trabalhador do ensino médio: a articulação entre trabalho e educação**. Mestrado em Educação, UFMG, 2000; Dirce Maria Falcone GARCIA. **Juventude em tempo de incertezas: enfrentando desafios na educação e no trabalho**. Doutorado em Educação, UNICAMP, 2002; Felipe WATARAI. **Trabalhadores adolescentes do sexo masculino: família, trabalho, escola, violência**. Mestrado em Psicologia, USP, 2006.

³³ Therezinha de Jesus Conde PINTO. **Jovem, trabalho e profissão: projetos de vida em questão**. Mestrado em Educação, UERJ, 2004; Ivan FARIA. **Projetos de vida e juventude: um diálogo entre a escola, o trabalho e o "mundo"** : (uma experiência de etnopesquisa no Vale do Iguape). Mestrado em Educação, UFBA, 2006.

³⁴ Manoel Nelito Matheus NASCIMENTO. **Expectativas educacionais e ocupacionais no contexto do capitalismo contemporâneo: um estudo com alunos do ensino médio público**. Mestrado em Educação, PUC Campinas, 2002; Janaína de Azevedo CORENZA. **Expectativas: o que os jovens desejam para o futuro próximo?** Mestrado em Educação, UNIRIO, 2006.

³⁵ Maria Carla CORROCHANO. **Jovens Olhares Sobre o Trabalho: um estudo de jovens operários e operárias em São Bernardo do Campo**. Mestrado em Educação, USP, 2001; Cristiane Aparecida Fernandes da SILVA. **Trabalho e Quimeras: dilema vivido pelo jovem operário**. Mestrado em Sociologia, USP, 2002.

³⁶ Tania Regina RAITZ. **Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina**. Doutorado em Educação, UFRGS, 2003; Melissa de Mattos PIMENTA. **Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias**. Doutorado em Sociologia, USP, 2007.

investigações já realizadas sobre o tema em questão, o fato de que, somente 13 teses e dissertações estavam disponíveis, em meio digital, para estudo na íntegra.

Outro dado relevante que este levantamento dos estudos realizados nas universidades e centros de pesquisa e investigação acerca da temática *Educação e Mundo do Trabalho* diz respeito ao período de produção dessas investigações, posto que todas abordam as juventudes dos anos 2000. Verificamos que a temática da juventude vem se configurando como um tema de relevância no meio acadêmico, principalmente nos últimos três anos. Assim, dentre os estudos selecionados, mais da metade são recentes, defendidos entre 2004 e 2007. Todavia, este tema ainda se apresenta como um campo bastante novo para as investigações sociais e educacionais, enfrentando

“inúmeros desafios para encontrar instrumentos de análise e caminhos de reflexão, que dêem conta de compreender os jovens e suas experiências para além de classificações e estereótipos sedimentados na sociedade” (OLIVEIRA, 2005, p. 109).

Devido a isso foi verificado, entre as 31 pesquisas selecionadas, o uso de diversos e distintos referenciais teóricos, que tem, em seus escopos teóricos desde a fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, às análises gramscinianas que consideram o trabalho como princípio educativo, passando pela proposta ergológica da Escola Francesa e do estudo do *uso-de-si*, e pela *Ação Comunicativa* como caracterizada por Habermas. Também os conceitos de *Habitus* e *Estilos de Vida*, como definidos por Pierre Bourdieu, tem relevância entre as pesquisas em questão, posto que nos estudos realizados por Garcia (2002), Maciel (2005) e Oliveira (2005) estes conceitos articulam o corpo teórico da investigação. Também é importante destacar dois estudos que tem por base a Sociologia do francês Bernard Lahire, que investigou os casos de sucesso escolar entre jovens das classes populares na Europa. É o caso da dissertação de Adriana da Silva Alves Pereira, defendida em 2005, na PUC-MG; e da tese de doutorado de Melissa de Mattos Pimenta, defendida em 2007, na USP. Já quanto a categoria *juventude*, há uma certa homogeneidade nos referenciais teóricos utilizados, assim, encontramos com referências aos autores José Machado Pais, François Dubet, Yves Clot, Heloisa Martins e Marília Sposito,

Quanto aos objetivos, a maioria dos estudos selecionada investiga a relação que

os jovens desenvolvem com a escolarização e a formação para o trabalho, assim como a relação entre essa escolarização/qualificação e sua inserção profissional. Um bom exemplo é a dissertação de Elza Soares Rosa, defendida em 2003, na qual a pesquisadora investigou a perspectiva profissional de jovens com idade entre 16 e 24 anos, concluintes do ensino médio em escolas públicas de São Paulo, afim de “conhecer a percepção do trabalho e da escola, e a visão de mundo que orienta suas tentativas de inserção no mercado de trabalho”. Ou ainda a pesquisa de Deise de Souza Dias, em 2000, sobre “a articulação que os jovens alunos trabalhadores estabelecem entre trabalho e educação”, ou de Roberto Ferraz, que em 2006, investigou as “relações que os alunos concluintes de ensino médio desenvolvem com a escolarização, tendo em vista a preparação para o mundo do trabalho”.

Já a pesquisa realizada por Letícia Maria Machado para sua dissertação de mestrado, em 2002, teve como objetivo principal, compreender as estratégias de inserção ocupacional dos jovens que estudam em escolas da rede pública de ensino médio do município de Sabará, articulando “as atividades ocupacionais dos jovens com a política de qualificação profissional que é executada no nível local”. Maria Cristina Poli (1999), na pesquisa que originou sua dissertação de mestrado, teve como foco da investigação as expectativas dos jovens quanto à sua formação e profissionalização, entretanto optou por realizar uma análise baseada na herança cultural deixada pelo processo de colonização do Brasil, que estigmatizou o trabalho e algumas profissões manuais. E, assim como os pesquisadores já citados, Giordanni Rodolfo Gomes de Souza (2003), investigou, em nível de mestrado, “a forma como jovens egressos do SENAI situa-se e estão situados em relação ao mercado de trabalho, suas dificuldades de inserção e suas perspectivas profissionais”, e Daniela Fernanda Ferreira da Silva (2005), do programa de mestrado da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, que teve como objetivo principal em sua dissertação de mestrado conhecer a relação entre a educação e a inserção profissional de jovens estudantes, neste caso da modalidade EJA, no município de Pinhais, no Paraná.

Consideramos que, os termos e os conceitos escolhidos para nortear os estudos dizem muito sobre a abordagem teórica escolhida, e podem levar a diferentes resultados e considerações. Assim, temos entre os objetivos das pesquisas

selecionadas conhecer, buscar, verificar, apreender, as motivações, as expectativas, as concepções, os sentidos, os valores, as perspectivas, as percepções, os projetos de vida e de futuro, as vivências, a condição juvenil, as trajetórias, as situações de sucesso, as práticas e representações, os motivos e os condicionalismos, os dilemas e as aspirações subjetivas, sempre com o foco nesse segmento populacional, que aqui designamos juventudes.

Entre as 31 pesquisas selecionadas, quatro fazem referência às percepções dos jovens. São elas: a tese “Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias” de Melissa de Mattos Pimenta (2007), na qual a pesquisadora buscou “identificar as percepções dos sujeitos acerca de suas próprias experiências de transição”; a dissertação de Maria Carla Corrochano, “Jovens Olhares Sobre o Trabalho: um estudo de jovens operários e operárias em São Bernardo do Campo” (2001), que teve por objetivo conhecer as percepções que jovens trabalhadores de uma fábrica tem sobre o trabalho; e também, a dissertação de Maria Meirelene Lopes Lemos, “Juventude, Pobreza e Trabalho: desafios para o Mundo Contemporâneo” (2006), que buscou identificar as “percepções desse segmento sobre a juventude, o que é ser jovem, a condição do jovem pobre e a saga na busca do primeiro emprego”, e, a já citada dissertação, “Formação pré-empresa: escolhas profissionais e visão de mundo dos concluintes do ensino médio na escola pública” de Elza Fátima Rosa (2003), que buscou conhecer “a percepção do trabalho e da escola, e a visão de mundo que orienta as tentativas de inserção do jovem no mercado de trabalho”.

Quanto aos resultados das pesquisas selecionadas, também encontrei muita heterogeneidade, fruto das diferentes correntes teóricas e, também, do uso de diferentes instrumentos para as coletas de dados. Entretanto, ao analisar os resultados e conclusões destes estudos, foi possível identificar temáticas recorrentes. É o caso do papel da família na relação estabelecida pelo jovem entre trabalho e educação, seja por intermédio da transmissão de valores (SILVA, 2002; PIMENTA, 2007); seja por meio de uma alfabetização precoce (PEREIRA, 2005); pelo investimento financeiro na educação dos filhos (GARCIA, 2002) ou ainda como espaço de acolhida, segurança e cuidados (LEMOS, 2006; GASONATO, 2007).

Outros cinco estudos apontaram que, do ponto de vista do jovem entrevistado, a

escola não prepara para a inserção profissional (FERRAZ, 2006; DIAS, 2000; CORENZA, 2006; RODRIGUES, 2001; NASCIMENTO, 2002). Entre estes estudos, destacamos a pesquisa de mestrado de Deise de Souza Dias (2000), que aponta para a demanda dos jovens quanto à sua educação: desejam que sua formação se oriente na direção de formar um “trabalhador dentro do perfil desejado pelo empresariado.” A mobilização pessoal e autodeterminação são destacadas nas considerações finais de duas das pesquisas selecionadas (PEREIRA, 2005; GARCIA, 2002). No caso do estudo realizado por Garcia (2002), com estudantes do período noturno de duas escolas públicas a responsabilização que estes jovens assumem quanto a sua formação profissional aparece na estratégia de realização de cursos extracurriculares (no caso, cursos de computação e telecomunicação). Essa auto-responsabilização dos jovens também surge na análise empreendida por Ferraz (2006), que identifica entre os jovens pesquisados a busca de cursos extracurriculares como estratégia para driblar e “superar as desvantagens que carregam”.

Os significados que o trabalho adquire para os jovens aparece nas considerações de outras cinco pesquisas (SANTOS, 2000; POLI, 1999; CORROCHANO, 2001; WATARAI, 2006; SILVA, 2002). Entre os significados encontrados temos: responsabilidade, autonomia, dignidade, maturidade, necessidade de ser útil, interdependência pessoal, rompimento com a vida infantil, sustento e renda, seja para contribuir no orçamento familiar, seja como condição financeira para a continuidade dos estudos. No caso dos jovens mais escolarizados a realização profissional também surgiu como um dos significados atribuídos ao trabalho (CORROCHANO, 2001). Em três trabalhos o jovem declara que sua identidade está diretamente ligada ao trabalho: seja através da centralidade deste na constituição identitária que se dá por meio do reconhecimento social (SANTOS, 2000); seja pela afirmação da condição de trabalhador para “diferenciar-se de alunos indisciplinados, de pessoas que faziam uso de drogas, ou que supunham ter envolvimento com a criminalidade” (WATARAI, 2006); seja ainda como “categoria cultural simbólica” (SILVA, 2002). O ingresso no ensino superior surge como expectativa (POLI, 1999), como projeto de futuro (GARCIA, 2002) e como caminho a seguir após a conclusão do ensino médio (CORENZA, 2006). A dificuldade de decidir pela profissão a seguir após a conclusão do ensino médio, surge como

resultado em duas pesquisas, tarefa apreendida pelos jovens pesquisados como um desafio (PINTO, 2004; CORENZA, 2006). O ensino profissional surge nas considerações finais de três pesquisas. Vieira (2006), que pesquisou os fatores que levaram os jovens estudantes do curso de Química, da Escola Técnica da UFRGS, a buscar essa modalidade de ensino, concluiu que esses estudantes encontram-se em situações de maior vulnerabilidade social, e para estes jovens “a escola profissional técnica de nível médio é reconhecida tanto como espaço de aprendizagem quanto de rede de relacionamento, facilitadores da inserção profissional”. Madeira (2003), que estudou “os motivos e condicionamentos presentes nas opções dos jovens por esta via de formação” em Portugal, considera que a satisfação com o curso está relacionada ao sucesso obtido, e que os jovens, ao optar pelo ensino profissional, buscam “obter uma qualificação que facilite sua inserção no mercado de trabalho”. Já a pesquisa empreendida por Maciel (2005), com jovens estudantes do CEFET-RJ, aponta, em contraposição com a pesquisa de Vieira (2006), que os estudantes dessa escola são, em sua maioria, jovens das classes médias oriundos de escolas particulares, que alimentam as expectativas de cursarem o ensino superior.

Entre os estudos que abordam especificamente as percepções dos jovens, Pimenta (2007) aponta para o fato de que as referências e os modelos da geração anterior influenciam tanto as expectativas e aspirações sobre a vida adulta, quanto suas percepções sobre o processo de trabalho e sua possibilidade de realização profissional. Entretanto essas percepções acerca de si e da realidade à sua volta se modificam com o tempo e estão sujeitas á questionamentos que reordenam as prioridades e redirecionam os trajetos dos jovens entrevistados (PIMENTA, 2007:450). Na pesquisa de Corrochano (2001) com jovens operários e operárias paulistas, a carreira operária não é considerada como forma de ascensão profissional, embora o vínculo formal de trabalho seja considerado um privilégio. Estes jovens, fortemente atrelados ao presente que vivenciam, não acreditam que possam alcançar suas expectativas quanto a realização profissional, que, diante da crise econômica, assume papel secundário nos seus projetos de vida (CORROCHANO, 2001). Lemos (2006), que tratou das relações estabelecidas entre a condição social e juvenil dos entrevistados, buscando identificar as percepções desse segmento sobre a juventude e as crises do mundo do trabalho

num contexto de busca pelo primeiro emprego. Este autor considera que os jovens estão preocupados com o futuro e a busca pelo trabalho, embora também vivenciem uma “condição de limiaridade entre não-ser mais criança e ainda não-ser totalmente adulto” (LEMOS, 2006).

Outras considerações corroboram o debate teórico já apresentado anteriormente, apontando para o fato de que os jovens estão inseridos numa rede complexa e heterogênea de relações sociais (RAITZ, 2003); que quando inseridos no mercado de trabalho ocupam os trabalhos mais precários e instáveis (MACHADO, 2002) e que a educação ainda aparece em destaque entre as estratégias dos jovens para “fugir da herança social” que a vida lhe impõe (PIRES, 2005; POLI, 1999; GARCIA, 2002, SILVA, 2002). Outros dois estudos apresentaram como demanda dos jovens entrevistados, a vontade de se fazerem ouvidos e terem suas opiniões respeitadas pelo sistema educativo do qual se consideram parte (PIRES, 2005; SILVA, 2000).

Essa revisão da literatura, incluindo as teses e dissertações realizadas, não se constituiu em um mero ritual. Visou verificar o que já foi produzido no meio acadêmico-científico a fim de conhecer as abordagens e as lacunas relacionadas com o tema em questão: juventude, educação e trabalho. Nessa revisão percebemos que embora o tema tenha sido abordado a partir de diferentes referenciais teóricos, ainda se configura em um campo fértil para as investigações sociológicas e educacionais. Buscar-se-á, nesta investigação, verificar o mesmo objeto – os jovens – entretanto o foco estará em suas percepções e na forma como estas percepções da realidade influenciam suas escolhas e suas trajetórias de vida. Diferentemente das pesquisas selecionadas que abordaram as percepções de jovens (PIMENTA, 2007; CORROCHANO, 2001; LEMOS, 2006; ROSA, 2003) abordaremos um segmento juvenil sobre o qual não foi encontrada nenhuma pesquisa: os jovens oriundos das classes capitalistas. Esta análise também propõe a utilização de um referencial teórico distinto daqueles utilizados nas pesquisas revisadas, o materialismo histórico dialético, assim como a consideração de um outro contexto histórico-material, de um mercado de trabalho pós-reestruturação produtiva.

CAPÍTULO III

3.1 O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DO CAPITALISMO GLOBALIZADO: DA REORGANIZAÇÃO CAPITALISTA À EDUCAÇÃO DOS JOVENS TRABALHADORES.

3.1.1. As transformações na produção da vida e a reorganização capitalista.

A literatura de várias áreas das ciências humanas considera que o mundo contemporâneo atravessa período de intensas transformações que atingem e reestruturam as relações sociais e de produção, afetando, por conseguinte, a ação dos sujeitos em sociedade. As últimas três décadas do século XX marcaram o início de uma profunda crise do capital, a partir do esgotamento do modelo de produção *fordista-taylorista*, que originou a crise do trabalho assalariado que vivemos hoje. István Mészáros (2006) postula que esta crise tem caráter estrutural e resulta das contradições do sistema capitalista, que investe no desenvolvimento geral da produção sem associação com a satisfação das necessidades humanas. Essas contradições acirraram-se ao final do século XX e início do século XXI, atingindo tanto aos países periféricos quanto aos países centrais. Para muitos autores (HARVEY, 1992; MÉSZÁROS, 2006; ANTUNES, 2004; ANTUNES, 2006; BERNARDO, 1989; ABREU NETO, 2005), a incapacidade da tecnologia *fordista-taylorista* de promover a acumulação capitalista – com base no aumento da produtividade – em relação dialética com a luta dos trabalhadores, provocou a exigência de inflexão no modo de produção que se consubstanciou em um novo regime de acumulação, o *regime de acumulação flexível*.

Na tentativa de recuperar os patamares de acumulação dos ‘anos de ouro’ do modelo fordista-taylorista de produção, implementou-se um amplo processo de reorganização do sistema capitalista – baseado nos modelos de administração *toyotista* – com o intuito de reestruturar o ciclo produtivo sem alterar os pilares do modo de produção capitalista (ANTUNES, 2004; ABREU NETO, 2005). Para Abreu Neto (2005), o *toyotismo* – ou *regime de acumulação flexível* – agiu como um potencializador da acumulação capitalista, inserindo a exploração dos componentes intelectuais do trabalhador no âmbito da produção, mediado por uma nova gestão da força de trabalho, fazendo crescer o interesse do capital pelo

potencial criativo dos trabalhadores. Assim, além da mobilização da inteligência dos trabalhadores para retomar os níveis anteriores de lucratividade e acumulação do capital, desenvolveram-se novas formas de controle do processo de trabalho (LEITE, 1994). De acordo com Kuenzer (2007), “a acumulação flexível expressa a forma histórica contemporânea de existência do modo de produção capitalista” (KUENZER, 2007, p.11).

Dessa forma, podemos dizer que o capitalismo atual – globalizado – se conformou a partir de um contexto político-econômico internacional distinto do contexto internacional *taylorista-fordista*. A desregulamentação das relações de trabalho veio acompanhada de uma desregulamentação do tempo e do espaço de trabalho, possibilitada pela modernização informacional. O espaço e o tempo, agora virtualizados, permitiriam vivências simultâneas, flexíveis, fluídas e imateriais, que, de acordo com Corrêa (2006), repercutiriam negativamente no cotidiano dos trabalhadores. Para esta autora, essa nova configuração do tempo e do espaço social seria componente importante na reconfiguração do conteúdo, da forma e da cultura do trabalho. Richard Sennett (2002) também avalia que houve um impacto negativo do *capitalismo flexível* para a vivência pessoal e familiar dos trabalhadores. Para este autor, a sociedade no capitalismo flexível encontra-se fragmentada, composta agora por eventos episódicos, não lineares, nos quais a dimensão tempo aparece como *tempo desconjuntado* e a narrativa identitária necessita ser reescrita a cada nova mudança, econômica, social ou pessoal. As novas maneiras de organizar o tempo de trabalho impuseram, ao momento histórico atual, uma ditadura do “curto prazo”, na qual as empresas, agora estruturadas em redes, podem ser facilmente decompostas e redefinidas, fazendo com que a instabilidade ocupe todas as práticas cotidianas do novo trabalhador flexível (SENNETT, 2002).

As corporações, livres das rígidas regulamentações do regime de acumulação anterior, “estão invadindo o mundo e ditando as regras e critérios de seletividade para a exploração, tanto do mercado de consumo como o de trabalho.” (WOLF, 2004, p. 359). Para Wolf (2004), um mercado onde a interligação e diversificação são marcantes, um novo tipo de empresa, integrada e flexível, promove um novo estilo empresarial de administração participativa, conformando um novo perfil de trabalhador. A partir do crescimento cada vez maior da base técnica e de uma

ciência apropriada pelo e comprometida com o capital, o domínio da maquinaria se estendeu para todos os ramos da produção e da vida social, desenvolvendo uma “nova interação complexa entre trabalho vivo e trabalho morto, entre a subjetividade laborativa, em sua dimensão cognitiva, e o universo tecnocientífico.” (ANTUNES, 2004, p. 9). Este mesmo autor (ANTUNES, 2006) defende que o sucesso desse processo deve-se ao seu caráter bidimensional. De um lado, em sua dimensão material, a reorganização capitalista viabilizou-se por meio da reestruturação produtiva, considerada enquanto estratégia baseada na racionalização da produção, principalmente pela redução da folha de salários e a precarização (via terceirização) do trabalho. Do outro, sua dimensão ideológica, via neoliberalismo, como discurso político-cultural da classe exploradora que converte as relações sociais de dominação em idéias que sublimam, naturalizam e legitimam, por intermédio do velamento e da inversão da realidade, as condições de exploração existentes no capitalismo contemporâneo. É essa dimensão ideológica que interessa a esta pesquisa, já que como afirma Kuenzer (2007) a reorganização produtiva produziu um novo discurso, justificador e legitimador das novas políticas de gestão da força de trabalho, advindas do modelo *toyotista*, e das desigualdades sociais.

Assim, este novo paradigma tecnológico proporcionou não só uma reorganização da produção e do consumo, mas também instituiu mecanismos para a reorganização da vida social, nos termos propostos pelo capital (KUENZER, 2007). Essas transformações afetaram às diversas dimensões da vida social humana, em sua intrincada rede de relações sociais, no mesmo ritmo acelerado das inovações tecnológicas de base microeletrônica, produzindo conseqüências até então pouco conhecidas. Diante dessas transformações, nos questionamos como, num contexto nas quais as relações sociais passam a ser marcadas por uma pluralidade e multiplicidade de sentidos e modos de agir (CORRÊA, 2006), estas relações sociais, enquanto produtoras de sentidos e significados, atuam no processo de produção das identidades e subjetividades dos futuros trabalhadores?

3.1.2 A educação dos jovens-trabalhadores e a formação de um trabalhador flexível adequado ao capital.

Se,

“todo conteúdo da existência humana encontra-se nas relações sociais através das quais os homens formam suas consciências e organizam e garantem suas condições de sobrevivência” (CÔRREA E TEIXEIRA, 2000, p. 65)

não pode haver uma relação mecanicista entre o campo da produção da existência e o campo da subjetividade, ao contrário, a própria consciência de si e do mundo é forjada na dinâmica das relações sociais, constituintes da condição humana. Dessa forma, a subjetividade humana age como componente articulatório do mundo social, cultural e político nas diversas dimensões da existência do indivíduo, se reportando aos mecanismos de consciência, constituição e inserção do sujeito no mundo, em mediação com as condições externas e anteriores à existência deste indivíduo.

Essa subjetividade, no contexto do *regime de acumulação flexível*, encontra-se dominada pela lógica do capital e encoberta pela aparente reintegração entre a concepção e a execução do trabalho. As tentativas de impor um novo perfil de trabalhador, a partir das exigências da mundialização do capital e do novo patamar de racionalização, apresenta-se como um novo tipo de *reificação*, imposto por uma nova forma de dominação capitalista. Diante dessa nova realidade sócio-econômica-produtiva e, principalmente, diante das transformações que afetaram as diversas dimensões da vida social no mesmo ritmo frenético das inovações tecnológicas de base microeletrônica, conhecer as conseqüências deste novo paradigma de acumulação flexível para os padrões de sociabilidade humana, para as práticas sociais cotidianas e para a formação da consciência do indivíduo social e dos jovens-trabalhadores se apresenta como um desafio para os pesquisadores contemporâneos, configurando-se em um campo fértil para as investigações sociológicas e educacionais.

Para alguns autores consultados (WOLF, 2004; OLIVEIRA, 1999; ENGUITA, 1989; KUENZER, 2007; SOARES, 1989), essa reorganização do mercado de trabalho e da base material da existência humana, incluindo os critérios que orientam a

educação das classes trabalhadoras, possibilitaram ao capital impor um modelo de trabalhador adequado às suas necessidades de acumulação e valorização, desvinculando a formação profissional da educação geral e humanística, de caráter libertador e emancipatório, como seria uma proposta de educação sob a ótica dos trabalhadores (WOLF, 2004; OLIVEIRA, 1999). Uma cultura do trabalho e, portanto, uma formação social produtiva, voltada á atender às necessidades de uma mão-de-obra polivalente e acrítica, com base na *pedagogia das competências* e em noções como ás de *empregabilidade* e *empreendedorismo*, levou á sociedade contemporânea a uma situação de fragmentação social de difícil irreversibilidade (MACHADO DA SILVA, 2002).

Partindo do pressuposto da relação dialética entre as transformações no mundo material e as transformações do indivíduo em sociedade, Manuel Castells (2006) no prefácio ao segundo volume da “Era da Informação”, afirma que

“as transformações das bases materiais da vida deixam marcas locais não-visíveis (porque virtuais), mas que mudam as formas de ação e as orientações básicas das culturas” (CASTELLS, 2006, p.II).

Para este autor, a interação humana, em seus diversos níveis de ação social, é conformada e conforma, a partir de determinado momento histórico, uma estrutura social específica (CASTELLS, 2006). Se o trabalho assume formas e significados específicos em cada período histórico e em cada sociedade, a sua compreensão depende da análise das formas como ele é objetivamente aplicado, suas inter-relações, sua natureza e principalmente como se dá a formação das classes trabalhadoras. Considerado de tal forma, os diversos trabalhos constituem formas distintivas de sociabilidade, classe e cultura, articulando simbolicamente, economicamente e estruturalmente as identidades das classes sociais e dos indivíduos que vivem em determinada sociedade. Essa isomorfia do processo escolar com o processo produtivo somente trouxe benefícios às classes empresariais, deixando aos trabalhadores, principalmente àqueles mais jovens, sem experiência e de camadas populares, uma situação de vulnerabilidade e dependência aos ditames da organização capitalista (ENQUITA, 1989). Essa mesma perspectiva embasa a afirmação de David Harvey (1992) de que a condição de existência de um regime de acumulação é a correspondência entre a transformação das condições de produção e de reprodução dos assalariados

dentro desse sistema. Assim, os comportamentos dos agentes político-econômicos é que mantêm o sistema funcionando (HARVEY,1992).

Kuenzer (2007) reforça esta análise ao destacar a necessidade de se compreender as relações entre a base material e os processos pedagógicos (compreendidos como parte das superestruturas) para se pensar a formação, ou conformação, da força de trabalho nos dias atuais. Essa análise é fundamentada no texto sobre o “Americanismo e Fordismo” de Gramsci (2001), no qual este autor considera que é a partir das relações de produção e das novas formas de organização do trabalho que são concebidos e veiculados novos modos de vida, comportamentos, atitudes e pensamentos. Para este autor, a produção de um novo modo de vida, com o intuito de valorizar o capital por meio dos processos pedagógicos, é um mecanismo que foi maciçamente utilizado pelos capitalistas do período de Henry Ford.

Ainda de acordo com Kuenzer (2007), no regime de acumulação rígida, ou regime fordista, a dualidade estrutural se expressava formalmente, através da oferta de escolas diferenciadas segundo a classe social. Com uma clara definição entre as funções operacionais, técnicas, de gestão e de desenvolvimento de tecnologia, as formas *tayloristas-fordistas* produziam uma clara definição de trajetórias educativas diferenciadas, atendendo a demanda de disciplinamento para trabalhadores ou para as elites dirigentes. Essa dualidade de formação correspondia à racionalidade da divisão social e técnica do trabalho, própria da organização *taylorista-fordista*. Já na acumulação flexível, o discurso para a educação destaca a formação de profissionais flexíveis, aptos a desenvolver competências de diversas naturezas e que acompanhem as rápidas mudanças tecnológicas em curso. Esse caráter flexível da formação da força de trabalho tem por finalidade tornar o sujeito adaptável e pronto para a aceitação do novo. Para esta autora, essa nova competência pressupõe mais que qualificações técnicas, pressupõe subjetividades disciplinadas (KUENZER, 2007). Para tanto, no *regime de acumulação flexível*, substituiu-se a formação especializada dos cursos profissionalizantes pela formação adquirida através da escolarização ampliada. No capitalismo globalizado, caberia à educação básica assegurar os conhecimentos que fundamentam as práticas sociais e desenvolver competências que possibilitem “aprender ao longo da vida”, proposta de caráter central na pedagogia da acumulação flexível. Assim, o nível básico de ensino representa a formação final para grande parte dos

trabalhadores brasileiros, fenômeno que esta autora denomina de “flexibilidade através da desqualificação” (KUENZER, 2007, p. 12).

Segundo João Bernardo (1989), o papel da escola na formação da força de trabalho futura, por meio de uma escolarização compulsória, atua diretamente na formação do indivíduo social, e deve ser considerada como uma das condições sociais e materiais necessárias ao capitalismo. Para este autor, os jovens em formação são produto-produtor do sistema capitalista e o papel crescente da escola se relaciona ao aumento do componente intelectual do trabalho, ou seja, a demanda de aumento na qualificação do trabalhador individualmente (SOARES, 1989). Enquanto para os trabalhadores do núcleo duro – pequeno núcleo de trabalhadores estáveis – oferece-se a educação de caráter propedêutico, com a formação científico-tecnológica e sócio-histórica avançada, para os demais trabalhadores – grupos periféricos composto por trabalhadores com competências facilmente encontradas no mercado, trabalhadores temporários e sub-contratados, com baixa qualificação e alta rotatividade, incluídos/excluídos em ocupações precárias e intensificadas – oferece-se uma educação de caráter geral, básica, completada posteriormente, e conforme a demanda, com treinamentos aligeirados (KUENZER, 2007).

Diante disso, cabe-nos questionar como, além das velhas questões da relação trabalho/educação ainda não superadas pelo regime capitalista, outras questões – estas sim novas – que buscam subordinar o indivíduo à produção e ao consumo, e mais, subordinar os pensamentos, ações e comportamentos à lógica capitalista do lucro, se constituem como questões de pesquisa na busca de apreender o papel da formação humana e da escolarização nas transformações da vida social. Mais ainda, leva-nos a questionar o papel dos intelectuais comprometidos com uma mudança qualitativa e o papel das sociedades civis organizadas, seja dos sindicatos ou daqueles que se unem em torno de projetos sociais e projetos de desenvolvimento local, em prol da melhoria das condições de vida nas sociedades contemporâneas.

CAPÍTULO IV

4.1 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

4.1.1 O universo da pesquisa: jovens estudantes da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio.

O universo desta pesquisa é bastante amplo. No Brasil, em 2005, cerca de 747 mil jovens estavam matriculados na Educação Profissional Técnica de nível médio, de acordo com o Censo Escolar realizado pelo INEP. Sendo que, 427.433 matrículas (57,2 % do total) eram matrículas na rede privada de ensino ³⁷. Estes dados correspondem às três modalidades da Educação Profissional Técnica, quais sejam, Integrado, Concomitante e Subseqüente, conforme estabelece o Decreto Nº. 5.154 de 2004.

Em Minas Gerais, no ano de 2005, foram 88.373 matrículas no total, sendo mais de 62 mil efetuadas na rede privada ³⁸. Ou seja, mais de 70% dos jovens estudantes que se matricularam na Educação Profissional Técnica de nível médio em Minas Gerais neste ano, se matricularam em estabelecimentos educacionais particulares, percentuais superiores á média nacional (57,2%)³⁹. Esse é outro dado interessante, em 2005, do total de 431 estabelecimentos que ofereciam a Educação Profissional Técnica de nível médio em Minas Gerais, em duas das três modalidades previstas pelo Decreto de 2004 (Concomitante e Subseqüente), 345 eram estabelecimentos da rede privada⁴⁰. Assim verificamos que a Educação Profissional Técnica, em 2005, ainda estava a cargo dos setores privados da sociedade.

Outro dado estatístico divulgado pelo INEP neste mesmo estudo, e que merece relevância nesta explanação, diz respeito aos estabelecimentos que ofereciam a modalidade Integrada. Dos 431 estabelecimentos mineiros, somente 11 ofereciam essa modalidade, sendo 8 deles da rede privada, 3 na rede federal e nenhum estabelecimento da rede municipal ou estadual ⁴¹. Dessa forma, dentre as 2.205 matrículas na Educação Profissional Técnica, modalidade Integrado, em Minas

³⁷ INEP, 2006. Tabela 3 p. 16.

³⁸ INEP, 2006. Tabela 2.1 p. 33.

³⁹ INEP, 2006. Tabela 3 p. 16.

⁴⁰ INEP, 2006. Tabela 1.3 p. 31.

⁴¹ INEP, 2006. Tabela 1.2 p. 29.

Gerais, a rede privada, registrou somente 900 matrículas, em 8 estabelecimentos educacionais, enquanto a rede federal, em apenas 3 estabelecimentos que ofereciam essa modalidade, foram efetuadas 1.305 matrículas⁴².

Em uma análise feita a partir das áreas profissionais, verificamos que, das 747 mil matrículas efetuadas na Educação Profissional Técnica de nível médio, em 2005, no Brasil, 110.849 matrículas⁴³ foram em cursos de área de gestão, correspondendo a 14,8% do total de matrículas desse ano, atrás somente das áreas da indústria (17,8%) e da saúde (31,5%). Entre os estudantes matriculados em cursos na área de gestão, neste mesmo ano, 37.095 eram homens e 65.313 mulheres⁴⁴, correspondendo a 36,23% de estudantes do sexo masculino e 63,77% de estudantes do sexo feminino. Isso denota para o fato de que, na área de gestão – assim como nas áreas profissionais do Desenvolvimento Social e Lazer, Design, Imagem Pessoal, Saúde Turismo e Hospitalidade – as mulheres são o público predominante. Diferentemente dos cursos nas áreas profissionais da Indústria e da Agropecuária, nos quais predominam os estudantes do sexo masculino⁴⁵. Muito embora, quando considerados como dados nacionais, haja equilíbrio entre estudantes homens e mulheres na Educação Profissional Técnica de nível médio.

Quando analisamos estas mesmas matrículas em nível nacional, segundo faixa etária, verificamos que 32,5% do total de matrículas do ano de 2005, são de estudantes entre 15 e 19 anos de idade (229.698 matrículas), seguido das matrículas de estudantes entre 20 e 24 anos de idade (30,7%) e dos estudantes de 25 a 29 anos (15,8%)⁴⁶. Já, quando percebidos por áreas profissionais e segundo faixa etária, as matrículas na área de gestão, no ano de 2005, dos estudantes entre 15 e 19 anos de idade corresponderam a 33,6% do total de matrículas nesta área profissional (34.430 matrículas), ficando pouco atrás das matrículas de estudantes entre 20 e 24 anos de idade (34,2%)⁴⁷.

De um total de 63.981 matrículas nos cursos nas áreas de gestão na região sudeste, somente 3.447 eram na modalidade Médio Integrado, correspondendo

⁴² INEP, 2006. Tabela 2.2 p. 35.

⁴³ INEP, 2006. Tabela 4 p. 17.

⁴⁴ INEP, 2006. Tabela 5 p. 18.

⁴⁵ INEP, 2006. Tabela 5 p. 18.

⁴⁶ INEP, 2006. Tabela 6 p. 19.

⁴⁷ INEP, 2006. Tabela 7.3 p. 23.

menos de 5,5% do total ⁴⁸. Esses dados estatísticos, coletados entre 2006 e 2005 e publicados em 2006, ainda não refletem as mudanças propostas pelo Decreto 5.154 de 2004, que retomou a integralidade e da Educação Profissional com o Ensino Médio, muito embora o mesmo não tenha acabado com a fragmentação imposta pelo Decreto N. 2.208 de 1997. Fragmentação esta que foi alvo de muitas críticas por parte de educadores comprometidos com a perspectiva *gramsciniana* que tem no trabalho o princípio educativo fundante da emancipação humana, mais precisamente, dos jovens das classes trabalhadoras⁴⁹.

Assim, estes dados estatísticos não refletem a realidade atual dos cursos de Educação Profissional Técnica de nível médio, mas não há outros estudos estáticos aos quais poderíamos recorrer afim de apresentar a amplitude do universo sobre o qual nos referimos aqui quando buscamos conhecer a juventude brasileira matriculada na Educação Profissional Técnica e a relação que estabelecem com a mundo do trabalho.

Isso ocorre porque no Censo Escolar de 2007 os dados referentes à Educação Profissional Técnica integrada ao nível médio, encontram-se integrados aos dados estatísticos do ensino médio, compreendido em todas as suas modalidades de ensino. Apenas temos acesso aos dados estatísticos das modalidades do ensino profissional concomitante e subsequente, sendo que, das 693.610 matrículas registradas, 53,6% delas (371.966) foram na rede privada de educação (INEP, 2009). O Portal da Educação do Governo Federal defende que, a respeito da Educação Profissional Integrada com o Ensino Médio, os “resultados são ainda tímidos, por se tratar de um programa relativamente novo, mas é importante registrar 9.747 matrículas, sobretudo em escolas federais e da rede privada.” (INEP, 2009).

Assim, embora a Sinopse Estatística da Educação Básica que apresenta os dados do Censo de 2007, não tenha a profundidade e não desmembre os dados da Educação Profissional dos dados do Ensino Médio, algumas informações ganham relevância no relatório publicado pelo MEC. Em 2007, 780.162 alunos se

⁴⁸ INEP, 2006. Tabela 2.6 p. 44.

⁴⁹ Não vamos fazer este debate aqui, mas para mais informações acerca das críticas ao Decreto 2.208 de 1997 ver... Para ver o debate acerca da promulgação do Decreto 5.154 de 2004, durante o Governo Lula, ver...

matricularam nos cursos de Educação Profissional Técnica, nas modalidades subsequente e concomitante, sendo que a rede privada de ensino ainda responde pelo maior número de matrículas (49,6%), enquanto que a rede estadual atende 32,5% das matrículas, a rede federal atende a 14,1% das matrículas dessas modalidades, e a rede municipal responde somente por 3,9%. A participação das escolas privadas é mais elevada nas Regiões do Sudeste (59,3%). Do total de matrículas na Educação Profissional, 11,1% foram feitas em cursos da Educação Profissional Integrados ao Ensino Médio (INEP, 2009).

Embora na média nacional e considerada as três formas de articulação da Educação Profissional, subsequente, concomitante e integrada, tenha ocorrido uma variação decrescente em 3,3% nas matrículas, em relação a 2006, vale observar que houve uma evolução das matrículas da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio. Esse aumento de matrículas nos cursos integrados, na ordem de 40,0% em relação ao ano de 2006, ocorreu em todas as regiões brasileiras, como foco nas regiões Centro-Oeste e Norte, nas quais o crescimento de matrículas foi de 99,3% e 70 %, respectivamente (INEP, 2009).

De acordo com o Portal de Educação do MEC,

“as variações mais significativas foram as da educação profissional, com acréscimo de 14,7 pontos percentuais. A educação profissional concomitante ao ensino médio teve aumento de 19,6%. Já a educação profissional subsequente – oferecida aos estudantes que já concluíram o ensino médio – experimentou aumento de 10,5% no número de matrículas”. (MEC/ BRASIL, Censo 2008 indica tendências da educação. Portal da Educação)

Ainda de acordo com informações coletadas no Portal de Educação do MEC, o Ministro da Educação, Fernando Haddad, atribui esse crescimento às redes estaduais.

“Há hoje uma compreensão, sobretudo dos secretários estaduais de educação de que temos de reestruturar o ensino médio, oferecendo condições de educação profissional para a juventude, inclusive para que essa juventude veja sentido na sua permanência na escola até a conclusão da educação básica”. (MEC/ BRASIL. Censo 2008 indica tendências da educação. Portal da Educação).

Para o Governo Federal estes números ainda não refletem a necessidade estrutural e educacional do país. A meta prevista é de que a Educação Profissional

Integrada, que hoje responde por 10% das matrículas no Ensino Médio, precisa atingir algo em torno de 30% da juventude de 15 a 17 anos (MEC/ BRASIL. Censo 2008 indica tendências da educação. Portal da Educação).

O que importa para a pesquisa em questão é compreender que o universo de sujeitos às quais esta pesquisa se refere é bastante amplo e diversificado. Podemos resumir os dados mais importantes da seguinte forma: em 2005, foram 427 mil matrículas efetuadas na rede privada em âmbito nacional, destas, 110.849 matrículas foram em cursos na área de gestão, sendo que 33,6% dos jovens matriculados (34.430) estavam na faixa etária compreendida entre 15 e 19 anos de idade. Destes mais de 34 mil estudantes, 3.447 (ou seja, aproximadamente 10%) estavam matriculados em cursos profissionais na modalidade médio Integrado. Sendo que em Minas Gerais, somente 8 estabelecimentos educacionais ofereciam a modalidade Integrado, respondendo por 900 matrículas, de uma forma bem geral, o nosso universo, considerado o Censo Escolar de 2005, era de 900 estudantes, mas não sabemos quantos destes estavam na faixa etária entre 15 e 19 anos, muito menos quantos haviam optado por cursos nas áreas de gestão.

4.1.2 A seleção dos participantes.

Como já foi abordado neste relatório e partindo de pressupostos metodológicos que consideram o jovem como sujeito social, sujeito de suas escolhas e de suas ações, portanto, sujeito e não objeto desta pesquisa buscou-se selecionar jovens a partir de uma única exigência por parte da pesquisadora: a vontade de participação do mesmo como informante e como elemento determinante para articular a teoria a respeito do tema proposto – o mundo do trabalho – e a prática – sua experiência juvenil no mundo contemporâneo.

Assim, a seleção se deu por meio de convite realizado pela pesquisadora, em sala de aula, aos jovens estudantes, para que participassem da pesquisa e compartilhassem sua vivência específica, tanto como alunos de uma escola técnica, quanto como jovens que se preparavam para adentrar ao mercado de trabalho. A busca principal era por construir coletivamente novos saberes, a partir dos próprios sujeitos de pesquisa, como sugere a Ergologia francesa. Esse foi o primeiro momento da investigação realizada, através do qual foi constituído o grupo de pesquisa com 14 jovens voluntários, que durante 6 meses (tentou) realizar

reuniões a fim de debater o tema proposto. Como apresentado no capítulo que descreve a metodologia (sexto item do capítulo 1). Dessa forma, a própria construção do objeto, como explicitado no percurso metodológico seguido desta investigação, tanto os métodos, como os instrumentos de coleta e mais ainda, a seleção dos entrevistados seguiu os pressupostos teóricos propostos na bibliografia de referência utilizada. Entre 40 os estudantes voluntários inscritos por meio da “Ficha sócio-econômica-cultural de autopreenchimento”, todos na faixa escolar de 15 a 19 anos, havia jovens de três turmas distintas: uma turma do 1º ano do ensino médio técnico em Química Industrial, uma do 1º ano do ensino médio técnico em Patologia Clínica e uma turma do 2º ano do ensino médio regular.

A escolha da ‘Escola A’, uma escola pública de Ensino Médio Técnico na região metropolitana de Belo Horizonte, atendeu a outros critérios. Essa escolha se deu principalmente porque não foram localizadas outras pesquisas que utilizavam esta escola como lócus de produção de conhecimento, muito embora seja uma grande escola, renomada e conceituada na formação de técnicos em Patologia Clínica, Enfermagem, Química Industrial, Segurança do Trabalho, Administração, Contabilidade Social e Informática, com 22 unidades que atendem um total de 8.195 estudantes, sendo 864 na Educação Profissional Técnica, integrada ao Ensino Médio. Esta escola tem outras especificidades. É uma escola municipal que oferece Ensino Médio regular e Educação Profissional Integrada, Além de oferecer Ensino Médio na modalidade EJA. Voltada á formação de técnicos, se caracteriza por atender as demandas por técnicos para as áreas industriais, característica econômica do município que sedia a escola (CUNHA, 2008). A tarefa de financiar este nível de ensino (Ensino Médio) não é obrigatória a essa esfera administrativa e, portanto, deve ser financiada com recursos excedentes aos 25% obrigatórios que os municípios devem empenhar na educação. É uma escola que, por existir há mais de 30 anos oferecendo educação pública nesse nível de ensino, passou por diversos modelos de organização escolar e, obrigatoriamente, foi se adaptando às diversas reformas educacionais que se impunham, da esfera federal para as demais esferas de governo, e que buscavam conformar esse nível escolar de acordo com pressupostos técnicos, administrativos e políticos exteriores ao ambiente escolar em questão. Quanto aos sujeitos que lá estudam, e que nessa

pesquisa buscava-se conhecer, a 'Escola A' se caracteriza por atender jovens de excelência escolar, que passam por *vestibulinhos* de acesso, mas que se configuram como jovens das classes populares. Sendo essa uma característica impar dessa escola pública.

Entretanto, como foi colocado anteriormente, os grupos de discussão, como instrumentos de coleta de dados não foram eficientes. Dai a decisão da pesquisadora de utilizar outro método de coleta de dados, a entrevista centrada.

O objetivo inicial era fazer as entrevistas com os mesmo 14 jovens, que já haviam participado, mesmo que esporadicamente e de forma um tanto desinteressada, do grupo de discussão. Para tanto a pesquisadora retornou á 'Escola A' para refazer o contato com os estudantes. Embora a receptividade tenha sido boa, não foi efetiva. Enquanto o tempo ia passando, o campo da pesquisa não trazia respostas á investigação que se desenvolvia. Diante de um prazo de coleta de dados já estourado, de acordo com o cronograma de pesquisa estabelecido inicialmente, e das pressões sofridas pela pesquisadora para fazer cumprir os prazos acadêmicos, uma nova direção se apresentou como solução ao impasse criado.

O único caminho encontrado foi recomeçar o trabalho de campo em outra escola, uma escola particular de Ensino Médio Técnico na cidade de Belo Horizonte ('Escola B'), mais próxima da residência da pesquisadora, o que permitia idas e vindas mais freqüentes ao campo, em busca de novos jovens voluntários. Essa 'Escola B', de âmbito particular, atende a jovens das classes altas, oriundos da classe dos capitalistas, e está voltada para a formação de técnicos da área administrativa. Além disso, também é uma bastante escola conceituada, que exige prova e entrevista, na seleção de seus alunos e não possui estudos acadêmicos que a utilizaram como lócus de conhecimento. Embora com um perfil de educação e de estudantes bastante distinto da primeira escola selecionada, poderemos comprovar pelos dados coletados que foi muito interessante entrevistar jovens estudantes que são formados a partir da ótica capitalista e de valores relacionados ao empreendedorismo.

O processo de seleção dos jovens a serem entrevistados foi o mesmo que ocorreu na 'Escola A'. Partindo de uma visita da pesquisadora á uma turma do 2º ano, os objetivos principais da entrevista foram explicitados aos jovens estudantes na sala de aula. Somente uma turma foi visitada, devido o prazo já atrasado para a

conclusão da coleta de dados. Assim, dos 8 jovens que se ofereceram de forma voluntária para participar da pesquisa, por meio do preenchimento da “Ficha sócio-econômica-cultural de autopreenchimento”, cinco deles, após contatos via *email*, agendaram a entrevista individual, que foi realizada nas dependências da própria escola.

4.2 OS PERSONAGENS DESSA HISTÓRIA: QUEM SÃO OS JOVENS ENTREVISTADOS

4.2.1 Heitor, o economista.

Heitor é um jovem de 17 anos. Teve uma infância diferente de outras crianças. “Eu fui criado quase dentro de um escritório de contabilidade. Meu pai é contador”. Por isso sempre teve contato com o mundo empresarial e a contabilidade. Cresceu em Belo Horizonte, brincava de bola e de vídeo game e, aos 8 anos, ganhou uma máquina de escrever. “Ai eu fingia que trabalhava.” Começou a trabalhar com 12 para 13 anos, como office-boy no escritório de contabilidade do pai, logo em seguida foi “promovido para o setor fiscal”. Parou de trabalhar com o pai entre os 15 e 16 anos, assim que entrou no curso técnico.

Atualmente mora com sua família, pai, mãe e duas irmãs, uma mais velha, uma mais nova. Convive muito com seus professores. Entre os 12 e os 15 anos conviveu bastante com seu pai. Hoje passa grande parte do tempo no colégio. Seu pai faz pós-graduação á noite, duas vezes por semana; sua mãe dá aulas, também a noite, três vezes por semana. “Então tem dia que eu passo mais com meu pai, tem dia que passo mais com minha mãe, e tem dia que passo mais com minhas irmãs”. A irmã mais nova trabalha no escritório de contabilidade e a mais velha estuda a noite. A irmã mais velha nunca trabalhou, “o negócio dela é medicina.” Passou no curso de medicina da federal de São João Del Rey.

Acorda todo dia as 6h15 da manhã, mora perto da escola. O horário de aula é muito fragmentado, “não tem um padrão igual aos outros colégios”. A relação com sua mãe “é uma relação muito afetiva, ela é professora, eu aprendo muito com ela.” Ela é bacharel em Geografia e pós-graduada em Geologia. Heitor conversa muito com

sua mãe, mas com seu pai conversa menos. Com a mãe conversa sobre tudo, sobre o que passa na vida, sobre a escola. Mas Heitor se define como uma pessoa fechada por natureza. “Sou mais fechado lá em casa, mais sério”. Com seu pai conversa sobre negócio, sobre economia e política, menos sobre o lado pessoal.

Heitor conta que lê jornal, principalmente as edições *on line*, cita o Valor *on line* e a Folha *on line*. Acompanha a Globo News o dia inteiro. Lê a revista Época e o jornal O Estado de Minas. Também lê os prospectos, feitos pelos professores da escola e distribuídos para a turma. Vê televisão, geralmente a noite, de duas a três horas por dia. Assiste jornal e os programas da Globo News. Gosta de assistir seriados, citou dois, *House* e *The Big Bang Theory*.

Fazia esportes, Taekondo e Kickboxer, chegou a ser campeão mineiro, mas parou por causa da rotina estressante. De acordo com ele “era muito estresse”, inclusive desenvolveu problema de pele, psoríase, devido à pressão e ao estresse que sofria.

Heitor é um jovem que tem amigos, afirma que “minhas irmãs sempre foram minhas amigas”. Duas sextas-feiras por mês encontra com seus amigos mais antigos no Hamburgão. Os amigos do Hamburgão ele conheceu há 3 anos atrás, por intermédio da irmã. “Eu to conversando menos com o pessoal do Hamburgão, me distanciando. Não tem nenhum motivo, só estou distanciando”. Suas duas irmãs namoram e Heitor afirma “meus cunhados são muito meus amigos, eu converso sobre tudo com eles”. E tem “o pessoal do colégio principalmente, muito amigos”, passam o dia inteiro juntos, “converso com eles sobre tudo.” Entre os programas que faz junto dos amigos cita as festas, e também ir pra Savassi, na praça ou no shopping. Para ele diversão é fazer algo que gosta de fazer, não importa que outras pessoas não achem que aquela atividade não é divertida. Falou também sobre baladas, que não tem interesse nesse tipo de diversão, que não gosta desse “ambiente ébrio”.

Para Heitor falta uma coisa ao mundo, “uma coisa que se chama respeito”. Para ele, se houvesse mais respeito haveria mudanças, não haveria “castas” e preconceito.

“Porque a diferença é algo muito bom, todo mundo é diferente. A diferença provoca um estado de complementaridade entre as partes, porque tudo hoje é dividido, a divisão tem uma coisa boa, aumenta, digamos, a capacidade produtiva em todos os aspectos”.

Para ele, cada região do mundo tem sua característica própria, e a partir do momento que houver respeito, “o mundo daria um passo na frente, rumo ao desenvolvimento”. Assim, a ausência de respeito e a falta de educação do povo são fatores interligados e fundamentais para a vida em sociedade.

Heitor não tem namorada. Não acha que namorar seja importante “mas tem a sua importância... Deu pra você pegar minha idéia?! É importante, mas não é um negócio essencial.” Já namorou, por 4 meses, uma garota do mesmo colégio. Nunca participou de um movimento ou grupo de jovens, mas avisa “eu pretendo entrar num partido político”. Quando questionado se gosta da sua vida, Heitor afirma que: “gosto muito dela, gosto de tudo que eu faço tudo que eu faço é porque eu gosto na minha vida. Não tenho nada que me queixar da minha vida.” Embora não tenha nada que ache necessário mudar em sua vida, avisa “eu não sou avesso a mudanças.”

4.2.2 Getúlio, o idealista.

Getúlio é, entre os entrevistados, o mais velho, fez 18 anos em 2009. Filho de pais separados teve sua infância marcada “positivamente” por esse fato. Seus pais se separaram quando ele tinha cinco ou seis anos e “isso foi bom porque sua mãe não o mimou como ocorre com outras crianças”. Foi um menino levado, que não gostava de escola. Sempre gostou de jogar bola, de andar de skate e viveu muito “solto”. Enquanto a maioria das mães passa uma imagem superprotetora, Getúlio afirma “a minha não era superprotetora.” Cresceu em Belo Horizonte, no bairro Gutierrez, “sempre morei lá”, embora tenha morado por um ano no Sion. Tem irmãos. Brincava de futebol na garagem do prédio. Não tinha computador e ganhou seu primeiro vídeo game somente aos dez anos de idade. “Computador só lá pros doze, treze anos.” Diz que sua infância foi ótima, podia andar na rua, ir à padaria, tinha amigos que não podiam ir à padaria com oito anos de idade. Sempre teve muitos amigos, amigos que moravam no mesmo prédio e amigos que conhecia na escola. Falando dos amigos do prédio afirma que “hoje em dia é uma família. A gente não trancava a porta de casa, era como se fosse uma grande casa”.

Tem duas irmãs por parte de pai e um irmão por parte de mãe. Hoje ele mora com seu pai e seu irmão por parte de mãe. As irmãs por parte de pai moram com a mãe delas. Até os quinze anos morava com sua mãe, no mesmo lugar que mora agora. Quando chegou aos dezesseis anos, mudaram as coisas, “ocorreu uma transição”. Seu pai começou a morar no apartamento e Getúlio ficou morando com ele, enquanto sua mãe saiu de casa. Ele não convive muito com suas irmãs, encontra-as raramente na casa da avó. O irmão é mais velho, tem 22 anos. Getúlio mantém uma relação de amizade com ele. No dia-a-dia convive mais com meus amigos de colégio. “Porque chego aqui, geralmente, às 7h15, e às vezes eu saio 4 horas... mas já sai daqui 6h15”. Quase não encontra com o irmão, mesmo morando na mesma casa. Quando chega ele está na faculdade. Com seu pai também encontra pouco, umas “duas horas por dia, sempre a noite. Pois, geralmente, ele tem que trabalhar”, então, não jantam ou almoçam juntos, “fica cada um pro seu canto.” Quanto a sua rotina, geralmente acorda atrasado, e quando volta pra casa está “muito cansado, eu tenho *pilha* mas ela gasta, eu chego em casa já meio cansado mesmo”.

Getúlio conta que viaja muito. Conhece muito o nordeste, Porto de Galinhas, Itacaré, Arraial d’Ajuda, Porto Seguro, Morro de São Paulo, Costa do Sauípe, tudo. Bahia também conhece bem. Nestas férias não viajou, foi “a primeira vez nas férias que eu não viajei.” Ficou em Belo Horizonte, encontrou amigos que não encontrava há muito tempo, jogou bola no clube, frequentou bar e boate. No final de semana sempre encontra os amigos, joga *poker* na casa de algum amigo ou vai a um bar, boate ou pra casa de campo “...porque eu tenho uma casa de campo em Casa Branca”. Já estudou bastante nos fins de semana, geralmente no domingo de manhã, mas desde que entrou nessa escola “eu tento sempre dar mais tempo pra mim, porque já passo a semana inteira, como se fosse trabalhando mesmo”.

Seu pai “é um cara muito criativo, simpático e comunicativo”. Para Getúlio, ele é romântico e firme de caráter, não faz nada de errado, “chega a ser chato”. Sua mãe é “uma pessoa muito boa e veio de um meio mais humilde.” De acordo com o próprio Getúlio, seu “pai sempre teve berço. Minha mãe não, minha mãe era de Ipatinga, o pai dela humilde, a mãe dela humilde... Começou a trabalhar desde que ela tinha dezesseis anos. Quando ela tinha dezoito, ela mesma se mudou para Belo Horizonte”. Trabalhou

como vendedora, depois ela foi corretora de seguro, ganhou muito dinheiro como corretora de seguro, teve uma *hiper* firma, mas quebrou a firma, “porque ela não entendia de negócio”. Hoje em dia ela vive bem, “ela subiu demais na vida, conquistou muita coisa. Hoje em dia ela tem o dinheirinho dela, vive tranqüila”. Define sua mãe como “*hiper* astral. Ela é o contrário do meu pai... minha mãe não liga de fazer *gato em net*, sabe? Já meu pai fica, *puto*”. Sua mãe já morou na Itália muito tempo, e morou também nos Estados Unidos.

“Os dois se amam, tadinhos... só que... simplesmente é essa contradição... Meu pai é um cara que não deixa conta sem pagar. Ele vai pagar todas e vai deixar de viajar. E minha mãe não tem problema nenhum de deixar duas ou três contas sem pagar, sendo que ela vai lá pro Morro de São Paulo. Eles são muito diferentes, contraditórios.”

Sua mãe liga todo dia e ela sempre arruma um jeito de vê-lo no final de semana. “Mas não é aquela coisa de você vai lá em casa. É como se fosse amigo mesmo. E eu sempre vou, pra conversar com ela, até dia de semana, ela me busca aqui pra gente almoçar, eu acho minha mãe ótima”. Getúlio considera seu pai e sua mãe seus amigos, afirma que conversam de tudo, “política, sociedade, contar caso”. Tem liberdade para beber com seu pai e com sua mãe. Getúlio acha que isso é

“muito bom, porque, no final das contas, sua mãe e seu pai ficam com aquela insegurança e acabam usando os métodos errados, por causa dessa insegurança, mas quando você senta, toma uma com eles... eles vão conhecer sua vida mesmo... você vai começar a contar caso e eles vão... tipo assim, vão ver qual que é a sua, quem você é, que lugar você vai, quem são seus amigos... Mesmo quando você está contando coisas que deixam eles inseguros, mas só deles saberem já ficam mais tranqüilos... Os pais ficam inseguros porque eles não sabem, eles não sabem nada dos filhos.”

Getúlio conta que sempre foi “meio pra frente, desde os dezesseis eu já bebia, mas não tinha essa não, não tinha essa de falar”. Seu pai começou a beber cedo, com dezesseis anos, por causa do seu avô. Seu avô e seu o tio mexiam com cassino, eram boêmios. Antes “não achava confortável chegar em casa e abrir uma cerveja”. Isso só aconteceu após os dezoito anos.

“Hoje em dia é tranqüilo. Eles não liberaram, nunca falaram nada, mas estava implícito. Antes eu podia chegar lá *tontão*, só não podia beber na frente deles. Eu chegava tonto e não sabia o que ia acontecer, então eu evitava chegar tonto em casa.”

Isso vale mais para a relação com seu pai, pois “com minha mãe, desde os dezesseis anos que ela liberou”. A seu ver, sua mãe é “*tranquilona*, porque é meio alternativa”. Ela acredita que essa parte da vida – a juventude – é o melhor momento da vida. Acredita que “é muito melhor a gente ser feliz, muito feliz agora, do que ficar esperando pra ser feliz quando tiver quarenta anos de idade”.

Getúlio afirma que seus pais querem que ele tenha consciência, porque os pais têm que entender que se deram uma educação adequada até os dezesseis anos, está tudo bem. “Então, digamos assim, eles estão mais preocupados com a minha consciência e menos com dizer o que é certo ou errado, de saber ou de pensar no meu futuro”. Afirma que os pais têm que ter

“consciência que eu sei que tenho de pensar no meu futuro... Que mesmo que eu possa ser, ou que eu venha a ser um grande empresário, um grande cidadão, mas que eu sei o que eu sou... Eu sei que terei de arrumar um dinheiro pra sobreviver.”

Getúlio se define como um jovem com senso crítico, conta que está lendo George Orwell. Afirma que lê livros que escolheu ler, não porque alguém mandou que lesse, mas porque achou que seria bom pra si mesmo. Pensa que não basta dizer eu sou isso ou aquilo, é preciso questionar.

“Tem que saber, porque como você vai tomar uma decisão, pensar no que realmente você acredita, ou o que realmente você é, sem antes fazer uma pesquisa? Você tem que saber pesquisar, não pode abraçar o que é dado, aceitar simplesmente.”

Conta que sempre leu jornal “até eu ter um entendimento novo de vida”. Antes ele “acreditava mesmo em algumas coisas, como política”, por exemplo. Acreditava em política, acreditava em sociedade, acreditava no Estado. Mas agora quando está interessado em algo prefere pesquisar em livro. Afirma que hoje em dia eu não vê televisão, liga ela só “pra dar descanso, é um tipo de alienação, né!?”. Gosta mesmo é

de ver filme. “Sou apaixonado por cinema”. Vê muitos filmes em DVD ou até na televisão. Gosta de programas comédia, tipo Programa do Jô, 15 minutos MTV e o CQC.

Getúlio ainda joga futebol, mas não é todo dia. “Jogo uma vez por semana aqui no colégio e uma vez fora do colégio”. Hoje em dia gosta mais de ir pra cachoeira, fazer escaladas, mas nada de disciplina esportiva. “Eu larguei porque eu tenho de manter a disciplina intelectual.”

Sobre diversão e lazer afirma que diversão “é fazer uma coisa que eu não fiz ainda”, de preferência com amigos. Mas gosta também de fazer coisas que sempre faz. Sentar, tomar uma cerveja, conversar com as pessoas. “Isso pra mim é o auge de diversão. É bem melhor isso ai, do que ir em show”. Dessa forma, Getulio afirma que não gosta de ir a show e boate, mesmo se for pra *pegação*. Quando vai nesses lugares é mais “pelo sexo oposto”. Até hoje mantém os amigos do prédio e tem também amigos nos vários colégios que estudou. Getúlio tem um jeito descontraído e extrovertido, conhece muita gente dos lugares por onde passou. Principalmente no colégio Monte Calvário. Tem também muitos amigos por intermédio de seu irmão, que “é um cara *hiper* popular, *mó* conversa mole”. Conhece muita gente do bairro e tem muitos amigos que conheceu por intermédio de outros amigos. “O *cara* é amigo de um amigo, e no final das contas vira teu amigo”. Conta que também fez muitas amizades nas viagens que faz. Hoje em dia não tem namorada.

4.2.3 Ana, a afetiva.

Ana tem 17 anos. Nasceu em São Paulo onde viveu até os 7 anos de idade. Ana se diz uma pessoa muito ligada à família e com muita proximidade com seus primos, com quem mais brincava durante a infância. Teve uma “infância á moda antiga”, brincava de boneca e de pular corda, não brincava de vídeo game. Brincava de *Barbie* com sua prima, que é 4 anos mais velha. Viajavam todo fim de semana para a chácara que possuem em Atibaia, brincavam na quadra e na piscina. Acha que sua infância foi ótima. Com 7 anos sua família se mudou para

Belo Horizonte. Estudou na mesma escola desde a primeira série até o primeiro ano do Ensino Médio, é de lá que conheceu suas melhores amigas.

Atualmente mora com seu pai, sua mãe e sua irmã. O seu pai “trabalha muito, então eu encontro ele manhã quando eu venho para a escola, e de noite quando eu chego e ele chega.” Já no final de semana a gente fica mais tempo juntos, “mas nunca é o suficiente pra eles”. Ela afirma que seus pais acham que ela sempre os deixa de lado. Meus pais “eles não bebem, estão sempre sóbrios, assim. Porque a gente sempre fica sabendo de pais que bebem, mais ou menos... Mas os meus são muito sóbrios”. Sua mãe “é muito forte”, ela é dona de casa, mas está sempre querendo estudar alguma coisa e ela também trabalha em casa, como designer de jóias. Ela fez curso de designer de jóias e de joalheria, “sabe desenhar e fazer as jóias, só que o trabalho dela é só desenhar”. Ela cuida da casa e dos filhos, e por isso, “não se empenha muito no trabalho, poderia se empenhar um pouco mais”. “Eu sou muito igualzinha a ela... a gente tem o gênio muito parecido, por isso também a gente acaba brigando mais”. Seu pai é formado em engenharia mecânica, e começou a trabalhar na manutenção, “agora ele é diretor de uma fábrica de redutores”. Seu pai já é de falar menos, “só quando quer dar uma decisão final”. Sua irmã tem 3 anos menos, e quando tinha um ano de idade, ela teve várias convulsões e ficou um tempo em coma. Agora ela tem um pouco de atraso no desenvolvimento, “tem 14 anos e está na sexta série”. Ana conta que sua irmã está passando por uma fase muito rebelde, e que não quer mais ajudar com as coisas em casa, por isso ela não tem muita paciência com a irmã.

No dia-a-dia convive bastante com as pessoas da escola, mas refletindo afirma que de verdade

“convivo mais comigo mesma, porque acaba que na escola a gente convive, mas assim... quando a gente está na escola, a gente quer estar em casa, e quando a gente está em casa quer ficar com o namorado, e quando está com o namorado é que a gente está feliz mesmo... risos. Ultimamente eu tenho convivido muito com ele, mas antes não era assim, a gente era mais... só de final de semana e tal.”

Sua rotina é sempre a mesma. Acorda as 6h e chega às 7h no colégio. Seu pai a trás de carro. Depois de todas as aulas, pega dois ônibus e volta para casa. Ana mora no bairro da Pampulha, “é meio longe daqui”. À noite, quando chega a sua casa termina os trabalhos escolares, fica no computador ou joga vídeo game. Conta que, começando o Projeto Vitrine, no qual precisa montar um Plano de Negócio, vai se dedicar mais a isso, inclusive fazendo pesquisas na internet. Não vê o namorado todos os dias, mas quase todos os dias. Nas férias se viam todos os dias, mas “começando as aulas não dá mais”.

Nos fins de semana e feriados, “antes ia muito pra São Paulo, porque em 2007 pra 2008 minha avó estava muito doente, então a gente ia muito pra São Paulo, mas depois que ela morreu eu não fui mais.” Nas últimas férias, no meio do ano, quis ficar em Belo Horizonte, em janeiro estive na Bahia para visitar uma tia que mora lá,

“mas eu prefiro ficar aqui, porque aqui eu não saio tanto quanto gostaria, como pra sair de noite, assim... só de sábado, porque sexta não dá, sábado de manha a gente tem aula, então não dá. Então pra sair tem que ser de sábado, aí eu refiro aproveitar os fins de semana, feriados e férias aqui...com meu namorado.”

Gosta de morar em Belo Horizonte, mas acha que “é bem roçinha mesmo”. Pra melhorar a cidade era preciso, primeiro, melhorar o sistema de transporte público. Em sua opinião “perde todo dia mais de uma hora dentro do ônibus”. Também o metro é ruim, muito demorado,

“porque é um metro só, que na verdade é um trem... e é muito lento também, eu demoro meia hora pra estar em casa... aqui demora cinco, dez minutos pra chegar o trem... em São Paulo não é assim.”

Seus pais são muito presentes em sua vida, “minha mãe acorda pra fazer o café da manhã”. É “meio uma família italiana, meio uma família paulista... que todo mundo acorda cedo pra trabalhar e se arrumam juntos, então é aquela confusão”. A sua relação com seu pai e com sua mãe é diferenciada, “muitos problemas aconteceram que acabaram abalando eu e meu pai”. Seu pai trabalha muito, por isso “ele não dá muito atenção pros assuntos que a gente tem a oferecer, acaba que a gente conversar mais as noticias do rádio, que a gente vem escutando no carro, quando vem pra escola”. Ele está

sempre “muito avoado” e só quando viajam que, dois ou três dias depois, ele se “liberta das coisas da fábrica”, aí conversa e brinca com a família. Mas Ana afirma que conversa mais com sua mãe que com seu pai e muito mais com seu namorado do que com sua mãe.

Não lê muito jornal, “porque a gente não compra jornal em casa, compra a *Época*”. Utiliza a internet para saber das notícias, mas também para entretenimento. Vê o Jornal Nacional de vez enquanto e ouve a rádio Globo quando seu pai a leva de carro para a escola. Sobre ler revistas, Ana afirma “eu não gosto da *Veja*, gosto da *Marie Claire* e da *Vogue*”, que sua mãe compra porque trabalha com desenho de jóias. Vê televisão à noite, do fim de tarde para a noite, pelo menos umas duas horas por dia. No fim de semana vê mais horas, porque gosta de assistir filmes. Gosta de assistir seriados na televisão, sempre que pode assiste *Friends* ou *The Tudors*, que baixa na internet, também gosta de alguns desenhos norte-americanos.

Para se divertir gosta de sair com os amigos, à noite principalmente. Frequenta boates na Savassi ou bares. Geralmente está acompanhada do namorado. E conta que, por ser menor de idade, “beber não pode, mas, então não pode sentar no bar. E na boate não pode nem entrar, mas... a gente dá um jeito.” Quando questionada sobre que jeito que se pode dar numa situação dessa, ela conta que

“tem lugares que eles nem pedem, já passei com minha identidade original, já peguei emprestado... Porque meu namorado tem 21 nos e ele pode ir em qualquer lugar, então para sair com os amigos dele, ou também com as amigas aqui da escola, também é assim, a gente pega emprestada [a carteira de identidade] ou passa rapidinho, com a nossa mesmo.”

Sobre o uso de álcool comenta que “eu bebo mas eu nunca exagerei”. Gosta de cerveja e também gosta de batidas. Novamente faz referências aos costumes de seus pais afirmando que seus pais “bebem somente num jantar ou algum lugar assim... bebem vinho ou cerveja”. Mas seus pais não sabem que ela consome álcool.

Quanto aos esportes diz que faz academia, mas não gosta, não gosta de atividades físicas, faz porque tem que fazer. Faz academia porque precisa emagrecer, duas vezes por semana, mas deveria ir três vezes. Inclusive pediu ao

treinador que passasse exercícios mais pesados, porque ir três vezes na semana é muito difícil, por causa, principalmente dos trabalhos escolares.

"Minha mãe me incentiva a fazer, porque sabe que eu quero emagrecer, mas ela não me obriga, faz uma pressão, mas é pra que eu não saia da linha... mas é por mim mesmo"

Ana conta que tem muitos amigos, "amigo nunca foi um problema meu, desde criança". E, além dos amigos tem o namorado. A maioria dos amigos conheceu em escolas que estudou. Nesta escola que está agora, seus melhores amigos estão afastados, porque tem uma que foi morar na Austrália, outra que mudou de sala e outra tem um namorado na mesma sala e "acaba que ela fica mais com o namorado que com a gente". Ana é bastante espontânea, mas diz que se contém, principalmente nesta escola, porque as pessoas são muito críticas.

Seu namoro já dura dois anos e meio, e acha importante namorar, mas "só porque é ele, porque antes dele, namorar sério, eu não me importava não." Seus pais, de início não achavam que era um namoro sério, depois que perceberam que era sério começaram a se preocupar. Pois seus pais casaram cedo, com 22 anos eles já tinham uma casa para sustentar. Mas seu namorado não está pensando nisso, em ter uma casa, ele faz faculdade e ainda vai se formar, antes de pensar em casar. Por isso seus pais se preocupam, "se ele tem ambição ou se ele vai ser um Zé Mané". Mas Ana diz que seus pais não o conhecem, mas ela o conhece, e

"nossa relação é muito espontânea, a gente conversa obre tudo e a gente é muito sincero sobre tudo, sobre o futuro, sobre o que a gente pensa agora, sobre o que a gente quer para a nossa vida."

O namoro está bem e ela acha que não vão terminar, por isso quis explicar para seus pais sobre o que eles têm em mente para o futuro.

Ana é espírita e freqüentava um centro espírita aos sábados, onde participava de um grupo de jovens. Embora tenha deixado de freqüentar por falta de tempo, acha que é importante e bom para os jovens participar de grupos assim. Sobre sua vida diz que gosta muito da maneira que ela é, mas que se pudesse mudar algo, mudaria a si mesma, pois se acha muito crítica, muito espontânea, "fala muitas

coisas que as pessoas não entendem”, diz que preferia ser mais equilibrada quanto a essas coisas.

4.2.4 Ronaldo, o tranquilo.

Ronaldo é o caçula entre os entrevistados, tem 16 anos. Nasceu em Juiz de Fora, mas morou lá somente um ano, depois morou em Belo Horizonte e Uberlândia. Na infância, gostava muito de brincar de Lego e Playmobil. Também jogava vídeo game. Ganhou seu primeiro vídeo game aos 10 anos de idade. É filho único, afirma que viveu “mais do lado de adultos, porque não tenho nenhum primo da minha idade. Aí eu acostumei mais assim, com gente mais velha”. Mais tarde, com seis anos de idade, voltou a morar Belo Horizonte, dessa vez em definitivo. As mudanças aconteciam porque seu pai era transferido, ele trabalha em banco. Acha que sua infância foi boa, mesmo tendo pouco contato com outras crianças, “mas nada é perfeito na vida”.

Atualmente mora com seu pai e sua mãe. “Eles não são separados, eles ainda moram juntos”. Sua mãe tem 51 anos e seu pai tem 48. Sobre sua família afirma que ela

“é unida sim, eu acho que ela é mais unida do que outras, por que eu procuro conversar de tudo com minha mãe, mais do que com meu pai. Mas eu não tenho nenhuma barreira das coisas, pra falar com ele não. Eu converso de tudo com eles, eles falam de tudo comigo, e costumo as vezes sair com eles, que eles saem toda sexta-feira, ai vai eles, meu avó, minha tia, e minha quase tia. Eu costumo ir às vezes com eles”.

Ronaldo mora no bairro do Buritis, mas preferia morar numa região mais perto da Contorno. Seus pais compraram um lote em Nova Lima, e sua mãe, como ela é arquiteta, já fez o projeto da casa que vão construir lá.

No dia-a-dia convivia mais com a sua mãe, “mas como eu estou no Colégio acabo passando muito tempo aqui. Então convivo mais com meus colegas”. Encontra seu pai somente à noite, “porque ele chega mais tarde”. Sua mãe trabalha em casa, ela é arquiteta, “ela fica em casa e de tarde eu encontro com ela”. Seu pai costuma levá-lo á escola pela manhã, aproveita esse tempo para conversar com ele.

Ronaldo acorda às 6 horas da manhã, “cada dia é um que me trás, quando meu pai não pode, minha mãe me trás, aí eu volto de ônibus”. Nas segundas-feiras faz aula de violão. Vai começar aula de espanhol, “porque já acabei meu curso de inglês”. Na terça e quinta “agora eu não tenho nada, to achando bom, porque aí eu chego em casa e posso descansar um pouco”. Na quarta-feira joga tênis, começou há pouco tempo a jogar tênis e afirma, “eu to gostando mais que de outros esportes que eu já fiz”. Nunca gostou de atividade física, mas ultimamente tem se interessado mais. Questionado sobre que outros esportes eram esses que não gostava, conta que jogou basquete e treinou *kung-fu*, “só que eu não tinha muita motivação pra ir, e agora com o tênis eu to tendo alguma motivação”. Vai para o tênis com seu pai. “Ele jogava tênis, ai ele falou pra eu começar a jogar. Ele joga há muito tempo, ai eu jogo com ele e faço a aula”.

Nos fins de semana e feriados, Ronaldo costuma sair com seus pais e também encontrar com seus amigos. São amigos da escola e de fora da escola, “da outra escola que estudei antes de vir pra cá”. Nas férias saiu bastante “encontrei várias pessoas, meus amigos. Isso é importante”. Sua avó mora em Governador Valadares também aproveitou as férias para visitá-la. Quando sai com os amigos, normalmente vai para a Savassi, no Pátio Savassi. Gosta muito de ir ao cinema. “Nas férias eu vi quase todos os filmes que estavam passando”. Ou ainda “um vai na casa do outro”. Também frequenta o Minas Clube.

Gosta de morar na cidade de Belo Horizonte, mas vê algumas coisas que precisavam mudar. Uma delas é o transporte público, pois se ele fosse mais bem planejado poderia ajudar a diminuir a poluição da cidade. Se pudesse, “como um mágico, talvez mudar de lugar os prédios do Belvedere, tirar eles dali, porque eles impedem o vento e faz com que a cidade seja mais quente”. Também gostaria que a desigualdade social fosse menor, pois vê as pessoas na pobreza e não pode fazer nada.

Sua relação com sua mãe sempre foi de mais proximidade do que com seu pai. Isso porque seu pai costumava sair muito, mas seu pai mudou esse habito, passou a dar mais importância á família. “Todo dia ele saia para o *happy hour* com os amigos, ma depois ele viu que preferia a família, e passou há dedicar mais tempo... agora ele se

esforça pra ser um cara melhor”. Ronaldo conta que ainda tem muita resistência com seu pai por causa disso, e que tem mais intimidade com sua mãe. Conversa de tudo com sua mãe. Também conversa com o pai, mas prefere conversar com sua mãe. “Eu só falo mais com minha mãe, mas poder falar as coisas eu posso falar com quem eu quiser”.

Ronaldo lê jornal raramente, lê “mais revistas, principalmente a Super Interessante”, mas também folheia a Veja que sua mãe assina. Quando pode compra a Mundo Estranho e a Leituras na História. Para se informar sobre as notícias do mundo utiliza a internet. Não tem costume de ver televisão, “hoje em dia eu mal assisto”, antes gostava do Casseta & Planeta, mas acha que o programa anda meio sem grana atualmente. Também gosta do Toma lá, dá cá, de vez enquanto grava e assiste. Costuma ver filmes em DVD.

Por diversão e lazer compreende e faz coisas que o distraiam, mas não sabe exatamente dizer o que é. Compreende que, mesmo quando tem preguiça de fazer algo, como ir ao Clube, por exemplo. Sabe que precisa fazer, para não “achar que desperdiçou o tempo”. Entretanto afirma que

“não tem uma coisa que me divirta assim... que eu diga: _nossa, como estou me divertindo! Encontrar com os amigos talvez, mas não é exatamente divertido. Mas eu gosto de encontrar... com as pessoas da família, meus pais, meus avós, eu gosto muito de ir lá, porque eles são bastante ativos. Meu avô tem 73 anos, ainda joga futebol e marca muito gol.”

Quanto aos amigos conta que antes tinha dificuldade com alguns colegas da antiga escola. Por que eles o deixavam “meio de lado”, mas depois que mudou de escola, eles passaram a procurá-lo mais. Na escola que está agora não é muito entrosado, só tem amizade com os mais próximos mesmo. Sobre as baladas da turma da escola comenta:

“Eu vou mas... eu não tenho interesse de beber, eu não gosto muito disso. Então eu vou mais pela possibilidade de encontrar alguém, conhecer alguém”.

Tem amigos que gosta mais, e que conheceu fora da escola, através de amigos de seus pais, “são filhos dos amigos de meus pais... ai a gente tem mais amizade”. Ronaldo não tem namorada e também nunca namorou,

“por isso que eu gosto de ir nessas festas... risos... Eu tenho vontade de ir nessas festas pra encontrar uma pessoa... assim, porque eu tenho muita vontade de ter uma namorada”.

Não acha que seja importante namorar em sua idade, pois ainda está bastante novo, “está na idade de aproveitar”... Mas acha que tudo tem seu tempo. Não participa de nenhum grupo de jovens externo a escola, mas participa do *Empreendedores da Alegria*, que é um grupo formado por jovens e professores da escola que visita creches e hospitais, faz peças de teatro, canta musica, busca levar alegria pra estes lugares. Acho interessante participar, mas pensa que

“esse é um trabalho meio egoísta, porque você vai lá e depois se sente bem, mas... só de você se dispor para tentar um pouco de alegria para uma pessoa já faz alguma diferença... Além de fazer bem pra você mesmo também”.

4.2.5 Patrícia, a criativa.

Patrícia tem 17 anos, nasceu e cresceu em Belo Horizonte. Sua infância foi “muito divertida”, embora não tivesse muitos amigos. Divertia-se “reparando nas pequenas coisas, pequenas atividades, como ler de cabeça pra baixo, somar todos os números de elevador”. Brincava também de pega-pega, pique-esconde, gato-mia. Antes dos 10 anos morava em um prédio sem espaço pra brincar, nesse tempo, fazia natação e via televisão pela manhã e ia à escola à tarde. Nas férias de dezembro, sempre ia para a fazenda da sua tia, onde reunia todos os primos e podiam brincar livremente. Considera sua infância boa.

Sua família é composta por mãe, pai e uma irmã mais nova, de 13 anos. Sua mãe vai fazer 40 anos e seu pai tem 45 anos. Atualmente mora com seu pai e sua irmã. Seus pais são separados, “mas continuaram amigos, sem aquela coisa... sem toda aquela briga”, então resolveram amigavelmente que as filhas iriam morar com ele por um tempo. Patrícia conta que morou com sua mãe até o final do Ensino

Fundamental, mas sua mãe estava começando um novo negocio e tinha pouco tempo pras filhas, e como seu pai tinha mais tempo e uma vida mais tranqüila, por isso seus pais conjuntamente resolveram que elas iriam morar com o pai, até pra deixar a mãe descansar e cuidar da sua empresa.

Patrícia não acha que seja muito diferente morar com o pai ou com a mãe, embora seus pais sejam pessoas totalmente diferentes. Enquanto sua mãe é mais controladora em alguns aspectos, e menos em outros aspectos, o que foi bom foi a aproximação com seu pai, que antes do divórcio “era muito distante”. Somente depois do divórcio foi que “ele percebeu que não estava dando atenção à família”. Antes da separação seu pai chegava em casa depois das 9 da noite e saia cedo para trabalhar, “o único contato que eu tinha no dia com meu pai era o beijo de boa noite”.

No seu dia-a-dia convive mais “com o caderno de escola”, porque está investindo em seu estudo, quer se preparar, quer tirar carteira de motorista. Também tem o fato de que começou a ter mais amigos depois que entrou no Ensino Médio, assim, “não passa muito tempo com a mesma pessoa”. Sempre está procurando pessoas diferentes pra conversar e tem amizades com pessoas de diversas salas e turmas.

Acorda cedo todos os dias e toma café da manhã antes do seu pai a trazer para a escola. Aproveita os intervalos para conversar com os colegas da escola. O horário “é todo doido, mas a média de horário de saída é no meio da tarde”, volta pra casa e faz dever de casa. Todos os dias dedica um tempo pra estudar outras coisas que quer aprender,

“por exemplo, tem horas que vou estudar moldes, de corte e costura, tem hora que sento e digo, agora vou desenhar, e desenho ou pinto. Então, o que eu quiser aprender eu invisto esse tempo.”

Para Patrícia a noite é curta. Prefere ler e descansar a sair.

“Pra mim a noite começa às oito horas da noite... pois de 4 às 6 eu estou estudando, de 6 às 8 eu estou aprendendo o que eu quero, de 8 às 10 é meu pai chegando em casa, ai em preparo jantar pra ele, tomo outro banho, como um cerimonial pra ir dormir”.

Os fins de semana são divididos entre seus pais. Assim, um fim de semana ela e sua irmã passam com o pai, o outro fim de semana passam com a mãe. No fim de semana que passam com seu pai, costumam ficar em Belo Horizonte. Seu pai toca em alguns eventos e ela o acompanha, vai assistir ele tocar. Também vai na casa de alguma amiga, ou ainda vai ao cinema. Mas no fim de semana em que ficam com sua mãe iam para a Serra do Cipó – “antes a gente só ia pro mato, ela não suporta cidade” – pois sua mãe não gosta de ficar em casa. Ela faz escalada, então aproveita todas as oportunidades de viagem “pro meio do mato... bastava ter morro”. Mas ela e sua irmã pediram que sua mãe mudasse os programas de fim de semana, porque não gostam de ir sempre “pro mato”. Pediram para ficar mais em casa, mais em Belo Horizonte, pois “não gostam de sair desse jeito”. Então no fim de semana de ficar com a mãe, elas tem ficado em Belo Horizonte, “mas a gente vê que não era isso que ela queria”. Quando questionada sobre como se dá a relação com seus pais, se ela conversa com eles, Patrícia afirma que

“eu e minha mãe conversamos menos, eu acho que a maturidade de minha mãe para os relacionamentos, assim, pessoa com pessoa, não é muito avançado, ela não sabe bem como conversar com a gente.”

Sua mãe não impõe às filhas que façam as coisas que são certas, e prefere deixar pra lá, não fala mais nada, pra não brigar, “mas puxa, é necessário uma briga de vez enquanto pra resolver os problemas que você tem”. Patrícia acha que isso foi prejudicial para sua educação e para seu desenvolvimento, principalmente entre os 11 e 15 anos, quando mudou pra casa de seu pai. “Eu gostaria que ela tivesse pegado mais no meu pé”. Acha que sua mãe devia ter sido mais rígida. Quando foi morar com seu pai, descobriu que ele era mais rígido e isso foi bom. Com seu pai conversa sobre os planos que tem, pede opinião dele, seu pai é mais sensato, ele a ajuda a tomar decisões.

Patrícia mora no bairro da Serra com seu pai e “nas quartas-feiras, e um fim de semana sim outro não, na casa da mãe no Sion”. Gosta de morar em Belo Horizonte, mas a vê como uma cidade pequena, se comparando com o Rio de Janeiro ou São Paulo, e que está em desenvolvimento. Embora ache tudo que precisa, não tem falta de nada, acho que é uma cidade que precisa de muita coisa ainda, precisa de

investimento pra melhorar. Embora seja uma cidade com menos violência, seus pais reclamam do trânsito “com razão”. Para ela “o mineiro é muito bruto ainda, ele não tem educação, não tem polidez”. Também falta um olhar mais arquitetônico para a cidade, porque a cidade é cheia de prédios quadrados, e a cidade fica feia. A cidade precisa ser mais bem organizada, “falta pessoas que planejem a cidade”. Precisaria também de mais educação, mais investimento em educação, mas não é só responsabilidade do Estado, pois o Estado tem que “guiar o desenvolvimento, não fazer o desenvolvimento”. Para ela, precisa que o setor privado faça as mudanças necessárias.

Não lê jornais, mas reconhece que precisa começar a ler, “a escola está exigindo isso de mim”. Usa a internet para se informar sobre o mundo e sobre as notícias do que vem ocorrendo no país. Mas também se atualiza sobre o que ocorre em termos de notícias por meio de seus amigos, “porque converso com muita gente, muita mesmo”. Não vê televisão, quando vê é um filme, programa de televisão mesmo não assiste.

Patrícia se diverte aprendendo, “não necessariamente coisas de escola”. O problema da escola é que tem professor que quer “prender a gente na matéria deles”, professores que pensam que são os donos da verdade, esquecendo que não é só aquilo no mundo, que tem outras coisas. “Porque o professor serve pra instruir”, mas tem professor que só manda fazer resumo, “se for pra eu estudar sozinha, muito obrigada, eu levanto e saio e vou ler o livro em casa... o que a gente precisa deles não é o que está no livro”.

Quando perguntada sobre um lugar para passear em Belo Horizonte, cita a Savassi, mas reclama que as oficinas e eventos culturais gratuitos da prefeitura geralmente não estão na zona sul, estão lugares distantes e periféricos, e não pode ir a oficinas que lhe interessaram porque aconteciam em lugares distantes.

“Aqui em Beagá você diz, não tem o que fazer em Beagá sem dinheiro. Ou você faz algo com dinheiro, gasta dinheiro, ou você fica em casa... mas eu acabei descobrindo que não, tem pessoas que organizam outras coisas, mas faltava informação, mas agora eu sei desse folheto... falta agora acessibilidade”.

Na Savassi prefere ir pra praça, pois gosta de conversar com as pessoas. Quando vai ao Pátio só fica vendo lojas ou vai ao cinema. Gosta muito de cinema, mas quando tem aulas é mais difícil. Não gosta de cinema de Hollywood, “cinema pó de arroz”, “enlatados para *download*”. Então prefere ir à praça da Savassi ficar conversando, conhecendo pessoas diferentes ou procurando novas coisas pra costurar.

Patrícia não pratica esportes. Mas já praticou, fez natação, fez um ano de balé, dois anos e meio de vôlei, dois anos de *taekondo*, mas depois enjoou “não achou mais algo que queria”, que a interessasse. Atualmente faz ginástica na academia, mas não gosta muito, deveria ir três vezes por semana mas nunca vai... vai no máximo duas vezes, acha academia “muito narcisista”.

Seus amigos são muito diversos, têm amigos da escola, mas também faz amizades muito facilmente. Gosta de fazer diversas coisas quando está com amigos, gosta de fazer pintura, usando diversas técnicas, gosta de ir passear no parque ou simplesmente “sair pra bater perna por Beagá”. Gosta também de juntar as amigas e ir tomar café da manhã em alguma livraria. Patrícia não tem namorado e não acha que seja importante ter um namorado.

“Importante é você ter suas relações, não exatamente ter uma relação fixa. Mas não é importante, essencial. É bom você gostar de alguém é bom você estar com alguém, mas o mais importante de tudo são os amigos. São eles que vão estar ali pra tudo que você precisar.”

Patrícia não participa, nem participou de grupos de jovens, mas já teve vontade. “Eu gostaria de um grupo de jovens que pensassem... que discutissem idéias”. Crítica os jovens que não sabem do que estão falando, porque muita gente fala e não pensa sobre o que fala, fala e não é uma idéia sua, “ela copiou aquilo, ouviu em outro lugar”. Afirma que gosta de sua vida, mas mudaria muitas coisas nela, gostaria de mudar as outras pessoas, deixa-las mais educadas, que elas pensassem mais nos outros. Gostaria de ter pais juntos, não pais separados. Gostaria que seus amigos não se desentendessem. Gostaria de aprender coisas mais interessantes, mais úteis, como política.

4.3 MODOS DE *SER* E *ESTAR* NO MUNDO.

4.3.1 Expectativas e aspirações profissionais

Quando esta investigação questiona esse grupo de jovens acerca das expectativas e aspirações que tem para seu futuro, busca identificar os sonhos e perspectivas futuras sobre os quais eles constroem sua trajetória escolar e de vida. Articulando questões da subjetividade humana – como explicitada anteriormente, ou seja, constituída em relação dialética com a experiência do homem em sociedade, por meio das relações sociais vividas pelo indivíduo desde sua infância e permeadas por valores sociais e morais herdados de gerações anteriores – buscou-se compreender a partir de que bases objetivas se configuram, na atualidade, os sonhos de futuro dos jovens favorecidos socialmente. Nessa relação entre sujeito e mundo, buscou-se apreender como estas aspirações e expectativas orientam as práticas e a dinâmica das escolhas, a partir da própria experiência ou de experiências mediadas, seja pela família ou por grupos de referência, em direção a um sujeito que pretende se autoformar. Mais que isso, como suas escolhas profissionais e de realização pessoal se constituem como futuros possíveis. Pois, quando estes jovens propõem para si mesmos caminhos a seguir e definem, a partir de sua vivência imediata e mediada, futuros possíveis, direcionando não só sua vida mas também organizando para si uma auto-identidade, que determina o lugar que pretendem ocupar nesta sociedade, auto-afirmando-se como sujeito social em relação ao mundo.

Dos jovens entrevistados, Heitor é o mais decidido, já traçou seu plano profissional: quer ser economista. Este jovem estudante tem uma relação de satisfação pessoal com a atividade profissional que escolheu, motivado por uma vocação que diz possuir, como a que define Bajoit e Franssen (1997, p. 88), ao caracterizar o trabalho-paixão.

*"Eu quero fazer economia, trabalhar com investimentos. Eu sou apaixonado com isso... desde pequeno, eu sempre assisti jornal, eu ficava ouvindo mesmo sem entender nada, eu e meu pai... meu pai lendo jornal... *Nó*, o dólar subiu: - Ô pai vamos comprar dólar... tá subindo?! Eu tinha sete anos de idade quando falei isso pra ele. E ele: - Não mexe com isso não... se tivesse comprado tinha ganhado dinheiro. Ele não me ouviu. Com 12 anos também, eu falei: - Pai, vamos investir na bolsa? Tá crescendo. Porque eu via uma cotação diária de alta. E ele: -*

É interessante e tal... Mas não saiu do papel... Eu sempre pensei em investimento, sempre gostei muito disso... desde que eu tinha 13, 14 anos que eu comecei a ler muito sobre isso, comecei a ler muito, aí pedi pra participar de um simulador de ações, a partir do disso cresceu meu interesse por economia. Eu espero que ela vá suprir minha necessidade de felicidade. Vou ficar extremamente feliz de trabalhar lá... em termos financeiros também eu acho que vai ser feliz". (Heitor)

Patrícia, também está determinada. Busca realização pessoal, satisfação e prazer na escolha profissional que faz, tendo também em sua aspiração profissional um modelo de trabalho-paixão como vimos em Heitor. Em seu caso, especificamente, a atividade profissional se confunde com um projeto de auto-realização.

"Eu gostaria de... ser... artista. Gostaria de fazer esculturas... ou grandes pinturas... ou trabalhos grandes. Não esculturas pequenas, miniaturas. Eu gostaria de fazer... de estar em grandes galerias de arte, fazer escultura. Eu escolheria isso, porque... o que eu faço bem é criar. São duas coisas que eu faço muito bem, que é arranjar soluções para problemas e... não, são três as coisas que eu faço bem, arranjar soluções para problemas, mexer com números e criar... Soluções pra problemas eu acho que me levaria a trabalhar em uma empresa ou montar alguma coisa que me levaria a ganhar dinheiro com isso... Números, eu... apesar de eu ser boa em raciocínio lógico, com números... eu não conseguiria nunca passar o dia inteiro em um escritório. E criar, que é o que eu faço desde que... desde que eu me entendo por gente. Como artista... eu acho que o essencial, que é o dinheiro pra você sobreviver... toda profissão poderia te dar... mas a liberdade e o... prazer de criar, de ver que aquilo surgiu de você, surgiu das suas mãos, você arrancou daquela pedra, você descobriu a escultura dentro da pedra, você formou aquela cerâmica, você extraiu a tinta do branco do quadro, é o que me fascina." (Patrícia)

Também Ana já tem seu futuro delineado, entretanto, diferentemente de Heitor e Patrícia, sua escolha está relacionada não a atividade em si, mas a um estilo de vida que pretende ter, articulando vida familiar e vida profissional.

"Eu quero ser empresária. Porque eu não gosto de... eu quero fazer meu próprio horário, eu quero poder criar meus filhos, eu quero poder cuidar da minha casa, então assim, uma coisa que a minha mãe fala é que a mulher tem que abdicar desse lado profissional pra poder cuidar da família. Se você tem filho, você não vai abandonar, eu não iria fazer isso, deixar ele com babá, eu iria educar meu filho. Futuramente quando eu tiver filho vou trabalhar meio período e pra isso nada

melhor do que ter um negócio próprio... e pra ganhar bem ao mesmo tempo, né?! Então tem que ter uma empresa. Ter a profissão que desejo... Não é na área de hotelaria. Não obrigatoriamente... não é na hotelaria não, é assim... acho assim, que o meu objetivo é ser empresária, eu penso nessa parte de hotelaria, do albergue, porque eu vejo uma oportunidade, mas a medida que eu veja oportunidade noutros campos e essa oportunidade não dar certo eu passo pra outra. Espero.... espero ter realização pessoal. Pra mim isso seria o principal."
(Ana)

Diferente desses três jovens, temos o depoimento de Getúlio, que não tem certeza da profissão, mas sabe que quer intervir no mundo em que vive por meio da sua atividade profissional. Busca, por isso, novos desafios e procura ser confrontado com uma realidade distinta da sua.

"Eu penso nisso [na profissão], mas meu problema é que são opções demais... A questão não é que eu não sei o que eu quero... a questão é que eu quero fazer muita coisa. Pensei em fazer Ciências Políticas, Sociologia, Psicologia... até mesmo Economia, pensei no IBMEC, Administração. É isso, quero fazer muitas coisas... Mas eu acho que ia adorar ser psicólogo. Eu gosto muito de psicologia... gosto muito dos professores, gosto de análise, de entender... Talvez no futuro eu seja psicólogo, é muito bom... assim, trabalhar em penitenciária... Eu sei que o futuro dessa profissão não é muito... para as pessoas críticas é meio triste, até... Que nem meu tio, meu tio não fala nada não, mas eu sei que meu tio é meio triste. Ele conhece demais as pessoas, e quando você conhece demais as pessoas você fica meio... triste. É a mesma coisa você ser sociólogo, se você for um bom sociólogo você vai ver que a sociedade é triste... é triste... É uma profissão que ia me dar conhecimento do humano, ia me dar a oportunidade de ajudar as pessoas, ia me dar a oportunidade de eu abrir a cabeça... fazer *os caras* pensar, indiretamente eu ia fazer eles pensarem... nos problemas básicos, pensar nas coisas... em porque ele está triste, porque a mãe dele não deu pra ele um nike shock... Porque você quer um nike shock? não tem motivo... é isso..." (Getúlio).

Já Ronaldo, o mais novo entre os entrevistados, ainda não definiu o rumo a seguir, mas traz consigo diversas questões pertinentes, e demonstra que tem clareza das desigualdades sociais brasileiras e de seu lugar na distribuição das riquezas.

"Eu nunca trabalhei... Bom, ano que vem eu já vou começar estágio, né. Então a partir do ano que vem, então com 17 anos.... vou pensar... Só que... não sei se eu começaria a trabalhar cedo, talvez por influencia

do meu pai... então assim, meu pai fica falando que ele começou trabalhar novo tb eee... Eu sei que nasci com certos privilégios... Acho que talvez por isso... ou nem tanto. Por causa disso que eu acabo pensando nas pessoas... nas pessoas com menos condição de vida que eu... mais por causa da escola ou... assim, por causa dos meus pais. Não [convivo com] muitas pessoas... assim, com uma renda mais baixa que a minha. Nossa, agora ficou parecendo que eu sou preconceituoso... (Risos) Mas é que eu não tive oportunidade mesmo, mas... Ah, nunca tinha parado pra pensar em trabalho, nem como é que vai ser a vida... mas eu queria que não fosse muito chato. [Pausa prolongada.] Eu não sei que profissão gostaria de ter... sinceramente, e só sei que eu não quero ser médico, nem advogado, eu não... exatamente, eu acho... que talvez, siga a carreira de administração, mas eu não sei. Ah ,se eu pensar... eu não tenho nada que eu goste de fazer, que eu pense realmente eu vou fazer isso. Então eu não sei. A gente devia preocupar mais com as coisas, mas eu acho que não ajuda a resolve-las, mas também não adianta você esquecer totalmente aquele assunto... mas você parar de comer por causa disso, não vai adiantar nada, né?" (Ronaldo)

É Heitor que explica mais como sua expectativa em relação ao seu futuro profissional articula realização pessoal e estabilidade financeira. Apontando para as dimensões de realização já citadas, Este jovem segue em seu discurso acrescentando outras dimensões, como a descoberta do novo, o uso do tempo e às incertezas de quem sabe que ainda vai viver muitas coisas.

"Uma coisa que eu tenho vontade também é de trabalhar a noite, dando aula... Fiquei apaixonado em dar aula, achei muito bom, eu acho uma profissão bem interessante, que... extremamente, mexe com a formação de pessoas, é algo que precisa... que o Brasil precisa... E tem... tem, digamos, atitudes boas, que eu gosto de fazer, porque tem prazer e eu trabalho com uma coisa que eu gosto, mas não é definido... a área que eu tenho certeza é a economia, com isso eu vou trabalhar, a economia e ciências contábeis, esses dois cursos, isso eu tenho certeza. Mas, a partir do momento que eu estou num curso, eu vou viver muita coisa, que eu nem sei que existe, então, eu acho que a profissão não é algo definido. Mas, *a priori*, digamos que são investimentos e... setor financeiro e setor das ciências contábeis. Eu não pretendo trabalhar o dia inteiro e estudar a noite. Não quero isso. Eu pretendo... se necessário, sim... mas se eu pudesse escolher, não. Eu quero ter um tempo a noite para eu focar nos meus estudos também. Porque não adianta... Porque eu fazendo isso tudo vou fazer os dois pouco... Não acho muito legal. Prefiro trabalhar de manhã... ou estudar

de manhã e trabalho a tarde, até um pouquinho mais tarde que o convencional e vou estudar, ou dar aulas a noite, vou acompanhar meus estudos a noite. Eu acho necessário esse tempo, também esse tempo livre que eu acho muito importante, tirar uma hora pra descansar, pra ir lutar [taekondo], que é algo que me desestressa." (Heitor)

Ana aponta para um futuro mais imediato, demonstrando que embora planeje sua vida profissional para além do Ensino Médio, está mesmo é atrás de boas oportunidades no presente configurado no aqui e agora da vida cotidiana, por isso afirma que

"o estágio aqui é obrigatório. E eu queria tentar, assim... se eu pudesse... continuar no estágio até ser efetivada, maravilha, pensei nisso. Me esforçar pra ser efetivada." (Ana)

Ronaldo mostra que sabe da necessidade desse planejamento de vida, mas aponta para as dificuldades que é para o jovem viver este momento de decisão, indagando sobre qual o caminho deve seguir e qual a melhor escolha, se é que ela existe.

"Não sei, se devo fazer faculdade, assim... Já me falaram, mas não sei se é interessante fazer... talvez Relações Internacionais, talvez alguma relacionada a Administração, mas eu não tenho muita idéia assim não. Eu acho que eu preciso passar a buscar mais sobre isso, sobre as opções, por que senão eu não vou saber nunca, né? Porque sempre tem uns testes, não é bem um teste, mas as vezes... coisas falando o que é cada faculdade, cada área, quem sabe isso me ajuda. Depois do que minha professora falou hoje, de que na UFMG tem os cursos especializados pra alguma coisa ou outra, eu vou pensar na possibilidade, mas a principio a idéia de que eu tinha era de ir pra universidade, só que eu não sei mais... É porque é importante planejar a carreira... mas não adianta, pô, você não sabe o que fazer e nem para pra pensar nisso, chega na faculdade ai você descobre que você detesta e ai fica pior. Acho que tem sim, que planejar um pouco a vida, porque tem que saber o que você quer. Não adianta chegar aos trinta anos e falar eu quero ser rico, se você não tiver nenhuma meta prática pra isso, ai não adianta. Meus pais... Eles não ficam me cobrando assim não, mas é importante que eu já vá pensando, né. Eles até perguntam, mas é que, sei lá, na hora que eu souber, eu saberei. Mas acho que tenho que ir buscando, porque não adianta ficar esperando inspiração divina porque ela pode não chegar. Eles não pressionam... não. Acho que eu fazendo qualquer coisa, pra mim está bom." (Ronaldo)

Garcia (2002) aborda algumas questões relativas a esse futuro incerto, mostrando como as condições objetivas podem comprometer as projeções para o futuro dos jovens das classes populares que lhe serviram de sujeito em sua pesquisa. Entretanto não é esse o caso do nosso jovem, sua insegurança com o futuro não advém de uma fragilidade econômica, nem de experiências negativas no que diz respeito às trajetórias profissionais familiares. Para esta autora, é na juventude que “a dimensão do tempo é percebida como um fator importante na definição da própria identidade e na organização do modo de ‘estar no mundo’ hoje.” (GARCIA, 2002, p. 296)

Essa dimensão de experimentação e abertura de novas possibilidades também é destaque no trabalho realizado por Leoccardi (2005), para quem “o futuro aparece [...] como um horizonte temporal subjetivamente influenciável, à disposição dos indivíduos como espaço de experimentação.” (LEOCCARDI, 2005, p. 42). Ainda para esta autora, é importante ressaltar que diante de um mundo no qual a mudança é acelerada, o dinamismo e a capacidade de performance são imperativos, de forma que o imediatismo passa a ser parâmetro da ação. Assim, investir num futuro a longo prazo pode parecer tão insensato quanto adiar o tempo presente (LEOCCARDI, 2005).

Para compreender como os jovens em questão nesta pesquisa articulam seu futuro à suas escolhas profissionais e escolares, os questionamos a respeito dos valores que carregam sobre o que vem a ser uma pessoa realizada. Para Heitor, o mais pragmático entre os entrevistados, a resposta é simples:

“É aquela que cumpre suas metas. Qualquer tipo de meta. Meu sonho é ir daqui ao... ao norte de Minas correndo, por exemplo. Se ele cumpriu essa meta, ele é uma pessoa realizada, independente de... qualquer outra coisa... Geralmente as metas são pessoais, uma pessoa realizada conseguiu atingir suas metas pessoais...” (Heitor)

Já Ronaldo simplifica: “Uma pessoa realizada é aquela que vai fazer algo que gosta.” Enquanto para Ana, ser uma pessoa realizada “é ter o sucesso junto com a família. É assim ambos terem sucesso, eu, meu marido e poder cuidar dos filhos igualmente.” Patrícia complementa: “Depende de seu objetivo de vida, o meu é conseguir sobreviver até os 90 anos... oitenta, noventa anos... se eu chegar até lá eu estou feliz.”

Percebemos com essas falas que a realização pessoal tem varias dimensões, ela pode ser um projeto individual, como é o caso de Patrícia, ou um projeto familiar, como o caso de Ana. O importante a destacar dessas concepções sobre a realização humana é a dimensão de subjetividade, que aparece nas falas dos jovens entrevistados, em detrimento de uma dimensão mais objetiva e material da vida. Getúlio reforça essa dimensão subjetiva da realização na vida ao afirmar da importância da felicidade, já apontada por Patrícia como o fim ideal para a realização humana. Getúlio compreende que mais importante do que o lugar que se pretende chegar, é o caminho por onde se anda.

"Eu não sei muito bem o que é isso, porque eu não tenho família não, não tenho filhos... e, eu não acredito nisso, em ser uma pessoa realizada. As pessoas falam muito em felicidade, metas... de conseguir o que ela quer. Se ela quer ser milionário, ela acha que o auge dela vai ser quando ela se tornar milionário... Eu acredito que a felicidade não está lá... a felicidade não está em se tornar milionário, a felicidade está em quando você está querendo se tornar milionário, está no caminho. Uma pessoa realizada? O que é uma pessoa realizada? Não é uma pessoa realizada, nesse caso, é uma pessoa com sentido de vida, sabe?! Que tem um sentido... eu vou batalhar, vou chegar lá. Ela caminha como uma pessoa realizada. Isso... mais importante que uma pessoa realizada é uma pessoa que está em realização." (Getúlio)

Quando indagados se há diferença em ser uma pessoa realizada e ser uma pessoa bem sucedida, Ronaldo e Getúlio re-afirmam que a dimensão da felicidade é fundamental para uma pessoa ser bem sucedida, e portanto obter sucesso na vida.

"Bom isso é relativo, a principio uma pessoa bem sucedida é uma pessoa que tem a situação financeira boa, né? Mas só que se a pessoa... sei lá... ela tem que ser feliz, ser feliz com o que tem, e tal... ai pode-se dizer que ela é bem sucedida, mesmo que às vezes, não pelo olhar dos outros... mas, se ela é feliz com o que ela tem ou ela está buscando caminhos pra conseguir o que ela quer, pode-se dizer que ela está no caminho de se realizar e ser bem sucedida." (Ronaldo)

"Uma pessoa bem sucedida é uma pessoa feliz... Ela pode ser um mendigo de rua, e ela não *pega* pras condições, e pensa: - Eu já to feliz mesmo. (Pausa) Digamos, claro, de preferência que ela saiba o que quer, não um *cara* felizão porque fumou *pedra*... que está na *nóia* de *pedra*, não é isso... Tem que saber das coisas, se você sabe das coisas...

se você sabe que podia ser diferente, mas você queria estar naquele lugar, ai sim..." (Getúlio)

Essa dimensão subjetiva na busca do ser social também surge na fala de Patrícia quando esta afirma: "Bem sucedida é aquela pessoa que chegou aos 80 anos e fez tudo o que quis." Também Ana, afirma que há, na busca pelo sucesso, uma dimensão subjetiva, que é a busca pela felicidade, não importa qual seja o objetivo final.

"Bem sucedida na vida? Independente do que se faça... é saber se você é feliz. Independente se você é dona de casa... Isso aí é de cada um, né!? Ser feliz é o que importa. Depende do que cada um acha, do que cada um pensa, do que cada um quer." (Ana)

Enquanto isso, Heitor, mais racional, questiona os conceitos, buscando diferenciá-los, e assim, a partir dessa diferenciação produzida ele reflete sobre o lugar da realização humana e do sucesso na vida do sujeito social, apresenta sua visão de mundo. Heitor é muito claro ao distinguir o *ser* realizado, como uma característica pessoal, e o *ser* bem sucedido como uma característica profissional.

"Peraí... realizada, bem sucedida... São conceitos que se confundem... (Pausa). Ehhh, agora você me fez pensar, eu imaginava, inicialmente, que eram sinônimos... (Pausa). Realizada... acho que está mais focada em fatores pessoais, se realizou com aquilo; e bem sucedida mais focada ao âmbito profissional. Mas tudo... o que deriva dos dois são as metas... de tudo, são as metas. Mas são dois fatores relacionados, porque a pessoa que está bem... ele está bem pessoalmente, conseqüentemente, tende a se dar bem profissionalmente... então, se confundem..." (Heitor)

Esse questionamento sobre ser bem sucedido e ser realizado buscava balizar se as escolhas profissionais estavam, de alguma maneira, ligadas a valores morais ou materiais, ou ainda á um modelo de profissional ou de homem projetado por estes jovens. Verificamos que a dimensão pessoal, da realização do ser humano, enquanto ser social, enquanto sujeito em busca de si mesmo, foi uma tônica das respostas dos jovens estudantes. A felicidade surge aqui como uma dimensão fundamental do humano, como um lugar a ser alcançado. Ou ainda, conforme defende Frigotto (2005) como "um direito subjetivo" do viver em sociedade, reforçando o elemento da incerteza que há em formar alguém para uma profissão

específica, esquecendo de sua dimensão de indivíduo e de realização humana.

“A outra questão é que você preparar alguém que está em formação especificamente para o mercado de trabalho é um tiro no escuro. Está melhor preparado quem tem uma base mais larga porque vai se adaptar mais facilmente.” (FRIGOTTO, 2005, p. 3).

Essa dimensão de felicidade e realização humana é a base a qual Frigotto se refere. Pois como nos propõe Sochaczewski (2007), em um artigo intitulado “Educação, trabalho e vida”, sonhar é inventar um futuro e, portanto, intervindo na realidade, inventar um mundo possível. Entretanto, embora tenha aparecido com destaque nesta pesquisa, a felicidade, considerada em sua dimensão de realização de vida, é encontrada em poucas pesquisas revisadas. É o caso da história de um operário de uma fábrica de bonecas, contada por Sedi Hirano e narrada por Cristiane SILVA (2003), em sua dissertação de mestrado. Esta autora utiliza dessa pequena história, e também de um conto de Anatole France narrado por Agnes Heller, para refletir a respeito da incapacidade da felicidade no mundo moderno. Essa reflexão de SILVA (2003) surge da crítica realizada pelos jovens operários pesquisados por ela e que lamentam de um cotidiano que se restringe a “despertar, alimentar-se e descansar [...] trazendo a baila a necessidade de o ser humano se diferenciar dos outros seres.” (SILVA, 2003, p.158-159) Para estes jovens, o trabalho deveria ter também essa dimensão, da realização da felicidade humana, além do sentido de utilidade prática. Nessa relação entre a busca de felicidade e um cotidiano de infelicidade, fica a necessidade dos jovens operários entrevistados de alcançar uma sensação de bem-estar. Assim, a felicidade surge neste trabalho como uma ausência e uma busca, não como algo possível, existente ou almejado como aspiração consciente (SILVA, 2003). Podemos citar ainda a pesquisa de PEREIRA (2005, p. 173), na qual os jovens estudantes do COLTEC contam da felicidade que foi passar no vestibular e estudar neste colégio, pois as “empresas crescem o olho” em quem tem colégios como o COLTEC ou o CEFET no currículo. Entretanto, a felicidade não é uma dimensão considerada na maioria das pesquisas com jovens que selecionamos e revisamos para esta investigação. Muito provavelmente podemos pensar que

“o caminho que o jovem percorre aprendendo e trabalhando para chegar à maturidade determina sua possibilidade de sonhar e molda o conteúdo e a forma de seus sonhos.” (SOCHACZEWSKI, 2007 p. 147)

Dessa forma, outros jovens, de classes sociais menos favorecidas, de classes trabalhadoras ou vulnerabilizadas, muito provavelmente veriam a realização e o sucesso de vida de forma distinta dos jovens entrevistados para esta investigação, conforme o recorte produzido, pois para sonhar é preciso conhecer outras possibilidades.

A distância entre a realidade destes jovens de classe média alta por nós entrevistados e a realidade de jovens pobres e trabalhadores pode ser observada quando os questionamos sobre valores salariais – valores ideais, adequados e necessários – para um jovem e uma família. Heitor, como sempre, é o mais direto na resposta, afirmando que um salário mínimo é um valor adequado e suficiente, embora o que gostaria de ganhar fosse quase o dobro desse valor mínimo. Já Ana relaciona e justifica o salário mínimo como salário ideal para os jovens à condição de aprendiz. Diferentemente de Heitor, Ana vê nesse baixo salário oferecido aos jovens um grande empecilho à independência dos mesmos em relação à seus pais, reconhecendo que se precisasse “ajudar em casa” precisaria ganhar pelo menos 1000 reais.

“O salário adequado é o que eu gostaria de ganhar é 800 reais... Mas eu não entro... não me vejo trabalhar, pelos 465 reais que eles vão me pagar... porque é uma história extremamente intangível pra idade que eu tenho, e eles vão valorizar, talvez, os dois anos de trabalho mais a Escola que estudei... mas não as leituras que eu fiz, todo o conhecimento que eu corri atrás... as simulações que eu vou sempre, os projetos... talvez as aulas eles valorizem um pouco, mas eles vão valorizar, mesmo assim... vão me oferecer 465 reais, um salário mínimo. Entendeu?! Se pensar nem é tão pouco assim, tem família que com 465 reais sustenta uma casa. Sustenta uma casa com esses 465 reais. Normalmente... muitos empregadores, ao empregar alguém, eles dão um pouco mais de meio salário mínimo, aqui na Escola eu acho que é isso... varia. Mas eu acho que esse é um salário ideal para os jovens. Sim, seria suficiente! Eu tenho até hoje dinheiro... meu dinheiro rende até hoje... eu ganhava meio salário mínimo e eu tenho dinheiro na poupança até hoje...” (Heitor)

“Acho que o salário mínimo, não sei nada ainda, to aprendendo ainda. Mas assim, acho que com o que eu tenho a oferecer talvez um pouco mais. Uns... atualmente eu ira ficar muito feliz com 700 reais. Atualmente [é suficiente], porque eu dependo dos meus pais. Mas como eu pretendo sair de casa e construir minha vida, acho que não. Eu

acho que é muito difícil o jovem sair da casa dos pais por causa disso. Acho que ele deveria ter um pouco mais de incentivo pra conseguir uma vida independente, sabe? Construir sua própria família. Sempre estive preocupada com minha independência. Desde criança sempre pensei. Assim, não que eu queira deixar eles, mas ter um espaço que eu possa criar meus filhos e viver do meu jeito. Mas, se eu precisasse ajudar minha família ... levando em conta o que a gente gasta, né. Acho que assim , uns 1000 reais." (Ana)

Ronaldo concorda com essa percepção de Heitor e Ana, acerca da adequação do baixo salário oferecido aos jovens, de acordo com sua condição juvenil e de aprendizagem. Mas, discordando de Ana e aproximando-se da opinião de Heitor, acho que seria suficiente um salário mínimo para seu sustento, embora também seria um valor aquém do salário que gostaria de ganhar.

"O salário adequado para um jovem trabalhador? Não sei se há um salário diferenciado pelo perfil... Eu acredito que nem tanto. Porque normalmente não são tantos jovens, pelo menos da rede particular de escolas, que vão começar trabalhar antes da faculdade, né!?. Mas na escola aqui... bom sei lá, é um diferencial, mas se ganha mais ou menos isso, eu não sei. Pra pensar em um salário adequado, depende do que eu fizer. Mesmo no estágio... Eu não sei. Eu não sei o que vou fazer. Ah, não sei quanto gostaria de ganhar... Talvez o justo, ou ... sei lá, eu ia chutar um valor, por que eu não sei. Sei lá, né, entre 600 e 1000 reais, não sei ... mas talvez eu ganhe 450. É acho que seria isso 450 reais. [Era o que você gostaria?] Ah o que gostaria!? Eu gostaria entre 600 e 1000, mas depende dos conhecimentos que a pessoa tem. Porque se a pessoa tem, por exemplo, curso de informática, ela entende de programação e designer, a pessoa já começa a prestar serviços... é uma área que pouca gente tem conhecimentos, então você pode pedir um preço maior do que aquela pessoa que começa a trabalhar como estagiário do Banco do Brasil, por exemplo. Por que aí a pessoa tem um conhecimento muito diferenciado do que simplesmente alguém que estudou numa escola normal." (Ronaldo)

Também Patrícia reconhece que enquanto estiver sob a guarda financeira de seus pais, um salário mínimo seria adequado e suficiente, se considerado como renda extra, pra "comprar revistas". Mais atenta à situação de realidade, assim como Ana, compreende que se precisasse ajudar em casa precisaria de 800 reais a 1000 reais de salário.

"Salário adequado, pra minha idade? Se eu fosse começar a trabalhar agora?! Como eu ainda tenho meus pais que me sustentam, até os 18 anos... 500 reais são mais que suficientes... com certeza. Mais que suficientes. Mas quando... a partir da hora que você tem mais de 18 anos, 1000 reais se tornam pouco. Mas como dos 16 aos 18 anos é mais estágio... e se eu não me engano, agora está mudando isso, está tendo novas leis, específicas para estagiários, que vai estabelecer o que é obrigado a pagar, mas que, eu acho, em geral, pode não ser uma boa coisa... porque vão ter empresas que vão passar a não dar mais estágios... mas enfim, então varia muito. Tem empresa que te dá 200 reais por mês, tem empresa que dá 100 reais por mês, então varia muito. Seria suficiente porque, como eu falei, tem gente que me sustenta, então eu não preciso disso pra me alimentar, é mais que suficiente, dá pra comprar... [pausa prolongada] uma revista, ou um livro a mais... então é uma coisa extra. Já, se fosse pra eu ajudar em casa, eu precisaria ganhar uns 700 reais, mas isso depende do tamanho da família também. Se você tiver que sustentar um pai doente, 700 reais talvez desse... Se você tivesse que sustentar o pai e a mãe, talvez um pouco mais, talvez uns 800 reais... mas se você tivesse que sustentar o pai, a mãe, a irmã ou o irmão, talvez uns 1000 reais. Porque tem escola, mas escola publica em geral não é muito bom. Se fosse pra ter uma família como a minha? 15 mil, por aí..." (Patrícia)

Mas é Getúlio, que sugere novos elementos para este debate, afirmando que não importa o salário, e que este não deve estar vinculado a ter estudado nesta ou naquela escola, mas que o importante quanto à remuneração de um trabalhador, são as características, competências e qualidades pessoais do mesmo e a possibilidade deste trabalhador de mobilidade dentro da estrutura da empresa, principalmente em termos de renda.

"Salário adequado? Essa pergunta é difícil porque o salário depende das necessidades. Acredito que... vamos falar do meu caso... porque o *cara* vai trabalhar e precisa ganhar alguma coisa... Mas eu acho que, muito mais importante do que o lugar onde o *cara* estudou, é saber da onde eu venho, se eu tenho palavra... eu acho que o que o *cara* ganha, você pode até falar... 500 reais por exemplo, mas é interessante que o *cara* não tenha um limite. Digamos assim, de uma margem de crescimento pra ele... Você pode começar ganhando nada, mas você tem que saber que tem essa margem de crescimento... Eu acho que, pelo menos eu, se eu tiver oportunidade de empregar alguém... se a pessoa não é alienada, se é um *sujeito homem* mesmo, isso é o que interessa, se tem hombridade. Se é um *cara sério*, que tem palavra, não vai me deixar na mão... Isso é acima de qualquer outra qualidade

que o *cara* tenha, isso é muito acima do *cara* ter estudado no Padre Machado ou qualquer outro colégio... Por que o que adianta se o *cara* não tem palavra, ai vou passar aperto, porque se ele não está interessado... O importante é saber se o *cara* resolve... - Ah! Mas você não me falou nada, cadê as especificações? Não importa as especificações, importa se o *cara* resolve. Se tem atitude. Se tiver palavra, jogo de cintura, acredito que é esse *cara* que você tem que botar pra frente." (Getúlio)

Um elemento que merece destaque na análise que realizamos, diz respeito ao valor que estes jovens gostariam de ganhar como salário em seu primeiro emprego: Heitor sugere 800 reais, assim como Getúlio; Ana propõe um valor de 700 reais; Ronaldo fala em valores entre 600 e 1000 reais; e Patrícia, afirma que após os 18 anos necessitaria de pelo menos 1000 reais de salário. Valores aproximados e que mostra o lugar da classe social e os valores que embasam sua inserção no mercado de trabalho e suas escolhas profissionais. É importante destacar também que, embora eles tenham consciência de por onde começarão sua vida financeira autônoma, todos têm expectativas bem maiores que esses valores citados como salário inicial que gostariam de receber. Getúlio, com bom humor sugere: "Um milhão de reais... ou um bilhão, tá bom pra mim... [risos]. Mas eu não sei quais seriam minhas necessidades, não sei." Patrícia afirma que, "se fosse pra ter uma família como a minha? 15 mil, por ai...". Mas é Ana que aponta para uma compreensão do primeiro salário como um trampolim para sonhos maiores:

"Pra mim eu quero mesmo é juntar dinheiro. Com 700 reais eu conseguiria juntar, porque eu tenho meus pais pra me ajudar. Mas, eu pretendo daqui a uns dois anos ganhar 1.000 reais, pra poder me bancar e abrir meu albergue." (Ana)

Já Ronaldo apresenta para o cenário que estamos construindo outras questões, que mostram como este jovem se relaciona com o dinheiro, para além das questões materiais, apontando para possibilidades profissionais e de realização para as quais o salário surge como uma consequência da atividade realizada.

"Eu to preocupado com o meio ambiente... Eu, não pensei direito nisso, mas eu tinha vontade de fazer com que as energias fossem renovadas, porque pra mim seria tão obvio que eles iriam, simplesmente... iriam construir algo assim... talvez eu faça isso, seria uma boa maneira de ganhar dinheiro e ajudar a melhorar o mundo.... Construindo aqueles

cataventos que recolhem energia eólica. Só que aí tem que ver... porque, não sei porque ainda não fazem isso ?!... porque que eles não fazem isso? Talvez eu deva pensar... Talvez seja algo interessante.” (Ronaldo)

Percebemos que estes jovens compreendem o lugar que ocupam na sociedade em que vivem – mesmo que de forma heterogênea – e que se relacionam diferentemente com as necessidades materiais que poderiam vivenciar caso tivessem necessidade de partir para o auto-sustento ou para o trabalho em sua dimensão de necessidade de sobrevivência. Na fala de Getúlio observamos uma visão bastante crítica a respeito da distribuição de renda e de trabalho na sociedade contemporânea, para ele,

“o capitalismo é uma moeda de duas caras, que, enquanto tiver muita riqueza, tem muita miséria. Tudo bem, muito interessante... ai um amigo meu me pergunta: _Pô, mas e a Noruega? Ai eu tenho de explicar pro meu colega: _Sabe o que a Noruega fez? Ela pegou toda a pobreza dela e enviou para outros países. Ai hoje tá lindo. Então minha percepção é que o sistema que a gente criou é... digamos assim, riqueza pra um lado, pobreza pra outro.” (Getúlio)

Embora haja uma compreensão dos mecanismos de produção da desigualdade na sociedade capitalista, não há, por parte desses jovens, uma compreensão da condição material que empurra os jovens vulnerabilizados e de classes trabalhadoras ao mercado de trabalho. Podemos observar na fala de Getúlio, que há um inconformismo mixado á valores conservadores em sua explanação, através da qual busca explicar como as coisas se reproduzem de forma desigual em nossa sociedade capitalista e como a resignação age nas vidas dos trabalhadores pobres. Mas, mesmo de forma contraditória, não há uma proposta de transformação social ou modelos de ação por meio do qual possamos vislumbrar uma atitude de mudança possível:

“Então, digamos assim, hoje em dia, eu sei que a gente vive num caos mesmo... num caos... tipo, a gente [falando da sociedade] já vem todo errado...Tudo bem, vai ser feliz lá... se tiver dinheiro vai comprar as coisas pro filho dele. Mas, pra que vc ler jornal? Eu sei a razão de tudo que está acontecendo, sabe... Por que tem *nequinho* morrendo? Assassinato, roubo. Simples, é a desigualdade social. Simples mesmo... assim como tem gente rica, tem gente pobre... E acontece que gente pobre tem menos condição de vida. Eu não acho que... cheguei num

ponto assim de revolta... que eu não acho nem bonito a Dona Ana trabalhar, digamos assim, quase quinze horas por dia, pegar o *busão* lá... subir o morro cansada, fazer um mingau de fubá pro marido dela e acordar cedo de novo... passar aquela vida, só pra trabalhar. Eu não acho bonito da parte da Dona Ana, eu falo: _Como Dona Ana, que a senhora não fica *bolada* com isso? Dona Ana, você é uma escrava. Você não tem tempo pra educar seu filho, Dona Ana. Seu filho tá num ambiente muito ruim pra ser criado. Eu já fiquei *bolado* com a Dona Ana. As vezes... eu já fiquei pensando que eu tenho mais raiva da Dona Ana do que dos *nequinhos* que tacam o *puteiro* no tráfico. [Dona Ana quem é?] Dona Ana é a trabalhadora que acorda todo dia e trabalha igual um cavalo... e tá feliz. Tá feliz quando escuta um pagode lá... É a trabalhadora que trabalha lá em casa... felizona porque tem um emprego. O filho dela... o filho dela não tem muito futuro, não. Geralmente os filhos das minhas empregadas são criminosos e se não são podem virar... Por que? Porque ela não está em casa, o marido dela não está em casa... não dá pra dar educação pros meninos direito... porque estão num lugar que tem muita marginalidade, muita coisa ruim... uns meninos que... quanto mais alienados, quanto mais falta o conhecimento, mais eles acham que dinheiro é uma coisa hiper importante, que como todos... ele quer um tênis, ele quer isso, quer aquilo, quer as coisas materiais, então o menino vira um bandidinho. Claro que, se for parar pra pensar, tipo... é até ruim a gente falar isso porque menos de 4% da comunidade pobre tem alguma atividade marginal, que pode ser jogo do bicho até assalto ou qualquer coisa do tipo... Mas... mas isso, isso é uma *doidera!*" (Getúlio)

Essa visão de mundo e sociedade explicita uma consciência diferenciada dos outros jovens entrevistados. Uma consciência de um jovem que sente que as coisas não podem mudar porque o cotidiano reproduz as desigualdades. Porque há limitações advindas da condição de classe, da conjuntura econômica e escolar, permeadas por diversos outros fatores familiares. Assim, entre um jovem e seus projetos impõe-se uma realidade que dificilmente muda. É o caso de Getúlio, que se encontra no grupo que define seus projetos de vida, perseguindo-o com o objetivo de ultrapassar a condição social de origem de seus pais, com grandes possibilidades para isso; entretanto, há um outro grupo juvenil, caracterizado pela ausência de projetos e marcado pela conformação às condições de vida herdadas dos pais e de sua classe social (GARCIA, 2002).

Sochaczewski (2007) aponta para uma pesquisa realizada por Calligaris, que afirma que os jovens das classes trabalhadoras "sonham pequeno", pois quando

questionadas sobre futuro profissional, sonham com aquilo que é cotidiano dos adultos trabalhadores: segurança no emprego, plano de saúde e aposentadoria. Sonhos pequenos que resultam de uma resignação com aquilo que observam na vida 'comum' de adultos. (SOCHACZEWSKI, 2007, p. 137). Não é o caso dos jovens entrevistados nesta pesquisa, pelo menos não é o caso de todos eles. Heitor, nosso economista, sonha grande, pretende montar um plano de negócio para aproveitar a oportunidade que é a Copa do Mundo no Brasil, e afirma que

"... eu pretendo estar em São Paulo, estar estudando... estar trabalhando lá, também, no setor de investimento, aproveitando todo o Knowhow pelo Colégio, pela contabilidade, pelos meus estudos autônomos... ter a minha empresa... Eu queria estar trabalhando e fazendo economia na USP. Trabalhando no setor administrativo, porque... acho que ninguém vai me colocar para trabalhar com investimento... com investimento inicialmente... porque eu estou sendo formado em administração, então, a probabilidade de alcançar um emprego em administração é maior do que em investimentos. Mas eu posso trabalhar em administração em um banco... são coisas que estão interligadas... Como eu me imagino com 28? Eu me imagino... não sei dizer o lugar, aqui em Belo Horizonte ou em São Paulo... Ai, trabalhando com o que eu gosto, que pode ser, ou investimentos, ou análises econômicas, ou outra coisa... mas trabalhar no que eu gosto. Feliz. Dando aula á noite, que é algo que eu quero muito também. Não quero uma família aos 28 anos, não. Talvez com... uma namorada, talvez não... com uma namorada, uma pessoa ao meu lado." (Heitor)

Ana também sonha grande e está de olho na oportunidade que uma Copa do Mundo possa lhe trazer, principalmente na área de hotelaria. Busca articular uma vida familiar aos seus sonhos profissionais, e não acha que isso será um problema a ou uma dificuldade.

"Como imagino meu futuro... Me imagino fazendo faculdade e com meu albergue lotado de gente, por causa da Copa [Risos]. To pensando isso pra ano que vem. Daqui dois anos tá tudo pronto. Assim, é muito *viagem* minha também, mas vou investir... Mas se a gente não topa... É uma meta. Acho que assim, as coisas são mais do que na verdade são, mas se a gente não sair correndo atrás, né, nunca consegue, nem em dois anos, nem em quatro, nem nunca. Daqui a 10 anos? Com 28, grávida do meu segundo filho. Cuidando de uma rede de lugares junto com meus sócios e uma casa mediana, não quero ter uma casa grande, uma casa mediana eu e meu marido provavelmente em São Paulo. Morar em São Paulo? Sim, não é meio que voltar... eu acho que lá que eu vou conseguir

fazer mais coisas, sabe? Lá vai ter mais oportunidade que aqui, aqui é meio parado." (Ana)

Patrícia também tem sonhos, e na sua fala, o futuro planejado adquire tom de realidade concretizada, pelo uso que faz do tempo presente e passado para auto-afirmar o lugar que pretende ocupar em sua vida adulta.

[Daqui cinco anos, estarei] "Ralando muito na faculdade, quero ver se eu consigo uma transferência pra alguma outra faculdade, na França ou na Itália, ou outro lugar. Pra começar, pra mim não existe faculdade que não seja federal, eu posso estudar pelo tempo que for, e posso me matar de estudar, mas meu objetivo é a federal. E, eu só gostaria de sair daqui do Brasil pra fazer faculdade lá, ou pra trabalhar lá, porque aqui no Brasil o pessoal não valoriza arte. Como exemplo é a briga entre engenheiros e arquitetos. Os engenheiros acham que se bastam. As pessoas aqui simplesmente não valorizam... eles acham... desculpa o palavreado, mas eles acham que você... *peida* e sai uma obra de arte... mas eles esquecem que aquilo não foi só... mesmo que seja um desenho rápido de cinco minutos... não foram só cinco minutos que você gastou para fazer ele e nem algumas gramas de grafite. Foi todo seu esforço, foram todos os desenhos que você fez a sua vida inteira pra chegar até ai... você só conseguiu fazer aquilo, porque sua vida inteira você se dedicou a fazer aquilo. Então aos 22 anos eu quero estar na faculdade... estar trabalhando... já estar conseguindo mostrar pras pessoas a minha arte. Em 2020 eu me imagino já tendo feito muitos trabalhos, muitos projetos, já fiz duas faculdades. Pretendo fazer primeiro a de Artes Plásticas, a segunda eu faria ou de Letras, ou Arquitetura... Já teria vários projetos, o dinheiro que eu ganharia... que eu gostaria de ter ganho com isso, me ajudaria... eu teria conhecido várias pessoas, conhecido várias culturas, e apresentando a elas o meu trabalho e a minha escultura." (Patrícia)

Já Getúlio, nosso jovem que ao mesmo tempo se mostra crítico, conservador e inconformado, contraditoriamente sonha com tranquilidade e idealiza os 30 anos com um tempo familiar de poucos acontecimentos profissionais. O filho aparece em sua vida como um elemento de terminalidade da "vida de aventuras" e da possibilidade de imprimir mudanças ao mundo em que vive. Diz pensar pouco em trabalho, afirmando não estar preocupado com essa dimensão de sua vida, entretanto por algumas vezes afirma que estará ganhando (e gastando) dinheiro.

"Eu não imagino assim uma grande diferença, eu gostaria de imaginar uma grande diferença, mas imagino que é mais... que a única diferença

mesmo, assim... é intelectual. Eu acho que não vai mudar tanto até lá... Eu me vejo trabalhando... já ganhando dinheiro, já pensando em fazer família, mais conformista, com menos energia... menos esperança, nel? Acho que eu não vou ficar por ai tentando mudar os outros... vou cuidar da minha vida mesmo. Eu me vejo quase que aposentado... [Com 30 anos?] É... você tá lá, trabalhando e ganhando dinheiro... só... Pretendo montar família, mas só a vida mesmo, assim de aventura, acabou... ganhando dinheiro, gastando dinheiro, procurando a mulher da sua vida... E se eu achar a mulher da minha vida, acharei um sentido pra vida, ai vou ter filhos... e tendo filhos achou o sentido da sua vida, você vai ficar só cuidando dos meninos... Mas mudar as coisas você não vai mudar mais nada... você tem um filho pra criar, você não vai fazer mais nada... por isso falo em aposentadoria... é tranqüilidade. Aposentadoria mesmo a gente não tem, porque se ganhar pouquíssimo de aposentadoria como vai viver?! Então pra mim é essa a aposentadoria... é ganhar dinheiro, cuidar da sua família, viver tranqüilo." (Getúlio)

Quando questionado, de maneira mais insistente, a respeito de suas aspirações profissionais passa uma imagem de despreocupação em relação ao futuro, marcado por um idealismo em relação a desimportância do dinheiro para sua vida adulta. Não tem grandes sonhos, mas afirma que estará atento ao surgimento de novas oportunidades.

"Eu vou, pelo meu pensamento de hoje em dia, eu penso em fazer Psicologia e Ciências Políticas, junto, logo seguido do Ensino Médio... eu não penso muito nesse futuro profissional.. na verdade eu penso, igual imaginar, assim... por isso eu ficava na dúvida se eu queria entrar aqui [nesta escola], porque quando você faz Administração, ai você já sabe, basicamente... você já sabe, ou você vai ser dono de uma pequena empresa, ou trabalhar de executivo ou trabalhar numa grande empresa. Mas quando você faz Psicologia é difícil, até consultório é difícil... mas Graças a Deus, no Brasil, é tudo mais fácil... porque... porque tem muita gente ruim no mercado. Assim, abrir consultório... pra mim é uma coisa difícil, eu não me imagino num consultório, mas eu sei que eu sou bom nisso... eu sei que eu sou bom... Eu não imagino no futuro o que eu vou fazer, vou ter de pensar bem... ali na hora, eu acredito que até lá vão surgir oportunidades, ai eu resolvo." (Getúlio)

Enquanto isso Ronaldo continua sendo o mais indeciso entre nossos entrevistados e o que menos sonhos e aspirações profissionais revelou para a pesquisa. Para ele essa é uma "pergunta cruel", pois o faz pensar e buscar organizar seu futuro, coisa que acha "muito difícil".

"No futuro... daqui a cinco anos?!... Bom, com certeza eu estarei dirigindo, talvez... talvez não... Mas com certeza eu estarei na faculdade, e eu acho que terei uma namorada. Em 2020... Bom, tudo leva a crer, dentro dos padrões de hoje em dia que eu não estaria casado. Porque as pessoas costumam casar mais velhas, mas eu acho que... nossa não sei. Eu acho que eu ia estar trabalhando e estudando né, com certeza, porque hoje em dia é necessário. Eu não sei se eu estaria bem sucedido, nossa que pergunta cruel [risos]. É... eu não sei muito ainda, então fica difícil." (Ronaldo)

Essa relação entre o presente e o futuro, sendo o futuro uma dimensão definida pelo presente vivido, pressupõe uma relação positiva com o presente, enquanto investimento no futuro e em um projeto de vida explicitado durante o presente e vivenciado enquanto condição juvenil. Quando questionamos os jovens estudantes entrevistados acerca das preocupações que tem em relação ao seu futuro, as respostas apontam para situações bastante distintas, por meio das quais podemos vislumbrar, novamente, a heterogeneidade na forma de *ser* e *estar* no mundo, mesmo entre jovens oriundos de uma mesma classe social, vivendo um mesmo tempo histórico e em uma mesma realidade escolar. Essa diversidade reafirma as colocações de Dayrell (2003) no que diz respeito à historicidade do sujeito social, que se constitui a partir das relações sociais que vivencia e que se concretiza através de diferentes condições sociais e culturais em sua singularidade. Enquanto Heitor investe tempo de estudo no presente a fim de efetivar seus projetos de futuro, afirmando que esta é uma estratégia motivada por suas preocupações. Patrícia, embora reconheça as possibilidades de mudanças, tanto no mercado quanto em seus planos, diz não se preocupar.

"Todos os meus tempos livres eu aproveito pensando no meu futuro profissional... Se eu me preocupo com seu futuro profissional? Sempre. Meu tempo livre é aproveitado com meu futuro profissional... To sempre lendo jornal, que é algo importante pro esse âmbito profissional, a informação... Hoje em dia informação é poder. Você tem como se preparar... esse é um diferencial... ler muito... contabilidade, economia, eu aproveito meu tempo lendo livros, pensando no meu futuro..." (Heitor)

"O mercado muda muito, pode ser que eu consiga ser uma grande artista, como pode ser que eu... eu posso simplesmente ter aberto uma empresa e visto uma grande oportunidade de investir aqui, e estar

ganhando dinheiro com isso também. Não, não tenho preocupação nenhuma, porque é o que eu falei, qualquer coisa que acontecer eu sei que eu posso começar de novo. E o que eu busco não é fama, portanto, não é como uma modelo que vai e, de repente, o nome dela está na lama e ela não consegue voltar a ser o que era... o que eu busco não é fama... o que eu busco é ser uma pessoa bem sucedida... é chegar aos 80 anos e ter feito tudo que eu queria..." (Patrícia)

É Getúlio que – embora diga não se preocupar, não pensar nisso – reafirma o lugar da felicidade como objetivo a ser alcançado em sua vida adulta.

"Não, não tenho preocupação com meu futuro profissional. Quem tem preocupação com o futuro profissional é quem é materialista... porque eu ia ter? Que nem, eu estou lá, trabalhando com Psicologia... eu to *ralando* e tal... ganhando pouco no consultório de uma amiga, mas eu acredito que uma hora eu vou conseguir produzir uma oportunidade... eu vou trabalhar pra *caramba*... montar meu consultório ou fazer concurso público pra entrar numa área do governo... mas qual o problema também de ganhar pouco? Não ganhar igual um *top* de linha ia ganhar? Sabe, eu não estou preocupado, se eu estiver mexendo com uma coisa que eu gosto, tá metade do caminho andado." (Getúlio)

Ronaldo explicita nessa relação entre presente e futuro uma atitude menos dirigente em relação aos rumos que a vida pode tomar, sendo coerente ao reafirmar um futuro que ainda não foi traçado ou planejado.

"Eu tenho, né... tenho alguma preocupação... porque eu quero alguma coisa que eu goste de fazer, porque eu quero fazer bem feito. Só que eu fico na dúvida se vou tomar a decisão certa ou errada, eu não sei. Eu me preocupo sim, só que eu ainda não tenho solução pra esse problema. Eu to mais deixando correr, do que tentando... ou pensando e procurando saber disso agora." (Ronaldo)

Ana tem uma atitude parecida com a de Ronaldo e Getúlio, deixando as coisas simplesmente acontecer. Embora, como Patrícia, tenha a certeza que tudo vai dar certo.

"Preocupação com meu futuro profissional? Preocupação não, por que eu sei que vou trabalhar do meu jeito. Se eu não conseguir isso que eu quero, eu vou dar um jeito de conseguir outra coisa. Mesmo eu não querendo tanto outra coisa, como eu gostaria do alberque, por isso não tenho muita preocupação não. Eu planejo a carreira profissional, mas muito aberto... muito aberto. Eu penso tanto em ter um alberque, como

assim... talvez, com o dinheiro que eu ganhe com isso, abrir outro tipo de rede de serviços, ou uma coisa assim... Tenho um planejamento de longo prazo... Tenho nesse sentido, eu sei que eu vou fazer, né... mas não sei aonde vou chegar." (Ana)

Para Garcia (2002), essa atitude que evidencia o "deixar acontecer" tem relação com a falta de segurança quanto ao futuro. Ou ainda um futuro permeado por dúvidas do presente. Esta autora identificou essa postura em relação ao futuro entre os jovens que entrevistou. Para ela, determinadas expressões como, "*deixa acontecer*", "*vai pintar alguma coisa*", o "*tempo se encarrega*" configura o tempo de incertezas que caracteriza o momento atual da juventude brasileira. Entre os jovens entrevistados para nossa pesquisa também percebemos um movimento de "deixar acontecer", principalmente para um deles, Ronaldo. Entretanto, juntamente com a incerteza quanto ao futuro, a maioria dos jovens de classe média alta que entrevistamos se mostraram muito decididos quanto ao futuro desejado e quanto ao lugar da educação nessa construção de um futuro possível. Assim, chegamos a uma conclusão próxima a de Garcia (2002), de que, quanto maior a expectativa em relação ao futuro, maior o empenho nos estudos.

"E a grande maioria tinha expectativas em relação ao futuro e organizava sua vida no presente tendo em vista essa perspectiva, quando uma série de condutas, permeadas pelo sacrifício e o esforço pessoal, a responsabilidade e a força de vontade, são consideradas básicas para se alcançar esse futuro imaginado, e antevisto apenas por alguns poucos com certa clareza." (GARCIA, 2002, p.213).

Fica claro, quando questionamos quais as expectativas e aspirações profissionais dos jovens entrevistados, que para eles o futuro profissional está intimamente ligado a educação no presente. E, a construção de um bom futuro está ligado a continuidade dos estudos, mas precisamente a um curso superior. Isso verificamos quando os cinco entrevistados afirmam que vão fazer faculdade (duas faculdades no caso de Getúlio e Patrícia). Dessa forma, evidenciamos que a relação que eles estabelecem entre o nível de renda e a educação é marcante, sendo que todos têm certo que sua trajetória escolar não terminará no Ensino Médio e será definida pelos atuais condições financeiras de seus pais. Pochmann (2004) nos informa que entre os jovens pobres apenas 38,1% somente estudavam, ao passo que, entre os jovens ricos, 80% estudavam e se mantêm inativos profissionalmente,

mesmo quando em idade de cursar o ensino superior.

Mesmo mantendo-se em inatividade por mais tempo que os jovens pobres, entre os jovens entrevistados a dimensão pessoal da realização do ser humano enquanto sujeito em busca de si mesmo está no trabalho. Verificamos isso no fato de que o trabalho, em sua dimensão ontocriativa, mas também como direito subjetivo e fundamental do ser humano, é um lugar a ser alcançado, adquirindo para os jovens entrevistados a dimensão de felicidade e bem-estar. Outro ponto que vale a pena ser destacado, e que diz respeito ao lugar do trabalho no presente vivido por estes jovens, é o fato de eles cursarem o ensino médio técnico, modalidade antes restrita a jovens de classes sociais desfavorecidas. Dessa forma, o trabalho aparece na fala dos cinco jovens como algo importante em seu presente e em seu futuro, embora cada um imprima um sentido e uma expectativa distinta ao seu futuro profissional.

Heitor pretende trabalhar no que gosta, diz que vai montar um plano de negócio e abrir uma empresa. Ana quer possuir um negócio próprio, aspira por uma rede hoteleira, na qual terá sócios. Patrícia quer divulgar seu trabalho para pessoas e culturas diferentes, obter sucesso profissional e ganhar dinheiro com isso. Getúlio tem muitas opções de trabalho em mente, pode ser que tenha um consultório para atendimento psicológico ou que tente fazer um concurso público, mas garante que estará atento á novas oportunidades, pois quer ganhar dinheiro para sustentar uma família. Afirma que não precisa ser muito dinheiro, afinal, o importante mesmo é ser feliz no que faz. Ronaldo, o caçula do grupo entrevistado, embora não tenha certo o que quer para seu futuro, garante que estará trabalhando e estudando, e que gostaria de estar bem sucedido. Estes jovens também citam a possibilidade de morar em outro Estado, no caso São Paulo (Ana e Heitor) ou em outro país (Patrícia).

Ana e Getúlio afirmam querer ter uma família, e embora Patrícia cite a família como um futuro possível, não tem certeza se isso acontecerá no prazo de 10 a 12 anos. Já Heitor tem certo que não pensa em ter família antes dos 30 anos, embora, assim como Ronaldo, queira ter uma namorada. Getúlio imagina que será mais conformado e investirá mais na sua vida e menos em tentar mudar os outros. Ronaldo tem certeza que estará dirigindo carros, embora tenha dificuldade de pensar em seu futuro profissional. Podemos verificar que, quanto as expectativas

relacionadas com o futuro, os jovens buscam, mais ou menos as mesmas coisas. Estas mesmas demandas quanto ao futuro desejado aparecem na pesquisa de mestrado realizada por Silva (2008) sobre aspirações e projetos de jovens de camadas populares de Belo Horizonte.

“Quando pedido que falassem palavras que associavam ao seu futuro, foram citadas: família, boa profissão, terminar os estudos, reconhecimento, estudar pra caramba, sucesso ou fracasso, tudo de bom, Deus, trabalho, felicidade, indefinição, duvida, conquistas, viagens, se alguém na vida, filhos, descanso, envelhecer, trabalhar, namorar, alegre, emocionante, espero que seja muito feliz, arrumar alguém certo pro mim, alguém pra compartilhar a vida. Sendo as mais repetidas: família, trabalho e felicidade.” (SILVA, 2008 p. 169-170)

Verificamos assim que, mesmo sabendo que os jovens por nós entrevistados e os jovens entrevistados por SILVA (2008) sejam oriundos de classes sociais distintas, as expectativas dos jovens na atualidade estão dentro de uma margem muito próxima, quando se pensa em futuro desejado. Muito embora, vale destacar que, entre os jovens entrevistados para esta pesquisa, não encontramos em nenhuma de suas falas quanto ao futuro, suas expectativas, aspirações profissionais ou quanto ao valor e sentido do trabalho – tema que vamos abordar detalhadamente no item seguinte deste mesmo capítulo – alguma referência à palavra fracasso. O que pode ser resultado de uma origem social privilegiada que os protege, de alguma forma, de pensar em fracasso ou até mesmo de fracassar. São as diferentes condições e possibilidades de trabalho e de renda desses jovens, que refletem e determinam o futuro profissional do jovem trabalhador que pretendem se tornar, reproduzindo e/ou aprofundando a desigualdade da estrutura social capitalista (SOCHACZEWSKI, 2007).

“Os projetos de futuro ou a ausência deles têm muito a ver com as práticas quotidianas em que os jovens se envolvem, com os múltiplos contextos de socialização a que se encontram sujeitos. Embora as suas trajetórias e práticas quotidianas se encontrem sujeitas a determinações de natureza societal, encontram-se também subordinadas às lógicas dos microssistemas de interações e de relações constitutivas das unidades de vida de que fazem parte.” (Machado Pais, 1996, p. 196).

Identificados os sonhos e perspectivas futuras sobre os quais os jovens entrevistados constroem sua trajetória escolar e de vida, e sabendo que a base

objetiva desses sonhos está na condição diferenciada de classes que vivenciam e que permite a eles projetar sonhos de futuro que envolva realização pessoal, independência financeira e sucesso profissional, cabe aqui perquirir como estas aspirações e expectativas orientam as práticas e conformam uma auto-identidade, que determina o lugar que pretendem ocupar na sociedade em que vivem.

Antes de buscarmos essa compreensão, vamos apresentar o lugar do trabalho, em termos dos valores e sentidos que adquirem para os jovens neste momento de suas vidas. É o que veremos a seguir.

4.3.2 O valor e o sentido do trabalho

Já verificamos que o trabalho, em sua dimensão de realização humana, está entre os futuros possíveis e desejados elencados pelos jovens entrevistados quando foram questionados acerca de suas expectativas e aspirações profissionais. Buscamos neste momento, identificar qual o valor e o sentido que estes jovens estudantes atribuem ao trabalho, para posteriormente se investigar a inserção profissional desejada por estes jovens e como avaliam suas possibilidades no mercado de trabalho.

Quando perguntamos aos jovens entrevistados o que é trabalhar, recebemos respostas bastante distintas que revelam os diversos sentidos que o trabalho assume na representação mental que fazem da vida em sociedade. Patrícia ressalta o valor de reciprocidade do trabalho sobre o qual a sociedade humana está alicerçado. Para ela o importante é “a troca de serviços”.

“Trabalhar é você colaborar para que a sociedade seja auto-sustentável. Na sua forma, entendeu? Tem várias formas de trabalhar, você pode trabalhar montando um supermercado, você pode trabalhar em agronomia, você pode trabalhar no campo, no pasto, ordenando leite, você pode trabalhar de alguma forma que você tente servir a outras pessoas, pra que elas te sirvam. Quando você vai no supermercado comprar alguma coisa, são todos os funcionários do supermercado, o dono dele que estão te servindo... Então cabe a você servir em algum outro negócio, seja trabalhando numa empresa seguradora e fazendo seguro pra eles, seja você fazendo outra coisa...

porque mesmo o trabalho sendo pago na moeda do país, o importante é a troca de serviços. É o seu trabalho, e o outro vai trabalhar também... e um troca com o outro." (Patrícia)

Heitor destaca uma dimensão econômica-produtiva, e se aproxima da dimensão de trabalho humano defendido nesta pesquisa, qual seja, o trabalho compreendido em sua dimensão ontológica, que trás consigo elementos da causalidade e da teleologia. Os jovens entrevistados fazem essa relação ao identificar no trabalho uma atividade em direção a um objetivo ideal, mesmo que esta atividade não seja remunerada. Assim como faz Ana, que identifica no fato de "estar matutando" uma parte do trabalho humano.

"É você estar fazendo algo produtivo, pode ou não ter um fim lucrativo. Isso é trabalho. Trabalho é estar agindo, estar agindo e pro de alguma coisa, para alcançar com um objetivo, mas sem pensar com foco no financeiro... Porque trabalho é diferente de emprego... Trabalho é você exercer algum ofício, que pode ou não ter fins lucrativos, mas tem um objetivo ideal, o trabalho finalizado. Trabalho é qualquer coisa que você faça é um tipo de trabalho, a partir do momento que você faz algo pra alcançar um objetivo é trabalho." (Heitor)

"Trabalhar é... correr atrás, e... concluir. Seja uma planilha de Excel, seja fazer uma pesquisa, fazer um projeto, cumprir metas, fazer estratégias. Até em casa também, né, trabalhar em casa, gasta tempo de trabalho em casa, ficar matutando as coisas. Trabalho e emprego são totalmente diferentes." (Ana)

Ao identificar estratégias, Ana aponta para os elementos teleológicos do trabalho humano. Ronaldo também destaca essa dimensão de processo e resultado, descolando a atividade produtiva do trabalho da necessidade imediata de remuneração. Assim, ao afirmar que "estudar, fazer um texto, isso pode ser considerado uma espécie de trabalho", reconhece a especificidade humana da educação para a reprodução da dimensão produtiva do homem, mesmo que essa produção seja uma ação do homem sobre o próprio homem.

"Trabalhar é a pessoa produzir alguma coisa, fazer alguma coisa, que tenha bom resultado, talvez. Mesmo que o resultado é saber que o resultado não é aquilo, por exemplo, uma cara é um cientista, então ele fica pesquisando, pesquisando ai descobre que o ovo não faz mal pra

saúde, por exemplo, que o ovo não causa câncer. Serviu pra alguma coisa, não era a resposta que a pessoa queria porque não vai falar tudo sobre o ovo, então isso também pode se dizer que é um trabalho. Eu acho que trabalho é o que dá em algum resultado, talvez o próprio fato da pessoa estar na escola, estudar, fazer um texto, isso pode ser considerado uma espécie de trabalho, só que adaptado." (Ronaldo)

Getúlio destaca a subjetividade e individualidade do trabalho humano, ao sugerir que trabalhar tem haver com talento e dom.

"Trabalhar é aproveitar um talento seu. Ou pelo menos deveria ser... Hoje em dia tem um tanto de talento desperdiçado, a pessoa não sabe o que vai fazer... porque você tem que trabalhar naquilo que você é bom... tinha que ter um auxílio pra isso, tipo pegar os alunos lá da... do primeiro ano e passar um dia com uma pessoa, tipo um advogado, um dia com um medico, um dia com um policial, um dia... você ia ter uma noção muito maior do que é trabalhar... melhor do que fazer todas as matérias, fazer o vestibular, e acabar do mesmo jeito, você fazendo uma coisa que você não sabe se quer." (Getúlio)

E, é o mesmo polêmico Getúlio que trás novos elementos para esta discussão. Ele aponta para a dimensão histórica do trabalho, que está conformado por uma organização econômica herdada, no caso ao sistema capitalista.

"Nos dias de hoje trabalhar é simplesmente exercer uma função em troca de dinheiro. E como você precisa de dinheiro, você precisa trabalhar. Ótimo seria se você fosse bom naquilo, se fosse um dom. Mas, trabalhar é isso, fazer um esforço pra criar uma dívida, pra um *cara* ter uma dívida com você e te pagar... e com esse dinheiro você vai poder usufruir dele. Vai poder morar sozinho. O trabalho antigamente dependia de força, tava lá os escravos... e se eles não trabalhassem iam bater neles e torturá-los... por medidas econômicas... a galera não consegue compreender isso, a gente era desumano só por causa de medidas econômicas... Nós deixamos de ser desumanos?!? Também os seringueiros da Amazônia, o *cara* trabalha, ganha salário e tem que pagar pelo lugar onde mora e os produtos que ele tem que comprar, ele vira escravo por causa da dívida. Vamos agora pensar isso no que a gente vive hoje. Imagina se você não tem pai e mãe, você era um escravo também, como a Dona Ana... ela é uma escrava também. Mas por que ela é uma escrava? Porque ela é uma escrava da dívida, se ela não trabalhar ela não vai ter um lugar pra morar, e ela não vai ter *rango* pra comer, e não vai ter como cuidar da família dela. Ou seja, ela tem uma dívida, e ela já nasceu com essa dívida, então ela tem que trabalhar. Todo mês tem dívida nova pra Dona Ana. Mas a gente que é

mais novo não percebe isso, porque tem pai e tem mãe, tem gente pra arcar com sua dívida. Se não tivesse pai e mãe, era um escravo... da dívida." (Getúlio)

Na busca de compreender as diferenças que estes jovens percebem entre trabalho e emprego, explicitamos abaixo a definição dada por eles para o termo emprego, e verificamos que este está ligado às relações formais de trabalho, à trabalho obrigatório, sem prazer, repetitivo, decidido por outro.

"Emprego, já tem todo um vínculo legislativo e tem fins pecuniários. Há muita diferença entre ser trabalhador e ser empregado." (Heitor)

"Trabalho e emprego? Acho que não, emprego seria ter carteira assinada, ter uma posição certa, e trabalho é tudo aquilo que você faz, pode ser uma coisa que você escolhe, acho que isso. Só que é considerado também você ser dono de uma empresa, isso é considerado emprego? Não sei se é. ... a principio acho que é trabalho. Porque emprego seria de carteira assinada mas só que é um direito da pessoa, porque ela está lá trabalhando..." (Ronaldo)

"Enquanto o trabalho pode ser remunerado ou não. O emprego, ele é dinheiro. Quando eu penso em emprego eu fico pensando, não tinha uma palavra melhor pra colocar, não? Porque eu já imagino Cristo pregado na cruz, assim, de braços abertos, preso... mas a palavra é essa, não tem jeito, empregado... em-pregado... pregado, mesmo! Na escola eles falam que trabalho é trabalho e emprego é... como na cruz... trabalhar para alguém. Mas aqui você aprende a não trabalhar pra ninguém, as pessoas é que vão trabalhar para você." (Getúlio)

Tanto Ana, quanto Patrícia ressaltam a dimensão de heteronomia do emprego em relação ao trabalho, ao afirmar que emprego é aquele trabalho que "tem que fazer o que é pra fazer", ou ainda que "é outra pessoa mandando ou decidindo o que você vai fazer".

"Emprego é aquela coisa assim... já discutimos isso em alguma aula, eu não lembro, mas é assim, no emprego a pessoa está lá tem que fazer o que é pra fazer, trabalho é aquele que você pega pra desestressar, pra fazer porque quer e acha importante. No emprego não... O emprego pode ser... é tipo emprego público né, que você sente e não pode ser despedido, então você fica lá fazendo planilhas, dando baixa..." (Ana)

"Não é a mesma coisa. Emprego é outra pessoa mandando ou decidindo o que você vai fazer, o que você vai agir... É você trabalhando pra outra pessoa. O trabalho você pode realizar como emprego ou pode agir por si só." (Patrícia)

Quando questionados se trabalhar é bom ou é ruim, os jovens entrevistados destacam alguns elementos importantes para esta pesquisa. Ana é direta, mas se coloca em contradição com a dimensão de heteronomia que ela mesma identificou na condição de emprego. Para ela trabalhar é ter independência, autonomia e auto-realização, relacionando trabalho com sustento próprio.

"Se é bom ou é ruim? É ótimo, se você não trabalha vai viver nas tetas de alguém, né. Não tem porque não. Te que trabalhar pra ser alguém." (Ana)

Patrícia, assim como Ronaldo, destaca a dimensão da necessidade de reprodução material do homem. Trabalhar é bom pra garantir "condições de vida", através do "alimento". Verificamos nestas falas que o trabalho assume o sentido de condição de vida, distanciando-se da dimensão de atividade humana por excelência, mesmo que não remunerado, já explicitada anteriormente por estes jovens, e que diferencia o ser humano de outros animais.

"Acho que não é ruim, não. Porque pra gente ter todas as condições de vida que a gente não tem é preciso que cada um faça um pequeno pedaço da sociedade pra que tudo seja pleno, né. Não digo que seja pleno, mas ter um complemento, assim." (Ronaldo)

"É bom, sem dúvida, sem trabalhar ninguém vive. Todo mundo precisa de trabalhar, senão você vai ser mais uma praga pra humanidade. E você tem que fazer o mínimo pra conseguir o seu alimento, se você está satisfeito com 465 reais por mês, parabéns. Fique feliz com isso. Principalmente se você está fazendo o que você quer. Mas se você tem ambições, você quer estar acima desse nível, então busca isso..." (Patrícia)

Heitor destaca a autonomia do indivíduo alcançada pelo salário e o dinheiro que recebe como bônus pelo trabalho realizado, destacando também a dimensão da sociabilidade promovida pelo trabalho e a sensação de utilidade que o mesmo proporciona à vida humana.

"Achava fenomenal trabalhar! Eu adquiri autonomia, eu aprendi, digamos... dar valor nas pequenas coisas... o próprio dinheiro. Dinheiro é bom, não é ruim não... Sinto muita falta ainda de ter, porque eu odeio pedir coisa pro eu pai, eu acostumei a ter meu dinheiro, administrar as minhas finanças, que é algo bom... Era muito bom, eu trabalhava, tinha contato com os adultos, que eu acho muito importante, porque os adultos têm uma percepção muito mais abrangente do que eu tenho hoje, pela própria vivência que eles tem, que é algo muito bom. Eu sinto falta de estar lá, na frente do computador, trabalhando... fazendo notas fiscais. Falta também o bônus do trabalho, que é o salário..." (Heitor)

Dessa sensação de utilidade destacada por Heitor deriva a negação do ócio, característica do discurso comum sobre trabalho na sociedade capitalista de classe. Além disso, ele nos apresenta uma compreensão de que é necessário aprender na prática, articulando por meio do trabalho o saber e o fazer.

"Eu acho muito bom trabalhar porque eu odeio o ócio. O ócio para mim é algo horrível. Odeio o ócio... Trabalhar para mim é algo muito bom, que é a oportunidade... de ter contato com as pessoas que tem a prática... que aprenderam fazendo... pra você aprender, por isso eu acho o trabalho bom..." (Heitor)

Entretanto Getúlio não vê as coisas bem assim, embora reconheça a autonomia proporcionada pelo dinheiro, não vê possibilidade de aprendizagem na maioria dos postos de trabalho ocupados por jovens como ele. Considera que muitos trabalhos nada mais são do que fonte de "desperdício de talentos". E propõe um modelo utópico de organização do trabalho e distribuição da riqueza social.

"Pelo dinheiro? Pelo dinheiro é bom, porque ai você tem o seu dinheiro. Um serviço idiota, vamos pensar... garçom. O que você aprende sendo garçom? Nada. Eu trabalho como garçom e não aprendo nada. Mas você tem que trabalhar. O que o garçom é? É um talento desperdiçado. Aposto que o *cara* tinha um dom, mas ele não foi explorado, então... vai ver ele não quis, vai ele não correu atrás... vai ver ele correu atrás e não deu pra ele. Garçom, gari, motorista de ônibus... a maioria dos empregos você está simplesmente desperdiçando talentos. Porque não fazem uns robôs?! Mas vão pensar: vai acabar com os empregos? Mas emprego não é uma coisa boa? Emprego só é bom quando você pensa na economia. Se você parar pra pensar a gente está muito mais desenvolvido tecnologicamente do que a gente parece estar, então pra que a gente precisa de tanto emprego ruim assim?! A gente podia

substituir por tecnologia e aproveitar o talento do *cara*. Mas o cara vai ficar desempregado? Mas se não vivêssemos num consumismo, onde as pessoas precisam ter muito, pensa... as riquezas poderiam ser divididas. Você ia poder chegar na loja, pegar o que precisa, e não pagar nada. Eu não sou socialista... o problema do socialismo é que as pessoas pensam sempre no emprego, como que eu vou trabalhar mais e ganhar a mesma coisa que a outra pessoa? Mas isso não é um problema, vai ser um problema se você não gosta do seu emprego, mas não ia ter isso, porque as pessoas iam trabalhar naquilo que gostam, naquilo que tem dom pra trabalhar, não ia ter nada a ver com o dinheiro... ai não ia ter trabalho chato.... se você não quisesse trabalhar poderia ser 'vagabundo' porque você não ia ter essa dívida que te obriga a trabalhar. Ou vai me dizer que todos os seres humanos não merecem um prato de comida? Todo mundo acha que um ser humano merece um prato de comida, mas no mundo tem gente passando fome..." (Getúlio)

Heitor destaca outro elemento de negatividade possível do trabalho organizado sob o sistema capitalista para a vida humana, uma das fontes de adoecimento do trabalhador.

"O estresse era algo ruim. O estresse vem mais de mim... Que eu não era... eu era cobrado, é claro! eu não era o filhinho do patrão, era cobrado como qualquer um é... mas eu me colocava de uma maneira que eu tinha de ser o melhor, que eu era o filho do dono, e... queria sempre, eu sou assim, eu quero sempre fazer o melhor. O estresse na minha vida vem mais de fatores internos que fatores externos, não era aquela cobrança: você tem que fazer isso agora. Faz logo!, era uma cobrança interna..." (Heitor)

Tentando compreender as percepções destes jovens acerca da negatividade possível do trabalho na forma como se configura no capitalismo globalizado, questionamos a respeito de que trabalho que eles não fariam. Enquanto Heitor destaca áreas de conhecimento que não o atraem como motivo que o levaria a não seguir uma carreira ou realizar um trabalho. Coloca como ressalva o seu interesse pessoal que atenderia a objetivos do momento, dessa forma, poderia fazer qualquer trabalho, contanto que "na época eu tivesse interesse" que motivasse a realização do trabalho. Ronaldo além das áreas de conhecimento que não o atraem, repudia alguns trabalhos com pouco status social. Já Patrícia faz referência as condições de trabalho efetivas.

"Alguma coisa relacionada a área biológica, medicina... engenharia, também não. Acho que arquitetura... algo relacionado ao Meio Ambiente... Meio Ambiente em si, eu não gostaria de fazer... Mas, faria trabalho no posto de gasolina, no supermercado... Faria se na época eu tivesse interesse, por que não? Warren Buffet, o homem mais rico do mundo saía na rua e catava latinha pra ganhar dinheiro... trabalhar num posto de gasolina... por que não? Nenhum tipo de preconceito." (Heitor)

"Trabalho que não faria nunca? Tem.. Não tenho vontade de ser médico, acho que advogado tb não... nem lixeiro, nem gari, a sei lá. Não me interessam... sei lá... Ah, porque eu não tenho vontade de abrir pessoas, o resto eu não tenho muita certeza, médico é porque me dá um nervoso..." (Ronaldo)

"Eu nunca ficaria dentro do escritório o dia inteiro. Mesmo que o patrão... eu posso até passar um tempo, mas não aquentaria." (Patrícia)

Ana faz referência a questões morais na hora de decidir se realiza ou não algum trabalho. E Getúlio declina propostas de trabalho que, além de pouco status social, lidem com a sujeira da sociedade.

"Não tem nenhum trabalho que eu não faria nunca. Ah, tem, eu não me prostituiria, nem venderia drogas, nem roubaria. Do resto eu to aí, servir café, fazer hambúrguer na chapa, na faculdade a gente se vira." (Ana)

"Tem alguns trabalhos que eu não faria, eu sou meio *moçinho*... risos... Tipo assim, lixeiro... risos... eu também não quero ser aqueles *caras* que mexem com corpo, coveiro... ou trabalhar no IML. Ser policial, jamais. Só polícia federal... PM jamais... tem a ver com nojo também, mas tem também outras coisas... Tipo, eu ser empregado, trabalhar de doméstica, não dá. Eu não dou conta, não é de nojo não, mas eu ia ser péssimo. Eu não ia conseguir fazer nenhum trabalho que eu fosse péssimo. Mas por que eu ia ser péssimo? Porque eu odeio cheiro de lixo. Odeio." (Getúlio)

Nenhum deles demonstrou interesse em seguir a mesma profissão que os pais. Quem mais se aproxima de ter o mesmo trabalho que o pai é Heitor, que quer trabalhar com a mesma área de conhecimento na qual o pai atua, mas mesmo assim busca uma diferenciação, busca subir um degrau acima do seu pai.

"Não. Eu gosto muito do trabalho de meu pai... mas eu preferia fazer outra coisa... eu gosto muito daquilo também, mas prefiro o setor econômico... é só isso..." (Heitor)

"Não, eu acho que não gostaria de ter o mesmo trabalho que eles. Não é exatamente o que eu quero. Não gosto muito de números pra ser bancário, e arquitetura talvez não seja tão fácil e nem muito rentável." (Ronaldo)

"Jamais... ou eu até gostaria mas eu não tenho talento pra ser designer gráfico. Mas se fosse o meu dom, porque não?" (Getúlio)

"Não, eu não gostaria mesmo. O meu trabalho é em outra área." (Patrícia)

"Não. De jeito nenhum. Passo longe de fio, passo longo de metal pesado, eu não gosto muito dessas coisas, não gosto de indústria. Aqui eles pensam muito assim, fazer você pensar em negócio entre empresas, né, então uma coisa assim, uma distribuidora, tipo empresas que mexem com estoque e tal... Mas não gosto disso não. Armazenamento, talvez distribuição, né. Eu sempre pensei numa coisa assim, que prestasse serviço. Fosse uma coisa que eu tivesse mais controle e... que eu pudesse dar a minha cara, sem ser um galpão enorme que tivesse que fazer estoque das coisas." (Ana)

Nas cinco respostas temos alguns elementos importantes para destacar na pesquisa. Novamente, assim como ocorreu quando analisamos as aspirações e expectativas profissionais desses jovens, o trabalho adquire uma dimensão de prazer e gosto, de forma a destacar elementos da subjetividade e singularidade desses jovens, como pontuado por Getúlio ao afirmar a importância do talento para fazer bem feito. Podemos observar que nas cinco respostas as palavras 'gostar' ou 'gostaria', sejam utilizadas de forma positiva ou negativa, é o principal "porque" apresentado pelos jovens, que não querem seguir a carreira e profissão de seus pais. Ronaldo faz outra ressalva, deseja um trabalho "rentável". Esse jovem que ainda não decidiu seu futuro profissional, aponta o principal valor e sentido para o trabalho que deseja exercer no futuro, o trabalho deve ser rentável.

A fim de compreender como os jovens entrevistados compreendem o movimento histórico do trabalho, e como o mundo material afeta a forma de organização e de

realização desta atividade humana, questionamos se o trabalho de hoje é o mesmo de antigamente. Se mudou, mudou o que?

As respostas dos cinco jovens identificam diversos movimentos apontados por estudiosos das transformações ocorridas na produção humana e no homem produtivo. Heitor destaca o papel da reorganização produtiva no aumento da produtividade, e o uso da tecnologia na alteração cognitiva das pessoas. Transformação também apontada por Ana, que identifica um aumento no uso do intelecto humano na produção de mercadorias e serviços. Ronaldo e Getúlio falam de um mercado de trabalho mais competitivo e mais dinâmico, para o qual os trabalhadores devem estar preparados.

"A partir do momento que as coisas mudam tudo fica diferente, adaptando-se as mudanças conjunturais. Por exemplo, no passado não tinha o... porque não era a necessidade do passado, esse ensino profissionalizante... A partir de uma necessidade pessoal da população... que fez o surgir o colégio aqui... Também a informática, a informática *esquemmatizou* tudo, fazendo com que aumente a produtividade das pessoas... A tecnologia também é um diferencial, mas você não pode pensar só na tecnologia, tem que pensar também na alteração cognitiva das pessoas, que pode ser também proveniente da tecnologia... Mas o mercado de trabalho está mais competitivo, e vai ficar mais no futuro... porque... é só analisar a pirâmide etária... há muito mais jovens no mercado de trabalho, fazendo com que seja necessária a distinção... por meio de cursos..." (Heitor)

Tanto Heitor, quanto Getúlio, Ronaldo e Patrícia, identificam fatores de distinção dos trabalhadores, que podem começar por uma maior importância do ensino profissionalizante (Heitor), passando pela demanda de maior especialização por meio de um aumento nos anos de estudo, já que é preciso se manter competitivo (Ronaldo), uma especialização que promove diferenciação salarial, mantendo os trabalhadores na mesma luta por um salário digno (Getúlio), e mesmo assim mais alienadas e com um sentimento de "perdido no mundo" (Patrícia).

"O trabalho muda, muda muito. Muda a forma de trabalho, muda o tempo que as pessoas trabalham... por exemplo, agora não trabalham mais o tempo inteiro... Aumentou a divisão do trabalho, a especificação, cada um fazendo um pedacinho. Antes as pessoas trabalhavam... era diferente. Antes as pessoas eram menos alienadas, elas sabiam mais sobre o trabalho que elas podiam fazer. Elas não

eram tão emotivas, todo o comércio, por causa das propagandas....Era tudo mais simples. Você falava, tem que trabalhar, tem que se sustentar. Agora ninguém sabe bem o que quer, eu acho que todo mundo, no fundo, todo mundo que mora na cidade tem um sentimento de "perdido". Porque ninguém sabe todo o processo, sabe uma parte, sabe do que faz, ma não sabe do resto. Então acho que todo mundo acaba se sentindo meio perdido, é informação demais." (Patrícia)

"O trabalho de hoje não é igual... Acho que não, porque hoje as pessoas têm que ser mais especializada, porque antigamente passava pela faculdade e a pessoa passava trabalhando o resto de sua vida. Hoje em dia não é mais assim. Você precisa estar sempre se especializando, sempre estudando, pra ficar no mercado de trabalho, ser competitivo." (Ronaldo)

As mudanças na organização do trabalho também foram destaque na fala de Patrícia e de Ana. O trabalho braçal foi substituído em grande parte pelo trabalho estratégico, com foco no processo de trabalho (Ana) e a forma de trabalho, assim como o tempo dedicado ao mesmo se modificou (Patrícia).

"O trabalho de hoje mudou... Mudou o uso do intelecto, eu acho, né. A pessoa tem pensar muito mais com a cabeça do que com o corpo. Acho que deixou de ser braçal para ser estratégico. A logística mudou muito, né. As pessoas focam não no objetivo, focam mais em como chegar lá." (Ana)

A organização produtiva sofreu maior divisão do trabalho, que teve como resultado o aumento das profissões (Patrícia e Getúlio), e o conseqüente aumento da especificação das tarefas, deixando as atividades mais complexas (Patrícia). O que mudou no trabalho de hoje? É o próprio Getúlio que responde "a sociedade vai se moldando, mas tudo pra se manter da mesma forma, manter a alienação".

"É diferente, eu acredito que o trabalho mudou. A sociedade vai se moldando, mas tudo pra se manter da mesma forma. Antes era a Igreja que alienava as pessoas, mas isso passou, e surgiram outras formas de alienar uma pessoa. Sempre é importante você ter essa massa de manobra alienada. Na época de Charlie Chaplin, você tinha que lutar, lutar!! Cair na porrada!!! explodir coisas!!! pra ter os direitos básicos. As mulheres tiveram que brigar na rua, morreram quantas?!, pra ter igualdade. Tá ligado? É o básico, o básico... Os trabalhadores precisaram lutar pra ter um salário, até hoje você está lutando por ele. Pra ter um salário mais digno, porque antigamente era escravo..."

mesmo com salário... que nem o Charlie Chaplin fazendo lá o movimento... repetindo o movimento, ganhando uma *merda* e... com uma carga de trabalho exaustiva... O que mudou no trabalho de hoje? Hoje tem muito mais trabalho, mais profissões... O que mudou realmente? O que mudou no trabalho foram as profissões, o dinheiro e o mercado que está mais dinâmico... Porque continua as pessoas tendo que trabalhar pelo dinheiro. É isso. Não mudou nada." (Getúlio)

Por fim, para concluir esta reflexão e dar início a análise da percepção dos jovens acerca de suas possibilidades de inserção profissional, questionamos o que, na visão destes jovens, é um bom emprego e o que é um emprego ruim.

Novamente temos elementos comuns nas falas dos jovens. Satisfação, prazer, fazer o que gosta, fazer o que quer. Aprender, crescer, ter futuro e ser bem remunerado. Sintetizando, é isso que estes jovens buscam como um bom emprego. Heitor cita outro elemento que não foi citado pelos outros quatro jovens, um bom ambiente de trabalho, no qual o trabalhador seja reconhecido e valorizado.

"Bom emprego? É aquele que satisfaça... em termos financeiros e em termos intangíveis... você está lá gostando do que faz, num ambiente bom de trabalho... você é bem remunerado, os profissionais vêm a sua importância lá... É você estar bem num lugar que te remunera de acordo." (Heitor)

"Bom emprego é aquele que... que você pode fazer mais do que te pedem... fazer mais do que sabe ou aprender, acho que aprender. Aprender mais, agregar mais, crescer muito mais, então tem que ter futuro. Meu pai quando saiu da empresa onde ele tava, ele viu que não tinha mais futuro lá, então, ele não queria que as pessoas bloqueassem o caminho dele, então ele achou melhor sair e foi fácil pra ele arrumar emprego. Ele arranhou emprego antes mesmo dele sair da empresa. Então acho que depende muito da pessoa e do que ela tem a oferecer a carreira que ela quer." (Ana)

"Um bom emprego é algo que ele goste de fazer, acho que tb que desse uma condição de vida boa, mas de preferência que eu goste. Porque não adianta eu fazer uma coisa que eu odeio, ganhar muito dinheiro e ser infeliz. Porque no trabalho você ta mais tempo do que no lazer ou com a família, então se não gostar do trabalho é complicado." (Ronaldo)

"É quando você faz o que você quer e ganha o suficiente para sustentar sua família, ou sustentar o que você quiser, as suas diversões." (Patrícia)

"Um bom emprego é aquele que você gosta de fazer, que você é bom. E que te paga o suficiente pra você sustentar as suas necessidades." (Getúlio)

E o emprego ruim? Como os jovens percebem e representam mentalmente as relações de trabalho que não querem para sua vida profissional? Podemos dizer que é aquele emprego que reúne as características opostas aos valores elencados como de um bom emprego. O destaque está no fato que, agora, o ambiente de trabalho ganha importância, assim como as relações de trabalho truçulentas, a falta de reconhecimento e de autonomia. Eles ressaltam que é importante gostar do que faz e do lugar onde trabalha, caso contrário gerará insatisfação no trabalhador.

"Emprego ruim? É o oposto... Você pode estar num local, num ambiente de trabalho que não é sadio, pode ser mal remunerado, o que você faz não é reconhecido, enfim..." (Heitor)

"É quando você não gosta do que faz e também quando... talvez, ganhe muito pouco. Ou quando trabalha, trabalha e não é recompensado." (Ronaldo)

"É algo que te deixa insatisfeito, que ganha muito pouco, nunca pode fazer o que quer, tem que ficar em casa porque está te faltando dinheiro, você não pode nem encontrar com seus amigos porque te falta dinheiro. Isso é um mau emprego." (Patrícia)

"Pode ter várias combinações, um mau começo é você não gostar do seu emprego... se você não gosta já é um emprego ruim... Mas se você gosta e o salário é muito ruim mesmo, esse também não é um bom emprego." (Getúlio)

Para Ana também é importante que o emprego seja um lugar de aprendizagem, caso contrário configuramos como um emprego indesejado e ruim. Sem falar que os jovens são unânimes, todos citam um baixo salário como uma característica de um emprego ruim, que, porque remunera mal, impossibilita a realização de outras necessidades humanas.

"Acho que é aquele que a pessoa... que não te deixam agir. E o ambiente de trabalho é ruim também né. É impossível você ter um chefe muito grosso, né, um homem muito impossível de trabalhar. Acho que ambiente, e se você não aprende nada também. Se não ganha bem também é ruim, não adianta." (Ana)

Na busca de identificar o valor e o sentido que estes jovens estudantes atribuem ao trabalho, verificamos que, associado ao termo trabalho, os jovens associam elementos de reciprocidade, pela troca de serviços, e da subjetividade e individualidade humana, expressos na relação do trabalho com o talento e o dom.

Concluimos que os jovens compreendem o trabalho em sua dimensão ontológica enquanto uma atividade produzida em direção a um objetivo ideal ou resultado (elemento de causalidade), identificando no trabalho elementos teleológicos, explicitados na concepção de trabalho enquanto estratégia e na relação processo e resultado. A especificidade humana da educação também é revelada na fala de um dos jovens entrevistados. Para Saviani (2006) a relação entre educação e trabalho é uma relação recíproca e de constituição recíproca. Para ele a "produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo" (SAVIANI, 2006, p.4). Ciavatta (2005) aponta para esse sentido transcendente da educação, como uma capacidade de atuar, transformar e resignificar a realidade humana (2005, p 8), de forma que a formação, compreendida em sua dimensão integrada, associa a humanização do ser humano à sociabilização para a vida em sociedade, constituindo a identidade do ser social.

Quanto ao termo emprego verificamos que o mesmo está relacionado, na percepção dos jovens, à relações formais de trabalho, à trabalho obrigatório, sem prazer, repetitivo, decidido por outro, explicitando uma dimensão de heteronomia dessa atividade produtiva.

Assim, um bom emprego é aquele que possibilita a satisfação pessoal, a realização com prazer, a possibilidade do jovem de fazer o que gosta e de fazer o que quer. Também está relacionado à possibilidade de aprender, obter crescimento pessoal e profissional, enfim, "ter um futuro". Além de que deve ser bem remunerado, para que o jovem se sinta reconhecido e valorizado. Já o emprego ruim caracteriza-se como oposto ao bom emprego, é aquele no qual o jovem sofre da falta de reconhecimento, de autonomia, não gostar do que faz, por isso está insatisfeito,

não aprende nada e é mal remunerado. Os jovens entrevistados reconhecem que o ambiente e os colegas de trabalho são determinantes para se caracterizar um bom ou mau emprego. Dessa forma, as formas de trabalho que impõe ao trabalhador um constrangimento ao pessoal ou social, também foram identificadas nesta investigação, sendo que há, por parte dos jovens entrevistados, uma negação das atividades desenvolvidas com uma finalidade específica de sobrevivência.

Dessa forma, o trabalho é bom, quando reúne qualidades de independência, autonomia e auto-realização. A autonomia da atividade trabalho vem associada a sensação de utilidade e à um valor próprio da sociedade capitalista, a negação do ócio. A autonomia do indivíduo é possível por meio do dinheiro, que emancipa o jovem de sua família, ressaltando a benignidade do trabalho como forma de suprir as necessidades materiais a que todos estão sujeitos. Muito embora estes jovens reconheçam que o trabalho possa ter uma dimensão de aprendizagem pela prática, na maioria dos postos de trabalho ocupados por jovens não há possibilidade de aprendizagem e, portanto, há “desperdício de talentos” (como explicitado por Getúlio). Assim, o aspecto negativo do trabalho está no adoecimento e na negação do mesmo, quando este não está vinculado a um interesse pessoal, seja quando condicionado a determinadas áreas de conhecimento, ou a aquisição de status social. Os jovens entrevistados negam o trabalho que lhe oferecem condições de trabalho desfavoráveis e humilhantes, como aquelas atividades relacionadas a limpar a “sujeira” da sociedade, assim como aquelas atividades que, por questões morais, são discriminadas e criminalizadas. Assim, necessariamente o trabalho tem de estar relacionado com prazer e gosto pessoal.

Como verificado na pesquisa realizada por Guimarães (2004), o trabalho é fonte de independência e de “crescimento” do jovem na sociedade, principalmente entre o grupo de jovens que estão trabalhando no mercado formal e/ou tem escolaridade mais elevada e/ou renda mais alta. “Isto é, os que têm chances de ‘crescer’”. (GUIMARÃES, 2004 p. 19) Um outro grupo da pesquisa de Guimarães, dos jovens em busca de trabalho, com idade elevada e curso superior completo, e os jovens com renda maior que 10 salários mínimos, o trabalho é uma fonte de auto-realização (GUIMARÃES, 2004).

Enquanto para Guimarães (2004) as bases materiais das representações sobre o trabalho estão na inserção “real” dos jovens na atividade produtiva, este não é

nosso caso. Já que os jovens por nós entrevistados ainda não estão inseridos numa atividade produtiva, podemos classificar a visão de mundo desses jovens de acordo com a afirmação de Garcia (2002), para quem, o sentido do trabalho reproduz a visão de classe herdada pelos jovens de seus pais. Ela identificou que, entre os jovens da classe trabalhadora, o termo trabalho está associado à ética convencional do trabalho, acrescido dos valores de realização de si e a satisfação dos desejos de consumo, que são, para ela, valores típicos dos jovens na atual conjuntura. Muito embora Garcia (2002) relacione estes sentidos a uma visão de classe, e no caso, da classe trabalhadora, encontramos entre os jovens entrevistados por nós para esta pesquisa, os valores da auto-realização e do trabalho-paixão, como definido por Bajoit e Franssen (1997), e que podemos compreender como uma estratégia ofensiva. Há, entre os jovens entrevistados, uma busca por prestígio social como tendência de uma “nova ética do trabalho vinculada à satisfação pessoal”, como defendida por Garcia (2002) e também verificada na percepção de jovens de classes sociais menos favorecidas. Esse reconhecimento do trabalho em suas três dimensões de realização pessoal, como ressaltado pela pesquisa de Guimarães (2004), pode ser verificado na pesquisa em questão. Para os jovens desta pesquisa o trabalho é importante enquanto valor pessoal de auto-afirmação e autovalorização, enquanto necessidade de sobrevivência e, especificamente em algumas fala de Getúlio, enquanto direito do homem em sociedade.

No estudo empreendido por Guimarães (2004), o trabalho é – além de um assunto relevante e de interesse para a juventude – compreendido e sentido como um problema. No caso de nossa pesquisa, o trabalho somente adquire essa dimensão de problema quando vinculado aos empregos ruins e heterônomos.

Por fim, mas não menos importante, está o reconhecimento de uma dimensão histórica do trabalho, que se conforma às condições pré-existentes e adquire novas características, sem, no entanto, romper com as relações determinantes de exploração do trabalho na sociedade capitalista (ANTUNES, 2006). Os jovens aqui entrevistados reconhecem que há um movimento histórico que condiciona as formas de realização do trabalho enquanto atividade humana e reconhecem que o uso da tecnologia provocou, simultaneamente, um aumento da produtividade do

trabalho e uma alteração cognitiva do trabalhador enquanto instrumento humano pelo qual se desenvolve a atividade produtiva.

Aranha (1998), citando Marx, aponta para a relação intrínseca ao capital de desenvolvimento tecnológico no sentido de valorização do mesmo. As revoluções das técnicas, portanto, dos modos de produção, tem desdobramentos sociais. Ao incorporar saberes humanos á maquinaria que materializa o desenvolvimento tecnológico, o capital cumpre sua única finalidade, a valorização do próprio capital (ARANHA, 1998).

Na percepção desses jovens, ocorreu um processo acentuado de diferenciação dos trabalhadores, caracterizado por uma maior especialização e o aumento nos anos de estudo, que levou a uma hierarquia profissional e uma maior diferenciação salarial. O trabalhador da atualidade se encontra mais competitivo, mas também mais alienado. Embora alguns autores, como Georges Friedmann e Pierre Naville, defendam o processo de automação como um processo de reintegração das tarefas cindidas durante o modo de produção fordista, para Aranha (1998) essas perspectivas otimistas não se realizam, pois ao mesmo tempo em que o uso da tecnologia rompe com o trabalho fragmentado, impõe ao trabalhador uma adesão subjetiva aos interesses da produção, com um aumento do estranhamento do ser social com seu trabalho (ARANHA, 1998).

Também as mudanças na organização do trabalho percebidas pelos jovens, indicam que, mesmo sem vivenciar o trabalho enquanto condição de vida, estes sujeitos percebem as mudanças promovidas pela reorganização capitalista e as implicações desta para a ordem social e moral da sociedade. Seja pelo aumento da dimensão estratégica do trabalho e do foco no processo de trabalho; seja pela maior divisão do trabalho, com conseqüente aumento das profissões e aumento da especificação das tarefas, que se tornaram mais complexas. Assim, os jovens perceberam que houve mudanças, tanto na forma de trabalhar quanto no tempo dedicado atualmente ao trabalho. Mudanças estas que invadem outras esferas da vida humana e impõe um novo modo de viver e produzir em sociedade.

4.3.3 Possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal

Considerando o atual contexto pós-reestruturação produtiva, no qual novas formas de inserção no mercado de trabalho se apresentam, mas também novas formas de

viver e de se relacionar com o mundo, esta pesquisa buscou também apreender como estes jovens estudantes avaliam suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal.

Inicialmente perquirimos os estudantes sobre os trabalhos que são comumente oferecidos aos jovens. Buscávamos com essa questão verificar o quanto estes jovens estavam informados sobre o mercado de trabalho e os postos de trabalho que comumente são ocupados por indivíduos desse segmento social. De acordo com Pochmann (2000) embora a década de 90 tenha observado um aumento na oferta de ocupações autônomas e não assalariadas, elas não foram suficientes para atender a oferta crescente de trabalhadores jovens do período, apontando para o crescimento, simultâneo, de situações de desemprego oculto, disfarçado nos trabalhos precários e nos bicos, e para uma inatividade provocada pelo desemprego por desalento, quando a pessoa desiste de procurar uma vaga. Assim, os jovens que se inseriram no mercado de trabalho nesse período ocupavam as vagas de trabalho mais precarizadas, instáveis, de grande rotatividade, sem proteção social e com baixas remunerações. Em 2000, entre os jovens de 15 a 24 anos de idade, de cada 10 ocupados, quatro são autônomos e seis são assalariados, dos assalariados, quatro possuem carteira assinada e dois não possuem (POCHMANN, 2000 p.35). Teles, Freguglia e Carvalho (2003, p. 235) alertam para o fato que, em Minas Gerais os jovens ocupados são caracterizados por serem de baixa renda e por sua inserção precária e baixos rendimentos recebidos pela função realizada. Os jovens, em geral, recebiam remunerações medias inferiores que outros segmentos populacionais, independente da ocupação. O desemprego afeta mais os jovens menos escolarizados. Mas também ocorre de os mais jovens aceitarem empregos que estão abaixo de sua qualificação dado a necessidade de trabalhar e a falta de oportunidades percebidas (TELES, FREGUGLIA e CARVALHO, 2003). Também Schwartzman e Cossio (2007) apontam na direção do desemprego juvenil como um problema vivido pelas classes sociais trabalhadoras, e principalmente aqueles de menor escolaridade. Mas este estudo, divulgado nos Cadernos Adenauer dedicado a debater a juventude, não abrange os jovens das classes sociais privilegiadas e, portanto, mais escolarizados. É o estudo realizado pelo DIEESE, em 2006, o que mais fornece dados sobre a realidade dos jovens no mercado de trabalho, pois demonstra que

as ocupações e a inserção profissional está diretamente vinculada à renda familiar e as condições de escolaridade ofertadas a esse jovem. Sendo assim, as taxas de ocupação juvenil são fortemente afetadas por condições distintas e extremas, vivenciadas por essas diferentes juventudes. O setor de serviços é o que mais emprega os jovens, seguido pelo setor de comércio. Estes dois setores se caracterizam por oferecer jornadas de trabalho mais flexíveis e menores, que possibilitam a continuidade dos estudos entre os jovens das classes privilegiadas (DIEESE, 2006).

Feita essas colocações, verificamos que, nas respostas dos jovens, não há uma leitura da realidade vivenciada pela maior parte desse segmento populacional, sendo que somente um dos entrevistados, Ana, reconhece no setor de serviços, oportunidades de inserção para este segmento populacional.

"Assim, aqui eles falam muito em banco, né. Porque trabalhar em banco dá um bom dinheiro, né. Mas acho que emprego assim pequeno você tem mais chance de aprender. Lá eles pegam você pra realmente ajudar, já empresas grandes eles pegam porque eles têm que pegar. Assim se você faz aquele *trainee* lá, isso é uma coisa bacana, já tem outras empresas que eles pegam o *trainee*, pra fazer... sabe?! cafézinho... Então assim acho que é um problema... essa oportunidade que cada um recebe." (Ana)

Mas é essa mesma entrevistada que aponta para uma outra porta de entrada do jovem das classes sociais privilegiadas ao mercado de trabalho, os postos de *trainee*, que possibilitam aprender no trabalho e obter crescimento e novas oportunidades na própria empresa. Entretanto, ela reconhece que há diferentes oportunidades, há ofertas boas e ruins, mesmo para um *trainee*. Outros entrevistados, assim como faz Ana, apontaram para a necessidade de começar por baixo, em postos de trabalho mais simples e menos remunerados, como possibilidades reais de inserção ocupacional.

"Bom... os empregos que são oferecidos para os jovens?... não sei exatamente o que poderia ser oferecido, eu sinceramente não tenho certeza, talvez uma coisa assim mais simples de trabalho. Estagiário disso ou daquilo... Se a pessoa for muito boa no que faz... Talvez não por estágio, mas a pessoa não chegaria por exemplo aos 18 anos e dirigiria uma empresa, ela chega primeiro nos postos mais baixos e depois aos adquirir mais experiência ela ia galgando ... Mas quando

entra ... a inserção no mercado de trabalho seria por essas portas, de estágio..." (Ronaldo)

"Os jovens em geral? Depende muito, por exemplo, o filho da Dona Ana... ele estudou onde? ele sabe fazer o que? Mas o filho da Dona Ana consegue trabalho fácil, de servente, de porteiro... mas tem trabalho, tem lugar que depende da aparência mesmo, até pra se garçom no Billy Boom [casa de festas infantis onde Getúlio as vezes faz bico de garçom]. Ai depende muito, depende de como ele é, como ele se coloca, como ele fala..." (Getúlio)

Getúlio alerta para a importância da aparência, mesmo para os trabalhos mais simples como garçom, isso vai depender do lugar onde você vai trabalhar. Também ressalta que é muito importante o relacionamento interpessoal, do olho no olho, que para ele vale mais que a aparência ou onde o jovem estudou. E reconhece, "mas o mercado não vê assim".

Heitor, assim como Patrícia, embora também reconheçam a desigualdade de ofertas para jovens de diferentes classes sociais, destacam que as oportunidades para os jovens mais escolarizados estão diretamente relacionadas a sua escolarização e a experiência profissional.

"Estagiário... principalmente ligado a essa área administrativa, digamos, você vai auxiliar o administrador... A porta de entrada dos jovens no mercado de trabalho é essa... no que eu vivo, no que eu vivo. Mas, outras pessoas que não cursaram o curso técnico... ai entra como *office boy*, ou coisa assim... (pausa prolongada)... A não ser que tenha feito um outro curso e nesses cursos tenha de fazer o estágio, então... Mas eu não vejo ninguém, não acredito que ninguém vai contratar alguém para um cargo... só pra um cargo mais abaixo... mas alguém que não tenha experiência profissional." (Heitor)

"E não saberia, mas... nunca é algo muito alto, né? E o jovem de classe mais baixa é assim... emprego ruim. Agora o jovem que já terminou a faculdade, por volta de 22, 23 anos.. é um emprego, geralmente bom." (Patrícia)

A seguir, questionamos, sobre a demanda imediata de trabalho desses jovens. Buscávamos saber se eles trabalham, já trabalharam e se querem trabalhar em um futuro próximo. Enquanto Getúlio e Heitor já tiveram experiências de trabalho, Ana,

Ronaldo e Patrícia dizem que nunca trabalharam e não estão procurando emprego, assumindo claramente uma posição de inatividade por moratória social.

"Não trabalhei nunca. E também não estou procurando emprego hoje... Quando eu for procurar... Eu vou achar influências minhas, tanto dentro do colégio, quanto fora. Eu posso conseguir meios de... eu tenho possibilidades de conseguir alguma coisa que eu quero e meu pai pode conseguir pra mim, meu tio... Nessa hora a gente usa de todas as cartas, né!?" (Ana)

"Acho que querer, eu não quero, mas tem que trabalhar, né, então fazer o que... Vou conviver com isso. Não pensei no primeiro emprego, mas eu acho que vou procurar alguma coisa, sim. Não sei o que não, mas..." (Ronaldo)

"Eu não trabalho, mas as vezes eu ajudo minha mãe na empresa de seguros dela. Eu nunca trabalhei, mas como as vezes ajudo minha mãe no que ela precisa eu... eu tenho um conhecimento nessa área, de seguros.. seguradoras. Quero trabalhar, acho que o primeiro emprego... provavelmente, vai ser como capacho de alguém. Capacho de alguma empresária da moda, ajudando no que ela precisa, fazendo coisas pra ela... ou sendo auxiliar de alguma coisa... Quando eu me vejo no primeiro emprego é correndo atrás de alguma coisa." (Patrícia)

Também, buscamos saber se estes jovens estudantes do Ensino Médio se sentiam preparados para trabalhar. Enquanto os dois que já possuem experiência são positivos em suas respostas, aqueles que nunca trabalharam não se sentem preparados para arrumar um emprego que esteja de acordo com suas expectativas profissionais.

"Bem preparado pra começar a trabalhar? Não. Não. Porque eu acho que não teria tanto a oferecer, não. Eu iria me esforçar muito, mas eu não sei se estou preparada, não... eu não estou preparada pra arrumar um bom emprego. Pra trabalhar... como garçone... ai eu estou. Pra ganhar dinheiro eu to preparada, pra arrumar um bom emprego, assim, ainda não." (Ana)

"Acho que ainda não... ainda não estou preparado pra arrumar um bom emprego. Acho que tenho que procurar mais me informar, só que eu to no caminho certo porque se eu tenho essa preocupação vou me mover pra fazer." (Ronaldo)

"Estou bem preparado... pelo fato do que eu aprendi aqui no Colégio, pelo fato do que eu aprendi nessa viagem [faz referência à viagem que fez a São Francisco e Uruçuai, norte de Minas Gerais], pelo fato do que eu estudo autonomamente, eu estudo muito sozinho. Eu estou bem preparado pro mercado de trabalho." (Heitor)

É necessário considerar que os percursos dos jovens são marcados pelas esferas da escola e trabalho, que se sobrepõem, influenciando simultaneamente um sobre o outro de acordo com o momento de vida e as condições sociais do jovem em questão. Assim, a condição juvenil e as escolhas profissionais são construídas através de um complexo de valores e experiências sociais e históricas, sendo que as mudanças estruturais e as profundas desigualdades sociais promovem diferentes representações mentais e diferentes formas de *ser* e *estar* no mundo (CORROCHANO et al, 2008).

Quando questionados sobre se há uma idade pra trabalhar, as respostas apresentaram certa heterogeneidade. Enquanto Ana destaca a necessidade como definidora da idade para trabalhar, anunciando que se não for por necessidade não deve pensar nisso até os 18 anos e a faculdade, Patrícia defende que não há uma tem idade certa, mas que é preciso estar preparado, ter maturidade e responsabilidade. Já Ronaldo e Heitor acham que começar a trabalhar cedo é melhor. Enquanto Ronaldo defende que é preciso ganhar seu dinheiro, ter autonomia, colocando como idade ideal os 14 ou 15 anos de idade. Heitor é mais categórico, "o mais cedo possível", isso é, aos 13 ou 14 anos, basta ter maturidade pois para ele, a inserção mais tardia se dá no máximo aos 15 anos.

"Pro jovem começar a trabalhar fora? A idade que ele... acho que é a idade que ele entrar faculdade. Meu namorado ele trabalha desde os 18, mas ele trabalha no negócio da família, então assim, ele pediu pra ajudar os pais então não precisou disso. Tem pessoas que... por exemplo, o meu primo tem 16 anos... só que a família dele precisa de dinheiro então ele entrou numa estamperia. Então assim, ele vai entrar na faculdade acho que com 20, 21... mas já trabalha." (Ana)

"Idade ideal... idade não, mas só que não pode ser por exemplo trabalho infantil, porque ai é exploração, e tal. Bom, dizem que... dizem que não pode trabalhar com 14 anos, mas você já pode ser aprendiz, então se a pessoa tem vontade e disponibilidade já é... Bom depende...14, 15 anos, se ele tiver muito interesse, aquela coisa, e já

querer conhecer, porque não? Se a pessoa realmente quiser, quiser já ir ganhar um dinheirinho, por que não?" (Ronaldo)

"Acho que trabalhar oficialmente não tem idade certa, não é porque você tem 18 anos que você pode trabalhar, você tem que ter maturidade pra ter responsabilidade, tem que ter a cabeça no lugar.... fazer pequenos trabalhos, pra ir aprendendo." (Patrícia)

"Mais cedo possível. Com 13, 14 anos... depende. Depende do contato com esse mundo, entendeu?! No meu caso, digamos que, eu já tinha maturidade pra saber como agir lá dentro... Agora uma pessoa que não teve contato... é um pouco mais... mais tardia a inserção, com 15 anos está excelente. Com 15 anos de idade está excelente pra pessoa começar a trabalhar." (Heitor)

Retomamos a questão sobre emprego, perquirindo os jovens entrevistados acerca das estratégias de inserção no mercado de trabalho, e perguntando-lhes como aos jovens devem agir para conseguir um emprego. Os destaques ficam por conta da atitude individual diante de um objetivo colocado. Para estes jovens arrumar um emprego é uma estratégia racional. Heitor apresenta quase que um manual, no qual há uma fetichização da entrevista, desconsiderando os fatores que o levariam a chegar a essa fase da seleção.

"Como eu faria pra procurar um emprego? Primeiramente... Primeiro passo: a fundamentação... claro, sempre. Segundo passo: eu ver quais empresas estão querendo contratar. Terceiro passo: saber mais sobre o que a empresa faz... para que eu possa me diferenciar na entrevista. Saber um pouco da história da empresa, ajudado pelo primeiro passo. Próximo: ir na entrevista, conversar, passar uma boa imagem... fazer uma boa prova... Caso saia tudo como planejado a gente vai para a contratação." (Heitor)

Para Patrícia o essencial é fazer o que você gosta, ser bom no que faz e não perder o foco. Nessa mesma direção caminha a percepção de Ana, para quem conseguir um emprego é fácil, contato que o jovem não seja exigente, quanto às questões salariais e o futuro.

"Você tem que fazer o que você gosta.. e ser bom naquilo. Se você decidiu que vai trabalhar com uma coisa específica, trabalha em cima daquilo... não perca o seu foco. Porque se você quer ser bom e alguma coisa você tem que fazer aquela coisa 24 horas por dia, e quando você

fizer algo 24 horas por dia,todos os dias... você vai ser muito bom nisso... Você pode até fazer algo que você não gosta, mas ai vai trabalhar umas 8 horas por dia... pras pessoas que gostam do que fazem, aquilo deixa de ser trabalho para ser aprendizado, pra ser conhecimento." (Patrícia)

"Conseguir um emprego... Depende né, da pessoa. Isso tudo é muito pessoal. Muitas pessoas são exigentes, então pra conseguir um trabalho é um pouco mais difícil. Porque você tem que pensar em salário, em futuro, se aquele emprego dá futuro ou não, né." (Ana)

Tanto Ronaldo, quanto Getúlio destacam o meio social e as indicações como o melhor caminho a seguir na hora de procurar um emprego. Ronaldo enfatiza o lugar do currículo, que deve, necessariamente apresentar um diferencial.

"É muito importante você ter *networking*, basicamente é isso, contatos. É mais fácil pra ser entrevistado, mais fácil... mas o que acontece, antes e você trabalhar num emprego você precisa estar preparado. Você não vai pegar um trabalho pra o qual você não está preparado. Então pra conseguir um emprego você tem que estar preparado. E tem que ter influência no pessoal, não sei como essas coisas funcionam, mas hoje em dia a gente tem marketing pessoal... tipo, você estudou no Padre Machado e tal... mas tem caso que nem leva em conta seu histórico escolar. Na verdade mesmo, isso que eu estou falando, de estratégia, de conhecimento, de universidade, é super irrelevante, mas não tem jeito... só se você for muito *foda* no interpessoal você consegue o que você quer, tem que ter *networking*... mas o interpessoal é acima disso... O interpessoal é você olhar no olho da pessoa e você passar pra ela confiança, e ser contratado. Independente de tudo, até de como você está vestido. O interpessoal é você e a pessoa, isso é o interpessoal. Acredito eu, que existe maneiras de se aprender isso... Você tem que mostrar que você sabe o que você quer. O que você sabe fazer, o que você sabe resolver. Que eu posso confiar em você." (Getúlio)

"Ah, não sei. Não sei onde procuraria emprego... Eu não tenho conhecimento específico pra procurar aquela área, mas... Meu pai falou que o SESI tem um programa de que os jovens vão e que ele indica para os estágios, se eu tiver que fazer isso nesse instante eu procuraria fazer isso. Eu procuraria saber mais pra saber o que fazer, pra conseguir um emprego... Bom, basicamente em termos de currículo assim... deve-se buscar ter um diferencial muito grande porque ir lá e simplesmente entregar um currículo, não faz diferença. Acho que talvez na entrevista, se você der uma boa impressão, porque mais do

que está no currículo o que acontece na entrevista conta muito mais. Tem até estudos sobre isso. Ou talvez mais uma pessoa indicar pra um emprego, é mais fácil de conseguir do que simplesmente você chegar lá e dar seu currículo." (Ronaldo)

Interrogamos mais profundamente os jovens sobre como conseguir um emprego 'bom', ou seja, o emprego desejado e caracterizado por eles mesmos como o emprego ideal. Será mais fácil ou mais difícil que conseguir um bom emprego? Ana afirma que tem que procurar, mas é fácil achar emprego, porque há demanda do mercado de trabalho. Para ela, difícil é achar um bom emprego, esse demanda mais empenho e um bom currículo. É preciso estar preparado. Ronaldo também percebe as coisas desse jeito. Para ele é fácil arrumar qualquer emprego. Pensa estar mais bem preparado para isso que muitos outros jovens, por causa da escola que estuda. Para ele as dificuldades estão em não atender ao perfil e as características de personalidade desejadas pelas empresas, quais sejam, ser ativo e ter iniciativa.

"Qualquer emprego... eu acho que conseguir um emprego qualquer não é difícil, mas conseguir um emprego bom, ela [a pessoa] precisa correr atrás e fazer o seu melhor. Talvez eu tivesse alguma facilidade... um pouco, mas não acho que seria muita... quando eu paro pra pensar talvez eu fique com um pouco de medo em pensar que "ah, será que vai ser fácil como parece ser", mas eu acho que eu tenho pelo menos uma bagagem e estou mais preparado do que alguém que estuda só pensando no vestibular. Dificuldades? Ah eu tenho medo de não ter as características de personalidade que eles entendem como mais importantes, mas... Características de ser ativo, de ter iniciativa, porque às vezes eu acho que não teria tanta iniciativa. Umas coisas assim. Só que isso se eu ficar aqui chorando que eu não vou ter, eu não vou ter mesmo. Eu tenho que pensar que eu tenho que ter." (Ronaldo)

"Eu acho que é fácil conseguir um emprego qualquer. Porque há demanda em tudo quanto é lugar, né. É só parar pra prestar atenção que vem. Outro dia eu pensei, se eu precisasse de dinheiro eu iria virar uma garçonete. É só prestar atenção pra ver lugares que precisam de uma mão-de-obra qualquer. Pra conseguir um emprego tem de... procurar. É tipo assim, o emprego você acha em qualquer lugar, o emprego é só você procurar. Mas se você quer arrumar um bom trabalho aí você tem que se empenhar mais. Tem que ir nos lugares certos, tem que fazer um currículo melhor, você tem que se preparar, pra trabalhar você tem que se preparar, acho que... é isso Ué, emprego

é difícil mesmo. É mais difícil, porque antes precisava de mão-de-obra, né!? e hoje em dia é preciso de intelecto. Se você não tem intelecto as pessoas vão te passando pra trás." (Ana)

Heitor reforça sua despreocupação, acha que vai ser fácil porque já tem seu espaço de trabalho garantido na empresa de seu pai. Afirma que os jovens imprimem mudanças, e esse será o único empecilho que terá na sua inserção profissional, a aversão á mudança de seu pai. Mas, para ele, não só seu pai, isso é uma característica das pessoas mais velhas. Acredita que teria dificuldades se precisasse buscar trabalho em outro lugar, pois é uma pessoa individualista e sabe que tem que melhorar isso. Mas se garante pois "sabe que tem qualificação" e isso para ele tem grande importância. Patrícia também acha que é fácil, basta ser realista e fazer o que gosta, Mas não pode querer escolher muito. Contraditoriamente afirma que é preciso ter "foco na vida". Para ela, difícil é se o jovem esperar demais do emprego e da área que escolheu, e mais difícil ainda se não gostar do que faz.

"Não me preocupo com isso, porque meu primeiro emprego, praticamente, vai ser na empresa de meu pai... Eu acho que... nesse aspecto, eu não vou ter nenhuma dificuldade. Porque eles estão pedindo para eu ficar lá, os sócios e funcionários estão pedindo para eu entrar o mais rápido possível, estão precisando de mudanças... Eu acho que não vou ter, nesse emprego, eu não vou ter nenhum tipo de... empecilho para desenvolver o próprio trabalho, a não ser um pouco da aversão á mudança que meu pai tem. Mas caso eu trabalhe em outros locais... talvez eu tenha um pouco de dificuldade, porque eu sou um pouco individualista, tenho que melhorar ainda, estou melhorando muito aqui no colégio, já melhorei muito... mas é um fator de dificuldade. Na procura de um emprego, talvez, isso também seja uma dificuldade, mas eu acho que eu tenho qualificação... tenho certeza que eu tenho qualificação..." (Heitor)

"É fácil se... se você tem consciência de quanto você vai ganhar naquele emprego. Não sonhar alto demais, não esperar aquilo que o emprego não pode te oferecer. E quando você faz o que você gosta... ai arranjar emprego é fácil. Agora, se você quer fazer aquilo, quer ganhar mais, quer escolher... ou se você trabalha com alguma coisa... que o mercado não está precisando naquele momento daquele trabalho, ai você vai ganhar pouco com aquilo... Ai, se você não faz o que gosta, ou não é bom naquilo que faz... se você nunca teve um foco na sua vida... nunca

soube o que quis, ai é difícil mesmo pra arranjar um emprego."
(Patrícia)

Heitor continua sua explanação, afirmando que a facilidade ou dificuldade advém das áreas escolhida, porque tem áreas que são mais restritas. Por isso é importante ter conhecimento do que vai fazer. Destaca o lugar do currículo na constituição de sua identidade profissional. Para ele, o currículo deve apresentar sua capacitação técnica, É importante também investir nos processos de contratação, para verificar como a pessoa é quando trabalha.

"Depende da área. Igual minha mãe, fez pós-graduação e ficou desempregada um monte de tempo. Porque a área de geografia e meio ambiente é muito restrita. Mas, para conseguir emprego... num âmbito geral, digamos, é extremamente necessário ter conhecimento do que vai fazer lá... e, infelizmente, o currículo é a sua identidade... o que não está lá... está omitindo uma característica profissional sua, que pode ser uma característica muito boa...Entendeu?! Então, para o emprego vai ser necessário... ter capacitação técnica para o que você vai fazer lá, e além disso, você... eu acho muito importante os processos de contratação, você colocar ele... a pessoa... para fazer uma dinâmica em grupo, pra saber como é o trabalho em grupo, como ele funciona com a pressão, como ele funciona... com as pessoas em si, nesse aspecto... você ver como é ele trabalhando..." (Heitor)

Patrícia alerta que, um bom emprego está relacionado às competências e oportunidades, mas também as influências pessoais. O jovem tem de saber aproveitar as oportunidades para mostrar o que sabe fazer, e também tem de saber usar de suas influências.

"Um bom emprego... ah... É difícil. Porque é muito mais restrito. Então se você segmenta aquilo que você quer é obvio que as opções vão se restringir muito. Acho que vou ter algumas facilidades... De influências. Tanto de professores que podem conseguir alguma coisa pra mim, quanto meus pais, quanto meu namorado, quanto amigos, que consiga emprego pra mim em outros lugares... Dificuldades? Não, eu não acho não. Eu sou muito segura de mim e isso é um sério problema. Eu sou muito segura de mim. Por isso... acho que as poucas oportunidades que você tem... tem pra mostrar o que você tem oferecer no estágio... você tem que pegar, aproveitar... assim pra mostrar sua competência. O meu namorado tem um estágio muito bom que ele pegou... Ele faz publicidade e propaganda, ele pegou uma agência experimental, então lá ele trabalha como se fosse uma agência

mesmo. Ele tem que criar, ele tem que modificar arquivo, ele tem que fazer tudo, criar desde imagem, slogan até produtos. Então acho que é muito bom, porque ele não conseguiria isso em outro lugar, se ele fosse trabalhar noutro lugar ele ia ficar mexendo em arquivo pra... assim sabe? Mexer assim, em foto, essas coisas básicas, bem peão mesmo... por isso acho que ele teve uma oportunidade, que é o tipo de oportunidade que eu queria ter também." (Ana)

Tentamos aprofundar ainda mais essa percepção dos jovens entrevistados a respeito de arrumar um emprego. Questionamos sobre o ontem e o hoje, ou seja, se conseguir um emprego era mais fácil antigamente ou é mais fácil agora. Heitor, Ronaldo e Patrícia afirmaram que hoje é mais difícil, por causa do desequilíbrio na oferta-demanda (Heitor), porque o mercado exige especialização (Ronaldo) e também que o problema está no sistema capitalista baseado no lucro e na exploração (Patrícia).

Heitor fala que é preciso ter indicação, antes as empresas olhavam mais a pessoa que o currículo. Ronaldo ressalta que hoje em dia o trabalho não é mais pra vida toda, na vida toda você tem vários trabalhos, por isso precisa estar preparado. Patrícia identifica outra problemática nos dias atuais, a falta atitude das pessoas, pois elas não têm iniciativa para ter um negócio próprio.

"Arrumar emprego hoje é mais difícil. Hoje é mais difícil que antes... porque havia equilíbrio na oferta-demanda, entendeu?! Digamos que eram... eram poucos adultos, mais jovens, digo, muitos jovens e poucos adultos, fazendo com que fosse mais fácil pro jovem... Digamos... Era mais fácil pelo fato de que havia equilíbrio entre oferta e demanda. E além disso... era muito por indicação, não tinha esse grau de fiscalização igual é hoje... olhavam mais a pessoa que o currículo, ai qualquer pessoa.. Era mais por indicação... fazendo com que seja mais fácil arrumar um emprego..." (Heitor)

"Eu acho que é mais difícil arrumar um emprego hoje. Não sei trabalho... de jovens. É mais difícil na questão de estar se especializando e coisa e tal, porque agora o trabalho não é mais pra vida toda, na vida toda você tem vários trabalhos. Mudou isso." (Ronaldo)

"Hoje? Hoje é mais difícil porque as pessoas não sabem tomar atitudes por elas mesmas, então elas não tomam a iniciativa de montar alguma coisa... Outras acham que a máquina... as máquinas não são uma coisa

ruim, máquina tirando emprego de gente não é uma coisa ruim, é uma coisa boa, porque está poupando o esforço das pessoas. Se 3 pessoas conseguem operar uma fábrica e produzir o suficiente para 100 pessoas, todas as outras 97 pessoas podem mexer com outras coisas. Mas é mais difícil, exatamente por isso, entendeu?! A gente já tem tecnologia, tem que saber que não precisa mais de tanta gente... vamos dizer que, todos os setores já têm gente trabalhando neles, mas... tudo que é produzido é suficiente para abastecer e dar uma condição boa de vida para todas as 100 pessoas, mas o problema é que os donos desses setores querem ganhar dinheiro em cima disso... então fica difícil pras pessoas. Esse é o problema da sociedade, porque aí as 97 pessoas que ficam sem fazer nada..." (Patrícia)

Ao perceber que eles identificam dificuldades nos dias atuais para conseguir um emprego, questionamos estes jovens acerca dos obstáculos, que imaginam, poderão encontrar na busca pelo primeiro emprego. Enquanto Getúlio, Heitor e Ana dizem não se preocupar, pois tem competência e influências que o ajudarão (Getúlio), está preparado, estudou e gosta do que faz (Heitor) e embora reconheça que tem pouca experiência e isso pode ser um preconceito que terá de enfrentar (Ana). Patrícia e Ronaldo assumem que lhe falta de informação e a arte não é valorizada no Brasil (Patrícia) e que possui pouca ou nenhuma experiência e que é preciso "batalhar mesmo pra conseguir o que quer" (Ronaldo).

"Obstáculos? Eu não me preocupo com isso porque acredito na minha competência. Eu sei que tem muita gente ruim no mercado. Eu já trabalhei com muita coisa, garçom mesmo, quando eu quiser trabalhar de garçom eu tenho emprego... e tem meu pai também. Então pra mim não tem esses problemas não." (Getúlio)

"Eu estou procurando me fundamentar... para não ter de me preocupar com isso no futuro. Sempre... eu não fico pensando se eu vou ou não conseguir um bom emprego... prefiro me fundamentar para conseguir um emprego. Pelo fato de eu ler muito, de eu gostar muito disso, de eu me fundamentar... eu acho que eu possa ter um bom emprego... é maior a probabilidade." (Heitor)

"Obstáculos na busca do primeiro emprego? Preconceito, talvez. Ah, quanto à juventude, contra... porque a gente sabe menos do que os adultos sabem, você não é tão esperto quanto você acha que é, eu tenho muito a oferecer, mas eles acham que talvez eu seja muito aparecida... Mas eu não me preocupo com isso." (Ana)

"Os obstáculos... isso... me preocupa um pouco. Eu nunca parei pra pensar se eu vou conseguir ou não, mas acredito que... não sei direito... Talvez preconceito... de ser jovem e não saber das coisas, talvez mais é isso. Eu acho que é difícil conseguir um emprego. Ainda mais vendo uma colega minha do 3º ano que está sofrendo pra conseguir um estágio, coitada, esta batalhando, e tem que batalhar mesmo pra conseguir o que quer." (Ronaldo)

"Acredito que a falta de informação que eu tenho, hoje em dia... do mundo... Ou a falta de valor que as pessoas dão pra arte aqui no Brasil." (Patrícia)

Diante da atitude de positividade desses jovens em relação a sua inserção profissional, questionamo-os a respeito do desemprego, pois, embora as taxas de desemprego nos grupos de maior renda sofrem uma inflexão para baixo entre a faixa de 9 anos de estudo e a de 15 ou mais anos de estudo (POCHMANN, 2004), o desemprego, ou a falta de empregos enquanto questão a que todos estão direta ou indiretamente relacionados,

"é uma faceta problemática do trabalho, sentida praticamente em igual medida por todos os jovens, independentemente da sua condição em face ao mercado de trabalho (entre 24 e 28% deles o coloca em primeiro lugar, superando o sub-tema violência, rubrica mais importante dentre os problemas de segurança, mas que é indicada apenas por 18% dos casos). Isto corrobora o entendimento de que há uma consciência, muito claramente difundida entre os jovens, da insegurança e risco que atinge a todos" (GUIMARÃES, 2004 p. 13)

Assim, já que conseguir um emprego depende de muitas condições objetivas e subjetivas, questionados sobre o que aprenderam e o que conversam sobre desemprego na escola ou em casa eles afirmam, unanimemente, que "na escola não falamos de desemprego". Ana alerta que nesta escola "eles não se interessam muito pelos problemas do mundo", reconhecendo que, embora não falem, o desemprego se apresenta como uma dimensão problemática para os jovens no Brasil e no mundo. Ronaldo lembra que, embora não falem de desemprego, falam que os jovens devem saber aproveitar da oportunidade que estão tendo de aprender.

"Desemprego? Muito pouco. Essa escola é bem capitalista. O que eu quero dizer é que eles não se interessam muito pelos problemas do

mundo não, né. Eles não falam muito sobre isso não. Então o desemprego ele é um problema mundial, no Brasil ele é um problema muito grande que acaba levando as pessoas ao crime e, assim.... é isso. Se a pessoa não tem emprego ela acaba recorrendo a outros meios, né." (Ana)

"Não fala tanto sobre desemprego, mas fala mais sobre quem vai ficar 'morcegando', vai chegar no mercado de trabalho e não vai saber fazer, e não vai ficar muito bem. Não se fala tanto sobre desemprego. Acho que concordo... porque aqui você vê muitas coisas diretamente da fonte, de mão beijada, coisa que muita gente não aprende na marra e tem que fazer curso depois, aqui você já tá vendo isso junto com as outras matérias então se você não aproveitar agora, vai ter que correr atrás disso depois. Então vai ser pior." (Ronaldo)

Heitor destaca que nem na escola, nem em casa conversa sobre desemprego, embora leia muito sobre isso. Para ele o desemprego é resultado da crise econômica, mas deve ser compreendido somente como um indicador econômico. Afirma que não percebe o desemprego em termos sociais, porque acha que há emprego e oportunidades para todos, o que falta é atitude das pessoas. Também Getúlio, que é tão crítico e suas colocações, neste tema expressa claramente sua consciência de classe. Para ele a escola deve prepara-los pra serem empresário (capitalistas), ou seja, para gerar empregos e não ficar desempregado. Afirma que não se justifica haver desemprego, posto existir muitas oportunidades no mercado. Cita o empreendedorismo, foco da educação que recebe, como uma alternativa melhor do que "ser empregado ou desempregado", ressaltando que isso também é bom em termos de economia nacional.

"Nem tanto, não falamos de desemprego na escola porque nosso enfoque é gerencial, administrativo... então, nessa perspectiva, montar uma empresa para contratar alguém, é desnecessário ficar... desempregado... Mas fala sobre... visões pragmáticas sobre o desemprego no Brasil, mais nesse aspecto, mas tudo no campo do pragmatismo. Não em casa também não... nós não conversamos em casa sobre desemprego. Eu leio muito sobre isso no jornal... Leio jornal, e o desemprego deixa eminente a crise econômica. E, a crise pra mim é um momento de modernizar... tem que saber aproveitar da crise... E o emprego, é mais indicador quanto a nível econômico da região, não em termos sociais, porque... igual eu tinha dito, no Brasil há emprego, há... mas muita gente não tira a bunda da cadeira e começa a se capacitar

profissionalmente para conseguir um emprego, porque oportunidades sempre têm, entendeu?!" (Heitor)

"Não falam sobre desemprego. Porque aqui eles nos preparam para ser, assim, pequeno, médio ou grande, empresário, e não dá pra falar de desemprego do empresário. Aqui eles nos ensinam a fazer uma empresa mesmo sem dinheiro... Mas espaço no Brasil não falta, porque tem muita coisa ruim... Você pode abrir uma lanchonete do lado de 20 lanchonetes e ganhar dinheiro. Você consegue ganhar dinheiro com isso porque os *caras* são tudo mais ou menos. O mercado brasileiro tem muito que crescer, tem muito potencial, muito, muito, muito... Em Beagá então nós não temos nada. Não temos nada do que pode virar Beagá. Mas não é que não toca no assunto, quando a gente tem aula de economia um dos temas é o desemprego, o emprego... fala muita da relação que tem que ter com seu empregado... e eles incentivam a fazer estágio... a questão é que o foco é você ter empregado... e essa conversa é mais com o primeiro ano. A questão é quando você entra no colégio, a questão de empreendedorismo, que você já faz... já te dá um *condicionadinho*, pra você... já pra te formar. Eu não vejo mal nisso... porque é melhor do que ser empregado ou desempregado, Melhor pra economia, pra desenvolver... o país... pra ter mais empresa nacional." (Getúlio)

Assim, enquanto os jovens de classes sociais baixas percebem o desemprego e o não trabalho de forma negativa, como fracasso e rejeição, que os priva não só do consumo de bens mas dos meios para a sobrevivência básica (GARCIA, 2002, p. 332), os jovens entrevistados nesta pesquisa, explicitam seu desconhecimento sobre a realidade da maior parte da população jovem brasileira, responsabilizando as vítimas pela desgraça a que estão submetidas. Defendem claramente uma ideologia de classe que justifica as desigualdades e retira do sistema a responsabilidade pelas condições sociais da população. Diante dessa responsabilização dos indivíduos face aos aspectos estruturais da sociedade, buscamos compreender melhor como estes jovens compreendem o sistema capitalista em que estão inseridos e quais os motivos que levariam uma pessoa a ficar desempregada.

Para Ronaldo isso acontece porque a pessoa "não cumpriu as metas", pois diante de uma dificuldade são os mais "fracos" os que primeiro ficam desempregados. Essa pessoa pode não ser especializada ou ser mais velha em termos de idade, o que também a prejudica. Pode lhe faltar experiência conhecimento da área. Para

Ana, faltou empenho dela, ela não soube lidar com os conflitos ou não se preparou. Também destacou a questão de idade, ela pode estar “velha” para o mercado. Heitor acha que o principal motivo para uma pessoa ficar desempregada é a falta de atitude para procurar emprego. Compreende que a pessoa deva se dirigir diretamente ao empregador. Também pode ser que ela não se prepare para as entrevistas e que não esteja capacitada. Para ele é preferível trabalhar de voluntário numa ONG, do que ficar parado, pois isso conta no currículo. Patrícia compartilha dessa opinião. Para ela a pessoa tem de trabalhar de qualquer coisa. Se não acha emprego na sua área tem de procurar outro, “mesmo que seja em um emprego ruim”, pois a pessoa não pode ficar parada, não pode ficar em casa. Ela sugere que a pessoa “desça do salto e caia na realidade”. Para ela o desemprego tem haver com falta de atitude e comodidade porque tem “alguém que sustenta essa pessoa”.

“Porque ela não conseguiu cumprir as metas que foram estabelecidas? Talvez. Estabelecidas pela empresa, pelo chefe... porque ela não cumpriu o que deveria, talvez. Ou então a empresa não está dando conta de pagar e uma forma é demitindo o pessoal. Aí escolhe então os mais fracos. Porque as vezes, a pessoa não é tão especializada como ela deveria ser. Às vezes ela está ficando mais velha e isso pesa, né. Ou... ou a pessoa não tem muita experiência, não tem muito conhecimento que poderia já ter, e isso atrapalha. Aí acaba sendo demitido.” (Ronaldo)

“Uma pessoa fica desempregada porque... Talvez porque ela não se empenhou o suficiente, talvez porque houve conflitos que ela não soube lidar. Então, talvez porque ela não tenha se preparado. Ou porque é um problema... digamos, de idade, talvez ela seja muito mais velha do que eles querem.” (Ana)

“Também, eu nunca vi... poucas pessoas são aquelas desempregadas que saem para procurar um emprego, elas ficam procurando QI, “Quem Indica”... Mas, mas muitas pessoas agem assim: _Ah! Tô desempregada, levei currículo aqui, aqui e ali... Mas sei lá... conversar com o empregador, com o administrador, se preparar para participar das entrevistas, se capacitar profissionalmente. Se estiver desempregado, o que eu recomendo, vai numa ONG... você vai trabalhar, não vai ficar no ócio e, inclusive, vai poder colocar isso no currículo, entendeu?! Ou alguma coisa do tipo.” (Heitor)

"O desemprego é péssimo, porque se as pessoas não trabalham, elas não estão cumprindo sua parte na sociedade. E não é só no mercado formal, se elas estão na feirinha hippie, aí elas estão fazendo algo... ela está ali trabalhando, está ali fornecendo o que as outras pessoas precisam. Se você é um artista, um pintor, um músico... então você está fornecendo arte pras pessoas... fornecendo o que as pessoas precisam... Mas se você não tem com que trabalhar, trabalha em outro emprego, trabalha mesmo que seja em um emprego ruim, porque as oportunidades vão aparecer, mesmo que seja ganhando um salário mínimo, vai trabalhar... não fica parada. Mesmo que seja pouco, porque uma hora o trabalho vai aparecer. Porque se você não for trabalhar... porque naquele meio de trabalho aparecem outras pessoas, outras oportunidades... o local de trabalho não te restringe a quatro paredes, você conhece mais pessoas, você tem contato com outras áreas... aí fica mais fácil você conseguir outro emprego... agora se você ficar em casa você não vai arrumar nada. Bem no caso da amiga da minha mãe é porque ela não consegue descer do salto, não consegue cair na realidade. O outro fator é que ela fica desempregada porque tem alguém que sustenta essa pessoa. Se tem alguém que sustenta essa pessoa, ela nunca vai fazer nada, se tem como sobreviver, ela tem uma bolsa do governo, se tem isso, nunca vai fazer nada. Por isso o desemprego, a pessoa não toma uma atitude." (Patrícia)

É surpreendente perceber a contradição que se coloca no discurso desses jovens estudantes de classes média-alta e alta. Embora já tenham reconhecido que o sistema capitalista é desumano, injusto e desigual, atribuem o desemprego a fatores individuais que estão, para eles, independentes da situação social e da estrutura econômica do sistema capitalista. Nesse sentido explicitam sua identidade de pertença a um grupo social dominante e forjar sua identidade profissional a partir desses valores de classe. Assim, o sucesso ou o fracasso social, numa visão individualista e alienada, se configura como uma atitude individual, relacionado a características pessoais e a preconceitos de classe, oriundos do discurso dominante.

Ora, num contexto de mercado de trabalho apertado e pouco dinâmico, os empregos mais nobres e de melhor qualidade acabam sendo preservados para os mais ricos. Além do preconceito racial, agrava-se o preconceito de classe. (POCHMANN, 2004, p. 387-388)

Diante do exposto perguntamos a esses jovens sobre o desemprego juvenil, sobre o qual já discorreremos apresentando dados estatísticos que comprovam que esse

fenômeno atinge mais os jovens da classe baixa, e, a medida que se eleva a escolaridade e o nível de renda, decresce o desemprego e aumenta a moratória social a que estes jovens são submetidos.

Para alguns dos estudantes entrevistados, os jovens são sim mais afetados pelo desemprego juvenil, por serem vítimas de visão pejorativa que inibe a sua contratação profissional (Heitor), ou por de falta de experiência e falta de conhecimento do que o mercado de trabalho precisa realmente (Ronaldo). Já Ana, não compartilha com essas opiniões, para ela esta visão está mudando, e o jovem leva vantagem em relação aos adultos aceita receber salários menores pelo seu serviço que realiza.

"Sim, pelo próprio conceito que o jovem tem hoje. O jovem baderna, essas coisas... pelo fato dessa visão pejorativa faz com que iniba a sua contratação profissional..." (Heitor)

"O jovem não é mais afetado pelo desemprego. Não. Eu acho que isso está mudando. Acho que as pessoas estão vendo, assim, fora assim que o jovem ele não cobra tanto pelos seus serviços, né, então as pessoas estão vendo que dar oportunidade talvez vale a pena." (Ana)

"Ah, se pensar que você está só estudando, tecnicamente você é um desempregado, né. Talvez sim, porque as vezes a pessoa forma na faculdade e acha que já vai ser admitido, e costuma não ser. Eu acho que é porque não tem experiência nenhuma. Porque ficar com aquela idéia de ficar estudando a vida inteira, pra passar no vestibular e não é só isso, tem que ter muitos outros conhecimentos pra entrar no mercado de trabalho." (Ronaldo)

Questionamos Heitor e Ronaldo se, para eles, isso é motivo de preocupação. Enquanto Heitor defende que o desemprego, hoje em dia, está mais voltado para a ausência de qualificação e de capacitação técnica, pois isso busca estar sempre estudando e se preparando para o mercado de trabalho, Ronaldo se preocupa com sua auto-suficiência, e com a saúde, pois quando a pessoa fica desempregada "o corpo reage [...] a pessoa não reage bem". Fala do exemplo do pai, que ficou desempregado, mas por pouco tempo.

"É eminente que o desemprego está aí, porém o desemprego, para mim, eu analiso como... se fosse um indicador econômico total. E, além disso,

quando fala de desemprego.... eu sei que há oportunidades de emprego, há vagas de trabalho, mas não há qualificação, fazendo com que muitas pessoas fiquem desempregadas, por parte da falta de qualificação mesmo, para as ofertas de serviço... Uma demanda por oferta. E isso já revela que a demanda educacional por ensino profissionalizante, como eu tinha te falado anteriormente. O desemprego, hoje em dia, está mais voltado para a ausência de qualificação, ausência de capacitação técnica." (Heitor)

"Ah, me preocupa o desemprego. Por saber que uma pessoa não está tendo condições de vida, me preocupa. Como que ela poderia ter auto-suficiência, né, mas... não convivi com uma pessoa desempregada... ah, mas até li a respeito disso na Superinteressante... de como que o corpo reage ao desemprego, né. A pessoa não reage bem, porque é uma coisa péssima, né. A pessoa ficar sem ter o que fazer por que... enfim não é bom. A pessoa tem que buscar, tem que buscar se especializar pra não ficar sem emprego. Meu pai, quando ele foi demitido, porque ele já trabalhou em vários outros bancos... Eu acho que não chegou nem há uns três meses, logo ele foi contratado... No máximo, assim... Não, não sei... pra falar a verdade não sei exatamente. Não lembro como foi no período em que meu pai ficou desempregado... ele ficou pouco tempo, logo estava empregado. Ou então quando alguma coisa acontece, quando corre risco de acontecer demissão, aí a gente fala... mas se não for assim, acaba não falando. Não lembro se ele comentava. Eu era menor, também, não prestava muita atenção. Mas eu lembro quando ele foi demitido. Não foi nem muito tempo, eu acho, seis meses.... menos..." (Ronaldo)

Essa maneira de perceber o desemprego o desemprego, os fazem pensar que as dificuldades não serão grandes para sua inserção profissional, sendo que demonstram tranqüilidade ao projetar seu futuro. Para Ana e para Heitor a formação escolar é um diferencial, pois os preparada para trabalhar (Ana) e os ensina a administrar uma empresa (Heitor).

"Minha formação escolar vai ser um diferencial na hora de arrumar um emprego... acho que vai. Porque o colégio tem muito nome e eu vou estar muito mais preparada pra entrar em qualquer emprego do que eu estaria se não estivesse aqui." (Ana)

"A formação escolar é um diferencial na hora de procurar um emprego? Sim, é um diferencial. Por que? Porque ninguém teve... poucas pessoas têm a oportunidade de ter contato com empresas, de saber trabalhar, saber administrar um empresa, de saber desde o

teórico até o *know-how*⁵⁰... consolidando esse diferencial. E é um diferencial não só na área administrativa, se você procurar... sei lá... um pessoa fazendo... procurando estágio na área ambiental, pega o currículo dele e veja se ele sabe administrar uma empresa, é um diferencial." (Heitor)

Ter amigos e familiares na mesma profissão também ajuda, "mas não é o meu caso", diz Ana. Já Ronaldo acha que ajuda sim, mas pode também atrapalhar. Se puder buscar sua inserção independente dos pais "é melhor, pra se provar".

"Ah eu acho que ajuda... ter amigos e familiares na mesma profissão, ajuda sim. Eu não tenho nenhum amigo na ... nem meu pai ou minha mãe que é administrador, assim. Meu primo, ele fez mecatrônica e a família toda do meu... Os homens da minha família são... eles trabalharam em fábrica e que nem agora ele vai fazer um ano de intercâmbio pra Itália, pra fazer um curso de mecatrônica dentro do curso dele e ele já conseguiu estagio através do meu pai. Lá na Itália." (Ana)

"Eu acredito que sim... ter amigos e familiares na mesma profissão ajuda... Porque você simplesmente, não depende... Mas tem casos que atrapalha... no caso de cantores... eu acredito que atrapalhe mais do que ajude. Ter parente próximo. Mas no caso de uma pessoa ser engenheira, sei lá... acho que ajuda. Porque ser indicado por alguém da família pode ajudar. Só que pode ficar também com aquele estigma de por exemplo "filho do chefe", filho do... no caso daquele cantor Julio Iglesias, o filho dele também virou cantor, só que numa gravadora do México, escondido dos pais, e ele morava nos EUA, então é interessante ver que se a pessoa fizer em separado é melhor, pra se provar..." (Ronaldo)

A rede familiar e de amigos também é vista como um ponto positivo para a inserção profissional. Ana diz, "tem que aproveitar, não dá pra desperdiçar dessa oportunidade". Para Ronaldo ela pode ser útil, mas "não no sentido de nepotismo, mas de troca de conhecimento". Heitor ressalta que essa rede de amigos e familiares é "um canal de acesso ao que você gosta", afinal é bom ser conhecido por pessoas da área e ter referências pessoais, isso aumenta as oportunidades. Além de que, por ser do mesmo meio social, compartilham da mesma cultura.

⁵⁰ *Know-how*, *savoir-faire* ou conhecimento processual é o conhecimento de como executar alguma tarefa. (Wikipédia, 2009).

"Com certeza vou utilizar a rede familiar e de amigos. Você não vai jogar fora isso, né. Não dá pra você falar "não só porque meu trabalha lá que eu não vou". É claro que não." (Ana)

"Talvez, talvez eu utilize a rede familiar e de amigos... dependendo do que eu for fazer. Pode ser útil, ou pelo menos pra saber o que eles sabem... no que podem ajudar... que aí você já tem uma noção das áreas deles e tal. Mas... não no sentido de nepotismo, mas de troca de conhecimento eu acho." (Ronaldo)

"Sim, é um canal de acesso ao que você gosta, é um QI, 'quem indica'... é um canal de acesso. E a pessoa... ela te conhece de maneira pessoal e de maneira profissional, fazendo com que a probabilidade de você ter uma oportunidade seja maior... porque você já vai ter toda a cultura organizacional da empresa deles. Porque o empregador pensa em uma cultura organizacional baseado na cultura que ele presencia, pelo fato de a educação das pessoas ser do meio deles, já tem uma noção, assim..." (Heitor)

Por fim, na busca de verificarmos como estes jovens compreendem suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal, questionamos acerca de suas avaliações sobre as chances de ter, no futuro, o emprego que desejam. Todos acham que tem boas chances. Heitor acredita que suas chances são altas, pois estão relacionadas a escassez de profissionais dessa área no mercado de trabalho. Diz que "vai fazer contatos", pois tem confiança e estuda para isso. Ana também considera que tem boas chances, pois tem quem a ajude a conseguir o que deseja, tem pessoas influentes tanto em casa quanto na escola. Também Patrícia aposta na sua formação, dedicação e nos contatos que pode fazer em seu meio social. Afirma que "ser artista a minha chance é maior ainda". Ronaldo é um pouco mais realista, mesmo assim não descarta que tem chances. Para ele, suas chances dependem do que gostar do que vai fazer e do empenho no trabalho. Sabe que tem se esforçar mais, e decidir logo o que deseja para seu futuro profissional. Getúlio "está tranquilo", se não trabalhar como psicólogo ou em uma penitenciária, como seu tio, poderá dar palestras sobre "gente e sociedade". Também, diz com bom humor, "se der tudo errado eu tenho um dinheirinho no banco e compro um quiosque... em Itacaré".

"Minha prioridade é entrar como gerente no escritório de contabilidade do meu pai. Talvez eu entre lá como gerente e... fique mais no setor administrativo... é o que eu pretendo... Eu acho que tenho boas chances de conseguir um bom emprego. Tanto no setor econômico, quanto no setor de investimentos... Isso não é algo cem por cento definido, porque meu campo de decisões vai se abrir a partir no momento que eu estiver na faculdade... mas vou fazer o possível... os contatos, é o certo... Porque fazendo contatos você tem uma visão... uma visão holística de toda a estrutura financeira da empresa... toda a situação financeira da empresa. Mas eu acho que as chances são altas. Por que? Pode ser um mercado escasso... mas se tiver dez vagas, sendo que nove vão ter *peixinhos*... tem pessoas que indicam, é obvio... Mas essa uma?... Por que eu não posso ser essa pessoa? Se eu vou estudar muito mais que os outros pra conseguir esta vaga?" (Heitor)

"As chances de ter um bom emprego na vida adulta? Todas boas, né. Tanto por que... muita gente pode me ajudar, tanto dentro da escola, como da minha família. Acho que minhas chances, assim, são boas, até porque eu pretendo conseguir um emprego antes de ser uma empresária apenas. Pra eu poder ter uma renda fixa e conseguir um dinheiro, né. Porque dinheiro não cai do céu. Acho que são boas as minhas chances." (Ana)

"Minhas chances são altas porque eu me entendo bem com as pessoas, eu me entendo bem com os números. A única coisa que eu não quero é passar o dia todo em um escritório, que não seria uma coisa pra mim... mas como eu me entendo bem com pessoas... uma coisa que a gente aprende muito é a rede de contatos, então eu tenho muitos amigos, muitas pessoas que vão estar trabalhando ... ai pode ser que uma pessoa, que conheça a outra, que conheça a outra, pode me arrumar um emprego. Ou mesmo na entrevista, você saber se colocar, mostrar que você tem opinião, mostrar com o que você sabe mexer bem... mostrar pra ela que você é útil. Por que você não iria querer algo que te trouxesse vantagens? E eu sou esse profissional... E ser artista a minha chance é maior ainda, maior do que ter um bom emprego, porque... eu estou treinando e eu estou me esforçando pra isso... então eu acho que são muito boas." (Patrícia)

"As chances de ter eu um bom emprego... Bom, buscando o que eu gosto de fazer. E me empenhando no trabalho. Tenho 100% de chance? Hum, acho que não. Acho que eu devia já começar logo, só que eu chego em casa e nunca olho o que eu gostaria de fazer, o que gosto, não gosto, porque não adianta eu falar "nossa eu tem que ver isso" e

deixar por fazer, né. Acho que tenho chance, mas tenho de me esforçar mais..." (Ronaldo)

"Por mais que dê tudo errado eu tenho um dinheirinho no banco e compro um quiosque... risos... lá em Itacaré.... risos... Uso meu curso de administração pra cuidar e me dar bem no quiosque... risos... Quando a psicologia não sei, não sei se vou me dar bem. Não sei se terei consultório ou se vou trabalhar numa penitenciária. Uma coisa que eu penso... sempre penso é em dar palestras, mas... pode acontecer. Daria palestras sobre gente e sociedade... porque eu penso em fazer sociologia, em separado... depois que eu já tiver estabilidade. Estou tranqüilo quanto a isso... isso de futuro..." (Getúlio)

Como não há pesquisas que nos apresentem dados sobre a realidade e a visão de mundo a respeito do trabalho e das atividades produtivas desse segmento populacional e de renda, fica difícil apontar se as colocações destes jovens representam ou não o modo de *estar* no mundo das juventudes ricas brasileiras. O certo é que seus discursos estão permeados por valores sociais e de classe herdados de suas relações sociais diretas, familiares e escolares. Mas em alguns momentos é possível vislumbrar um certo inconformismo e um desejo, mesmo que inconsciente, de que as coisas fossem diferentes. Principalmente nos discursos de Getúlio e de Patrícia.

Contudo, as condições de vida que experienciam, de classe capitalista e exploradora, com rendas consideradas média-alta e alta, e que podem financiar sua formação, permitindo que ingressem no mercado de trabalho bem preparados para ocupar as melhores vagas disponíveis, os impedem de ver as coisas e percebem a realidade pelo ângulo de vida dos jovens pobres.

Diante disso, estes jovens estudantes são bastante otimistas em relação as suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal. Essa percepção não está descolada da realidade que os aguarda fora dos muros da escola, pelo contrário, embora não compreendam a realidade dos jovens pobres, estão certos ao avaliarem positivamente as suas chances profissionais. Enquanto representantes da classe privilegiada e produtos de seu meio social, tem consciência das relações sociais que podem beneficiá-los neste momento da vida juvenil. Conscientes que estão da correlação de forças presentes no sistema capital, utilizarão mecanismos de classe, como a influência familiar, o QI, a

escolaridade ampliada e do tempo de moratória social, para ampliar suas oportunidades e garantir o futuro desejado. Articulando elementos da economia e da cultura, produzem sua subjetividade a partir do registro social que os financia. As relações de poder, introjetadas, disciplinam sua consciência social e os coloca em situação favorável em relação ao mundo em que vivem.

Dessa forma, podemos afirmar que suas consciências sociais e portanto o sujeito social que se configura a partir delas, atendem as exigências de formação de uma classe dirigente, comprometida com a reprodução social do sistema capital. Valorizando elementos da individualidade e ressaltando os valores da competência e do perfil adequado para o desenvolvimento e a produtividade empresarial, estes jovens evidenciam seu lugar no mundo e na sociedade capitalista. Enquanto classe de gestores, configura-se como organizadores do sistema capital, mas não produtores de mais-valia. Soares os define como produto da sociedade de classes, e a sua educação está diretamente ligada ao consumo improdutivo pois

“falar de um consumo improdutivo é falar de um produto que não é produtor, ou seja, de um consumo que não se transforma em capacidade de produzir mais valia.” (SOARES, 1989, p.11)

CONCLUSÃO

Partindo de uma questão bastante ampla e de envergadura sociológica, qual seja, qual é a percepção de jovens estudantes de nível médio técnico, de uma escola particular de Belo Horizonte, sobre o mundo em que vivem, o mundo do trabalho e sua inserção profissional no contexto das transformações sócio-econômicas, políticas e culturais ocorridas nas últimas décadas, esta investigação social teve por objetivo apreender os valores e representações que permeiam o imaginário das juventudes em relação ao mundo do trabalho, compreendido na totalidade das relações que vivenciam na reprodução de sua condição de vida e na busca por se inserir no mercado de trabalho. Diante das recentes transformações ocorridas nos processos e organização do trabalho, mas também das transformações que ocorreram na vida humana em sociedade, buscamos conhecer as expectativas de vida e futuro de uma juventude específica, qual seja, a juventude que estuda em uma escola particular de Ensino Médio integrado à Educação Profissional com foco na formação gerencial. Buscávamos compreender com isso, os processos de formação humana e profissional, pelo menos no que diz respeito à formação de jovens gestores capitalistas.

Esta conclusão apresenta, de forma bastante sintética e discursiva, os resultados da pesquisa realizada. Na busca de responder aos objetivos propostos, partimos da suposição de que a percepção dos jovens do Ensino Médio sobre o mundo do trabalho os leva à considerar a escolarização ampliada como estratégia principal e ideal para sua inserção profissional, o que traria conseqüências para sua relação com a escola, que passa a se configurar como algo imposto e exterior aos seus desejos, mas necessário à vida. Isso foi verificado tanto no discurso à respeito de suas expectativas e aspirações profissionais, quanto a informação acerca das possibilidades de inserção profissional que vislumbram para seu futuro. Na busca de assegurar seu lugar no mercado de trabalho e, portanto na sociedade humana, os jovens assumiriam a responsabilidade sobre sua formação profissional, refletida na busca do curso técnico de nível médio e no esforço pessoal que imprimem aos seus estudos individuais, mesmo aqueles extra-escolares. Entretanto há exceções, há indecisões e dúvidas na fala dos estudantes entrevistados, há também um espaço que notadamente está em construção e, muito embora haja pressão

externa para que tais decisões sejam tomadas, há, diante dessa pressão, um universo de questões que o indivíduo precisa saber e se propor a conhecer, que caracterizam bem o tempo presente que estes jovens vivenciam, um tempo de escolhas. Escolhemos apresentar os cinco jovens entrevistados focando em cada um deles uma dimensão intrínseca a esse período da vida humana, ressaltando elementos que estão presentes em todos os jovens, em maior ou menor importância. Dessa forma, selecionamos, dos jovens entrevistados, cinco dimensões da vida humana, quais sejam: o pragmatismo, característica verificada no discurso de Heitor, que assumindo uma mentalidade burguesa planeja seu futuro e suas escolhas a partir de um objetivo já definido; o idealismo e o inconformismo crítico, característica observada em Getúlio, que se mostra um sujeito com pouca preocupação em se adaptar, apontando para dimensões do trabalho e da vida humana que não condiz com o modelo de sociedade que ele idealiza; a afetividade, bem representada nas falas de Ana, que busca condicionar sua vida profissional à vida familiar e afetiva que visualiza para seu futuro e sua idade madura; a tranquilidade e a indecisão, características verificadas em Ronaldo, que se acha muito novo para decidir coisas tão sérias acerca de seu futuro e sua vida profissional; por fim, a criatividade, elemento destacado no discurso de Patrícia, que pensa grande e vislumbra um universo de possibilidades para seu futuro, muito embora esteja restrita hoje a sonhos mais palpáveis, ela não abandona os ideais de realização enquanto ser humano cheio de potenciais e não limitado por suas condições materiais.

Ao refletir sobre a centralidade do trabalho na constituição identitária dos jovens, compreendemos que o processo de constituição dos sujeitos sociais da atualidade, está permeado de contradições que evidenciam o movimento de manutenção-emancipação que estes jovens pretendem imprimir a sua vida futura. Ao mesmo tempo em que buscam um mundo melhor do que aquele em que vivem, estes jovens não trazem elementos de transformação do seu cotidiano, de forma que atuam muito mais na reprodução social do que na transformação da sociedade. Mesmo diante das mudanças promovidas pela tecnologia (principalmente as novas tecnologias de comunicação e da microeletrônica) na base material e imaterial da produção da vida, os jovens entrevistados ainda buscam no trabalho elementos de individualidade típicos da sociedade capitalista e da reprodução social, como

realização pessoal, satisfação e prazer. Visto deste ângulo, o trabalho assume um sentido de sucesso financeiro, desvinculado de uma dimensão ontocriativa e de emancipação e realização humana.

No que diz respeito as suas expectativas e aspirações profissionais, verificamos que os projetos de auto-realização que estes jovens constroem para si estão vinculados a idéias de estabilidade financeira e articulados de forma simultânea com a descoberta do novo e os desafios colocados pelo mundo desigual em que vivem. Cercados por um mundo que cobra de forma incisiva uma posição e a decisão destes jovens diante das múltiplas escolhas profissionais, as dúvidas também fazem parte do movimento de ser jovem e vivenciar essa condição juvenil e esse tempo de moratória social, como um tempo de reflexão. Entretanto, mesmo vivendo num mundo líquido (como definido por Zigmund Baumann), corroído em suas relações de longo prazo (como descrito Richard Sennett), de crescente informalidade (Pochmann) e constituído a partir de incertezas (Garcia), podemos perceber que as escolhas desses jovens estão relacionadas muito mais a um estilo de vida do que a um mundo idealizado e utópico. À certeza de “boas” oportunidades no futuro somamos uma busca por felicidade, como único fim possível para a vida humana.

Assim, podemos dizer que os jovens de classe média alta aqui entrevistados, têm clareza das desigualdades sociais brasileiras e, muito embora algumas vezes se possa perceber uma postura crítica, esta postura permanece no campo do discurso e não é efetivada por ações de transformação. Entre grandes sonhos de realização profissional e a busca individual por felicidade, estes jovens planejam seu futuro a partir de uma relação positiva com o presente. Sem grandes preocupações em relação ao seu futuro profissional. Dessa forma, o trabalho aparece no discurso desses cinco jovens em sua dimensão ontocriativa e de realização humana para além do emprego e do dinheiro, mas também aparece como lugar de satisfação de suas necessidades materiais e de status. Em muitos momentos foi possível percebermos que estes jovens se voltam a realidade em que vivem e assumem seu lugar na sociedade de classes, apresentando o trabalho como o lugar que cada um ocupa, ou vai ocupar, nesta mesma sociedade.

Dessa forma, o valor e o sentido que estes atribuem ao trabalho, constituído a partir de suas percepções, valorações e representações sobre o mundo

experenciado, assumem grande importância para sua formação enquanto sujeito social. Por não compartilharem da imagem desesperançada dos jovens europeus sobre a realidade e as condições sociais vividas, ou ainda, não compartilharem da imagem negativa e desvalorizada do trabalho – precário e sem futuro, vivenciado pelas classes populares – que permeia o imaginário das juventudes pobres brasileiras, estes jovens se mantêm certos da possibilidade de *estar* neste mundo e *ser* feliz, mesmo diante das dificuldades e dos paradoxos impostos pela escola e pelo imprevisível mercado de trabalho. Assumem, assim, o trabalho e a busca por um emprego, muito mais como campos de disputa social e de auto-afirmação enquanto sujeitos individuais em um mundo de possibilidades, do que como espaços de desespero, angústias, fracassos e desgostos na vida. Concluímos assim que a percepção que eles têm do mundo do trabalho está vinculada ao lugar que já ocupam na sociedade, qual seja, de classe privilegiada, muito mais do que a realidade da condição juvenil no Brasil de hoje. Assim, afirmamos diante do exposto por estes jovens, como resultado desta pesquisa, que o trabalho assume centralidade na projeção de seu futuro e na configuração de sua identidade no presente.

Quanto às suas possibilidades de inserção profissional, os cinco jovens se mostraram muito otimistas e até um pouco desinformados sobre a condição social da maior parte dos jovens de sua idade, como colocado ao final da discussão deste item, suas subjetividades estão conformadas ao padrão de desenvolvimento capitalista e sua educação segue no mesmo sentido. O valor positivo atribuído à educação escolar, como aspecto simbólico e como fator de distinção social, fica claro quando interrogamos estes jovens sobre suas chances de sucesso. Mais que um emprego, eles estão em busca de uma identidade, de um lugar na sociedade.

Ficam aqui diversas questões que necessitariam de mais tempo para serem averiguadas nesta pesquisa, mas que podem servir de sugestão para pesquisas posteriores. Na busca de compreender a formação e conformação dos sujeitos às exigências produtivas, perguntamos quais os valores, normas, atitudes e comportamentos que os jovens consideram valorizados pelo mercado de trabalho? Se considerarmos que há um novo perfil de trabalhador, como afirmam diversos autores estudados, como estes jovens, na qualidade de gerentes do capital,

percebem essas novas demandas de qualificação profissional e como buscam adquiri-las?

Outras questões, estas sim novas e decorrentes da pesquisa realizada, colocam a pesquisadora em direção a olhar para o futuro desses jovens. Tais expectativas e avaliações quanto ao futuro profissional se realizarão? Como, ao término do Ensino Médio e a entrada desses jovens na faculdade, tais questões serão colocadas? É possível, compreendendo que o ser humano está em constante formação e conformação, que eles pensem da mesma maneira? Ou ainda, será que os sonhos expressos nesta pesquisa refletem seu distanciamento e idealização das relações de trabalho? Como será a efetiva inserção profissional desses jovens e quais experiências poderão sobrevir dessa realidade vivida e não mais idealizada? São muitas questões que surgem, e delas emerge uma vontade, a de acompanhar estes mesmo jovens, perquirindo-os no tempo, a fim de apreender o processo de maturação e fixação de seus sonhos e possibilidades na formação do sujeito social e do seu *devoir*.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n.5 e 6, 1997.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003. 662p.
- ABREU NETO, F. A . **Princípios filosóficos constitutivos de las tecnologías fordista y toyotista**. 2005. 333 f. Tesis doctoral. (Doutorado em Filosofía, Tecnología y Sociedad). Departamento de Filosofía del Derecho, Moral y Política II (Ètica y Sociología) da Facultad de Filosofía da Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2005.
- ALMEIDA, Ada Maria de. O ingresso do estudante de nível médio e da escola técnica no mercado de trabalho por meio de estágios não-obrigatórios: percepção e adaptação dos jovens à ocupação precária. **Trabalho e Educação**, 2007, Campinas. Anais do Encontro de Estudos e Pesquisas em História, Trabalho e Educação. Unicamp : Unicamp, 2007. v. 1. p. 2-27.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. **Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil**. In ANTUNES, R; MORAES SILVA, Maria A. (Orgs.). *O avesso do trabalho*. São Paulo: Expressão popular, 2004. 13-27 p.
- ANTUNES, R. (Org.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2004.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ARANHA, Antonia V. Soares. Tecnologia e qualificação do trabalhador: a complexidade do desenvolvimento técnico e sócio-humano. *Revista Trabalho e Educação* Belo Horizonte, n.3, jan/ jul, 1998.
- ARANHA, Antonia V. Soares. **O trabalho como princípio educativo na sociabilidade do capital**. Mimeo.
- BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, ANPED Nº 5, mai-ago/set-dez, 1997. p. 76-95.

- BARBOSA, Gláucia Tinoco. Georg Lukács e a crítica à metodologia das ciências sociais: da escola de Heidelberg à história e consciência de classe. **Anais do 31º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu/MG, 2007.
- BARRA, Alex Santos Bandeira. Marxismo e a produção de conhecimento. **Revista Urutágua**, n. 11, Dez., Jan., Fev., Mar., 2007. Maringá/PR.
- BERINO, Aristóteles de Paula. **Elementos para uma teoria da subjetividade em Marx**. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora. 2005. 111 p.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e ao método**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOLOGNINI, Valéria. **Memorial** [manuscrito]. 2007
- BOMBACH, Luciane. A evolução da estrutura socio-ocupacional setorial juvenil das regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre entre 1981 e 2003. In: **O trabalho no setor terciário**. São Paulo: DIEESE, 2005.
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Guanabara. 3ª edição, 1987.
- BRASIL. **Sinopse Estatística da Educação Básica, Censo Escolar**. MEC, 2006.
- CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e; PASINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Revista Última Década** n.21, Valparaíso, Diciembre, 2004, pp. 11-50.
- CAMPOS PIRES, Marília Freitas de. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Revista Interface**. Comunicação, Saúde e Educação. Agosto, 1997.
- CASIMIRO, Ana Palmira B. Santos. **A atualidade do materialismo histórico e dialético**. Revista Científica Tecitura, v. 1, p. 1-10, 2006. Disponível em: <http://tecitura.juvencioterra.edu.br/> Acesso em jul.2008.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Fim de milênio. v.3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. O poder da identidade, v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CIAVATTA, Maria. **A formação integrada. A escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade**. Revista Trabalho Necessário, Nº 3, 2005. Disponível em <http://www.uff.br/trabalhonecessario/MariaTN3.htm>. Acesso em jan.2007.
- CORRÊA, Maria Laetitia; TEIXEIRA, Alessandra Luisa. **Uma nova faceta da gestão empresarial: a conformação da subjetividade do trabalhador**. In

Trabalho & Crítica: Anuário do GT Trabalho e Educação/ ANPEd, Belo Horizonte:NETE/UNISINOS, número 2, setembro de 2000. 63-77 p.

CORRÊA, Vera. A nova cultura do trabalho: subjetividades e novas identidades dos trabalhadores *In* FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.) **A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico**. Brasília: INEP, 2006.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens operários e operárias: olhares sobre o trabalho. Anais do IV Colóquio Internacional de Geocrítica. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. Vol. VI, núm. 119 (84), 1 de agosto de 2002.

CORROCHANO, Maria Carla. **Juventudes e mundo do trabalho**. Disponível em http://www.institutocredicard.org.br/artigos/texto_carla_sp.pdf#search=%22significados%20jovens%20trabalho%22. Acesso em out.2006.

CORROCHANO, Maria Carla; FERREIRA, Maria Inês Caetano; FREITAS, Maria Virgínia; SOUZA, Raquel. **Jovens e trabalho no Brasil**. Desigualdades e Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Ação Educativa e Instituto IBI. Junho de 2008.

COSTA. Marcio da; KOSLINSKI, Mariane Campelo. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

CUNHA, D.M.; BOLOGNINI, V.; CUNHA, C. Conexões de saberes sobre trabalho: a experiência do setor mineral em foco. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Recife, junho de 2007.

CUNHA, Daisy; GOMES, Aurisiane; CUNHA, Charles; FREITAS LIMA, Rosangela; et all. Pré-diagnóstico FUNEC. Relatório encomendado. Prefeitura de Contagem, marco de 2008. 50 p.

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e contradição**. 4 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

CUT. **Juventudes em debate**. Sindicalismo e mercado de trabalho. São Paulo: CUT, 2007.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, ANPED Nº 24, set-dez, 2003. p. 40-52.

DAYRELL, Juarez. **Políticas públicas de juventude na região metropolitana de Belo Horizonte**. Relatório da primeira fase da pesquisa. Disponível em: http://nsae.acaoeducativa.org.br/portal/images/stories/pdfs/rel_mg.pdf. Maio de 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL ROIO, Marcos Tadeu. *A mundialização capitalista e o conceito gramsciano de Revolução passiva*. **31a Encontro Anual da Associação Nacional dos**

Pesquisadores em Ciências Sociais, ANPOCS. Caxambu (MG), 22 A 26 de Outubro De 2007.

DELUIZ, Neise. **A Globalização Econômica e os Desafios à Formação Profissional**. Disponível em <http://www.senac.br/informativo/>. Acesso em out.2006.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; *et all.* **Pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. pp 127-153.

DIAS, Graziany Penna . Empreendedorismo e educação: o SEBRAE na escola. **Trabalho Necessário** (Online), v. 8, p. 01-44, 2009.

DIEESE (Org.). **Emprego e desenvolvimento tecnológico**: Brasil e contexto internacional. São Paulo: DIEESE, 1998.

DIEESE. A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos. **Estudos e Pesquisas**, n.24. São Paulo: DIEESE, 2006.

EVANGELISTA, Walter José. Notas sobre materialismo aleatório, sobredeterminação e determinação em última instância pelo econômico. **Anais do Terceiro Colóquio Marx e Engels, Materialismo e Marxismo**. 2003. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao2/Walter_Evangelista.pdf

ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola**: Educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ENGUITA, Mariano. **Trabalho, Escola e Ideologia**. Marx e a Crítica da Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FABIANO, Luiz Hermenegildo; PALANGANA, Isilda Campaner. Identidade e cultura mercantilizada. **23ª. Reunião ANPED**, 2000. Caxambu (MG). Disponível em : <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2013t.PDF>

FERRETTI, Celso João. Mudanças em sistemas estaduais de ensino em face das reformas no Ensino Médio e no Ensino Técnico. **Educação e Sociedade**. [online]. 2000, vol.21, n.70, pp. 80-99.

FIDALGO, Fernando; GONÇALVES, Irlen; JUNIOR, Justino; MILITÃO, Nadir. **Editorial/ Conceito de trabalho** *In* Revista Trabalho e Educação, nº 5, jan/jul, 1999. Belo Horizonte: NETE-UFMG. p. 9-16.

FONDATION POUR L'INNOVATION POLITIQUE. **Les Jeunesses face à leur avenir : une enquête internationale**, 2007. Disponível em : http://www.fondapol.org/fileadmin/uploads/pdf/documents/Etude_Les_Jeunesses_face_a_leur_avenir.pdf

- FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens de ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 167-183, mar. 2001.
- FRAYSSINET, Fabiana. Jovens à margem da sociedade. **Revista Fórum**, 2007. Disponível em: http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/NoticiasIntegra.asp?id_artigo=1649. Acesso em março de 2008.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática In FRIGOTTO, G.. **Educação e Crise do Capitalismo Real**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 135-193.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Estrutura e sujeito e os fundamentos da relação trabalho e educação In **Revista Trabalho e Educação**, nº 9, jul/dez, 2001. Belo Horizonte: NETE-UFMG. 15-26 p.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação básica não é para o a felicidade, o sonho. **RET-SUS**. São Paulo, p. 2-3. jan/fev de 2005. Disponível em <http://www.retsus.epsjv.fiocruz.br/uploadsistema/revista/pdf/revista%205.pdf>
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Orgs.) **A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico**. Brasília: INEP, 2006.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Globalização e crise do emprego: mistificações e perspectivas da formação técnico-profissional. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Recife, junho de 2007. Disponível em: www.sbsociologia.com.br/.../SBS_TEXTOFINALJuventude_2007.pdf Acesso em jan/2008.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A polissemia da categoria trabalho e a batalha das idéias nas sociedades de classes**. Caxambu: 31º ANPED. Trabalho encomendado pelo GT Trabalho e Educação. 2008.
- GARCIA, Dirce Maria Falcone. **Juventude em tempos de incertezas: enfrentando desafios na educação e no trabalho**. Tese de doutorado em Educação. Campinas: UNICAMP, 2002. 350 p.
- GEHRINGER, Max. **Emprego de A a Z**. Quadros Especiais Fantástico, Rede Globo. Disponível em : <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/1,,JOR180-15607,00.html>
- GOMES, Gizelle Regina and CARAMASCHI, Sandro. Valorização de beleza e inteligência por adolescentes de diferentes classes sociais. **Psicologia em estudo** [online]. 2007, vol.12, n.2, pp. 295-303.
- GRAMSCI, Antonio. Americanismo e Fordismo (Caderno 22). In **Cadernos do Cárcere**. Vol.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 241-282
- GRANDI, Sonia Lemos; FAHAEL, Mauricio César. **Grupos focais I**. Belo Horizonte, 2003. (mimeo)

- GUIMARÃES, Nadya Araújo. Transições ocupacionais e representações sobre a procura de trabalho. Comparando mercados de trabalho sob distintos regimes de Welfare (São Paulo, Paris e Tóquio). Comunicação apresentada ao **Seminário Temático “Análise Sociológica dos Fenômenos Econômicos”**. Caxambu. 26 a 30 de outubro de 2004.
- GUIMARÃES, Nadya A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In ABRAMO, H; BRANCO, P. (Org.) **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/sociologia/>. Acesso em out.2006.
- HAGUETTE, Teresa M.F.. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 7^o ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOSTINS, Regina Célia Linhares. A pesquisador e a lógica histórica: contribuições do historiador E. P. Thompson para a pesquisa em educação. Caxambu: **Anais da 27^a Reunião da ANPED**, GT2 - História de Educação, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt02/t0210.pdf>.
- IANNI, Octávio. **Marx e a Cultura**. Artigo publicado no “Caderno Folhetim” da Folha de São Paulo, de 21 de outubro de 1984, p. 10-11.
- IASI, Mauro Luis. **O Dilema de Hamlet . O ser e o não ser da consciência**” São Paulo: Viramundo, 1^o ed. 2002. 231 p.
- IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 176 p.
- INEP. **Educação profissional técnica de nível médio no censo escolar**. Brasília: INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira)/ MEC, 2006. 59 p.
- INEP. **Sinopse Estatística da Educação Básica. Censo Escolar 2007**. Brasília: INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira)/ MEC, maio de 2009.
- JANEIRO, L. S. ; CAMPOS, A.C. . Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In: **XVI Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio**, 2008, Rio de Janeiro. XVI Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio, 2008.
- KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.10, n.15, p. 124-143, jun/2004.
- KIYOSAKI, Robert; LECHTER, Sharon. **Pai rico pai pobre**: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro e que os pobres e a classe média não ensinam! (trad. Alan Romero).Lisboa : Dinalivro, 2^a ed., 2004, 186 p.
- KUENZER, Acacia Zeneida. O ensino médio no contexto das políticas públicas de

educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr, 1997.

KUENZER, Acacia Zeneida. O Ensino Médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito . **Educação & Sociedade**, ano XXI, no 70, Abril de 2000.

KUENZER, Acacia Zeneida. **As relações entre trabalho e educação no regime de acumulação flexível**: apontamentos para discutir categorias e políticas. Texto encomendado pelo GT Trabalho e Educação, para a 30ª reunião anual da ANPEd. Caxambu, 2007.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2 (Trad. Norberto Luiz Guarinello), 2005.

LEITE, Márcia de Paula. **O Futuro do trabalho**: novas tecnologias e subjetividade operária. São Paulo: Scritta, 1994.

LOBATO, Carmem Regina Poli Sayão, O Significado do Trabalho para o Adulto Jovem no Mundo do Provisório. **Revista de Psicologia da UNC**, vol 1, n. 2, 2004. pp. 44-53. Disponível em : <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/psicologia/2/22.pdf>

LÖWY, Michel. Visões sociais de mundo, ideologias e utopias no conhecimento científico-social. In LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. São Paulo: Cortez, 1998.

LUKÁCS, Georg. **Velha e nova cultura**. Disponível em: <http://orbita.starmedia.com/~novosdebates/lukacs/lukacs1.htm> Acesso em: 23/06/2007

LUKÁCS, Georg. A reprodução da sociedade como totalidade. In **Revista Estudos de Sociologia**. UNESP. n.1, 1996.

MACÁRIO, Eptácio. Sobre a relação trabalho-educação numa perspectiva ontológica In **Revista Trabalho e Educação**, nº 5, jan/jul, 1999. Belo Horizonte: NETE-UFMG. p. 80-97.

MACEDO, Julio César Silva; COELHO, Denys; SOARES, Ivailton. Comportamento de consumo dos jovens evangélicos no segmento da música: um estudo no interior do Estado do Rio de Janeiro. **Anais do VI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia** (SEGeT), outubro de 2009. Disponível em http://www.aedb.br/seget/artigos07/650_650_Evangelico_Seget.pdf

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). **Caderno CHR**, Salvador, n.37, jul-dez, 2002. P. 81-109.

MARTINS, Heloisa Helena T. De S.. O jovem no mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, ANPED Nº 5, mai-ago/set-dez, 1997. p. 96-109.

- MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação. **Tempo social [online]**. 2001, vol.13, n.2, pp. 61-87. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v13n2/v13n2a04.pdf>
- MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza; AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Juventude(s) e transições. **Tempo social [online]**. 2005, vol.17, n.2 . Disponível em [ww.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a01v17n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a01v17n2.pdf)
- MARTINS, Lígia Márcia . As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas em pesquisa.. In: **29º Reunião Anual da ANPED**, 2006. Educação, Cultura e Conhecimento: desafios e compromissos, 2006. v. 1.
- MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital>
- MARX, K. **A Ideologia Alemã**. Versão eletrônica disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-Aléma-oe/>
- MARX, K. **A Ideologia Alemã**. Versão eletrônica disponível em http://ateus.net/ebooks/geral/marx_a_ideologia_Aléma.pdf
- MEC/ BRASIL. **Censo 2008 indica tendências da educação**. Portal da Educação. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=11960. Acesso em agosto de 2009.
- MEIRIEU, Philippe Que saberes ensinar aos estudantes do liceu? *In* **Relatório Meirieu: para a reforma do ensino médio da França**. (Tradução de José Adelmo Guimarães). MEC / Ministério da Educação; INEP / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.
- MÉSZÁROS, István. **O século XXI**: socialismo ou barbárie? São Paulo: Boitempo, 2006. 116 p.
- MIRANDA, Marília Gouvea de; RESENDE, Anita C. Azevedo. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 33 set./dez. 2006.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. E. P. Thompson e a pesquisa em ciências sociais. Anais do **31º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu/MG, 2007.
- OIT. **Trabalho decente e juventude na América Latina**, 2007. Disponível em: http://www.oitbrasil.org.br/topic/decent_work/doc/news_9.pdf
- OIT. **Trabalho decente e juventude no Brasil**. Brasília: OIT Brasil, 2008. 159 p.
- OLIVEIRA, Maria Rita N.S.. **A reconstrução da didática: elementos teóricos - metodológicos**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1993.
- OLIVEIRA, Ramon de. Empregabilidade e competência: conceitos novos

- sustentando velhos interesses. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, NETE-FaE/UFMG, n. 5, jan-jun, 1999. p. 51-63.
- PAIS, José Machado. Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida. **Revista Análise Social**, vol XXVI (114), 1991, pp. 945-987.
- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos" **Revista Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), pp. 139-165.
- PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, nº 5. Set-dez, 1997. P. 15-24.
- PERALVA, A. T., SPOSITO, M. P. (orgs.) Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, ANPED, mai/jun/jul/ago, no 5, set/out/nov/dez, no 6. Número Especial. 1997.
- PEREIRA, Adriana da Silva Alves, **Sucesso escolar de alunos dos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares**. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.
- PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; *et all.* **Pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. pp 43-94.
- POCHMANN, Márcio. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo, Publisher Brasil, 2000. 95 p.
- POCHMANN, Márcio. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21462.pdf>
- POCHMANN, Marcio. Mercado geral de trabalho: o que há de novo no Brasil? **Revista Parcerias Estratégicas**. n. 22, junho 2006. Disponível em: <http://www.cgee.org.br/parcerias/p22.php>
- POCHMANN, Márcio. Informalidade reconfigurada. **Revista Fórum**, ed.52, jul/2007. Disponível em: http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticialIntegra.asp?id_artigo=730
- POLI, Maria Cristina. **Ensino médio profissionalizante: quem o quer? A quem ele serve?** Mestrado em Educação, Universidade de Campinas. São Paulo:UNICAMP, 1999.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 1998.
- RIBAS JR., Fábio Barbosa. **Educação e protagonismo juvenil**. Disponível em: www.prattein.com.br
- RODRIGUES, Romir. O ensino médio no brasil: da invisibilidade à onipresença. **Revista Trabalho Necessário**. Ano 5, n.5, 2007. Disponível em:

<http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN5%20RRodrigues.htm>

- SALVATORI, Elena. Etnografia das altas classes médias: um estudo no bairro bela vista, em Porto Alegre-RS. **Revista Iluminuras**, vol. 2, n. 4, 2001 Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/artic le/viewFile/9124/5237>
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007. 126 p.
- SAVIANI, Demerval. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. Caxambu: **Anais da 29ª Reunião da ANPED**. Trabalho encomendado pelo GT Trabalho e Educação. 2006.
- SCHWARTZMAN, Simon; BLANCO COSSÍO, Mauricio. Juventude, educação e emprego no Brasil. **Cadernos Adenauer: Geração Futuro**, vol VII, n. 2. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer Stiftung, pp. 51-65, 2007.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 204 p.
- SILVA, Cristiane A. Fernandes. **Trabalho e Quimeras: dilema vivido pelo jovem operário**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2003.
- SILVA, Ivone Maria M. Da. **Os Jovens e o Futuro: aspirações e projetos de jovens das camadas populares de Belo Horizonte**. Dissertação de mestrado em Educação Tecnológica. Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2008. 205 p.
- SILVA, Maria Aparecida. Globalização e currículo. **Anais do VIII Colóquio sobre Questões Curriculares / III Colóquio Luso-brasileiro sobre Questões Curriculares**. Braga (Portugal): Universidade do Minho, Campus Gualtar, 2006.
- SIMÕES, Carlos Artexes. A Educação técnica: Para que e para quem?. **Observatório Jovem**, 20 de Novembro de 2007. Disponível em: http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_content&task=view &id=382&Itemid=23
- SOARES, João Bernardo M. V.. A Produção de si mesmo *In Educação em Revista*, Belo Horizonte: s/e. 17.jul.1989. p. 3-17.
- SOARES, João Bernardo. O proletariado como produtor e como produto *In Revista de Economia Política*, v.5 n.3, jul-set.1985. P. 83-100.
- SOCHACZEWSKI, Suzanna. Educação, trabalho e vida. *In CUT. Juventudes em debate*. Sindicalismo e mercado de trabalho. São Paulo: CUT, 2007.
- SOUZA, Luiz Gustavo Silva; TRINDADE, Zeidi Araújo; COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos, MENANDRO, Maria Cristina Smith. Sentidos atribuídos ao sucesso pessoal e profissional em estudantes do ensino médio. **PSIC / Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 8, no 1, p. 1-12, Jan./Jun. 2007.

- SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 5. Set-dez, 1997. P. 37-52. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_06_MARILIA_PONTES_SPOSITO.pdf. Acesso em 22.3.2007.
- STELLINGER, Anna; WINTREBERT, Raphaël. **Quels métiers en 2015 ?** Janeiro/2007. Disponível em : <http://www.nadoz.org/FicheArticle.aspx?ArticleId=223>
- TELES, Jorge; FREGUGLIA, Ricardo; CARVALHO, Fabrício Felipe de. Juventude e mercado de trabalho no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. **Revista Econômica**, v. 4, n. 2, p. 223-250, dezembro de 2002.
- TRAVASSOS, Ronaldo dos Santos . A natureza do fetiche na formação do trabalhador: do tecnicismo à empregabilidade. In: **Encontro de Estudos e Pesquisa em História, Trabalho e Educação-HISTEDBR**, 2007, Campinas. História, Trabalho e Educação: possibilidades e perspectivas para a investigação, 2007.
- TREMBLAY, Marc-Adélar. Reflexões sobre uma trajetória pessoal pela diversidade dos objetos de pesquisa. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; *et all.* **Pesquisa Qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Prefácio. pp 9-30.
- TUMOLO, Paulo Sergio. Da subsunção formal do trabalho à subsunção real da vida social ao capital: apontamentos de interpretação do capitalismo contemporâneo. In **Trabalho & Crítica: Anuário do GT Trabalho e Educação/ANPEd**, Belo Horizonte:NETE/UNISINOS, número 2, setembro de 2000. 15-29 p.
- VASCONCELLOS, Marcos de. Ensino médio: quem sabe o que é?. **Observatório Jovem**, 08 de November de 2007. Disponível em: http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=375&Itemid=5
- WELLER, Wivian. Pesquisa qualitativa com adolescentes e jovens: algumas reflexões sobre o trabalho de campo em São Paulo e Berlim. **XII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Belo Horizonte, 2005. Disponível em <http://www.sbsociologia.com.br/congresso/gt00.asp?idcongresso=4>
- WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa** [online]. 2006, vol.32, n.2, pp. 241-260.
- WOLF, Simone. Qualidade total e informática: a constituição do novo “homem-máquina” In ANTUNES, R; MORAES SILVA, Maria A. (Orgs.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2004. pp. 355-408.
- WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

www.oitbrasil.org.br

www.mte.gov.br

www.mec.gov.br

www.mg.gov.br

ANEXOS

ANEXO 1 - PERMISSÃO DA ESCOLA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Prezada/o ...

Participo do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG, na linha de pesquisa *Processos Formativos em Educação Tecnológica*, em nível de mestrado, no qual realizo a pesquisa intitulada **”Inserção profissional em tempos de capitalismo globalizado: como jovens estudantes percebem o mundo do trabalho”**. Esta pesquisa tem como objetivo apreender a percepção de jovens estudantes, dentro da faixa escolar do ensino médio, sobre o mundo do trabalho e sua inserção profissional no contexto das transformações sócio-econômicas, políticas e culturais ocorridas nas últimas décadas.

A análise levará em conta o universo cultural desses sujeitos, suas territorialidades, seus rituais, suas linguagens e códigos, mas principalmente sua relação, mediada ou não pela família e pela escola, com o mundo do trabalho.

Pretendemos, a partir de uma breve apresentação da pesquisa e dos objetivos desta, convidar alunos para participarem como voluntários de entrevistas individuais. Este entrevista abordará questões relativas ao tema proposto para esta pesquisa: juventude e mercado de trabalho. Pode ser necessário alguma conversa posterior, com o aluno participante da pesquisa, para complementar as informações prestadas na entrevista individual.

As entrevistas individuais serão gravadas em dispositivo digital (MP4) e posteriormente transcritas pela pesquisadora. Em todos os registros efetuados, um código, ou nome fictício, substituirá o nome dos participantes. Todas as informações obtidas e gravadas serão mantidas de forma confidencial. As gravações também poderão ser usadas em publicações acerca do assunto pesquisado, porém, a identidade dos participantes não será revelada de forma alguma. Os participantes têm o direito de acesso aos próprios dados, sempre que considerarem necessário e adequado.

Em respeito ao que determina o item IV, da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisa envolvendo seres humanos, estou apresentando o presente Termo de Autorização, para que possa realizar a pesquisa nesta Instituição.

Na expectativa de contar com sua autorização, agradeço antecipadamente.

Valéria Bolognini Ferreira Machado
Mestranda em Educação Tecnológica – CEFET-MG

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida da Silva
Professora do Mestrado em Educação Tecnológica e da Formação de professores do CEFET-MG - Orientadora

DE ACORDO: _____

DATA: ____/_____/2009.

Valéria Bolognini – Socióloga
Mestranda em Educação Tecnológica
Tel: (31) 8867-3917
E-mail: vallmachado@yahoo.com.br

Prof^a Dr^a Maria Aparecida da Silva
Professora CEFET-MG - Orientadora
Tel: (31) 9970-8483
E-mail: masilva46@oi.com.br

ANEXO 2 - PERMISSÃO DOS ALUNOS E RESPONSÁVEIS.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio deste termo de consentimento livre e esclarecido, você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada **”Inserção profissional em tempos de capitalismo globalizado: como jovens estudantes percebem o mundo do trabalho.”** A pesquisa é desenvolvida por mim, Valéria Bolognini Ferreira Machado, e por minha orientadora, Professora Doutora Maria Aparecida da Silva, como parte do curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG.

O objetivo dessa pesquisa é apreender a percepção de jovens estudantes, dentro da faixa escolar do ensino médio, sobre o mundo do trabalho e sua inserção profissional no contexto das transformações sócio-econômicas, políticas e culturais ocorridas nas últimas décadas.

O processo de coleta de dados envolverá alunos voluntários do ensino médio e serão gravadas entrevistas individuais em formato digital (MP4) que, posteriormente, serão transcritas pela própria pesquisadora. Também poderá ocorrer uma reunião que debaterá questões relativas ao tema proposto para esta pesquisa: juventude e mercado de trabalho. Pode ser necessário alguma conversa posterior, com o aluno participante da pesquisa, para complementar as informações prestadas na entrevista individual.

Em qualquer momento, você poderá solicitar esclarecimentos sobre a metodologia de coleta e análise dos dados através dos telefones 8567-3917 (Valéria) / 9970-8483 (Maria Aparecida) ou pelo e-mail: vallmachado@yahoo.com.br. Não haverá nenhum desconforto e riscos para você durante o desenvolvimento da pesquisa. Caso você deseje se recusar a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, tem total liberdade para fazê-lo sem qualquer constrangimento.

Sua privacidade será garantida através do anonimato dos instrumentos de coleta de dados. Todos os nomes de participantes da pesquisa serão substituídos por códigos, ou nomes fictícios, cuja correspondência com os nomes dos participantes não será divulgada em nenhuma hipótese. Você poderá ter acesso as transcrições de entrevistas ou anotações feitas durante o grupo de discussão, em qualquer etapa da pesquisa, bastando para isso solicitá-los à pesquisadora.

Esta pesquisa não trará nenhum benefício direto e imediato a você, mas pode contribuir com o avanço dos conhecimentos sobre a educação de nível médio, chamando atenção especial para o que pensam os jovens quanto à educação e sua formação profissional. Os resultados desta pesquisa se tornarão públicos por meio de dissertação, congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas.

Se você estiver suficientemente informado sobre os objetivos, características e possíveis benefícios provenientes da pesquisa, bem como dos cuidados que o pesquisador irá tomar para a garantia do sigilo que assegure a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assine abaixo este termo de consentimento livre e

esclarecido, em duas vias de igual teor, das quais uma ficará em seu poder e outra em poder da pesquisadora.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu li e autorizo a pesquisadora responsável pelo presente estudo a realizar a entrevista individual. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar e que eu posso interromper minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste *termo de consentimento livre e esclarecido*. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2009.

Nome completo do aluno

Assinatura do aluno

Nome completo do/a pai/mãe ou responsável pelo aluno

Assinatura do/a pai/mãe ou responsável pelo aluno

Valéria Bolognini – Socióloga
Mestranda em Educação Tecnológica
Tel: (31) 8867-3917
E-mail: vallmachado@yahoo.com.br

Profª Drª Maria Aparecida da Silva
Professora CEFET-MG - Orientadora
Tel: (31) 9970-8483
E-mail: masilva46@oi.com.br

ANEXO 3 - FICHA SÓCIO-ECONÔMICA-CULTURAL DE AUTOPREENCHIMENTO.

Nome do entrevistado:

Data: ____/____/ 2009.

(As informações abaixo serão utilizadas somente na pesquisa em questão. Tanto as informações prestadas quanto a identidade do entrevistado serão mantidas em sigilo)

Sexo

1. Feminino 2. Masculino

Cor ou raça (conforme IBGE)

1. Branca 2. Preta 3. Amarela 4. Parda 5. Indígena

Idade

1. 15 anos completos
 2. 16 anos completos
 3. 17 anos completos
 4. 18 anos completos

Estado civil

1. Casado/a 2. Solteiro/a

Renda familiar

1. Até R\$ 415,00 (1 s.m.)
 2. De R\$ 416,00 a R\$ 830,00 (até 2 s.m.)
 3. De R\$ 831,00 a R\$ 1.245,00 (de 2 até 3 s.m.)
 4. De R\$ 1.246,00 a R\$ 2.075,00 (de 3 até 5 s.m.)
 5. De R\$ 2.076,00 a R\$ 4.150,00 (de 5 até 10 s.m.)
 6. De R\$ 4.151,00 a R\$ 8.300,00 (de 10 até 20 s.m.)
 7. Mais de R\$ 8.300,00 (mais de 20 s.m.)

Quantas pessoas moram na sua casa?

1. Sozinho/a
 2. duas pessoas
 3. três pessoas

- 4. quatro pessoas
- 5. cinco pessoas
- 6. seis pessoas
- 7. sete pessoas
- 8. oito ou mais pessoas

Você tem irmãos?

- 1. SIM
quantos? _____
- 2. NÃO

Você mora com pai e mãe?

- 1. SIM
- 2. NÃO

Se não, mora com quem?

- 3. Com a mãe
- 4. Com o pai
- 5. Com outro parente
- 6. Com outra pessoa que não é parente
- 7. Mora sozinho/a

Você trabalha?

- 1. SIM
- 2. NÃO

Já trabalhou anteriormente?

- 1. SIM
- 2. NÃO

Você precisa ajudar na renda familiar?

- 1. SIM
- 2. NÃO

Bens duráveis que você tem em casa:

- 1. Uma televisão
- 2. Duas ou mais televisões

- 3. DVD
- 4. Home Theater
- 5. Geladeira duplex
- 6. Geladeira simples
- 7. Um computador
- 8. Mais de um computador
- 9. Um laptop/ computador portátil
- 10. Mais de um laptop/ computador portátil

Seus pais tem carro?

- 1. SIM
quantos? _____
- 2. NÃO

Você tem filho?

- 1. SIM
quantos? _____
- 2. NÃO

Município de residência

Você mora em casa/apto:

- 1. Própria, quitada
- 2. Própria, financiada
- 3. Cedida/emprestada
- 4. Alugada

Como você chega até a escola?

- 1. De carro com seus pais ou parentes.
- 2. De carro/ carona com algum amigo ou pai de amigo.
- 3. De transporte escolar
- 4. De onibus
- 5. A pé

Escolaridade do pai

- 1. Ensino fundamental incompleto
- 2. Ensino fundamental completo
- 3. Ensino médio incompleto
- 4. Ensino médio completo
- 5. Ensino superior incompleto
- 6. Ensino superior completo
- 7. Pós-graduação

Escolaridade da mãe

- 1. Ensino fundamental incompleto
- 2. Ensino fundamental completo
- 3. Ensino médio incompleto
- 4. Ensino médio completo
- 5. Ensino superior incompleto
- 6. Ensino superior completo
- 7. Pós-graduação

Onde você cursou o Ensino Fundamental?

- 1. Sempre em Escola pública
- 2. Sempre em Escola particular
- 3. Uma parte em Escola pública, outra parte em Escola particular

Modalidade do Ensino Médio que você cursa:

- 1. Regular
- 2. Técnico
- 3. Integrado

Expectativa principal após a conclusão do Ensino Médio:

- 1. Passar no vestibular/ fazer faculdade.
- 2. Arrumar um emprego com carteira assinada
- 3. Arrumar um trabalho mesmo informal
- 4. Abrir um negócio próprio

- 5. Fazer faculdade e trabalhar
- 6. Fazer um curso técnico
- 7. Não tem planos para o futuro

Você acessa internet em casa?

- 1. SIM
- 2. NÃO

Se não, aonde você acessa a internet?

- 3. Na escola
- 4. Na lan house
- 5. Na casa de amigos/as
- 6. Outro lugar. Qual ? _____
- 7. Não acessa a internet

Qual o principal uso que você faz da internet?

- 1. Pesquisar e/ou estudar
- 2. Bater papo
- 3. Jogos on line
- 4. Escrever blog
- 5. Outros. Qual? _____

Qual seu lazer favorito:

- 1. Passear no shopping
- 2. Acessar a internet
- 3. Jogar bola e/ou outro esporte
- 4. Ler
- 5. Conversar com os amigos/as
- 6. Sair de *balada*
- 7. Outro. Qual? _____

Você vai ao cinema?

- 1. Sim, uma vez ao mês
- 2. Sim, mais de uma vez ao mês
- 3. Sim, menos de uma vez ao mês
- 4. Raramente
- 5. Nunca

Você vai ao teatro?

- 1. Sim, uma vez ao ano
- 2. Sim, mais de uma vez ao ano
- 3. Raramente
- 4. Nunca

Anexo 4 – Roteiro da entrevista aplicada individualmente aos alunos voluntários.

(Cotidiano) - Me fale um pouco da sua vida.

Como foi sua infância? O que você fazia quando era criança? Brincava de quê? Foi boa ou ruim sua infância?

Você mora com quem? Tem irmãos? Como é sua família?
Com quem você mais convive em seu dia-a-dia?

Como é sua rotina, seu dia-a-dia? Faz o que pela manhã, a tarde e a noite? São sempre iguais seus dias? E os fins de semana e feriados? O que você fez no último feriado (Corpus Christi)?

Onde você mora? Qual bairro? Como é seu bairro?
Você gosta de morar nesse bairro? No que ele se diferencia dos outros bairros da cidade? Você queria morar em outro bairro? Porque?

Como você vê sua cidade? Gosta de morar nela? O que faria para melhorá-la?

Como são seus pais? Você convive com eles em que períodos do dia? É diferente sua relação com seu pai e com sua mãe? Me fale um pouco disso.

Vocês conversam? Se sim, sobre o que vocês conversam? Relembre alguma conversa que teve com seus pais nos últimos dias.

Você lê revistas ou jornais? Quais? Como você se informa das notícias da cidade e do mundo?

Você vê televisão? Em que horário? Quanto tempo por dia? Poderia comentar algo que viu na televisão recentemente?

O que é diversão e lazer em sua vida? Que lugares você gosta de ir para se divertir? Com quem você frequenta esses lugares? Você pratica esportes?

Você tem amigos? De onde se conhecem? Me fale de dois ou três amigos ou amigas. O que vocês costumam fazer quando estão juntos? E quando saem, onde costumam ir?

Você tem namorada/o? Há quanto tempo namora? É importante namorar na sua idade?

Você participa de algum movimento ou grupo de jovens? Se sim, me fala um pouco dessa sua participação: (Que tipo de grupo? Religioso, político, cultural? Desde quando? O que te levou a participar desse movimento/grupo?)

Você gosta da sua vida? Mudaria algo nela?

(Percepção do mundo)

Como você vê o mundo atualmente? Qual o maior problema do mundo? E o segundo maior problema? O que poderia ser feito quanto a esses problemas mundiais?

Como você acha que vai ser o futuro do mundo? Você pensa nisso?

Você tem medo de alguma coisa quanto ao futuro do mundo? E quanto ao seu futuro, você tem medo do seu futuro?

Como você vê as condições de vida das pessoas no mundo atual? E as condições de vida no Brasil?

Você acha que há igualdade ou desigualdade entre as pessoas do mundo? E no Brasil, há mais igualdade ou desigualdade? Isso é bom ou ruim, certo ou errado?

Como você vê a sociedade brasileira?

O que poderia ser feito no Brasil para melhorar a vida das pessoas? Você pode fazer algo para melhorar a vida das pessoas?

Morar no Brasil é bom ou ruim? Você quer morar fora do Brasil algum dia? Onde? Por que?

O que é ser jovem hoje? E ser adulto?

O que o jovem de hoje espera do mundo? O os jovens de hoje, o que tem para oferecer ao mundo?

Você gosta de estudar? Gosta de sua escola? Por que? Me fale o que diferencia sua escola das demais escolas da cidade.

Qual seu sonho de consumo? O que você gostaria de comprar hoje se tivesse um salário?

Você trabalha ou já trabalhou?

Se sim, trabalhou com quê? Por quanto tempo? O que achava de trabalhar? Você ainda trabalha?

Se não, você está pensando em trabalhar com que idade?

Qual a idade ideal para um jovem começar a trabalhar fora?

Você conseguiria conciliar trabalho e estudo? Tipo: trabalhar de dia e estudar a noite? Você conhece jovens de sua idade que trabalham e estudam? O que você acha disso?

Qual o salário adequado para um jovem trabalhador com seu perfil? E quanto você gostaria de ganhar? Você acha que o salário oferecido aos jovens hoje é suficiente para você? E se você tivesse que ajudar sua família, quanto você precisaria ganhar?

E se você fosse adulto, quanto você acha que precisaria ganhar para ter uma família como a sua?

1. (Expectativas e aspirações profissionais)

Que profissão você gostaria de ter? Porque escolheu essa profissão e não outra? O que você espera dessa profissão que outra não poderia te dar?

Pra você o que é ser uma pessoa realizada? E ser uma pessoa bem sucedida na vida?

Como você se vê no futuro? Por exemplo, daqui a 5 anos, durante a Copa de 2014, como você acha que vai estar sua vida? E daqui a 10 anos? Você terá X anos de idade, como você imagina que será sua vida em 2019?

Como você vê seu futuro profissional? Você tem alguma preocupação no que diz respeito a seu futuro profissional?

2. (O valor e o sentido que atribuem ao trabalho)

O que é trabalhar?

Trabalhar é bom ou ruim?

O trabalho de hoje é igual ao trabalho de antigamente? Se mudou, o que mudou?

Seus pais, irmãos ou parentes próximos trabalham? Fazem o que? Eles gostam do que fazem?

Relação de parentesco	Trabalho que executa

Você já ouviu seus pais conversando, ou eles conversam com você, sobre o trabalho deles? O que dizem? O que você sabe sobre o trabalho deles? O que eles fazem no dia-a-dia? O que você acha do trabalho deles? Você gostaria de ter o mesmo trabalho que seus pais ou parentes?

Você quer trabalhar? Qual você acha que vai ser seu primeiro emprego? Quais os trabalhos ou empregos que são oferecidos aos jovens? Tem algum trabalho que você não faria nunca?

Você tem amigos de sua idade que trabalham? Trabalham com quê? O que eles falam do trabalho deles? E o que você acha disso?

Trabalho e emprego são a mesma coisa?

O que se fala na escola sobre trabalho e emprego? Se fala sobre desemprego? O que dizem? Você concorda com o que dizem? Por que?

3. (Possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal)

O que é preciso fazer para conseguir um emprego? Conseguir um emprego é fácil ou difícil?

Quais os obstáculos que você imagina que poderá enfrentar na busca pelo primeiro emprego? Você se preocupa com isso?

O que é um BOM emprego? E o que é um emprego RUIM? Dê exemplos.

Você acha que arrumar emprego hoje é mais fácil ou mais difícil do que era antigamente?

O que você pensa sobre o desemprego?

Há alguma pessoa na sua casa/família desempregada? Se, sim, a quanto tempo ela está desempregada?

Você já ouviu seus pais/parentes conversando sobre desemprego? O que eles diziam? Você concorda com eles?

Porque uma pessoa fica desempregada?

Você acha que os jovens são mais afetados pelo desemprego? Por que?

Você acha que sua formação escolar será um diferencial na hora de procurar um emprego? Porque?

Você planeja sua carreira profissional? Como você imagina que será sua vida profissional? (Quero saber desde o primeiro emprego, passando pelas qualificações desejadas, os cursos que você pretende fazer, até a sua aposentadoria)

Como você avalia as suas chances de conseguir, na vida adulta, um BOM emprego? E as chances de ter a profissão desejada?

4. (Quais os princípios que orientam suas escolhas escolares e de vida)

Você já foi reprovado? Se sim, em que série escolar? Você já parou de estudar alguma vez em sua vida? Por que? Se sim, por quanto tempo ficou sem estudar? Isso compromete seu futuro? Por que?

Porque escolheu fazer o ensino médio técnico no lugar do ensino médio regular? Seus amigos, pais ou parentes, influenciaram sua escolha por um curso técnico?

Porque escolheu estudar nesta escola técnica e não em outra? Foi uma escolha familiar?

O que é uma boa escola?

Este é uma boa escola? O que você acha de estudar aqui? Você acha que ter estudado nesta escola será um diferencial na hora de conseguir um emprego?

Ter amigos e familiares na mesma profissão ajuda a conseguir um emprego?

5. (Quais valores, normas, atitudes e comportamentos são valorizados pelo mercado de trabalho)

O que o mercado de trabalho exige hoje do trabalhador? Quais as competências e comportamentos são valorizadas pelo mercado de trabalho?

O que é ser um BOM trabalhador? Quais as qualidades e competências deve possuir um BOM trabalhador?

O que um trabalhador precisa saber para arrumar um BOM emprego?

Qual o comportamento esperado pelas empresas dos funcionários? Quais exigências são feitas ao trabalhador nos dias de hoje?

Quais os principais direitos dos trabalhadores no Brasil? Você concorda com esses direitos? Você acha que os trabalhadores devem lutar pelos seus direitos? O que você pensa dos sindicatos de trabalhadores? Você acha importante um trabalhador ser sindicalizado?

6. (Qual a demanda por conhecimentos curriculares)

A escola ensina tudo o que você precisa saber para arrumar um emprego? Se sim, dê exemplos de coisas que você aprende na escola e que servirão na hora de você arrumar seu emprego?

Quais disciplinas são mais importantes quando você pensa no seu futuro profissional?

Você faz outros cursos extra escolares? Quais? Porque escolheu fazer estes cursos?

Que conhecimentos são importantes para conseguir um BOM emprego?

6a. (Quais os conteúdos e experiências que considera ausentes nos currículos escolares tendo em vista a formação profissional)

O que a escola ensina é pouco para você arrumar o emprego que deseja? Se sim, dê exemplos de coisas que a escola não ensina e que você precisa saber para arrumar esse emprego?

Você acha que cabe ao jovem aprender outras coisas, por fora da escola, para conseguir o emprego que deseja?

Tendo em vista sua formação profissional, quais conteúdos e experiências são mais importantes na sua formação escolar?

7. (Novas demandas de qualificação profissional e como adquiri-las)

O que uma empresa moderna espera de seus funcionários? Quais são as demandas das empresas para com seus trabalhadores?

Como buscar qualificação profissional e mantermos atualizado no que diz respeito às novas tecnologias e competências necessárias para o trabalho?

Como adquirir as competências e qualificações exigidas pelo mercado de trabalho?

8. (Estratégias e as táticas de inserção no mercado de trabalho).

Você está procurando emprego? Se sim, aonde procura? Se não, como fará quando for procurar emprego?

Pra conseguir o primeiro emprego você utilizará sua rede familiar e de amigos?

É fácil ou difícil conseguir um emprego qualquer? E um BOM emprego, é fácil ou difícil de conseguir?

Você acha que terá alguma facilidade em conseguir um emprego? Ou você terá dificuldades? Quais facilidades/dificuldades?

Qual a melhor maneira de se preparar para o mercado de trabalho?

Você se sente bem preparado para começar a trabalhar?

Você se sente bem preparado para arrumar um BOM emprego?

Você pretende continuar estudando depois de concluir o Ensino Médio? Se sim, vai estudar o que? Aonde? Por que? Até que idade uma pessoa precisa estudar para ter um BOM emprego?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)